



UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA – FACULDADE DE ARQUITECTURA

**CULTURA ARQUITECTÓNICA EM LISBOA:
UM OLHAR A PARTIR DA ESBAL/FAUTL NO PERÍODO DE 1975 A 1990**

Vol. I

Leonor Cabral Matos Silva
(Licenciada)

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em
Arquitectura

Orientador Científico: Professor Doutor Rui Barreiros Duarte
Co-orientador Científico: Professora Doutora Ana Vaz Milheiro

Presidente: Professor Doutor José Manuel da Cruz Fernandes

Vogais:

Professor Doutor Rui Barreiros Duarte

Professora Doutora Ana Vaz Milheiro

Professor Doutor Luís Filipe Ferreira Afonso

Lisboa, FAUTL, Maio, 2011

RESUMO

A presente dissertação observa a cultura arquitectónica lisboeta analisando a sua vertente escolar num período que se inicia com a reabertura pós-revolucionária, em 1975, da única escola de arquitectura da capital e que se estende para lá da perda da sua exclusividade, em 1986, alargando-se ao final da década.

O objecto de análise é, portanto, o Departamento de Arquitectura da Escola Superior de Belas Artes de Lisboa (DA-ESBAL) - mais tarde Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa (FA-UTL) - e a sua expressão enquanto actor e espectador de uma cultura arquitectónica envolvente que se crê, neste período, configurar uma redoma de excepção. A um outro nível, este trabalho propõe desviar o olhar da *Escola do Porto* – já amplamente estudada – focando-o sobre a geocultura que se lhe contrapõe naturalmente e verificando em que aspectos é que as duas se harmonizam ou contradizem.

A investigação demonstra que se, na Lisboa da década de 80, é de facto observável uma súbita sublimação de um pós-modernismo do tipo populista, este se insere numa ampla *condição* de pós-modernidade a qual implica, na sua teia de relações, uma Escola que se vê, também subitamente, em busca de identidade própria, destroçada que fora pela crise revolucionária.

PALAVRAS CHAVE:

Ensino de arquitectura

ESBAL

FAUTL

Pós-modernidade

ABSTRACT

This dissertation looks at Lisbon's architectural culture analyzing its educational component in a period that begins with the post-revolutionary reopening, in 1975, of the only school of architecture in the capital city and extends beyond its loss of exclusivity, in 1986, reaching the end of the decade.

The object of analysis is, therefore, the Department of Architectures, School of Fine Arts of Lisbon (DA-ESBAL) – later the Faculty of Architecture, Technical University of Lisbon (FA-UTL) – and its expression as an actor and spectator of a surrounding architectural culture which is believed, at this time, to have sheltered an exception. At another level, this paper proposes to look away from the *School of Oporto* – already widely studied – focusing it on its opposite geoculture and verifying in what ways the two are in harmony or conflict.

Research shows that if the 80's, in Lisbon, are indeed related to a sudden sublimation of a populist kind of postmodernism, this is part of a broad *condition* of post modernity which implies, in its web of relationships, a School that finds itself suddenly also in search of an identity, shattered as it was by the revolutionary crisis.

KEY-WORDS

Architectural Education

ESBAL

FAUTL

Post modernity

AGRADEÇO

ao professor Rui Barreiros Duarte;
à professora Ana Vaz Milheiro;
aos arquitectos Manuel Tainha e Paulo Martins Barata;
ao arquitecto Gonçalo Canto Moniz;
à Dr. Isabel Gaspar, secretária da Presidência da FAUTL;
à S.^a D.^a Elizete Silva - chefe dos Serviços Académicos da FAUTL - e
restante pessoal, nomeadamente à Carla, à Isabel, ao João e à Bárbara;
à Dr. Graça Morais, presidente do Conselho Pedagógico da FAUTL;
ao Rui Sobral e Raquel Pinto, ex-Presidentes da Associação de Estudantes
da FAUTL;
e aos professores Luís Ferreira Afonso e José Manuel Fernandes.

A todos, mais uma vez, muito obrigada!

Agradeço ainda
a toda a família e amigos,
sobretudo à minha irmã, à minha mãe e ao meu pai – família mas muito
amigos.
Também tenho que agradecer aos meus filhos porque me porem,
diariamente, as maiores e mais prolíferas questões
e finalmente ao Jaime por, em todas as circunstâncias, não pôr nada em
questão.

Dedico este trabalho a todos os interessados e participantes no tema.

ÍNDICE GERAL

| | |
|-------------------------------------|------|
| RESUMO | I |
| ABSTRACT | III |
| AGRADECIMENTOS..... | V |
| ÍNDICE GERAL..... | VII |
| ÍNDICE E CRÉDITOS DAS IMAGENS | XIII |

| | |
|-----------------|---|
| INTRODUÇÃO..... | 1 |
|-----------------|---|

CAPÍTULO I

| | |
|---|-----------|
| Cultura arquitectónica no Portugal contemporâneo: um olhar através do ensino de arquitectura até ao 25 de Abril..... | 9 |
| 1.1 Formação e aprendizagem de arquitectura até ao século XX – noções derivadas da história | 10 |
| 1.1.1 O carácter prático da transmissibilidade do conhecimento entre mestre e aprendiz..... | 10 |
| 1.1.2 A adopção de tratados e a ligação ao mundo como agentes de aprendizagem..... | 11 |
| 1.1.3 A primeira geocultura de ensino: o “risco” pombalino e a emancipação da disciplina | 12 |
| 1.1.4 O ensino público teórico de cariz Beaux-Arts e o início de uma tradição de mestres..... | 14 |
| 1.2 O ensino como protagonista da cultura arquitectónica portuguesa do século XX | 16 |
| 1.2.1 A <i>escola</i> moderna e o seu contágio às instituições de ensino | 16 |
| 1.2.2 O desvio face ao novo regime político: resistências e breves conquistas a favor do ensino | 18 |
| 1.2.3 Desilusões em tempo de uma nova cultura; a reacção da Escola do Porto e a génese de uma clivagem Norte-Sul..... | 20 |
| 1.3 O Departamento de Arquitectura da Escola Superior de Belas Artes de Lisboa | 26 |

| | |
|---|----|
| 1.3.1 Entre a implementação da Reforma de 57 ao 25 de Abril de 1974 | 26 |
| 1.3.2. O período revolucionário..... | 36 |

CAPÍTULO II

| | |
|--|-----------|
| A ESBAL/FAUTL no período de 1975 a 1990 | 41 |
| 2.1 Instituição | 43 |
| 2.1.1 Integração na Universidade Técnica de Lisboa | 43 |
| 2.1.2 Comissão Instaladora | 45 |
| 2.1.3 Estatutos da Faculdade de Arquitectura | 46 |
| 2.1.4 Condições de acesso ao curso de arquitectura | 48 |
| 2.1.5 Orçamento e financiamento..... | 49 |
| 2.2 Espaço físico..... | 51 |
| 2.3 Capacidade humana..... | 56 |
| 2.3.1 Direcção | 56 |
| 2.3.2 Funcionários administrativos e outros | 60 |
| 2.3.3 Docentes e Investigadores | 61 |
| 2.3.4 Discentes..... | 63 |
| 2.4 Formação e Investigação | 67 |
| 2.4.1 Planos de estudos propostos <i>versus</i> oficiais | 67 |
| 2.4.2 Planos de estudos oficiais – generalidades | 68 |
| 2.4.3 Planos de estudos oficiais – particularidades | 70 |
| 2.4.3.1 Fase 1: planos de estudos de 1975 a 1979 | 70 |
| 2.4.3.2 Fase 2: planos de estudos de 1979 a 1983 | 72 |
| 2.4.3.3 Fase 3: planos de estudos de 1983 a 1989 | 72 |
| 2.4.3.4 Fase 4: plano de estudos de 1989/90 | 73 |
| 2.4.4 Planos de estudos oficiais da Escola do Porto | 74 |
| 2.5 Didáctica | 76 |
| 2.6 Actividade..... | 80 |
| 2.6.1 Fase 1: de 1975 a 1979 | 80 |
| 2.6.2 Fase 2: de 1979 a 1983 | 80 |
| 2.6.3 Fase 3: de 1983 a 1989..... | 87 |
| 2.6.4 Fase 4: a partir de 1989..... | 88 |
| 2.7 Trabalhos escolares..... | 89 |
| 2.8 Breve conclusão do capítulo II | 96 |

CAPÍTULO III

Cultura arquitectónica em Lisboa na década de 80..... 99

3.1 A pós-modernidade e a cultura arquitectónica

portuguesa..... 99

3.1.1 A pós-modernidade como “dominante cultural” 100

3.1.2 A génese do conceito de pós-modernidade aplicado à
arquitectura 101

3.1.3 A discussão teórica sobre a pós-modernidade
arquitectónica 104

3.1.4 A expressão portuguesa da pós-modernidade..... 107

3.1.4.1 O pós-modernismo a norte..... 110

3.1.4.2 O pós-modernismo a sul 111

3.2 O pós-modernismo lisboeta 113

3.2.1 A génese de um pós-modernismo a Sul..... 113

3.2.2 A cidade de Lisboa: sociedade e cultura 116

3.2.3 Os autores pós-modernos e as suas obras na
capital..... 123

3.2.3.1 O *pluralismo estético* como alternativa ao
moderno: Tomás Taveira e o roteiro do pós-moderno
“oficial” 124

3.2.3.2 O reavivar de um pós-moderno tentado: Pancho
Guedes e Luiz Cunha 127

3.2.3.3 O paradigma pós-moderno português: Manuel
Vicente e a apologia do *vulgar* 128

3.2.4 Breve conclusão de 3.2..... 130

CAPÍTULO IV

A ESBAL/FAUTL e a cultura arquitectónica em Lisboa: um olhar cruzado 131

4.1 A Escola ao encontro dos interesses da classe: o sentido
de algumas ocorrências entre e fora de portas 131

4.2 Repercussões directas e indirectas de uma cultura em volta
da Escola..... 136

4.2.1 O impacto das manifestações expositivas..... 136

4.2.2 A influência de personalidades e percursos 137

4.2.2.1 Manuel Vicente 138

4.2.2.2 Tomás Taveira 139

4.2.2.3 Manuel Tainha 140

4.2.2.4 Gonçalo Byrne 143

| | |
|---|-----|
| 4.2.2.5 João Luís Carrilho da Graça e Manuel Graça Dias..... | 144 |
|---|-----|

| | |
|---|-----|
| 4.2.3 O modelo da <i>Escola do Porto</i> e a influência de algumas obras de excepção | 145 |
|---|-----|

CAPITULO V

| | |
|--|------------|
| Aspectos visíveis da formação académica na prática profissional: ensaio sobre duas gerações | 147 |
|--|------------|

| | |
|---|-----|
| 5.1 Geração 1: formados de 1975 a 1983..... | 150 |
|---|-----|

| | |
|--|-----|
| 5.1.1 Expressões colectivas de uma produção arquitectónica inicial ou a <i>“monotonia da diversidade”</i> | 150 |
|--|-----|

| | |
|---|-----|
| 5.1.1.1 Exposição Nacional de Arquitectura de 1986... | 151 |
|---|-----|

| | |
|---|-----|
| 5.1.1.2 Prémios Nacionais de Arquitectura <i>Primeiras Obras</i> de 1988..... | 152 |
|---|-----|

| | |
|--|-----|
| 5.1.2. Conjecturas sobre as trajectórias individuais | 154 |
|--|-----|

| | |
|---|-----|
| 5.1.2.1 O abandono dos referenciais | 155 |
|---|-----|

| | |
|--|-----|
| 5.1.2.2 A interpretação dos referenciais | 157 |
|--|-----|

| | |
|--|-----|
| 5.1.2.3 A transformação dos referenciais | 160 |
|--|-----|

| | |
|---|-----|
| 5.2 Geração 2: formados de 1983 a 1990..... | 162 |
|---|-----|

| | |
|---|-----|
| 5.2.1 Expressões de charneira ou a <i>pós-modernidade implícita</i> | 162 |
|---|-----|

| | |
|---|-----|
| 5.2.2 Conjecturas sobre as trajectórias individuais | 164 |
|---|-----|

| | |
|--|-----|
| 5.2.2.1 A experimentação da forma num registo abstracto e comunicativo..... | 164 |
|--|-----|

| | |
|---|-----|
| 5.2.2.2 A plasticidade artística da contenção | 166 |
|---|-----|

| | |
|--|-----|
| 5.2.2.3 O registo sintáctico subliminar da manifestação da tectónica..... | 167 |
|--|-----|

| | |
|--|-----|
| 5.2.2.4 A funcionalidade para além da complexidade.. | 169 |
|--|-----|

| | |
|---|-----|
| 5.3 Breve conclusão do capítulo V | 171 |
|---|-----|

CAPÍTULO VI

| | |
|---|------------|
| Novo enquadramento para uma cultura arquitectónica: a prática e o ensino de arquitectura em Lisboa com a entrada na União Europeia | 173 |
|---|------------|

| | |
|---|-----|
| 6.1 O novo enquadramento socioeconómico, crescimento e afirmação da disciplina | 173 |
|---|-----|

| | |
|--|-----|
| 6.1.1 A arquitectura como agente actuante na transformação económica e territorial..... | 173 |
|--|-----|

| | |
|--|-----|
| 6.1.2 Arquitectura de autor e reconhecimento internacional..... | 175 |
|--|-----|

| | |
|---|-----|
| 6.2 Os novos cursos de arquitectura: popularidade e representatividade..... | 178 |
| 6.3 A diluição do pós-modernismo e retorno do moderno | 180 |
| 6.4 A perda do sentido regional e geracional como determinantes de uma cultura arquitectónica..... | 183 |
| 6.5 Os avanços e recuos da Faculdade de Arquitectura de Lisboa face à nova realidade | 185 |
| CONCLUSÃO GERAL | 189 |
| BIBLIOGRAFIA | 193 |

ÍNDICE E CRÉDITOS DAS IMAGENS

| | |
|--|----|
| fig.1 Fachada do edifício conventual em 1907 [Imagem impressa; CALADO, Margarida – <i>O convento de S. Francisco da Cidade</i> , p. 43]..... | 50 |
| fig.2 Fachada do edifício conventual na actualidade [Imagem digital; <i>arqueologiavistapordoiscaudos.blogspot.com</i>]..... | 50 |
| fig.3 Escadaria principal em Maio de 1982 [Fotografia; Arquivo morto da AE-FAUTL]..... | 51 |
| fig.4 Corredor em Maio de 1982 [Fotografia; Arquivo morto da AE-FAUTL]..... | 51 |
| fig.5 Piso clandestino em construção (1983) [Fotografia; Arquivo morto da AE-FAUTL]..... | 52 |
| fig.6 Exercício escolar intitulado “ESBAL: estudo reestruturação 2º andar” (1976) [Desenho rigoroso à mão; Biblioteca da FAUTL, Cota TB16]..... | 52 |
| fig.7 Cartaz de divulgação de concurso de Fotografia inter-escolas apoiado pela AEA (1983) [Arquivo morto da AE-FAUTL]..... | 52 |
| fig.8 Eleições para a AEA (1982) – composição de cartazes de divulgação pelas paredes [Fotografia; Arquivo morto da AE-FAUTL]..... | 53 |
| fig.9 Papelaria (1983) [Fotografia; Arquivo morto da AE-FAUTL]..... | 53 |
| fig.10 Sala de aula (s/ data) [Imagem impressa; <i>Jornal Arquitectos</i> n.º201, p.93]..... | 53 |
| fig.11 Livro de diplomados do curso de Arquitectura da ESBAL/FAUTL [Caderno MMS; Repartição académica da FAUTL]..... | 62 |
| fig.12 Livro de actas da AEA – primeira página (Acta n.º1 de 1 de Julho de 1977) [Caderno MMS; Arquivo morto da AE-FAUTL]..... | 63 |
| fig.13 Divulgação do Convívio do Caloiro (1982); atrás um painel informa: “ESBAL / ESBAP: a mesma luta!” [Fotografia; Arquivo morto da AE-FAUTL]..... | 63 |
| fig.14 <i>Jornal Perspectiva</i> n.º1 (Julho 1977) [Arquivo morto da AE-FAUTL]..... | 64 |
| fig.15 <i>Jornal Esquício</i> n.º1 (Dez 1981) [Arquivo morto da AE-FAUTL]..... | 64 |
| fig.16 Exposição “Arquitectos Portugueses”, org. AEA (s/ data) [Fotografia; Arquivo morto da AE-FAUTL]..... | 64 |
| fig.17 Imagem televisiva de vídeo de retrospectiva do ano escolar de 1985 (s/ dados específicos) [Fotografia de imagem televisiva; Biblioteca da FAUTL]..... | 65 |
| fig.18 Imagem televisiva de vídeo de retrospectiva do ano escolar de 1985 (s/ dados específicos) [Fotografia de imagem televisiva; Biblioteca da FAUTL]..... | 65 |
| fig.19 “Dados estatísticos sobre o funcionamento das aulas no DA/ESBAL” – artigo do <i>Boletim Informativo</i> n.º3 (1981); em baixo a legenda diz “primeiras tentativas para se chegarem a dados precisos (...)” [Documento; Arquivo morto da AE-FAUTL]..... | 66 |
| fig.20 1ª Feira do Livro de Arquitectura na “sala azul e rosa” da ESBAL (1983) [Fotografia; Arquivo morto da AE-FAUTL]..... | 81 |
| fig.21 “Mensagem aos Estudantes Portugueses de Arquitectura” de Peter Cook – artigo do <i>Boletim Informativo</i> n.º2 (>1980) [Arquivo morto da AE-FAUTL].. | 82 |
| fig.22 Reprodução do painel de divulgação do Seminário “A Tradição Clássica e o Movimento Pós-Modernista” no <i>Boletim Informativo</i> n.º4 [Imagem impressa; Arquivo morto da AE-FAUTL]..... | 84 |

| | |
|---|-----|
| fig.23 Capa do catálogo da iniciativa <i>Depois do Modernismo</i> (1983) | 133 |
| fig.24 Capa da edição “Novíssimos” da revista <i>Arquitectura</i> n.º 149 (1983)..... | 133 |
| fig.25 Segunda AEEA, Delft, Holanda (1981) [Fotografia; Arquivo morto da AE-FAUTL] | 139 |
| fig.26 Casa dos Bicos (fotografia publicada em 1986) [<i>Tendências da Arquitectura Portuguesa</i> (catálogo), p..60] | 145 |
| fig.27 Complexo Amoreiras (fotografia publicada em 1986) [<i>Tendências da Arquitectura Portuguesa</i> (catálogo), p..66] | 145 |
| fig.28 Restaurante Casanostira (fotografia de 1985) [<i>Arquitectura em Lisboa e Sul de Portugal desde 1974</i> , p.71] | 145 |
| fig.29 Escola Superior de Educação de Lisboa (fotografia publicada em 1995) [<i>Carrilho da Graça</i> , p.57] | 145 |
| fig.30 Stand de venda de Mobiliário (João Torres Campos [ESBAL, 1980], Lisboa) [Imagem impressa; <i>1ª Exposição Nacional de Arquitectura 1975-1985</i> , p.107] | 150 |
| fig.31 Habitação Unifamiliar, (Victor Mestre [ESBAL, 1981], Corroios, 1985) [Imagem impressa; <i>1ª Exposição Nacional de Arquitectura 1975-1985</i> , p.191] | 150 |
| fig.32 Habitação Unifamiliar (João Salgueiro [ESBAL, 1981], Seixal, 1985) [Imagem impressa; <i>1ª Exposição Nacional de Arquitectura 1975-1985</i> , p.180] | 150 |
| fig.33 Edifício de Habitação (Luís Teixeira [ESBAL, 1982] e outro, Lisboa, 1985) [Imagem impressa; <i>1ª Exposição Nacional de Arquitectura 1975-1985</i> , p.116] | 151 |
| fig.34 Recuperação de moinhos e área envolvente (José Manuel Botas [ESBAL, 1976] e outros Évora,1983) [Imagem impressa; <i>1ª Exposição Nacional de Arquitectura 1975-1985</i> , p.68] | 151 |
| fig.35 Concurso “Primeiras Obras” - <i>Prémio Keil do Amaral</i> : Casa Unifamiliar (Manuel Botelho [ESBAL,1976], Ponte da Barca) [Imagem impressa; Catálogo <i>Primeiras Obras</i> , p.11] | 152 |
| fig.36 Concurso “Primeiras Obras” - <i>Prémio Revelação</i> : Pavilhão da SRAP (Pedro Maurício Borges [FAUTL, 1986], Açores) [Imagem impressa; Catálogo <i>Primeiras Obras</i> , p.12] | 152 |
| fig.37 Garagem Militar (Cândido Chuva Gomes, Lisboa, 1982-) [Imagem impressa; Revista <i>Arquitectura</i> n.º 149, p.26] | 154 |
| fig.38 Escola Básica Integrada n.º1 (Cândido Chuva Gomes, Palmela, 1995- 2000) [Imagem impressa; <i>Arquitectura em Lisboa e Sul de Portugal desde 1974</i> , p.509] | 154 |
| fig.39 Edifício envolvente à Praceta (Victor Mestre, Castro Verde, 1983?-) [Imagem impressa; Revista <i>Arquitectura</i> n.º 149, p.27] | 154 |
| fig.40 Sede da DGPA (Victor Mestre, Lisboa,1991-1998) [Imagem impressa; <i>Arquitectura em Lisboa e Sul de Portugal desde 1974</i> , p.238] | 155 |
| fig.41 Remodelação de um andar (Fernando Sanchez Salvador e Margarida Grácio Nunes, 1979-1981) [Imagem impressa; <i>Depois do Modernismo</i> (catálogo), p. 69] | 155 |
| fig.42 Restaurante Pap’Açorda (Fernando Sanchez Salvador e Margarida Grácio Nunes, Lisboa, 1992-1993) [Imagem impressa; <i>Arquitectura em Lisboa e Sul de Portugal desde 1974</i> , p.194] | 155 |

| | |
|---|-----|
| fig.43 Restaurante Casanostra (Manuel Graça Dias, Lisboa, 1985-1994) [Imagem impressa; <i>Arquitectura em Lisboa e Sul de Portugal desde 1974</i> , p.71] | 156 |
| fig.44 Pavilhão de Portugal para a Expo92 (Manuel Graça Dias e Egas José Vieira, Sevilha, 1989-1992) – vista exterior [Imagem digital; <i>www.contemporanea.com.pt</i>] | 156 |
| fig.45 Pavilhão de Portugal para a Expo92 (Manuel Graça Dias e Egas José Vieira, Sevilha, 1989-1992) – casa de banho [Imagem digital; <i>www.contemporanea.com.pt</i>] | 156 |
| fig.46 Teatro Municipal de Almada (Manuel Graça Dias e Egas José Vieira, Lisboa, 1998-2004) – vista exterior [Imagem digital; <i>www.contemporanea.com.pt</i>] ... | 157 |
| fig.47 Teatro Municipal de Almada (Manuel Graça Dias e Egas José Vieira, Lisboa, 1998-2004) – auditório [Imagem digital; <i>www.contemporanea.com.pt</i>] | 157 |
| fig.48 Estação de Correios (António Belém Lima, Vouzela, 1985-1987) – vista exterior [Imagem impressa; <i>Arquitectos portugueses contemporâneos</i> ; fascículo António Belém Lima] | 158 |
| fig.49 Estação de Correios (António Belém Lima, Vouzela, 1985-1987) – interior [Imagem impressa; <i>Arquitectos portugueses contemporâneos</i> ; fascículo António Belém Lima] | 158 |
| fig.50 Biblioteca Municipal (António Belém Lima, Vila Real, 2006-2008) – interior [Imagem digital; Fernando Guerra; <i>www.ultimasreportagens.com</i>] | 158 |
| fig.51 Museu dos Baleeiros (Paulo Gouveia, Açores, 1986-1989) [Imagem impressa; Fernando Guerra; <i>Jornal Arquitectos</i> n.º237, p. 54] | 158 |
| fig.52 Piscina Municipal (João Luís Carrilho da Graça, Campo Maior, 1982-1990) [Imagem impressa; <i>Arquitectura em Lisboa e Sul de Portugal desde 1974</i> , p.558] | 159 |
| fig.53 Piscina Municipal (João Luís Carrilho da Graça, Campo Maior, 1982-1990) [Imagem impressa; <i>Carrilho da Graça</i> , p.30] | 159 |
| fig.54 Casa com um pátio (<i>ARX Portugal</i> , Melides, 1991-1992) [Imagem digital; <i>www.arx.pt</i>] | 163 |
| fig.55 Centro Digital de Porto Salvo (<i>ARX Portugal</i> , Porto Salvo, 1992-1993) – corte horizontal [Imagem digital; <i>www.arx.pt</i>] | 163 |
| fig.56 Centro Digital de Porto Salvo (<i>ARX Portugal</i> , Porto Salvo, 1992-1993) – vista exterior [Imagem digital; <i>www.arx.pt</i>] | 163 |
| fig.57 Centro Regional de Sangue (<i>ARX Portugal</i> , Nuno Mateus [FAUTL, 1984] e José Mateus [FAUTL, 1986], Porto, 1998-2004) – maquete [Imagem digital; <i>www.arx.pt</i>] | 165 |
| fig.58 Centro Regional de Sangue (<i>ARX Portugal</i> , Porto, 1998-2004) – sala de trabalho [Imagem digital; <i>www.arx.pt</i>] | 165 |
| fig.59 Centro de Artes (Manuel e Francisco Aires Mateus, Sines, 2000-2006) [Imagem digital; Fernando Guerra; <i>www.ultimasreportagens.com</i>] | 165 |
| fig.60 Casa em Alenquer (Manuel e Francisco Aires Mateus, Alenquer, 1998-2001) [Imagem impressa; <i>Arquitectura em Lisboa e Sul de Portugal desde 1974</i> , p.50] | 166 |
| fig.61 Edifício de Escritórios Xerox (Promontório Arquitectos, Lisboa, 1996-2001) [Imagem impressa; XEROX, p.81] | 167 |
| fig.62 AbudHabi Embassy – desenho do arquitecto Harry Wolf (EUA, 1935-) [Imagem digital; <i>www.wolfarc.com</i>] | 167 |
| fig.63 Instituto de Microcirurgia Ocular (Jorge e Sérgio Spencer, Lisboa, 2003-2004) [imagem digital; <i>www.mendiaspener.net</i>] | 168 |

| | |
|--|-----|
| fig.64 Farmácia Andrade Ribeiro (Pedro Ravara e Nuno Vidigal, Lisboa, 1994-1995) [Imagem impressa; <i>Arquitectura em Lisboa e Sul de Portugal desde 1974</i> , p.264]..... | 168 |
| fig.65 Escola Primária n.º3 de Cascais (Pedro Ravara, Cascais, 1993-1996) [Imagem impressa; <i>Arquitectura em Lisboa e Sul de Portugal desde 1974</i> , p.102] [Imagem impressa; <i>Arquitectura em Lisboa e Sul de Portugal desde 1974</i> , p.102] | 168 |
| fig.66 Centro Cultural do Cartaxo (Cristina Veríssimo e Diogo Burnay, Cartaxo, 2001-2005) [Imagem digital; Fernando Guerra; <i>www.ultimasreportagens.com</i>]..... | 169 |
| fig.67 Silo na Rua Damasceno Monteiro (Cristina Veríssimo, Diogo Burnay, Sérgio Spencer e Vasco Mendia, Lisboa, 2003-) [Imagem impressa; <i>Arquitectura em Lisboa e Sul de Portugal desde 1974</i> , p.168]..... | 169 |
| fig.68 Complexo de Escritórios, Oficinas e Armazéns para E. Pinto Basto & CIA, L. ^{da} (António Barreiros Ferreira [ESBAL, 1977], 1983?) [Imagem impressa; revista <i>Arquitectura</i> n.º 149, p.23] | 185 |
| fig.69 Urbanização de S. Sebastião (Ana Paula Mogadouro [ESBAL, 1981] e Victor Mogadouro Gonçalves [ESBAL,1981], Mogadouro, 1983?) [Imagem impressa; revista <i>Arquitectura</i> n.º 149, p.53] | 185 |
| fig.70 Pavilhão Gimnodesportivo (Luís António Lourenço Teles [ESBAL, 1978], Moledo, 1983?) [Imagem impressa; revista <i>Arquitectura</i> n.º 149, p.44] | 185 |
| fig.71 Faculdade de Arquitectura da UTL (Augusto Pereira Brandão, Lisboa, 1993?-) – espaço exterior [Imagem impressa; <i>Jornal Architectos</i> n.º 126/127, p.31] | 186 |

INTRODUÇÃO

TEMA

A presente dissertação pretende observar a cultura arquitectónica lisboeta (1) dos anos de 1980 analisando a sua vertente escolar (2) a partir de 1975.

ENQUADRAMENTO

O período em estudo resulta da fusão temporal destes dois aspectos: compreende, assim, um tempo que se inicia com a reabertura (1975) da única escola de arquitectura da capital após a Revolução de 25 de Abril e que se estende para lá da perda da sua exclusividade aquando da liberalização do sector, em 1986, alargando-se, portanto, ao final da década (1990) para fielmente observar uma mais expressiva viragem do seu ensino, tendo em conta os aspectos analisados, a qual coincide com o encerrar de um momento particularmente destacável da cultura arquitectónica que a envolve.

O objecto de estudo é, portanto, o Departamento de Arquitectura da Escola Superior de Belas Artes de Lisboa (DA-ESBAL) - mais tarde Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa (FA-UTL) - e a sua expressão enquanto actor e espectador de uma cultura arquitectónica inequivocamente pós-moderna num período que se considera configurar uma redoma de excepção, como veremos em conclusão.

JUSTIFICAÇÃO

A pertinência deste estudo reside no facto de ser em parte inédito. Julgamos que tal se justifique pela proximidade temporal e física ao seu objecto e também pela fraca adesão emocional ou curiosidade académica em torno dos temas que este encerra. cremos, contudo, que o conteúdo do trabalho demonstrará que o distanciamento actual é já passível de uma análise crítica e também comprovará o interesse sobre as

principais questões que dela advêm, porque carregadas de significado.

A importância desta análise ultrapassa, contudo, o factor *originalidade* já que entendemos que é fundamental para a compreensão de uma cultura arquitectónica a observância de todos os seus aspectos, em conjugação, sendo o ensino, de todos eles, o mais revelador enquanto lugar de herança e transmissão de valores.

Concretamente, é também pertinente desviar o olhar da *Escola do Porto* – já amplamente analisada e reflectida – e focá-lo sobre aquela geocultura que se lhe contrapõe naturalmente verificando em que aspectos é que as duas se harmonizam ou contradizem.

De resto, foi compensador responder aos motivos pessoais que justificaram uma incursão histórica e crítica sobre a arquitectura portuguesa contemporânea num dos seus prismas mais importantes.

OBJECTIVOS

Os objectivos deste trabalho assentaram sobre hipóteses prévias. Decantadas ao longo de todo o processo, resultaram numa questão fundamental a qual se baseou nas teses de alguns textos de eleição; se de início quiséramos entender as relações directas e indirectas entre o ensino e a prática da arquitectura na Lisboa de 1980, concluímos que as interrogações de diversos autores apontavam sobretudo à procura de um fundamento para uma *escola* lisboeta de arquitectura em contraponto à Escola do Porto, ou para a cidade enquanto lugar genealógico de um *tipo* de arquitectura, nesse período.

De facto, o *Da estimada e nunca desmentida diferença*¹, de 1989, ou o *The importance of being a “lisboner”*², de 2003,

¹ TAINHA, Manuel – Da estimada e nunca desmentida diferença. In TAINHA, Manuel – *Arquitectura em questão: reflexões de um práctico*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 1994. pp.39-44.

sinalizam todo um debate com que nos deparámos numa inicial recolha bibliográfica sobre o tema *d'ó que a Escola de Lisboa (ESBAL) poderia ter sido*.

Observando o carácter subjectivo da questão, concluímos que deveríamos, portanto, centrar o âmago do trabalho sobre *o que a Escola de Lisboa foi* deixando outros aspectos à interpretação – agora fundamentada - de cada leitor e a uma breve interpretação própria em lugar de conclusão.

METODOLOGIA

A metodologia adoptada para a feitura do conteúdo deste trabalho procurou, então, responder a seis questões iniciais (correspondentes aos seis capítulos) encadeadas e correlacionadas no sentido de uma caracterização inequívoca do objecto de estudo, sendo estas:

1. Como é que o ensino de arquitectura, em Portugal, se processou até 1974 - incluindo os principais motivos que, desde sempre, fizeram do ensino de arquitectura um bom tradutor da cultura arquitectónica envolvente – com especial enfoque na reacção da ESBAL à reforma de 57 e, seguidamente, ao embate revolucionário;
2. Como é que foi a Escola de Lisboa (ESBAL/FAUTL) no período em estudo (1975-1990);
3. Como é que era a cultura arquitectónica envolvente à Escola e como é que esta se enquadrava num panorama global, nos anos de 1980;
4. Como é que a Escola e a cultura envolvente se inter-relacionaram no período em estudo (1975-1990);
5. Quais os sinais visíveis dessa relação;
6. Que direcção é que Escola e cultura envolvente tomaram com o encerrar da década de 90 a abertura a um novo paradigma cultural.

² MILHEIRO, Ana Vaz – The importance of being a “lisboner”. In MILHEIRO, Ana Vaz - *A minha casa é um avião*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2007. pp.118-124.

O longo processo de trabalho levantou, no entanto, muitas interrogações e hipóteses paralelas e complementares demonstrando a abrangência tentacular do objecto de estudo. Tentámos concentrar os esforços nestes seis prismas os quais já de si obrigavam a uma análise histórica, crítica e inclusive teórica bastante complexas. Sabemos, assim, que deste estudo derivariam muitas outras questões mas optámos por não as incluir.

FONTES

A validação do trabalho advém do facto de este se ter socorrido em larga medida de fontes primárias as quais estão na totalidade listadas em anexo segundo a Norma Portuguesa (NP) 405, tal como indicado em regulamento.

Destacamos como fonte primária alguma da documentação constante da Repartição Académica da FAUTL acedida por amável autorização da Direcção da instituição em favor da investigação. Referimo-nos sobretudo ao fornecimento de dados estatísticos e à disponibilização, para consulta, dos Livros de Diplomados, dos dossiers dos Programas das Cadeiras, dos dossiers dos Planos Curriculares, compilações de legislação e outros documentos.

Fundamental foi também a simpática resposta à necessária acessibilidade ao património do arquivo morto da Associação de Estudantes da mesma Faculdade, visto que também este representou uma fonte primária do tipo de ensino praticado entre 1975 e 1990. Referimo-nos a desenhos e painéis com imagens de trabalhos de estudantes, Livros de Actas da Associação, folhetos e cartazes de divulgação dos principais eventos, manuscritos relativos a assuntos relacionados com a vivência quotidiana, periódicos estudantis e fotografias de eventos diversos.

A este nível devemos somar o contributo de vídeos da própria ESBAL/FAUTL que ilustram as ocorrências mais significativas de alguns anos académicos na Escola, em jeito de balanço.

Estes vídeos vieram complementar e fundamentar a análise apresentada.

Ainda no que respeita a fontes primárias – porquanto significantes do objecto de estudo – mereceram a nossa especial atenção as provas científicas especificamente realizadas por professores da instituição no período em foco bem como algumas actas de Conselhos Científicos publicamente disponíveis para consulta.

No âmbito da disciplina de *Seminários de Apoio ao Projecto Final de Mestrado* – preparatória/complementar da elaboração da presente dissertação – marcámos ainda presença em dois Seminários públicos relacionados com o tema em estudo, a saber: *Manuel Vicente: 15 edifícios na rota do Oriente*³ e *Fazer a Escola: seminário internacional de arquitectura escolar*⁴, com Manuel Tainha como conferencista. A participação nestes seminários implicou a recolha e sistematização de testemunhos directos sobre tema em estudo por alguns dos seus próprios actores bem como um ensaio sobre as principais derivações reflexivas a que a nossa participação obrigou.

Este artigo, com o título “Aprender e *apreender* Arquitectura: alguns lugares do ensino português”, já foi objecto de avaliação no ano lectivo transacto.

Por fim e não menos importante mas num mesmo nível primário, importa referir as entrevistas gentilmente concedidas por arquitectos conhecedores da ESBAL/FAUTL entre 1985 e 1990, a saber, Manuel Tainha (1922-), Rui Barreiros Duarte (1948-) e Paulo Martins Barata (1965-); representativos de três gerações, representam igualmente três pontos de vista que nos interessavam: o primeiro enquanto professor, o segundo enquanto aluno num período pré-revolucionário e professor no período em destaque, o terceiro enquanto aluno no final do mesmo período.

³ Seminário decorrido a 14 de Abril de 2010 no ISCTE-IUL composto por conferências, Exposição e lançamento de livro; responsabilidade de Ana Vaz Milheiro.

⁴ Seminário decorrido a 20 de Maio de 2010 no LNEC composto por conferências e debate; responsabilidade da *Parque Escolar*.

ESTADO DA ARTE

O material publicado foi, como fonte secundária, essencial na medida em que traduziu toda a investigação já realizada sobre os subtemas que a presente dissertação aborda bem como a exequibilidade da metodologia proposta para a construção do seu conteúdo.

É nestas fontes que reside o *estado da arte*.

A intenção de enquadrar uma escola de arquitectura enquanto protagonista de uma cultura arquitectónica envolvente não é inédita e foi, concretamente, pela observação de um estudo desta natureza relativo à geocultura do Porto que confirmámos a adequabilidade de uma tal abordagem. Referimo-nos à *Escola do Porto: um mapa crítico*⁵ de Jorge Figueira.

Tomámos também em conta as investigações mais actuais sobre os subtemas que esta tese consagra porquanto os funde; são estes: o *ensino de arquitectura* e o *pós-modernismo*, ambos em contexto português.

Neste campo salientamos o trabalho particular Gonçalo Canto Moniz e, mais uma vez, de Jorge Figueira.

No primeiro caso porque o investigador do Centro de Estudos de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra se encontra actualmente em fase final de preparação da dissertação de doutoramento *O ensino da Arquitectura em Portugal*, na área da Teoria e História da arquitectura; concretamente, foi um privilégio poder contar com o seu depoimento no esclarecimento de dúvidas e outras questões relacionadas com o tema do seu trabalho, um interesse comum.

No segundo caso porque o igualmente professor e investigador de arquitectura na Universidade de Coimbra terminou, recentemente, a sua dissertação de doutoramento na mesma área; também *A periferia perfeita: pós-Modernidade na*

⁵ FIGUEIRA, Jorge – *Escola do Porto: um mapa crítico*. Coimbra: Edarq, 2002. ISBN 972-97383-6-X. Dissertação correspondente à Prova de Capacidade Científica apresentada sob o nome “A forma de um dedo. Um mapa crítico da Escola do Porto” ao Departamento de Arquitectura da F.C.T.U.C., em 1998.

*arquitectura portuguesa, anos 60 - anos 80*⁶ (2009) demonstrou ser fundamental para o entendimento de um tema difícil e sinuoso.

LIMITAÇÕES

Sintomático das múltiplas questões que se abrem sobre a manifesta abrangência do objecto de estudo foi a multiplicação inesperada de recursos passíveis de análise. Por imposição de calendário e limitações regulamentadas para esta dissertação tivemos de oferecer ao abandono muitos destes.

O documento aqui apresentado inclui a sistematização daqueles que considerámos melhor concorrerem para o objectivo que se quis concretizar.

ESTRUTURA

A estrutura de base é, finalmente, semelhante à proposta por regulamento, ou seja, parte da presente introdução para o desenvolvimento do trabalho subdividindo-o em seis capítulos rematados por uma conclusão.

Neste ponto é de salientar apenas o facto de os Anexos – nomeadamente aqueles que compilam uma informação desde sempre dispersa e, cremos, agora útil para novas investidas de investigação - não só complementam o texto como configuram uma fonte *per si*.

⁶ FIGUEIRA, Jorge – *A periferia perfeita: pós-Modernidade na arquitectura portuguesa, anos 60 - anos 80* [Em linha]. Universidade de Coimbra, 2009. 7 Maio 2009. [Consult. 5 Dezembro 2009]. Disponível em <https://estudogeral.sib.uc.pt/jspui/handle/10316/10228>.

CAPÍTULO I

Cultura arquitectónica no Portugal contemporâneo: um olhar através do ensino de arquitectura até ao 25 de Abril

A cultura arquitectónica portuguesa sofreu evoluções e transformações assinaláveis ao longo dos séculos e a aprendizagem e prática da arquitectura relevaram e induziram a essas alterações.

Interessa, em lugar de contextualização do objecto em análise observar as especificidades das escolas de arquitectura de Lisboa e do Porto no período pré-revolucionário, enquadrando-as numa visão física e temporalmente alargada que inclua outros factores da cultura arquitectónica do país.

Para tal importa reflectir sobre a expressão da Revolução em contexto escolar tendo como base um especial enfoque dado ao que procede da derradeira reforma do ensino de Belas-Artes em contexto ditatorial.

Mas importa observar igualmente os traços gerais que fundamentam as duas instituições, seus agentes e recursos, de um ponto mais distante; embora não representem especial significado para o objecto em análise enquanto factos cronológicos, o ensino de arquitectura que se pratica entre a época medieval e a instituição oitocentista das Academias, passando pelo “risco” do traçado pombalino, inauguram questões atemporais fundamentais sobre a formação e aprendizagem entre as quais: as relações humanas na transmissibilidade do saber, as concepções sobre o “lugar” social da disciplina, os necessários veículos da sua aprendizagem, as razões da sua polarização geográfica, a génese de tradições ou a noção de *escola* e, genericamente, as raízes de um modelo que se estende, no essencial, até Abril.

Este capítulo pretende, assim, não só enquadrar o objecto de investigação do ponto de vista histórico como introduzir a temática do *ensino de arquitectura*, no geral.

1.1 Formação e aprendizagem de arquitectura até ao século XX – noções derivadas da história

1.1.1 O carácter prático da transmissibilidade do conhecimento entre mestre e aprendiz

Durante um largo período a teoria e a prática fundem-se. No que respeita ao ensino de raiz medieval (anterior ao século XVI) este caracteriza-se historicamente pela apreensão de conhecimentos através do contacto directo com a obra sob supervisão de um mestre⁷. Esta “relação de pessoa a pessoa”⁸ (mestre-discípulo) é significativamente importante ou não fosse transversal a toda a história do ensino português. Contudo, é necessário sublinhar que não terá a mesma natureza a partir da institucionalização do ensino, já que esta vem implicar que o *aluno* – que não *aprendiz* – passe sobretudo a receber “formação em”.

No período que se deseja observar – e que inaugura o ensino de massas – a sua componente de *relação* estará em certos casos presente, como veremos, embora não programaticamente já que tenderá a basear-se sobretudo com o próprio entendimento do mestre sobre o seu papel.

Uma outra característica da aprendizagem neste período é o seu carácter fundamentalmente prático. Os períodos que lhe sucedem demonstram uma relação teoria-prática de amplitudes diversas mas, na verdade, e mais uma vez no seguimento das institucionalizações do período oitocentista, todo o ensino de arquitectura passa a ser “essencialmente teórico”⁹ e o ensino prático não terá grande expressão; o atributo “teórico” ou “prático” dado às disciplinas constantes nos planos de estudos analisados para esta dissertação corresponde ao maior ou

⁷ Cf. CALADO, Maria – O ensino da arquitectura em Portugal: abordagem histórica. *Jornal Arquitectos: Complemento do Título*. ISSN 0870-1504. n.º 55 (1987), pp.6-7.

⁸ CORDOVA, Fabio – *A relação mestre discípulo como fundamento da educação em Moacir Gadotti* [Em linha]. Universidade Federal de Santa Maria, 2004. [Consult. 6 Novembro 2010]. Disponível em fsm.br/gpforma/2senafe/PDF/034e4.pdf, p.5.

⁹ CALADO, Maria – *Op. cit.*, p.6.

menor grau de *experimentação* (como no caso do desenho, por exemplo, tendo em conta a sua progressiva sacração como instrumento e não como fim). A *experimentação* em contexto escolar é, no último século, incluindo no período em estudo, nunca ou raramente *real*¹⁰.

Uma outra característica única do ensino de arquitectura em contexto medieval decorre da concepção da existência individual enquanto forma total, isto é, não admitindo o conceito de *saber* compartimentado: todas as experiências, todas as aspirações e todo o tempo de trabalho são, neste contexto, em função de uma “dimensão filosófica, religiosa e simbólica”¹¹. Esta aspiração vai sofrer uma transformação radical, embora gradual; hoje o indivíduo está acima do colectivo e o ensino universitário “converteu-se num acto de consumo”¹² havendo uma relativa separação de saberes e poderes. Admitem-se, no entanto, excepções de carácter circunstancial; veremos mais à frente algumas das evasões do ensino para campos que lhe são, por princípio, alheios, nomeadamente os processos de politização, aculturação ou representatividade que tiveram lugar no período em estudo.

1.1.2 A adopção de tratados e a ligação ao mundo como agentes de aprendizagem

A aprendizagem da arquitectura em Portugal sofre uma alteração significativa ao longo do século XVI - tanto no que respeita ao modelo de ensino como aos conteúdos – com a divulgação de textos e tratados internacionais reforçada pela vinda de arquitectos de outros países para prestar serviços junto do poder régio ou clerical.

¹⁰ Isto aplica-se também, à Escola do Porto no período contemporâneo pois, apesar de reflectir sobre as hipóteses de intervenção social a partir do conhecimento do *real*, não deixa de preconizar um ensino de teor académico e teórico.

¹¹ CALADO, Maria – *Op. cit.*, p.6.

¹² TAINHA, Manuel – Aprendizagem do ofício. In TAINHA, Manuel – *Arquitectura em questão: reflexões de um práctico*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 1994. p.30.

A partir desse momento dá-se uma separação entre o “trabalho de campo” e o estudo de modelos, o qual se organiza segundo uma estrutura simples assente num corpo uno de aprendizes. Será nas “casas de riscar” que estes alunos tomarão conhecimento dos Tratados de arquitectura de tradição clássica e maneirista.

A secular importação de Vitruvius, Serlio, Palladio e Vignola¹³ representa uma herança pesada para alguns dos que, no período em estudo, ainda transportam a memória de um ensino que recusa outros modelos pedagógicos.

Ainda no século XVI, as trocas internacionais abrem também a questão da institucionalização do ensino como plataforma de ligação ao mundo e ao progresso na medida em que sublinham o atraso e condição periférica do país os quais, mais uma vez, estarão presentes no período em estudo, embora essencialmente por influência política.

1.1.3 A primeira geocultura de ensino: o “risco” pombalino e a emancipação da disciplina

O terramoto de 1755 é um marco fundamental na história de Portugal e, em particular, na história da arquitectura e do urbanismo portugueses, “matérias (...) interligadas no âmbito do modelo iluminista”¹⁴.

Neste período, o ensino de arquitectura institucionaliza-se em Casas de Risco, Academias ou Colégios¹⁵.

A direcção das grandes obras de construção é atribuída a quem ocupa os diversos graus de architectos, isto é, lugares designados para o ofício de funções específicas.

Em Lisboa, a *Casa do Risco das Obras Públicas* faz corresponder o ensino e o programa de reconstrução da cidade devastada pelo terramoto. As funções cabem ao apontado *Arquitecto das Obras Públicas* ao qual acrescem os graus de

¹³ Cf. CALADO, Maria – *Op. cit.*, p.6.

¹⁴ CALADO, Maria – *Ibidem*.

¹⁵ Cf. CALADO, Maria – *Ibidem*.

Arquitecto da Cidade e Arquitecto Inspector do Plano dada a importância e envergadura do projecto¹⁶.

Na *Casa do Risco*, para além das aprendizagens práticas relativas à problemática em questão – tutelados pelo Arquitecto das Obras Públicas ou substitutos - são criadas três “Aulas do Risco” (de Arquitectura, Escultura e Pintura) onde se oferecem ensinamentos teóricos num franco acerto entre as “regras de aprendizagem” e a determinação dos “níveis pedagógicos”¹⁷. Introduce-se, para além do que consta nos tratados, instrução nos princípios barrocos e clássicos (estes últimos providos de França).

A circunstância da concentração de recursos para a reconstrução da cidade de Lisboa é particularmente significativa para o objecto em estudo na medida em que enquadra histórica e temporalmente a centralização do ensino português numa geocultura (a qual coincide com a observável no período em estudo). Do mesmo modo, a importação de linguagens que está associada ao ensino de arquitectura, nomeadamente as barrocas, enquadrará um devir fundamental para a análise que se propõe, como veremos.

É também neste período que surgem os primeiros sinais apologéticos do ensino artístico enquanto essencial e autónomo¹⁸ e do papel do arquitecto e do significado da arquitectura num quadro que se desejaria semelhante ao “lugar que ella occupa nos paizes civilizados”¹⁹. Verificaremos,

¹⁶ Cf. CALADO, Maria – *Ibidem*.

¹⁷ CALADO, Maria – *Ibidem*.

¹⁸ “A dignidade da função artística, livre, nobilitada e nobilitante, tal como pela Europa fora as academias a defendiam desde o século XVII, era (...) um secreto desejo dos artistas portugueses de quem, num discurso de 1787, Joaquim Machado de Castro (1731-1882) foi digno porta-voz.” PAIS, Teresa Maria da Silva Antunes – *O desenho na formação do arquitecto: Análise do processo de ensino nas Faculdades de Arquitectura de Lisboa e do Porto* [Em linha]. Porto: Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, 2009 2 Abril 2007. [Consult. 19 Abril 2010]. Disponível em <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/7310>. p.133

¹⁹ SILVA, Joaquim Possidónio da – O que devem saber os arquitectos. *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 202 (2001), p.6. Este autor apresenta, em 1833, um “resumo [dos] estudos que os Architectos fazem nos paizes onde esta Arte está apreheçoada e considerada” em jeito de manifesto pela que considera “de todas as Artes, a que devem os governos com preferêcia animar”; *idem*, p.7.

particularmente no último capítulo, como é que o período contemporâneo participa destas temáticas avançando desde já que se verificará, finalmente, da superação desde então ansiada.

1.1.4 O ensino público teórico de cariz *Beaux-Arts* e o início duma tradição de mestres

A criação das Academias de Belas-Artes de Lisboa e Porto, em 1836, vem possibilitar a instituição de um ensino público de base essencialmente teórica²⁰. A demarcação do sector pedagógico dos sectores artístico e arqueológico e a respectiva autonomização da Escola de Belas-Artes relativamente à Academia ocorre a partir da Reforma de 1881.

O sistema académico responde às pretensões do início do século na medida em que importa o modelo das *Écoles des Beaux-Arts* parisienses²¹ o qual, abrangendo num só corpo os estudos do Desenho, Pintura, Escultura, Gravura e Arquitectura²², procura a exaltação a *arte pela arte*²³.

É aqui que se desenha a divergência principal do ensino de arquitectura no mundo ocidental. A adopção portuguesa deste modelo – diverso de outros de maior componente prática/tecnológica – implicará uma já secular tendência de complementaridade formativa através das primeiras experiências profissionais em *ateliers* privados ou organismos públicos. Neste contexto, é fundamental o papel dos dirigentes desses grupos de trabalho enquanto mestres – ou enquanto figuras tutelares na formação de um perfil profissional, neste caso do arquitecto do final do século XIX e início do século

²⁰ Cf. CALADO, Maria – *Op. cit.*, p.7.

²¹ Apesar de sofrer alterações, é essencialmente este o modelo que vai vigorar no ensino de arquitectura em Portugal até aos dias de hoje.

²² Cf. CALADO, Maria – *Op. cit.*, p.7. Este “corpo comum” manteve-se também disciplinarmente constante até ao século XX embora programaticamente e curricularmente ajustável consoante a especificidade das matérias.

²³ “A visão romântica, numa atitude de *l’art pour l’art*, isola [a *École*] da vida comum e aceita a intemporalidade do modelo”; GIL, Bruno – *Escola de arquitectura: hoje* [Em linha]. Coimbra, 2005. [Consult. 5 Dezembro 2009]. Disponível em <https://estudogeral.sib.uc.pt/jspui/handle/10316/5943>. p.19.

XX²⁴ - o qual será transportado, por acumulação de funções, para as respectivas Academias.

Em Lisboa, por exemplo, o seu contributo será fundamental na estruturação de um ensino baseado na relação mestre-discípulo que referimos atrás, a qual representará um legado futuro. Nomes como José António Gaspar ou José Luís Monteiro participarão da construção dessa *tradição* que aqui se esboça e que se abordará transversalmente, nesta dissertação.

²⁴ A organização do ensino de arquitectura concorre, neste período, para “uma nova dimensão da arquitectura portuguesa” acautelada quer pela criação do ensino industrial quer pela vinda de corpo docente de outros países bem como dos bolseiros de Paris. A encomenda pública mas sobretudo a privada aumentam nos grandes centros urbanos, como seja o caso de Lisboa. Cf. CALADO, Maria – *Op. cit.* p.7. Cf. também CALADO, Maria – Jovens arquitectos d’outrora. *Revista Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0871-236. n.º 2, (1989), p.65.

1.2 O ensino como protagonista da cultura arquitectónica portuguesa do século XX

1.2.1 A escola moderna e o seu contágio às instituições de ensino

A partir de 1910 a República inaugura novas estruturas universitárias²⁵ bem como a perspectiva da “democratização da arte” através de um “ensino integral e não, como até então, “quase um mero subsídio ou preparação para o estudo no estrangeiro”²⁶. Destaca-se, nesse sentido, a substituição do regime de bolsas para inclusão em instituições de ensino estrangeiras por pensões de uso livre, dentro ou fora dessas instituições, no âmbito da reforma escolar de 1911²⁷. Este facto concorrerá para a introdução, em Portugal, das vanguardas europeias dos anos 20 por parte de alguns jovens arquitectos já que não seria necessariamente nas escolas que os bolseiros teriam acesso ao pensamento de vanguarda. De facto, “quando surgem as primeiras figuras do movimento moderno, o ensino de arquitectura no sentido que lhes interessa é praticamente inexistente: quer nas escolas, onde a preparação científica e técnica se subestimava, quer nas politécnicas onde tendia a tornar-se absorvente, a arquitectura consistia num vocabulário e no virtuosismo maior ou menor com que este era aplicado aos trabalhos práticos”²⁸. A própria *Bauhaus* introduz a sua novidade sobretudo ao nível dos conteúdos mantendo-se estruturalmente próxima das *Écoles*²⁹. Assim, a haver

²⁵ Destacamos a criação das Universidades de Lisboa e Porto.

²⁶ Universidade do Porto. Reitoria – *Faculdades de Arquitectura e de Belas Artes da Universidade do Porto e respectivos antecedentes* [Em linha]. U.P., 2005. [Consult. 19 Abril 2010]. Disponível em http://sigarra.up.pt/reitoria/conteudos_geral.conteudos_ver?pct_pag_id=1190&pct_parametros=p_unidade=182&pct_disciplina=&pct_grupo=753. p.3.

²⁷ Decreto n.º 2 de 26 de Maio de 1911.

²⁸ PORTAS, Nuno – *A Arquitectura para Hoje. Finalidades, métodos, didácticas*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1964. Dissertação para o concurso para a obtenção do título de Professor na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa. p.128.

²⁹ “É importante notar (...) que a Bauhaus era, diferentemente da tradição germânica, uma escola caracteristicamente não-universitária – (...) a própria concepção de projecto processava-se em regime de *atelier* (...). Neste sentido (...), na sua estrutura, ela descenderia, afinal da *École*, integrando-lhe

transmissão de valores modernos estes situar-se-iam sobretudo fora do quadro institucional de aprendizagem.

Levanta-se pois uma questão que também acompanhará transversalmente a presente dissertação que é o ensino de arquitectura enquadrado institucionalmente ou vocacionalmente, isto é, a distinção (ou não) de escola enquanto instituição e *escola* enquanto doutrina, sistema, método, estilo ou processo ao qual se associa a expressão “fazer escola”³⁰.

Retomando o “movimento modernizante”³¹ português é possível aplicar o conceito de *escola* no sentido em que este é veiculado pelas experiências informadoras e formadoras dos jovens bolseiros mas também através da operatividade do *atelier*³²; não seriam, portanto, as Escolas de Lisboa e Porto a formar a verdadeira escola do pensamento moderno português muito embora em Lisboa o “contágio modernista” fosse já “extenso e profundo”³³, estando para além academismo oficial.

os ideais da pupilage oficial de Morris, apesar de a uma e outros se opor, na ideologia artística.” PORTAS, Nuno – *A Arquitectura para Hoje*. *Op. cit.* p.128.

³⁰ “Definir princípios que outros depois seguem”; Priberam Informática S.A., respons. - *Dicionário Priberam de Língua Portuguesa* [Em linha]. Priberam Informática S.A., 2009. [Consult. Outubro 2010]. Disponível em <http://www.priberam.pt/dlpo/>.

³¹ FRANÇA, José-Augusto – *A arte em Portugal no século XX*. Lisboa: Bertrand, cop.. 1974. p.228. É particularmente importante a leitura deste autor, no âmbito desta análise, uma vez que este considera Lisboa o principal centro deste movimento, apesar da sua expressão e divulgação por arquitectos do norte, nomeadamente através da ODAM (Organização dos Arquitectos Modernos).

³² “Não deixará de ser curioso verificar (...) a importância de certos *ateliers* para a formação moderna – que as escolas não davam – e dos quais apenas citarei os casos de Ventura Terra para a geração dos anos 20, de Carlos Ramos e Rogério de Azevedo para os arquitectos dos anos 30-40, ou de Keil do Amaral para os dos anos 50.” PORTAS, Nuno – *A Arquitectura para Hoje*. *Op. cit.* p.130.

³³ TAINHA, Manuel – Da estimada e nunca desmentida diferença. In TAINHA, Manuel – *Arquitectura em questão: reflexões de um práctico*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 1994. p.39.

1.2.2 O desvio face ao novo regime político: resistências e breves conquistas a favor do ensino

Ainda no que respeita ao ensino institucional, segue-se a Reforma de 1932³⁴, ano em que Salazar monta as estruturas de um novo regime político ditatorial³⁵. A reforma é dirigida pelo então ministro das obras públicas, Duarte Pacheco, a qual tenta responder à necessidade de “uma melhor preparação, não só profissional mas intelectual, dos arquitectos que tão precisos eram à Nação”³⁶. Esta não vem, contudo - e tal como acontecera com a de 1911 - introduzir alterações de monta relativamente ao sistema em vigor mas somente uma maior exigência nos critérios de admissão³⁷ e uma reorganização curricular³⁸.

A duração (indeterminada) do curso e a dificuldade de obtenção do diploma sinalizavam, de facto, uma grande exigência pedagógica, no entanto esta não espelhava um igualmente elevado estatuto ou aceitação social da disciplina³⁹; pelo contrário, a prática da arquitectura, outrora emancipada, ia sendo progressivamente dominada pelo seu potencial representativo do Estado e serviçal dos gostos e exigências das classes mais abastadas⁴⁰, salvo excepções. Estes seriam,

³⁴ Alguns dos arquitectos de que mencionaremos mais à frente formam-se ainda sob este sistema. É o caso de Frederico George (ESBAL, 1950), Manuel Tainha (ESBAL, 1950), Luiz Cunha (ESBAP, 1953) ou Nuno Portas (ESBAL, 1959).

³⁵ O designado *Estado Novo* é consagrado constitucionalmente um ano mais tarde. Cf. SOUSA, Bernardo Vasconcelos e, co-aut; MONTEIRO, Nuno Gonçalo co-aut; RAMOS, Rui, coord. – *História de Portugal*. 3ª ed. Lisboa: Esfera dos Livros, cop. 2009. ISBN 978-989-626-139-9. p.862.

³⁶ FRANÇA, José-Augusto – *A arte em Portugal*. Op. cit.. p.236.

³⁷ A partir daqui são necessários o Curso Geral de Liceus e a realização de provas em *Matemática, Físico-Química e Desenho Artístico*.

³⁸ O novo curso é composto por três partes: *curso geral* (4 anos), *curso superior* (de duração indeterminada) e *concurso para obtenção do diploma de arquitecto* ou CODA (igualmente de duração indeterminada).

³⁹ “Quando disse ao meu pai que queria ser arquitecto, ele disse: “Oh filho, isso é pior do que ser pedreiro!!” TÁVORA, Fernando – *A Experiência do ensino e da arquitectura*/ por Rui Barreiros Duarte. *Arquitectura e Vida*. [S.L]. n.º 37 (2003), pp.44. “As perspectivas de trabalho eram escassas e quase sempre apontavam para o trabalho por conta de outrem ou para os serviços públicos.” GEORGE, Frederico – Discurso do professor Frederico George em 1977. *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 8/9 (1982), p.17. Sabemos também por depoimentos que os iniciantes na actividade tinham estatuto de subalternos e eram mal recompensados durante largos períodos.

⁴⁰ Cf. FRANÇA, José-Augusto – *A arte em Portugal*. Op. cit.. p.239. “Ali pode considerar-se findo o modernismo arquitectural dos anos 20-30, enterrado por

além do mais, os casos em que projectos de autoria seriam solicitados, o que nem sempre era desejável nem poderia sempre acontecer dada a escassez dos que efectivamente se formavam⁴¹.

O novo currículo académico levava, além do mais, “à competição individualista com defeitos de oportunismo”⁴². Não será de estranhar, pois, que o primeiro Congresso Nacional de Arquitectura, em 1948, lugar de singular afirmação da classe e de “definitivo arranque do Movimento Moderno em Portugal”⁴³ aborde a questão.

De facto, os princípios (que poderíamos hoje atribuir o carácter de *modernos*) do “conhecimento técnico (...) espírito de colaboração (...) espírito de investigação (...) culto da Arquitectura” contrapõem-se ao exercício da “arte de conseguir improvisar e apresentar projectos fáceis e sem profundidade, com muito “molho decorativo” e pouca verdade”⁴⁴ praticado nas escolas; quem o diz é Francisco Keil do Amaral, o mais incisivo interveniente no Congresso a respeito do ensino. Traçando uma denúncia generalizada, acrescenta aquela que será a mais fundamental alteração do modelo que se segue:

“Quero crer que o erro basilar da organização do ensino da arquitectura entre nós reside no facto de se supor que as Escolas de Belas-Artes *podem* fazer artistas e *devem* ser orientadas com mira nessa finalidade suprema. (...) A

quem o propusera, por estes architectos que a vida venceu ou que a ela não puderam nem souberam impor-se.” FRANÇA, José-Augusto – *A arte em Portugal. Op. cit.* pp.247-248.

⁴¹ Cf. SIMÕES, João; RODRIGUES, Francisco de Castro – Do ensino ao exercício da profissão. *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 202 (2001), p.12. A quantidade de architectos formados será também um indicativo constante da presente análise, tanto como factor de afirmação da disciplina como de desqualificação ou descaracterização da mesma. Neste período – e durante as décadas que se seguiram - os architectos eram em número reduzido e concentravam-se nas áreas de Lisboa e Porto, facto que justifica também a pertinência do objecto de estudo.

⁴² FRANÇA, José-Augusto – *A arte em Portugal. Op. cit.* p.236.

⁴³ MILHEIRO, Ana Vaz – Algumas conclusões sobre o ensino: I congresso nacional de arquitectura. *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 202 (2001), p.8.

⁴⁴ AMARAL, Francisco Keil do – A formação dos architectos. *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 202 (2001), p.13. Tese apresentada no referido Congresso.

Escola (...) deveria (...) ter como propósito a formação de bons técnicos”. (KEIL DO AMARAL, 1948)

A classe está, contudo, ciente de que a desadequação do ensino relativamente aos ideais (re)emergentes é intencionalmente sustida por um regime “ideologicamente hostil a toda e qualquer modernidade”⁴⁵; vivem-se anos em que as escolas de Belas-Artes são sujeitas à “mais feroz repressão”. O caso da Escola de Lisboa é o mais agudo: a “expulsão dos “elementos perigosos”, obstrução à entrada de professores progressistas, obstrução ao “esprit nouveau”, regresso ao virtuosismo Grande-Composição e ao classicismo de sebenta” transformam “o que fora uma academia tolerante, civilizada, (...) num reduto de obscurantismo, caviloso e reaccionário”⁴⁶.

O anúncio de uma nova reforma para o ensino de Belas-Artes em 1950 é, portanto, acolhido com relativa expectativa na classe.

1.2.3 Desilusões em tempo de uma nova cultura; a reacção da Escola do Porto e a génese de uma clivagem Norte-Sul

Em 1957 são finalmente regulamentados e definidos mais claramente os novos pressupostos para uma reforma do ensino de arquitectura⁴⁷.

Um ano depois da classe se envolver no trabalho de campo do *Inquérito*⁴⁸, a “requentada esperança” esmorece agora com a

⁴⁵ “Precavido de que a crise da arte não é senão uma face da crise da sociedade, o regime declara a Arquitectura Moderna subversiva.” TAINHA, Manuel – Da estimada. *Ibidem*.

⁴⁶ TAINHA, Manuel – Da estimada. *Op. cit.* pp.39-40.

⁴⁷ Decretos-Lei n.º 41.362 e n.º 41.363 de 14 de Novembro de 1957.

⁴⁸ O *Inquérito à Arquitectura Popular Portuguesa* é também uma forma de resistência ou luta contra o poder. Vem este demonstrar – aquando da publicação dos trabalhos, o que ocorre em 1961 – a verdadeira fisiologia da *casa portuguesa* a qual já se adivinhava ser diversa do modelo tido como tradicional. O “contacto com a realidade” que o *Inquérito* veicula vem ainda contribuir para uma reflexão pedagógica “mais profunda sobre a validade do trabalho escolar [da ESAP] até aí fundamentalmente enfeudado aos modelos racionalistas” podendo estar “com outros factores, na base de uma “tonalidade” que caracterizará (...) a arquitectura (...) produzida no norte”. FERNANDEZ, Sérgio; COSTA, Alexandre Alves, introd. – *Percursos: arquitectura portuguesa 1930-1974*. 2ª ed. Porto: Serviço Editorial da Faculdade de Arquitectura, 1988. Dissertação para o concurso para a

constatação de que a nova Lei houvera sido “elaborada em segredo, sem qualquer diálogo vivificador (...) [com] os que estão nas escolas de Belas-Artes e os que por lá passaram”⁴⁹. Maior desilusão advém, ainda, da verificação do curto alcance desta, face à aceitação, por parte do regime, de novos e universalizados pressupostos pedagógicos decorrentes dos avanços científicos do pós-guerra. De facto, apesar da inclusão curricular das ciências sociais e humanas (geografia, sociologia e economia) e da disciplina de *Projecto* (de acordo com a designação actual) a acrescer ao desaparecimento do desenho aplicado⁵⁰, a reestruturação é encarada por alguns como uma mera “tentativa de reforma tecnocrática com (...) carga de aparente neutralidade, num regime ainda fiel a esquemas tradicionais de ortodoxia retrógrada e nacionalista em que o aparelho ideológico-educacional é fortemente controlado pelo aparelho de estado”⁵¹.

O tempo é, porém, obstinado em prosseguir e fazer história e pouco se compadece de ideologias que se desejem perpetuar; Portugal sujeitar-se-á, como todas as nações, às sucessivas transformações de uma nova cultura emergente, aberta e miscigenada [V. cap.III].

Na década de 60 do século XX, Portugal participa das globais evoluções da indústria e das estruturas económicas investindo no seu potencial turístico e de expansão urbana pela

obtenção do título de Professor na Escola Superior de Belas-Artes do Porto. p.142.

⁴⁹ COSTA, Alexandre Alves – Considerações sobre o Ensino da Arquitectura. *Jornal Arquitectos*: Complemento do Título. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 55 (1987), p.8. Cf. ainda TOSTÕES, Ana – *Os verdes anos na arquitectura portuguesa dos anos 50*. 2ª ed. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. 1997. ISBN 972-9483-30-2. p.171. “A reforma do ensino das Belas-Artes de 1957 – pareceu-me, quando surpreendido, dei conta dela – põe as coisas no pé em que deveriam estar para serem reformadas. (...) Tal como a reforma se apresenta, disciplina após disciplina (...), como numa prudente formação liceal, os escolares das Belas-Artes acabarão apenas por obter o seu canudo.” FRANÇA, José-Augusto – A reforma do ensino de Belas Artes. *Arquitectura*. Lisboa. ISSN. 3ª série, n.º64 (1959), p.29.

⁵⁰ É importante referir, ainda, que a nova Lei eleva o curso de arquitectura a *curso superior*.

⁵¹ COSTA, Alexandre Alves – Considerações sobre o Ensino da Arquitectura. *Ibidem*.

importação de princípios de exploração capitalistas assentes em novas tecnologias construtivas⁵²; os modelos de arquitectura racionalistas vingam, agora, no mercado sob a designação de “estilo internacional” e os grandes gabinetes de projecto e grupos financeiros visam dar-lhes resposta.

No Encontro Nacional de Arquitectura, em 1969, esboçam-se duas linhas de tendência perante o domínio do capital⁵³: dum lado aqueles que rejeitam a dependência dos interesses capitalistas e reiteram a crença no “pequeno *atelier*”⁵⁴ e, do outro, aqueles que elogiam as grandes empresas multidisciplinares e desejam cooperar com a lógica de mercado procurando o lugar moral da actividade na defesa dos interesses do cliente e na investigação das ditas novas tecnologias⁵⁵.

Apesar do domínio da euforia financeira, aos militantes do primeiro caso cabe mais que um papel secundário; joga, agora, a seu favor a incontornável constatação do agravamento das condições de habitação das camadas mais desfavorecidas⁵⁶ e necessária intervenção estadual: são criados o FFH (Fundo de Fomento da Habitação), em 1968, conjuntamente com diversos planos urbanísticos que, apesar de inconsequentes, inauguram a discussão sobre uma frente até aí considerada de “parente pobre”⁵⁷. Paralelamente os arquitectos da facção conservadora

⁵² FERNANDES, Manuel Correia - *ESBAP/ Arquitectura anos 60 e 70: Aparentamentos*. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1979. Dissertação para o concurso para a obtenção do título de Professor na Escola Superior de Belas-Artes do Porto. p.15. As novas tecnologias seriam, no entanto, impostas por uma Europa que as ia “pondo de lado mas pretendia rentabilizar até ao fim à custa dos “novos-ricos””. Cf. FERNANDES, Manuel Correia – *Ibidem*.

⁵³ Manuel Tainha considera que a classe “já não é como outrora um corpo socialmente uno e homogéneo, mas contraditório” acrescentando que as “duas fracções reais” são “atípicas”. Cf. TAINHA, Manuel – Notas em defesa do pequeno atelier. In TAINHA, Manuel – *Arquitectura em questão*. *Op. cit.*. p.23.

⁵⁴ É o caso de Nuno Portas, Keil do Amaral ou Fernando Távora. Cf. FERNANDEZ, Sérgio – *Op. cit.*. pp.173-176.

⁵⁵ É o caso de Conceição Silva, Tomás Taveira ou Carlos Duarte. Cf. FERNANDEZ, Sérgio – *Ibidem*.

⁵⁶ Um dos exemplos mais referidos bibliograficamente é o das grandes inundações em Lisboa, em 1969.

⁵⁷ PORTAS, Nuno; MENDES, Manuel, co-aut.; MACHADO, João, téc. graf. - *Arquitectura portuguesa contemporânea: anos sessenta/anos oitenta*. Porto: Fundação de Serralves, 1991. p17.

vivificam a reflexão crítica ao Movimento Moderno em revistas como *Arquitectura*⁵⁸ ou *Binário*⁵⁹ as quais determinam a “renúncia à solução *universal* e recuperação da vivência *pessoal-territorial*”⁶⁰.

Ao novo contexto económico somam-se, globalmente, fortes contestações sociais.

Em Portugal, o fim da década de 60 oferece uma relativa abertura política; a “primavera marcelista” – ou o período inicial do governo de Marcelo Caetano - não deixa, contudo, adivinhar uma revolução. O florescimento económico e a expansão do mercado de trabalho estendem-se a diversas áreas, o que suaviza alguma insatisfação.

Esta abertura encontrará, contudo, grande receptividade na camada mais jovem; se “o chamado “Catolicismo progressista” (...) serviu de canal para jovens de classe média se afastarem do regime, da hierarquia eclesiástica e de qualquer conservadorismo”⁶¹ também “a expansão da população das quatro universidades e várias escolas superiores (...) criou um novo mercado para a oposição”. A mais recente *História de Portugal* acrescenta ainda que:

“No ambiente criado pela revolta de Maio de 1968 em França, associações e assembleias de estudantes, facilmente controláveis pelos militantes, serviram para

⁵⁸ A partir de 1957, a direcção de Carlos Duarte e outros aponta para os exemplos de Fernando Távora ou Teotónio Pereira como contraponto aos conceitos dos CIAM e à produção “internacionalista” brasileira. Cf. FERNANDEZ, Sérgio – *Op. cit.*, pp.140-141. Cf. também DUARTE, Carlos – Os críticos não se inventaram de um dia para o outro / Depoimento com recolha e fixação de texto de Manuel Graça Dias e Ana Vaz Milheiro. In *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 239 (2010), p.37. Cf. também REIS, Sofia Borges Simões dos – 74-86, *Arquitectura em Portugal: arquitectura a partir da imprensa* [Em linha]. Universidade de Coimbra, 2007. [Consult. 15 Junho 2010]. Disponível em <https://estudogeral.sib.uc.pt/jspui/handle/10316/9975>. p.7 [Anexos].

⁵⁹ Revista fundada em 1958 por Manuel Tainha.

⁶⁰ PORTAS, Nuno [et al.] - *Arquitectura portuguesa contemporânea*. *Op. cit.*, p.14.

⁶¹ Este facto e, quem sabe, já o *Movimento de Renovação da Arte Religiosa* de 1952, é significativo na medida em que o cristianismo é considerado como uma das *metanarrativas* “em crise” que Jean François Lyotard associa à “condição pós-moderna”, cultura emergente que se foca neste trabalho. Cf. FIGUEIRA, Jorge – *A periferia perfeita: pós-Modernidade na arquitectura portuguesa, anos 60-anos 80* [Em linha]. Universidade de Coimbra, 2009. 7 Maio 2009. [Consult. 5 Dezembro 2009]. Disponível em <https://estudogeral.sib.uc.pt/jspui/handle/10316/10228.p208>. p. 208.

transformar as universidades em campos de treino político (...). Como noutros países ocidentais, tinha-se verificado uma clivagem geracional nas elites, a que os comentadores da época se referiam como o “problema da juventude”. A partir daí, foi mais difícil manter o controlo do espaço público a não ser agravando a repressão.” (RAMOS, coord., 2010, p.703)

Tal repressão sucede nas duas escolas de arquitectura do país mas mais expressivamente na Escola de Lisboa, como veremos.

No Porto, a abertura ideológica já ensaiada por Carlos Ramos⁶² oferece maior resistência às tentativas de controlo⁶³ e por coesão interna, a Escola consegue fazer aprovar um regime pedagógico experimental⁶⁴ que justifica, oficialmente, a divergência que vem traçando; de facto, a Escola beneficia agora de um relativo afastamento face ao grande centro de poder e da profícua contribuição de muitos dos que houveram sido insurgentes em Lisboa na elevação de um “*modo de fazer*, a que está associado um *modo de pensar*”⁶⁵ arquitectura.

A determinação em conhecer o *real*⁶⁶ – que a partir de 70 tomará como refém o desenho num processo de *recusa*⁶⁷ – e a procura de um acerto com a modernidade⁶⁸ serão, talvez, as

⁶² Cf. FIGUEIRA, Jorge – *Escola do Porto: um mapa crítico*. Coimbra: Edarq, 2002. ISBN 972-97383-6-X. Dissertação correspondente à Prova de Capacidade Científica apresentada sob o nome “A forma de um dedo. Um mapa crítico da Escola do Porto” ao Departamento de Arquitectura da F.C.T.U.C., em 1998. p.27. Carlos Ramos será o primeiro de várias figuras tutelares em volta das quais a *Escola do Porto* se sedimentará.

⁶³ Cf. FERNANDES, Manuel Correia – *Ibidem*.

⁶⁴ O período experimental tem início no ano lectivo de 1968/69 e não é regulamentado. [V. cap.II em 2.4.4 ou “Planos de estudos oficiais da Escola do Porto”; V. Anexo II.3.2.2].

⁶⁵ FIGUEIRA, Jorge – *Escola do Porto. Op. cit.* p.17.

⁶⁶ COSTA, Alexandre Alves – Considerações sobre o Ensino da Arquitectura. *Ibidem*. “O professor punha os estudantes (...) a fazer desenho à vista nos bairros populares da cidade, isto é, a fazer o desenho de arquitectura produzido no contexto da mais pobre produção arquitectónica da cidade, fazendo o levantamento de fachadas, plantas e da forma como as pessoas usavam os espaços.” TAVARES, Domingos cit por PAIS, Teresa – *Op. cit.* p.161.

⁶⁷ Cf. FIGUEIRA, Jorge – *Escola do Porto. Op. cit.* p.60.

⁶⁸ “Pela mão de Bruno Zevi, o Moderno estava a se sujeito a leituras (...) que enfatizavam arquitecturas de geografias culturais (...) resumindo uma

primeiras preposições daquela que se admite, hoje, ser “o epicentro da cultura arquitectónica das últimas quatro décadas do século XX português”⁶⁹; estes princípios - os quais eram aplicados “promiscuamente” entre Escola e *ateliers*⁷⁰ – sustentavam, portanto, uma militante e politizada⁷¹ actuação de combate ao abstraccionismo académico⁷² e aos “desígnios *tecnicizantes*”⁷³ da Reforma em vigor.

Contudo, apesar de no Porto o regime experimental vingar, em Lisboa, uma frustrada tentativa semelhante devolve o registo reformista à hegemonia ideológica, como veremos já a seguir, originando novo fechamento o qual, tal como citado, se agudizará – se não por contraste relativamente à realidade anterior, pelo menos comparativamente à sua congénere portuense.

Inicia-se já aqui a grande divergência das duas escolas de arquitectura do país; embora inicialmente circunstancial, ganhará um carácter ideológico/partidário na medida da autonomia de pensamento que a revolução de Abril proporciona. Indistintas, escola e cultura envolvente participarão do agravamento da polarização geocultural das duas cidades – Lisboa a Porto – gradualmente centrando-se na discrepância dos códigos estilísticos dos seus protagonistas⁷⁴.

Da origem dessa divergência, do seu significado e da sua projecção trata parte da presente dissertação.

apologia aberta do *orgânico* em oposição ao *racional* (...). Zevi cortava assim com a historiografia mais doutrinária de Giedion (...). Esta leitura (...) corresponde a uma abertura crítica que não podia deixar de ser bem acolhida no Porto. (...). Tratava-se, com efeito, de “uma correcção metodológica, mais do que ideológica.” FIGUEIRA, Jorge – *Escola do Porto. Op. cit.* p.41.

⁶⁹ FIGUEIRA, Jorge – *Escola do Porto. Op. cit.* p.17.

⁷⁰ Cf. FIGUEIRA, Jorge – *Escola do Porto. Op. cit.* p.57.

⁷¹ Cf. FIGUEIRA, Jorge – *Escola do Porto. Op. cit.* pp.59-60.

⁷² COSTA, Alexandre Alves – Considerações sobre o Ensino da Arquitectura. *Ibidem*.

⁷³ FIGUEIRA, Jorge – *Escola do Porto. Op. cit.* p.31.

⁷⁴ É possível admitir um estilo para a Escola do Porto. Cf. FIGUEIRA, Jorge – *Escola do Porto. Op. cit.* pp.89-94. Quanto à Escola de Lisboa ou aos arquitectos que trabalham na capital, é essa a hipótese que se põe na presente dissertação.

1.3 O Departamento de Arquitectura da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa

1.3.1 Entre a implementação da Reforma de 57 ao 25 de Abril de 1974

No período compreendido entre 1957 e 1974, a maior parte das aulas da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa têm lugar no Convento de S. Francisco da Cidade⁷⁵.

Do ponto de vista pedagógico, a Escola atravessa duas fases distintas: na primeira, segue em continuidade da realidade anterior, embora adequando-se à Reforma. Uma segunda fase corresponde ao final da década de 60, momento em que o Estado se torna mais maleável mas em que a difícil gestão da abertura agora oferecida – nomeadamente o alargamento do espaço contestatário – e a ausência de um sentido colectivo, impossibilitam a Escola de manter a coesão e a estabilidade num quadro de adversidade crescente que só terá desfecho no 25 de Abril.

Até 1974, a Escola manterá, contudo, a suas grandes linhas de orientação.

Institucionalmente, o Departamento de Arquitectura (1ª secção) assenta numa estrutura hierárquica encabeçada por um Director nomeado pelo Ministério da Educação⁷⁶, e portanto da sua confiança política. Coadjuvado por um Subdirector, o líder máximo da Escola acumula várias competências do foro administrativo, disciplinar e pedagógico, reunindo assinalável poder⁷⁷.

Apesar da Reforma de 57 e da gradual autonomização do curso de arquitectura, o seu ensino ainda se insere no âmbito global das Belas-Artes e a instituição segue a mesma lógica;

⁷⁵ Algumas disciplinas do 1º e 2º anos têm lugar noutras instituições de ensino da cidade. [V. Anexo II.3.2.1].

⁷⁶ O Ministério da Educação Nacional (MEN) substitui, desde 1936, o Ministério da Instrução Pública (MIP) e nomeia este Director de entre os professores da Escola.

⁷⁷ Cf. Decretos-Lei n.º 41.362 e n.º 41.363 de 14 de Novembro de 1957.

se, por exemplo, a direcção da Escola alterna entre professores dos diversos cursos, também as disciplinas comuns dos diversos ramos são dadas em conjunto⁷⁸. É um ambiente familiar, portanto, aquele que se vive num lugar onde não entraria ninguém que não fosse do conhecimento do porteiro⁷⁹.

No Convento, a Reforma não corrompe, contudo, uma cadência austera de exigência no aproveitamento escolar⁸⁰, de rigor no controlo da assiduidade⁸¹, de obediência intelectual; apesar de os seus professores serem injustamente penalizados pela segregação da Escola relativamente ao regime universitário⁸² e de os alunos, embora nos primeiros anos deslumbrados com o “estatuto” do curso superior e com a interacção entre sexos⁸³, serem sensíveis à desadequação dos programas, o colectivo vai sendo coagido a cumprir as normativas vigentes.

De facto, a mão do regime é pesada. Como noutras instituições, esta não permite a fluência de pensamento a qual cabe somente à erudição (possível) das figuras da Escola pela instrução que vão adquirindo em experiências de diversa ordem, incluídas, por exemplo, em trabalho de *atelier*; mas à

⁷⁸ Cf. *O ensino e a revolução de 25 Abril* [Registo vídeo]. Lisboa: F.A.U.T.L., 1994. 4 cassetes vídeo (VHS) (240 min.): color. son.: 20x13x3cm.

⁷⁹ Cf. AMARAL, Francisco Pires Keil do - A ovelha do restolho interessa-se pelo ensino da arquitectura. *Ibidem*.

⁸⁰ “O professor só autorizava nas suas aulas o uso do lápis de madeira, afiado a canivete. (...). Ensinava-nos como afiar e controlava o tamanho dos bicos. O papel de desenho – chamado “papel contínuo” – era colado, depois de demolido para esticar ao secar, em pranchetas de madeira, com “dextrina” comprada em pó nas drogarias e dissolvida em água. Esta operação durava uma manhã. A matéria consistia na cópia de detalhes de edifícios (...) do livro de Vignola (...). O Mestre apreciava os trabalhos um por um e corrigia os erros com uma caneta de tinta permanente! O que significava inutilizar tudo, arrancar o papel e começar de novo (dextrina, água, prancheta, papel, lápis afiado, etc.).” AMARAL, Francisco Pires – A ovelha do restolho interessa-se pelo ensino da arquitectura. *Ibidem*.

⁸¹ Manuel Graça Dias refere que o “célebre regime de faltas” era extensivo a outras instituições tendo havido, nesse particular assunto, várias rebeliões noutras escolas (como por exemplo na Escola de Direito, em 1971); acrescenta que na ESBAL era feita uma chamada diária pelos funcionários ao ponto dos alunos memorizarem os nomes e apelidos uns dos outros. GRAÇA DIAS, Manuel. In *O ensino e a revolução de 25 Abril*. *Op. cit.*

⁸² Cf. GEORGE, Frederico – A como foi? *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 55 (1987), p.12.

⁸³ Cf. AMARAL, Francisco Pires – A ovelha do restolho interessa-se pelo ensino da arquitectura. *Ibidem*.

ameaça de desvarios o regime responde, basicamente, pela vigilância intrusiva da conduta⁸⁴ e punição da subversão.

Existe condicionamento mas não uma proibição intelectual absoluta. E se se verifica, como veremos, ao longo deste período, e por contraste com a Escola do Porto, uma desagregação que impede um consequente aproveitamento das janelas de oportunidade que se vão abrindo – quer com a Reforma quer com o marcelismo - esta deve-se menos ao regime opressor e mais à falta de uma cumplicidade regeneradora dos seus protagonistas.

Não estarão assim, desde 57, reunidas condições para que a Escola sedimente um projecto pedagógico coeso, aparte da sua orientação política.

E contudo não se pode atribuir aos professores deste período falta de dedicação nem aos dirigentes falta de interesse na transformação; pelo contrário, desde 57 vão sendo criadas diversas “vias alternativas” com a força de contributos individuais e de pequenos grupos; embora a margem de manobra fosse pouca – uma vez que os professores ou assistentes admitidos deveriam ser, se não subservientes, pelo menos neutros, sendo que o elitismo dos alunos era também assegurado pela implícita, embora expressiva, selecção dos que vinham dos liceus em detrimento dos que vinham das escolas técnicas – verifica-se, ao longo de década e meia, um real esforço de melhoramento do acto pedagógico e das bases programáticas através de estudos, experiências ou contratação estratégica de professores.

De facto, é somente por bloqueio de Paulino Montez - Director da Escola até 1966/67 - e do Ministério da Educação que Cristino da Silva – professor do Quadro que não seria

⁸⁴ Entre 1936 e 1974 a PIDE estaria presente na Escola e seria o próprio Paulino Montez a chamá-los. Apud MONIZ, Gonçalo Canto – *Re: LEMBRETE: dissertação ensino Arq em Lisboa – ajuda*. [Mensagem electrónica]. 2010. Acessível em arquivo pessoal de Leonor Matos Silva. Lisboa, Portugal. Estes agentes certamente garantiriam o cumprimento da Lei que proibia, por exemplo, quaisquer actividades culturais ou recreativas entre os alunos. Cf. AMARAL, Francisco Pires – A ovelha do restolho interessa-se pelo ensino da arquitectura. *Ibidem*.

propriamente um vanguardista mas, pelo contrário, imprimiria, desde 1933, uma forte influência sobre a Escola - vê negada a solicitação da contratação de um conjunto de bons arquitectos de Lisboa como docentes⁸⁵. Seria, contudo, o próprio Paulino Montez a obrigar à revisão de todos os programas e à entrada de novos assistentes com a Reforma de 57⁸⁶.

Este entre outros factos ocorridos ilustram um tempo em que as vontades dos responsáveis colidiam ou se harmonizavam apenas circunstancialmente.

Nessa altura os estudantes da Escola também demonstram algum (certamente ousado) activismo ao manifestarem, na revista *Arquitectura*, a observância de duas formas distintas de aplicação da Reforma: duma maneira em Lisboa e de outra no Porto⁸⁷.

É também fundamental para o entendimento do serpentear ideológico sobre a didáctica da arquitectura no período pré-revolucionário observar o contributo de Nuno Portas; consensual pela sua inteligência e cultura⁸⁸, a dedicação à investigação e crítica de metodologias de projecto - que serão postos à prova no seu concurso para o lugar de professor, em 1964, com a tese *A arquitectura para hoje*⁸⁹ - remonta já a 1962 quando assiste Frederico George numa experiência inter-escolar com Octávio Lixa Filgueiras e Arnaldo Araújo (docentes

⁸⁵ Apud MONIZ, Gonçalo Canto – *Idem*.

⁸⁶ Apud MONIZ, Gonçalo Canto – *Idem*. É nesse mesmo ano que Frederico George ingressa na ESBAL como docente. Também é nesse ano que Augusto Brandão se forma (com 20 valores) ingressando imediatamente como 2º assistente e permanecendo como tal desde então até 1986, data em que sai para cumprir o cargo de presidente da comissão coordenadora (...) das novas instalações da UTL.

⁸⁷ Apud MONIZ, Gonçalo Canto – *Idem*. “E então acontece esta coisa patética: os de cá (Lisboa) passam a olhar para os de lá como das trevas para a luz, numa atitude beatífica a que não faltam mórbidas demonstrações de autopunição e de autocritica”. TAINHA, Manuel – Da estimada e nunca desmentida diferença. In TAINHA, Manuel – *Arquitectura em questão*. Op. cit.. p.41.

⁸⁸ Manuel Tainha refere-se à sua passagem pela ESBAL como “refrescante e voluntarista”. TAINHA, Manuel – Op. cit.. p.39. Tomás Taveira considera, inclusivamente, que Nuno Portas seria “a pessoa chave para estabelecer uma ligação cultural entre as duas escolas [de Lisboa e Porto] porque naquela altura ele era um homem extremamente plástico e flexível, além de culto e super activo.” TAVEIRA, Tomás cit. por FIGUEIRA, Jorge – *A periferia perfeita*. Op. cit.. vol.2, p.103.

⁸⁹ *A Arquitectura para Hoje. Finalidades, métodos, didácticas*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1964.

da ESBAP) assente na implementação de um método de projecto analítico no acto pedagógico⁹⁰.

Tendo sido derrotado pelo próprio Frederico George⁹¹, não deixa de empenhar-se por “interessar os alunos pelas questões tipológicas ou a política de alojamento, num contexto formal mais eclético [relativamente ao Porto] (Team X Turner ou a “Città de Padova)” contribuindo assim para um “intenso debate” que se ergue nas duas escolas na segunda metade da década sobre “a melhor formação da cidade, os métodos de desenho, a relação morfo-tipológica, a lógica da construção vernacular [e] as condições de habitação nas áreas antigas e nas periferias”⁹² sendo que o seu esforço terá uma compensação⁹³.

Será, contudo, uma alteração à sua tese⁹⁴ (1969) – ironicamente mais próxima da “terminologia” do poder do que das linguagens compositivas que se vêm igualmente instalar na Escola - e o desapoio do próprio Frederico George⁹⁵ que ditarão a sua demissão e, indirectamente, a sua “fuga” para o Porto, transportando aquela energia que, mal ou bem, oferecera a Lisboa.

⁹⁰ Apud MONIZ, Gonçalo Canto – *Idem*. Cf. também PAIS, Teresa – *Op. cit.* p.47

⁹¹ Frederico George ganha a posição com a sua tese a qual faz questão de sublinhar a ascendência da arte perante “as incidências profundíssimas das ciências sociais e tecnológicas” – a grande “bandeira” de Nuno Portas - afirmando que estas “são justamente conquistas que enriquecem a expressão da própria arquitectura”. GEORGE, Frederico – *Considerações sobre o ensino da arquitectura*. Lisboa: Editorial Minerva, 1964. Dissertação para o concurso para a obtenção do título de Professor na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa. p.10.

⁹² PORTAS, Nuno [et al.] - *Arquitectura portuguesa contemporânea*. *Op. cit.* pp.37-38.

⁹³ Depoimentos de alguns alunos referem “um oásis de entusiasmo” que este criara nas turmas em que leccionava. Em sentido totalmente contrário, Luís Alexandre da Cunha (ou o “Cunha Bruto”, como era alcunhado, por ser demasiado bruto) também seria respeitado pela sua firmeza de opiniões e dedicação ao ensino. Cf. AMARAL, Francisco Pires. *Ibidem*. Cunha Bruto terá sido, inclusive, o professor que mais positivamente marcou Manuel Vicente durante o seu curso. Apud MONIZ, Gonçalo Canto – *Idem*.

⁹⁴ Apud MONIZ, Gonçalo Canto – *Idem*. A alteração decorre de novo concurso para professor na ESBAL, em 1968.

⁹⁵ Apud MONIZ, Gonçalo Canto – *Idem*.

Mas para o objecto de estudo é particularmente importante observar os factos ocorridos a partir de 1969 pelas razões que veremos de seguida⁹⁶.

Com a aposentação de Paulino Montez (em Dezembro de 1967) e de Cristino da Silva (em Maio de 1966), tendo sido nomeado para Director o escultor Joaquim Correia, o departamento de arquitectura passa a ser dirigido tacitamente por Frederico George – o mais considerado e influente professor entre os demais.

Respeitado se não pela obra, consentânea com a de uma geração sensível aos valores modernos⁹⁷, nem pela introdução de uma nova pedagogia didáctica para a arte aplicada da Escola António Arroio, pelo menos pelo seu carácter⁹⁸, Frederico George irá, contudo, figurar entre os personagens que não conseguirão (ou não quererão, quem sabe por represálias sofridas no passado⁹⁹) controlar a interferência da DIGESBA (Direcção Geral do Ensino Superior e Belas-Artes) ou da PIDE (Polícia Internacional de Defesa do Estado) na Escola¹⁰⁰.

Tal ambiguidade penderá, contudo, a favor do associativismo que cresce entre os estudantes e que a crise de 69, em Coimbra, vem agravar despoletando algumas atitudes radicais no círculo da ESBAL (Escola Superior de Belas-Artes de

⁹⁶ Lembramos que o tema desta dissertação abrange toda a cultura arquitectónica e não só a vertente escolar. Estamos, portanto, desde já atentos ao facto de que se, internamente, a Escola de Lisboa vê aqui iniciado um período distinto do anterior, é também a partir dos anos 70, e “após uma longa condição de subalternidade [que] a arquitectura portuguesa inicia um processo de inversão”. ALMEIDA, Rogério Vieira de – De 1976 ao final de século: convergências, divergências e cruzamentos de nível. In TOSTÕES, Ana [et al.] – *Arquitectura do século XX: Portugal*. München: Prestel, 1997. ISBN 3-7913-1910-8. p.82.

⁹⁷ Cf. TOSTÕES, Ana – *Os verdes anos*. *Op. cit.* p.134.

⁹⁸ Amigos referem uma “modernidade” sobretudo como “posição ética de vanguarda”. COSTA, Daciano da; SOUTO, Helena – Abertura. In GEORGE, Frederico [et al.] – *Ver pelo desenho*. Lisboa: Câmara Municipal, Pelouro da Cultura: Livros Horizonte, 1993. ISBN 972-24-0851-8. p.12. São também várias as referências bibliográficas à sua humildade intelectual, honestidade e discrição ou ausência de protagonismo. Em 2001 ser-lhe-á atribuído doutoramento *honoris causa* pela UTL.

⁹⁹ Frederico George sofrera da exoneração do ensino, em 1949, por subscrever as listas para a candidatura do General Norton de Matos. Cf. GEORGE, Frederico [et al.] – *Ver pelo desenho*. *Op. cit.* p.12.

¹⁰⁰ Apud MONIZ, Gonçalo Canto – *Idem*.

Lisboa)¹⁰¹. Observando estes actos de emancipação – que teriam menos a ver com o conteúdo das didácticas metodológicas que ele próprio apoiara mas mais com a rigidez da sua aplicação¹⁰² – Frederico George assumirá uma “correção” estratégica; com a abertura política já descrita que, no caso da educação, tomará a figura do ministro Veiga Simão (o qual invoca sensibilidade aos valores “democráticos”¹⁰³) Frederico George verá campo aberto para a contratação de assistentes que haviam já sido recusados.

Este passo faz coincidir o fim da *linhagem de mestres*¹⁰⁴ e o inaugurar de um período didáctico experimental que vem, julga ele, ao encontro de um entendimento geral sobre o futuro da Escola¹⁰⁵.

No entanto a entrada de Raul Hestnes Ferreira, Pitum Keil do Amaral, Manuel Vicente e Tomás Taveira¹⁰⁶, necessariamente relacionada com a “aplicação de algumas medidas que

¹⁰¹ “Em 1969, a nossa turma – então no 3º ano – fez uma greve a exames e chumbámos todos com zero”; DUARTE, Rui Barreiros. In SILVA, Leonor Matos - *Entrevista a Rui Barreiros Duarte* [Registo sonoro]. Lisboa: Leonor Matos Silva. 2010. Acessível em arquivo pessoal. 1 Minidisc (93 min.): son.: 7x7x0,5 cm. [V. Anexo V.2].

¹⁰² Referindo-se ao “*domínio funcionalista*” dos “*usos, actividades, áreas mínimas*” e organigramas, Rui Barreiros Duarte (aluno do 3º ano, na altura) testemunha as razões da contestação: “*Nós recusámo-nos a fazer exames porque era de tal modo frustrante esse ensino - não lhe quero chamar opressivo, ou repressivo: era obsessivo este tipo de organigramas com a ditadura do ângulo recto - era estiolante da imaginação. Era uma “coisa” muito redutora e não havia informação, não havia revistas de arquitectura.*” DUARTE, Rui Barreiros. In *Entrevista. Idem.* [V. Anexo V.2].

¹⁰³ Cf. STOER, Stephen R. – *A reforma de Veiga Simão no ensino: projecto de desenvolvimento social ou “disfarce humanista”* [Em linha]. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. [Consult. 31 Outubro 2010]. Disponível em <http://analisesocial.ics.ul.pt/?no=101000100090>. p.795.

¹⁰⁴ Tendo em conta a bibliografia consultada, considera-se que os “mestres” são aqueles professores que, no essencial, reúnem as seguintes características: são figuras de referência em todo o meio escolar; são profundos conhecedores e pedagogos das Belas-Artes; são dedicados ao ensino e não só à investigação ou direcção pedagógica.

¹⁰⁵ “Em meados do ano lectivo de 1969/70, após justas contestações de alguns docentes e alunos, estudaram estes, em grupos de trabalhos, medidas que poderiam conduzir a uma revisão séria do Ensino de Arquitectura.” GEORGE, Frederico – *A como foi?* *Ibidem.*

¹⁰⁶ É também significativa a entrada de Lagoa Henriques, já em 1966: “O programa de Desenho de Estátua leccionado por Lagoa Henriques, tal como acontecera no Porto, mostrou (...) abrir novas perspectivas quanto ao ensino da disciplina, tanto a nível dos modelos utilizados como das técnicas e suportes.” PAIS, Teresa – *Op. cit.* p.184.

certamente colidiam com o regulamento vigente”¹⁰⁷, não oferece mais do que maior desagregação pedagógica e uma vez “totalmente boicotadas por entidades superiores”¹⁰⁸ da própria Escola, as experiências decaem em gradual decadência até à Revolução.

Mais uma vez aqui haveria vontades mas não relações de cumplicidade ou a força suficiente para a mediação do processo e de facto “era extremamente difícil, dentro do quadro institucional que existia, poder-se realizar algo de papável”¹⁰⁹.

Seriam as pequenas conquistas da sala de aula que marcariam o carácter deste período transitório; para lá das cópias de detalhes de edifícios greco-romanos transpostos do livro de Vignola e das visitas de “estudo” que os próprios alunos organizavam a obras realizadas pelos seus mestres arquitectos – as quais mereciam mais desprezo (e por vezes risota) do que admiração¹¹⁰ – as “experiências” teriam aberto a possibilidade da exploração de outros conteúdos e admiração de outras obras¹¹¹.

Os que aderem ao que se poderia qualificar como o germinar do *culto da imaginação*, dentro da Escola, vêm o ânimo

¹⁰⁷ Nuno Portas refere que a experiência “ensaia[va] um sistema didáctico orientado para a procura de objectividade nas operações e procedimentos do acto projectual” PORTAS, Nuno [et al.] - *Arquitectura portuguesa contemporânea*. Op. cit. p.38. Pitum Keil do Amaral testemunha que “quando fui assistente do Professor Frederico George (...) achei que teria interesse dar como tema para projecto um caso concreto em que até havia interlocutores para discutir com os alunos: um pequeno estádio de futebol para um clube da periferia, com terreno, levantamento topográfico, programa (...) e tudo.” AMARAL, Francisco Pires Keil do - A ovelha do restolho continua interessada no ensino da arquitectura. *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 202 (2001), pp.64.

¹⁰⁸ BRANDÃO, Augusto Pereira – Professor Augusto Brandão: entrevista / entrevista por José Lamas, Carlos Duarte e José Manuel Fernandes. *Arquitectura*. 4ª série, n.º146 (1982), pp.66-67.

¹⁰⁹ BRANDÃO, Augusto Pereira – Entrevista. Op. cit. p.67.

¹¹⁰ Cf. AMARAL, Francisco Pires Keil do - A ovelha do restolho interessa-se pelo ensino da arquitectura. Op. cit. p.21.

¹¹¹ Rui Barreiros Duarte recorda: “Ainda me lembro que um colega meu chamado Fernando foi a Londres e trouxe uma Domus: “caiu-lhe” a turma toda em cima porque havia imagens e desenhos a 45º, era uma coisa extraordinária! Nessa altura havia em Portugal o “Trio Maravilhas” – Carlos Tojal, Manuel Moreira e Carlos Roxo – que fizeram o edifício do Banco, na Rua Barata Salgueiro ao lado do Hotel Altis e algumas lojas na Baixa. Isso era uma revolução!” Cf. DUARTE, Rui Barreiros. In *Entrevista. Idem*. [V. Anexo V.2].

reforçado¹¹²: contestada por motivos diversos, a figura de Tomas Taveira – apadrinhada pelo próprio Frederico George¹¹³ - consegue, pelo menos, a impor a novidade e construir uma credibilidade a partir desse pressuposto.

De entre as temas que traz para as aulas, o barroco, o *pop* inglês e a obra de James Stirling são predominantes¹¹⁴; o próprio arquitecto escreve, em 1970, “O *lettering*” - artigo publicado na revista *Arquitectura*¹¹⁵ “que cruza a abordagem semiótica com temas pop e se situa no campo de pesquisa que a publicação, em 1972, de *Learning from Las Vegas* fixa na história da arquitectura”¹¹⁶ [V. 3.1.2].

Haverá também um subliminar sentido retórico no programa da cadeira de *Composição de Arquitectura III* (5º ano), para citar outro exemplo; embora estabeleça, logo à partida, que “a base do Programa desta Cadeira é como não poderá deixar de ser o Exercício do Método”, acrescenta que este deverá contemplar a “eleição de um tema e seguidamente uma POÉTICA, programa operatório que se considera básico, (...) que se tem como fundamental no decorrer do “processo da Invenção””. Acrescenta também que “este processo será organizado com o recurso sempre a “Modelos Globais” cuja crítica necessária à sua ultrapassagem se faz ao nível das Imagens e ao nível do Contexto” colocando-se ainda, claramente, contra a metodologia do organigrama¹¹⁷ e a favor de uma

¹¹² Nem todos os alunos seriam receptivos a novos pontos de vista. Cf. DUARTE, Rui Barreiros. In *Entrevista. Idem.* [V. Anexo V.2].

¹¹³ Apud MONIZ, Gonçalo Canto – *Idem.*

¹¹⁴ Cf. DUARTE, Rui Barreiros. In *Entrevista. Idem.* [V. Anexo V.2].

¹¹⁴ Apud MONIZ, Gonçalo Canto – *Idem.* Ainda segundo Rui Barreiros Duarte, Tomás Taveira traria revistas do estrangeiro com temas de vanguarda arquitectónica.

¹¹⁵ TAVEIRA, Tomás – O *lettering*. *Arquitectura*. Lisboa. n.º 116 (1970), p.159-163.

¹¹⁶ FIGUEIRA, Jorge – *A periferia perfeita. Op. cit.* vol.1, p.262.

¹¹⁷ “Assim, todo o processo de criação se baseia em estudo de emulação integral, com a ajuda de perspectivas, fotomontagens ou maquetes (...) sendo aconselhável o nunca recorrerem a esquemas tipo organigrama (...)” Universidade Técnica de Lisboa, Faculdade de Arquitectura – *Programas e cargas horárias: Licenciatura de Arquitectura; 1957/1975-76/79-81/84-85*. [Cadernos]. Cópias de manuscritos e informação dactilografada. 30cm. Acessível na Repartição Académica da F.A.U.T.L. (sob permissão), Lisboa, Portugal. Ano de 1957. Programa da cadeira de *Composição de Arquitectura III*

*complexidade*¹¹⁸ – vocábulo especialmente simbólico [V. nota 316].

No contexto dos restantes textos para os programas das cadeiras leccionadas – concisos quanto aos conteúdos, vagos quanto aos métodos – abre assim uma singular excepção.

Ainda no âmbito da abertura que o Estado deseja cultivar e das suas próprias investidas, em 1971, na reavaliação de todo o sistema de ensino público¹¹⁹ e, em particular, do ensino superior artístico¹²⁰, o Ministro incumbiu Frederico George de propor a estruturação de um curso de arquitectura fora do quadro institucional das restantes Belas-Artes; o seu *Estudo da Reforma do Ensino da Arquitectura*¹²¹ – realizado em 1972 e publicado no Boletim da ESBAL em 1974 – além de criar novas moções internas – no desentendimento entre docentes e discentes convidados a participar no mesmo¹²² mas também na animosidade que cria entre agentes dos diversos cursos pela

¹¹⁸ “Deste modo a Cadeira de Composição procura um caminho de “Complexidade””. *Idem*.

¹¹⁹ O *Projecto do Sistema Escolar e Linhas Gerais da Reforma do Ensino* são documentos apresentados pelo Ministério da Educação Nacional em Janeiro de 1971 que incluem diversos temas transversais a todos os graus de ensino. Cf. STOER, Stephen R. – *Op. cit.*

¹²⁰ A *Proposta de Reorganização do Curso de Arquitectura*, em 1972, de Carlos da Silva Pinheiro, arquitecto e professor do 3º grupo da ESBAL, apresenta as seguintes características: redução para dois ciclos num total de cinco anos (ao invés de três ciclos num total de seis anos), introdução de cadeiras optativas, supressão da disciplina de Ciências Físico-Químicas e novo conteúdo para a prova de Desenho Artístico. PINHEIRO, Carlos da Silva – *Apreciação do Projecto da Reforma Geral do Ensino. Boletim da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa*. Lisboa. (1972), pp.6-21.

¹²¹ Não tivemos acesso bibliográfico ou documental a este estudo. Segundo Carlos Tamm – cuja tese de doutoramento terá sido orientada pelo próprio Frederico George - o *Estudo* apontava para um ensino com mais pendor prático, sistema de avaliação contínua e redução para cinco anos. Cf. TAMM, Carlos – *Escola de Lisboa: herança e devir pedagógico-didáctico* [Documento impresso]. 1993. 349 p.: il.; 30cm. Dissertação para obtenção de grau de Doutor apresentada na Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa. Acessível na Biblioteca da F.A.U.T.L., Lisboa, Portugal. Cota TD 207.

¹²² Cf. GEORGE, Frederico – A como foi? *Ibidem*.

ameaça de autonomização do Departamento de Arquitectura¹²³
– será, neste período, também ele inconsequente¹²⁴.

De um ensino austero que, apesar de assente em figuras individualizadas, seria coeso¹²⁵, passa-se assim à convivência de diversas formas de entendimento sobre: o sentido da Escola, a estrutura do curso de arquitectura, os conteúdos programáticos, os métodos de ensino. Mesmo relativamente às didácticas, se outrora se destacaria “o Beaux-Arts” de Cristino da Silva, agora Frederico George dedica à Escola “a análise”, Nuno Portas “o método”, Hestnes Ferreira “o experimentalismo”¹²⁶, Tomás Taveira “a imaginação” – e no entanto a vantagem da *pluralidade* não resistirá ao embate da Revolução. Pelo contrário: aqui, como nos anos que se seguem, o seu efectivo valor como base de uma estrutura pedagógica demonstrará ser relativo. E aqui, como no futuro, se verifica o seu carácter circunstancial [V. 2.8].

1.3.2 O período revolucionário

O 25 de Abril de 1974 tem uma expressão forte dentro da Escola que se vê encerrada por força das circunstâncias; se fora de portas a arquitectura protagoniza um dos gestos heróicos da cultura portuguesa deste período com as experiências do SAAL (Serviço Ambulatório de Apoio Local), na

¹²³ “Nesse momento houve guerras enormes entre a Escola e o Professor Frederico George”. BRANDÃO, Augusto Pereira – Entrevista. *Op. cit.* p.67. Cf. também Escola Superior de Belas Artes de Lisboa. Departamento de Arquitectura; OLIVEIRA, Baptista, coord. [et. al] – *Boletim Informativo 2* [Documento impresso. Periódico] 1980?. 2 fl; 30cm. Publicado mensalmente. Acessível no arquivo morto da A.E.F.A. (sob permissão), Lisboa, Portugal.

¹²⁴ Este “suspiro final” da Escola que se tenta reestruturar será o documento base para o primeiro plano de estudos com que esta reabre em 1975.

¹²⁵ “Com todos os seus vícios e insuficiências, a Escola de Belas-Artes do meu tempo ainda era aquilo que uma escola pode ser: o lugar de encontro entre pessoas (...) que querem aprender (...) e pessoas que (...) se propõem ensinar. Isto não chega, mas é indispensável como referência...” SILVA, A. Sena da – A subversão discreta do mestre bem-amado. In GEORGE, Frederico [et al.] – *Ver pelo desenho*. Lisboa: Câmara Municipal, Pelouro da Cultura: Livros Livrozonte, 1993. ISBN 972-24-0851-8. pp. 26-27.

¹²⁶ Agradeço a Gonçalo Canto Moniz ter-me chamado à atenção para este facto.

memória colectiva da comunidade escolar está a experiência de uma generalizada perturbação.

Fala-se assim de uma amálgama de acontecimentos sem que haja, contudo, precisão sobre os factos - ocorrências, protagonistas, conteúdos, datas, locais.

A falta de documentação precisa sobre os temas em discussão nas diversas reuniões (que seriam entre docentes, discentes e conjuntas)¹²⁷ revela que estes não terão sido considerados ou significativos para o entendimento da nova realidade escolar que se lhes segue. Mas, sobretudo, cremos que este vazio indicia, de facto, a radicalização política desses mesmos grupos¹²⁸ os quais, guerrilhando entre si, estariam concentrados em resultados ideológico-políticos – muito embora estes fossem elaborando sucessivas propostas para planos de estudo¹²⁹ - e não em desfechos práticos – de resolução de um ano lectivo suspenso, de prosseguimento de um curso cuja reestruturação estava pendente.

Seriam estas últimas as reais preocupações dos alunos que, não se revendo nesse ambiente, viam a concretização do seu curso abandonada à sorte.

Mais do que grandes plenários sobre entendimento do curso enquanto parte de uma cultura arquitectónica que se quisera preservar – o que aconteceria no Porto com os *Encontros do Curso de Arquitectura*¹³⁰ – em Lisboa será apenas um pequeno grupo de alunos¹³¹ quem terá a iniciativa de prosseguir, em concreto, e em paralelo com as militâncias políticas, com um efectivo projecto de reestruturação.

¹²⁷ Cf. GEORGE, Frederico – A como foi? *Ibidem*.

¹²⁸ Cf. COUCEIRO, Manuel – A lógica e a ética, a ciência e a amizade. In GEORGE, Frederico [et al.] – *Ver pelo desenho*. Lisboa: Câmara Municipal, Pelouro da Cultura: Livros Horizonte, 1993. ISBN 972-24-0851-8. p.37

¹²⁹ Segundo os conteúdos anexos à sua dissertação, seriam apresentadas três propostas da autoria de “um conjunto de alunos”, “comissão de luta” e “um grupo de estudantes”. Cf. TAMM, Carlos – *Escola de Lisboa*. *Op. cit.*.

¹³⁰ Cf. FIGUEIRA, Jorge – *Escola do Porto*. *Op. cit.*. p. 60.

¹³¹ Segundo Manuel Couceiro teriam sido ele próprio, Paula Picciochi e Judite Neves. Cf. COUCEIRO, Manuel – *Op. cit.*. p.38. Rui Barreiros Duarte refere, por sua vez, o papel de Manuel Couceiro, Raquel Coutinho e os “irmãos Alves”. Cf. DUARTE, Rui Barreiros. In *Entrevista*. *Idem*. [V. Anexo V.2].

Não seria no entanto esta a principal preocupação do, na altura, VI Governo Provisório ao decretar a constituição de uma Comissão Instaladora para a criação de uma nova Escola de Arquitectura autónoma, nomeando Nuno Portas como Director¹³². Segundo relatos, teria Nuno Portas inclusive contactado alguns docentes para constituição do seu corpo técnico sem dar conta a todos os professores e alunos, o que constituiria uma afronta¹³³ e um indício de incompatibilidades ou mesmo impossibilidades para a conclusão curricular pacífica dos já inscritos. Tais factos incitaram o “grupo dos trinta” – alunos que se juntaram aos já citados – a prosseguir com a sua intenção e o professor Augusto Brandão, professor da Escola, a juntar-se-lhes.

Procurando o consentimento de Frederico George – que se mantinha perseverante numa presença regular na Escola – para a reformulação de uma base programática baseada no seu *Estudo* de 1972-74, este grupo agora secundado por uma estrutura de gestão que entretanto se montara e lhe dava credibilidade, apresenta oficialmente a “Estrutura 76”¹³⁴. O curso seria não só aprovado pelo então Secretário de Estado do Ensino Superior como proposto à integração na Universidade Técnica de Lisboa¹³⁵.

À sua suspensão – no ano lectivo de 1973/74 – segue-se assim uma reabertura – em 1975/76 – que põe fim à “angústia e mal-estar generalizados”¹³⁶.

Seguir-se-á um ano difícil e preenchido de contrariedades, de acordo com Augusto Brandão, arquitecto e presidente do Conselho Directivo neste período. Lembrando que havia poucos docentes e poucos recursos financeiros e que esta

¹³² Segundo Manuel Couceiro, o curso seria ministrado no SICP na Rua da Junqueira e no ISEL em Chelas tendo como número máximo de alunos 80, metade dos quais em arquitectura e outra metade noutros cursos. Cf. COUCEIRO, Manuel – *Ibidem*.

¹³³ Cf. BRANDÃO, Augusto Pereira – Entrevista. *Op. cit.* p.67. Cf. também COUCEIRO, Manuel – *Ibidem*.

¹³⁴ Cf. COUCEIRO, Manuel – *Op. cit.* p. 37.

¹³⁵ Cf. COUCEIRO, Manuel – *Ibidem*. Cf. também Escola Superior de Belas Artes de Lisboa. Departamento de Arquitectura; OLIVEIRA, Baptista, coord. [et. al] – *Boletim Informativo 2. Op. cit.*

¹³⁶ COUCEIRO, Manuel – *Ibidem*.

situação só seria contornada por um orçamento “de emergência”, fora do vínculo institucional, para o ano de 1976, refere ainda as consequências do vandalismo e roubo do parco material e equipamentos, por altura dos tumultos, e a inexistência de pessoal administrativo¹³⁷.

Terá ou não sido “um momento de expressão da vitalidade da instituição e da capacidade dos protagonistas, alguns dos quais integrariam o seu corpo docente, consolidando assim a transmissão das especificidades daquele Património Cultural”¹³⁸ é o que tentaremos, pois, observar ao longo desta tese.

A norte, ameaçada pelas suas próprias contradições e debilidades, a Escola do Porto encontrará o seu espaço, a partir da Revolução, em volta das figuras fundacionais nomeadamente num “relativo cerrar de fileiras em torno (...) de Álvaro Siza”¹³⁹.

Se em Lisboa, com a instabilidade pré-revolucionária, “pareceu impossível conceber uma existência futura da ESBAL à semelhança da que era antes dessa data”, certa é agora a importância de Frederico George na resolução dos impasses mais difíceis. Mas a fase que se inicia com a reabertura do curso coincide com o seu progressivo afastamento o que marca o fim do contributo deste “protagonista de “transição””¹⁴⁰ e lança a Escola numa ainda maior “difícil gestão de liberdade”¹⁴¹.

¹³⁷ Cf. BRANDÃO, Augusto Pereira – Entrevista. *Op. cit.* p.67.

¹³⁸ CARVALHO, Teresa Rio de; LOJA, Amélia; *Faculdade de Arquitectura /Universidade Técnica de Lisboa: sindicatos exigem restabelecimento da normalidade estatutária* [Em linha]. [S.l.]: Sindicato Nacional do Ensino Superior, 2002. Novembro 2002. [Consult. 30 Janeiro 2010]. Disponível em <http://www.snesup.pt/cgi-bin/getinfos.pl?EEZFkluEZpSUAFwtlx>.

¹³⁹ ALMEIDA, Rogério Vieira de – De 1976 ao final de século. *Op. cit.* p. 76. Desde sempre que a Escola do Porto viveu de figuras e caracteres. Cf. FIGUEIRA, Jorge – *Escola do Porto*. *Op. cit.* p.19.

¹⁴⁰ PORTAS, Nuno [et al.] - *Arquitectura portuguesa contemporânea*. *Op. cit.* p.37.

¹⁴¹ Cf. MILHEIRO, Ana Vaz – The importance of being a “lisboner”. In MILHEIRO, Ana Vaz - *A minha casa é um avião*. Lisboa: Relógio D’Água Editores, 2007. p.124. A autora refere-se aqui à ausência de um legado forte na formação dos irmãos Aires Mateus, formados na ESBAL no final dos anos 80.

CAPÍTULO II

A ESBAL/FAUTL no período de 1975 e 1990

O período pós-revolucionário inaugura, em Lisboa, um ensino de arquitectura distinto: institucionalmente e fisicamente autónomo, humanamente dilatado, didacticamente multi-referencial, difere em muito da realidade anterior. É uma nova Escola aquela que se abre à recém-chegada democracia e a um mundo de possibilidades.

Terá, contudo, a perder com a sua segregação institucional e pedagógica das artes plásticas e, mais tarde, do património secular do convento, outrora cúmplices; com a selecção humana agora democrática mas indiferenciada; com a primazia do encaixe no novo sistema educativo em detrimento de uma personalização pedagógica.

E se a nova liberdade é, em parte, tomada pelos alunos como *desobrigação*, também os docentes - embora em grande parte readmitidos do período anterior¹⁴² - já não lhes fazem frente.

Sintomáticas da forte repressão, as inconstâncias e adversidades do período que lhe precede, que já vimos, fazem adivinhar o desfecho: para lá de objectivos circunstanciais, não há um projecto alargado, franco e concreto para a Escola que lhe garanta a coesão de um outro tempo.

E contudo, neste período, esta organiza-se e distingue-se. A atenção sobre a construção da sua credibilidade institucional deixará o plano pedagógico ao sabor das correntes e, com caminho aberto, algumas expressões destacar-se-ão. Da falta de grandes investidas experimentais – apesar das sucessivas reformulações dos planos de estudos – advêm experiências pontuais marcantes e figuras que as tutelam.

De tudo isto darão conta, além de uma sistematização de factos relativos à instituição, ao espaço físico e material, aos

¹⁴² A única exigência de Frederico George quanto à sua colaboração na reestruturação do seu próprio plano de estudos como fundador do primeiro plano de estudos oficial teria sido a readmissão dos docentes “saneados” com o 25 de Abril. Cf. COUCEIRO, Manuel – *Op. cit.* p.38.

recursos humanos, um ensaio sobre o sistema pedagógico praticado, um relato de toda a actividade que ocorre para lá do regular funcionamento da Escola e a análise de uma amostra representativa dos trabalhos escolares.

Para facilitação da análise distinguiram-se quatro momentos, os quais se destacam por encerrar características próprias. A esses momentos designámos de fases e numerámos de um a quatro, a saber:

- Fase 1 correspondente ao período de 1975 a 1979;
- Fase 2 correspondente ao período de 1979 a 1983;
- Fase 3 correspondente ao período de 1983 a 1989;
- Fase 4 correspondente ao período a partir de 1989.

2.1 Instituição

Como dissemos, da análise do período em causa ressaltam quatro momentos distintos.

Do ponto de vista legal – que agora iremos focar – observamos, com efeito, uma **primeira fase** que se situa no período entre a reabertura da Escola, no ano lectivo de **1975**, e a sua entrada na universidade, em 1979¹⁴³. Assim, de início, a Instituição que ministra o curso de arquitectura da cidade de Lisboa mantém-se como *Escola Superior*.

2.1.1 Integração na Universidade Técnica de Lisboa

Uma **segunda fase** implica a criação de uma nova *Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa* em **1979**, a qual visa não só “ministrar a formação básica conducente à licenciatura” como “realizar e estimular a investigação científica”¹⁴⁴.

A integração em meio universitário é objecto de debate tanto na Escola de Lisboa como na do Porto (na medida em que esta passa por um processo de integração equivalente¹⁴⁵). Em ambos os casos se discute, no essencial, o receio da perda de identidade da Escola; assim, a passagem de um registo *Beaux-Arts* para um contexto “técnico” ou o receio da imposição de uma lógica tecnocrata sobre um património pedagógico querido a muitos, agita os responsáveis.

É sobretudo no Porto que esta transição legal suscita maior agitação; a Escola queixa-se, entre outras coisas, da “tentativa

¹⁴³ É talvez importante referir que, em 1976, “a ESBAL apresenta ao Ministério da Educação, um projecto de integração numa universidade pública” e que “o VI Governo provisório propõe a Universidade Técnica de Lisboa, mas o processo não chega a concluir-se.” Universidade de Lisboa. Faculdade de Belas-Artes – *O ensino artístico e as origens da FBAUL* [Em linha]. Lisboa: F.B.A.U.L.. [Consult. 6 Abril 2010]. Disponível em http://www.fba.ul.pt/portal/page?_pageid=401,821647&_dad=portal&_schema=PORTAL.

¹⁴⁴ Decreto-Lei n.º498-E/79, de 21 de Dezembro.

¹⁴⁵ Ao Decreto-Lei que cria a *Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa* segue-se o Decreto-Lei que cria a *Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto*, a saber, Decreto-Lei n.º498-F/79, de 21 de Dezembro.

de constituição da sua Comissão Instaladora hegemonizada por elementos exteriores à Escola e até à disciplina”¹⁴⁶. Com a nomeação de Fernando Távora para presidente da Comissão Instaladora, em 1982, tendo como vogais, entre outros, os professores Domingos Tavares e Alexandre Alves Costa, é rematada a polémica: “Esta nomeação conclui um processo que se arrasta desde 1979 (...) e que suscitou divergências quanto à constituição da Comissão (...). Os docentes da ESBAP reivindicaram uma composição com presidência e maioria de arquitectos, garantindo-lhe autonomia disciplinar como condição”¹⁴⁷.

Em Lisboa, a transição legal opera-se sem grande controvérsia. Os principais responsáveis mostram-se confiantes, apesar das questões que levantam, tal como veremos em seguida. Mas também alguns representantes da classe parecem concordar; Manuel Tainha afirma mesmo que “não há que ter medo”¹⁴⁸, anunciando a irreversibilidade do caminho que o ensino tem necessariamente de tomar, no sentido do seu alargamento científico. Na mesma linha de pensamento, Frederico George – que acaba por ser designado presidente da Comissão Instaladora - lembra que “a Reforma de 1957 (...) marcava, ainda que timidamente, o caminho do ensino de Arquitectura para uma integração na universidade”¹⁴⁹ conferindo a esta transição um carácter de continuidade natural, mais do que de ruptura.

Manuel Tainha afirma ainda que a arquitectura se faz num “lugar de fronteira entre dois mundos, ali onde a ciência e a tecnologia se humanizam”¹⁵⁰. Igualmente, Frederico George lembra que a Arte e a Técnica são “duas tendências

¹⁴⁶ COSTA, Alexandre Alves – Considerações sobre o Ensino da Arquitectura. *Ibidem*.

¹⁴⁷ [Anon.] – Nomeada a Comissão Instaladora da Faculdade de Arquitectura do Porto. *Jornal Arquitecto*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 8/9 (1982), p.17.

¹⁴⁸ TAINHA, Manuel – Aprendizagem do ofício. In TAINHA, Manuel – *Arquitectura em questão*. Op. cit.. p.29.

¹⁴⁹ GEORGE, Frederico – Discurso. *Ibidem*.

¹⁵⁰ TAINHA, Manuel – Aprendizagem do ofício. In TAINHA, Manuel – *Arquitectura em questão*. *Ibidem*.

intimamente ligadas que através dos tempos têm vindo a informar e definir o Arquitecto”¹⁵¹.

No fim, a todos parece consensual que “poderemos até permanecer como enclave humanista no seio da técnica, desde que saibamos preservar a nossa identidade”¹⁵².

Reflectindo mais operativamente sobre as vantagens e inconvenientes desta transição, Augusto Brandão observa como principal desvantagem um aspecto prático: diz ele que “perdem-se os contactos rápidos que hoje temos com o Ministério, porque temos de contactar com a Reitoria que, por sua vez, contacta o Ministério”¹⁵³. De resto, todas as outras alterações que se projectam são consideradas positivas: a disciplina ganha maior credibilidade perante a sociedade civil¹⁵⁴, e dá-se a imposição de um novo regime geral de progressão académica¹⁵⁵ o qual acarreta, entre outras coisas, um aumento da investigação científica na área da arquitectura.

2.1.2 Comissão Instaladora

A Escola prepara a transição para a Universidade, na prática, através da designação da *Comissão Instaladora* da FAUTL (Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa) – estrutura legal que gere a transição entre 1979 e 1990 à qual começa por presidir Frederico George. Cerca de um ano depois – aproximando-se o momento da sua saída como professor jubilado, o que ocorre em 1981 – Augusto Brandão assume a dianteira da Comissão até 1986, ano em que ocupa a sua presidência.

¹⁵¹ GEORGE, Frederico – Discurso. *Ibidem*.

¹⁵² TAINHA, Manuel – Aprendizagem do ofício. In TAINHA, Manuel – *Arquitectura em questão*. *Ibidem*.

¹⁵³ BRANDÃO, Augusto Pereira – Entrevista. *Op. cit.* p.70.

¹⁵⁴ Este aspecto é notado no preâmbulo da referida legislação ao justificar a criação da FAUTL da seguinte forma: “A pressão que continuamente se faz sentir por efeitos do crescimento demográfico e dos mecanismos de atracção e concentração urbana [reclama a] busca incessante de novas soluções, para as quais é indispensável uma elevada formação científica.”

¹⁵⁵ O Decreto-lei n.º 448.79 de 13 Novembro estabelece um novo estatuto para a carreira docente.

De início, à Comissão são atribuídas, entre outras coisas, as tarefas de elaboração dos Estatutos da futura Faculdade, a elaboração dos planos de estudos, a aprovação dos planos das instalações definitivas e a proposta para admissão de pessoal docente¹⁵⁶; estes e outros motivos fazem de Augusto Brandão um personagem fundamental na análise que se apresenta porque não só este vai ocupar a Direcção da Comissão Instaladora, entre 1986 e 1990, como diversos cargos directivos ao longo do período em análise.

A **terceira fase**, a qual se segue aos dois primeiros momentos – a que correspondem, relembramos, a reabertura da Escola em 1975 e a sua integração na universidade, em 1979 - caracteriza-se pelo início do funcionamento da Escola como Faculdade de Arquitectura e ocorre a partir de **1983**. De início, a nova Faculdade acumula actividade com a antiga Escola de Belas-Artes mas, a partir do ano lectivo de 1985/86, autonomiza-se. No período de 1983 a 1989 – o qual se considera, tendo em conta todos os aspectos analisados que veremos mais à frente e não somente os legais, um *período de estabilização* – a única ocorrência legal relevante é a regulamentação das Associações de Estudantes, em 1987¹⁵⁷.

2.1.3 Estatutos da Faculdade de Arquitectura

A partir de **1989** inaugura-se a **quarta fase** com a homologação dos primeiros Estatutos da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa¹⁵⁸, em 1990. Olhando o Anexo II.1 podemos observar sumariamente toda a estrutura que se propõe para a Faculdade, nesta data, em comparação com a estrutura anterior a qual houvera sido

¹⁵⁶ As competências da Comissão Instaladora estão regulamentadas pelo mesmo despacho que homologa os estatutos da Faculdade, em 1990 (DR 90 de 18-04-1990, II Série, pp.4142-4147).

¹⁵⁷ Esta ocorrência é relevante na medida em que as Associações de Estudantes têm um papel particular na construção da Escola no período pós-revolucionário. [V. 2.6].

¹⁵⁸ Os estatutos da FAUTL são homologados por despacho de 23 de Março de 1990 publicado no DR 90 de 18-04-1990, II Série, pp.4142-4147.

instituída pelo próprio Decreto de Lei que criara a Faculdade, em 1979 (ou seja, com carácter provisório).

Observando estes dois tempos em paralelo verifica-se, em primeiro lugar, uma complexificação da estrutura e uma diferente forma de repartição de funções e responsabilidades. Tal dever-se-á ao investimento nacional num novo pressuposto democrático e de modernização próprio da abertura ao quadro europeu. Assim, de um órgão directivo único, surgem agora quatro Conselhos - *Directivo, Científico, Pedagógico e Administrativo* – bem como uma assembleia representativa – ou *Assembleia de Representantes* - que é composta por professores, docentes, estudantes e funcionários e à qual é atribuído o poder, entre outros, de eleger e destituir o Conselho Directivo.

O Quadro em análise também nos permite comparar a orgânica instituída em 1990 com a estrutura que se lhe segue, já no ano de 2009¹⁵⁹; neste último caso assiste-se um relativo retrocesso do modelo “colectivo” e a um afunilamento de poderes e competências numa lógica simplificada, nomeadamente pela instituição da figura do Presidente como principal órgão de governo.

Retornando à análise dos Estatutos que inauguram a última fase do período em estudo, podemos também estabelecer uma comparação entre as duas Faculdades – FAUTL e FAUP (Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto) – já que estes são homologados no mesmo ano de 1990¹⁶⁰; as duas Faculdades apresentam bases estatutárias muito semelhantes, no entanto destacam-se as sucessivas referências de “ligação à comunidade” [V. Anexo II.1] que os estatutos da FAUP parecem querer legalizar como carimbo da *Escola do Porto*. Com efeito, não só nos estatutos mas, de igual modo, no texto da Portaria que aprova nova estrutura orgânica para FAUP – o qual diz

¹⁵⁹ Despacho n.º15000/2009 de 23 de Junho de 2009 publicado no DR 126 de 02-07-2009, II Série, pp.25888-25896.

¹⁶⁰ Os estatutos da FAUP são homologados por despacho de 5 de Fevereiro de 1990 [da Reitoria da UP] e publicados no DR 43 de 20-02-1990, II Série, pp.1.835-1.839.

que: “a prática pedagógica e a experiência profissional e humana que constituem um valioso património do curso de Arquitectura da ESBAP estão presentes na estrutura curricular do curso de licenciatura a ministrar” - se demonstra que, mesmo num registo estritamente legal, se atribuem valores e se reconhece o peso do seu significado na cultura arquitectónica portuguesa.

2.1.4 Condições de acesso ao curso de arquitectura

Verifica-se, no período em estudo, que as condições de acesso ao curso de arquitectura evoluem consoante o modelo liceal que o antecede. De igual modo se verifica que a ambicionada equidade no acesso à educação¹⁶¹ decorrente da Revolução se reflecte numa expressiva quebra de exigência. Deste modo se explica porque é que, com a reabertura da Escola no pós 25 de Abril, em 1975, se passa a exigir, apenas, o *Curso Complementar dos Liceus*.

O acesso não deixa, no entanto, de se tornar, progressivamente, mais exigente; pouco depois, no ano lectivo de 1977/78 – o mesmo ano em que é inaugurado um *ano propedêutico* – passa-se a exigir também um exame nacional e logo no ano seguinte, em 1979, é estabelecido para todas as instituições de ensino superior um *numerus clausus*.

A partir do ano lectivo de 1981/82 a obrigatoriedade do 12º ano completo vem substituir o ano propedêutico. Mas o acesso ao curso de arquitectura e as promessas de equidade não deixam de ser motivo de contestação: Augusto Brandão, sob o pretexto da crescente popularidade do curso¹⁶² e do nível de exigência que lhe deseja imprimir, propõe ao Ministério da Educação,

¹⁶¹ Cf. CABRITO, Belmiro – Equidade e Financiamento do Ensino Superior Público em Portugal: das promessas à realidade. In *Fulbright Brain Storms 2004 – Novas Tendências no Ensino Superior*. [S.l.]: [s.n.], 2004.

¹⁶² Em 1987 – ano em que é estabelecido um *numerus clausus* de 90 - o ingresso no curso não é concretizado por muitos à primeira tentativa. Cf. COELHO, Mª João. In Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Arquitectura. Associação de Estudantes, org. – *Seminário sobre saídas profissionais de Arquitectura: FAUTL, 30 Maio 88* [Documento impresso]. 1988. 30cm. Acessível na Biblioteca da F.A.U.T.L., Lisboa, Portugal. Cota FAUTL 6

novamente em 1981, a criação de um *ano zero* já que defende que “a verificação do sentido vocacional em relação à Arquitectura deveria ser feita na própria Escola”¹⁶³.

Tal não chega a suceder mas a verdade é que no ano lectivo de 1989/90 se restabelece a realização de uma prova interna de desenho como condição de acesso, a somar ao 12º ano.

2.1.5 Orçamento e financiamento

O ano de 1976 é particularmente dramático no que toca à capacidade financeira da Escola visto que o orçamento de 1976 é desviado para a instalação de uma outra escola de arquitectura [V. 1.3.2]. O ano lectivo arranca, portanto, sem orçamento.

A aprovação do curso por parte do VI Governo Provisório responsabiliza-o pelo equilibrar da situação e nesse sentido é aprovado um orçamento suplementar, ou “de emergência, fora do vínculo institucional”¹⁶⁴.

Assiste-se, nos anos seguintes, a um progressivo reajuste legal; se os primeiros anos estão a cargo de subsídios do MEIC (Ministério da Educação e Investigação Científica)¹⁶⁵ a Escola passa, a dada altura, a constar no orçamento da DGES (Direcção-Geral do Ensino Superior) e o montante orçamentado vai, sucessivamente, aumentando¹⁶⁶.

Julgamos não ser essencial observar o quadro evolutivo financeiro e estabelecer uma análise sobre a sua gestão no período em estudo. Como tal, não recolhemos nem solicitámos informação neste campo. No entanto, podemos referir a título de exemplo, que a FAUTL, em 1989, teria um ratio de despesa

¹⁶³ BRANDÃO, Augusto Pereira – Entrevista. *Op. cit.* p.69.

¹⁶⁴ BRANDÃO, Augusto Pereira – Entrevista. *Op. cit.* p.67.

¹⁶⁵ Cf. Escola Superior de Belas Artes de Lisboa. Associação de Estudantes de Arquitectura – *Perspectiva 1* [Documento fotocopiado. Periódico]. 1977. Periódico. 30cm. Acessível no arquivo morto da A.E.F.A. (sob permissão), Lisboa, Portugal.

¹⁶⁶ Cf. BRANDÃO, Augusto Pereira – Entrevista. *Ibidem*.

por aluno bastante menor que o da FAUP¹⁶⁷. Este aspecto é relevante na medida em que decorre do maior ratio de qualificação dos docentes da FAUP relativamente aos da FAUTL¹⁶⁸ e não só do maior número de alunos, em proporção, desta última.

Já no que respeita ao financiamento “directo”, ou as verbas tomadas em propinas, é justamente no ano lectivo de 1989/90 – que, relembramos, corresponde a um quarto momento de análise – que se chega ao fim de um ciclo em que o custo suportado por cada estudante é reduzido; com efeito, desde aí será inaugurado um novo debate sobre o reajuste do seu valor (fixado em 1941 no montante de 1300 escudos)¹⁶⁹.

¹⁶⁷ A FAUP apresenta uma “despesa/aluno” de 361.900 escudos enquanto que a FAUTL apresenta uma “despesa/aluno” de 266.600 escudos. Cf. Direcção Geral do Ensino Superior – *Despesas do orçamento de funcionamento do ensino universitário público: contributo para a análise da sua evolução no período de 1984 a 1989* [Documento impresso]. 1989. 30cm. Acessível no arquivo morto da A.E.F.A. (sob permissão), Lisboa, Portugal.

¹⁶⁸ O ratio “assistente/professor” da FAUP é de 2.1 enquanto que o mesmo ratio da FAUTL é de 4.0. Cf. DGES - *Ibidem*.

¹⁶⁹ Cf. CABRITO, Belmiro – *Ibidem*.

2.2 Espaço físico

A Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa situa-se actualmente em edifício próprio, no pólo universitário da Ajuda, em Lisboa. No entanto no período em análise – ou seja, de 1975 a 1990 - o ensino de arquitectura ministrou-se exclusivamente no Convento de São Francisco da Cidade; quer isto dizer que, apesar da extinção da *primeira secção* da Escola Superior de Belas-Artes, a nova Faculdade de Arquitectura continuou a funcionar no mesmo espaço¹⁷⁰.

Assim, é sobre este edifício exemplar que detemos o nosso olhar.

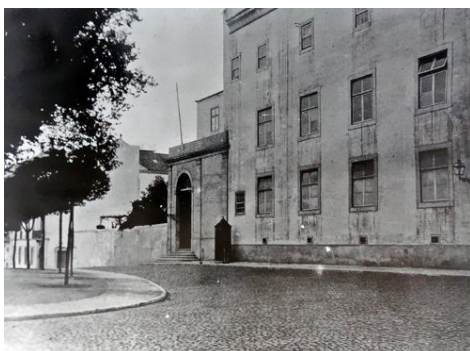


Fig.1 Fachada do edifício conventual em 1907



Fig.2 Fachada do edifício conventual na actualidade

O Convento de S. Francisco foi objecto de diversos usos desde a sua fundação em 1216.

Inicialmente albergue da Ordem Seráfica, o edifício vai sendo designado para usos “de ordem cultural, habitativa e funerária”¹⁷¹. A extinção das ordens religiosas pelas políticas liberais passa a imprimir-lhe usos essencialmente funcionais nomeadamente à instalação da *Academia Nacional de Belas-Artes*, no século XVIII.

Os diferentes usos obrigam, necessariamente, a diferentes campanhas de obras as quais resultam em metamorfoses sucessivas. O edifício sofre também mutilações decorrentes de incêndios mas, ainda assim, o seu desenho primitivo mantém-se, no essencial, até à instalação da *Escola de Belas-Artes* em 1836. É nesse sentido que esta “não vem destruir a alma do espaço mendicante”¹⁷². Mesmo observando as transformações do último século se conclui da preservação dos seus traços mais característicos [Fig.1-2].

¹⁷⁰ A transferência para novas instalações ocorre a partir de 1992.

¹⁷¹ MESQUITA, Marieta Dá - Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, Convento de São Francisco, Lisboa, f. 1216. *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 201 (2001), p.90.

¹⁷² MESQUITA, Marieta Dá – *Op. cit.*, p.92.

A desadequação do espaço para o ensino de arquitectura é precocemente notada¹⁷³ mas é só no período pós-revolucionário que ela se torna veemente; em 1981, Augusto Brandão refere que “a maior dificuldade [no funcionamento da Escola] (...) [é] a falta de espaço. Com cerca de 1200 alunos, temos de funcionar com três turnos consecutivos: um das oito da manhã às 13; outro das 13 às 19 horas, e outro das 20 às 24”¹⁷⁴. Mais tarde, em 1987, o então presidente do Conselho Científico, Carlos Antero Ferreira, refere as “insuficiências” do curso por serem “persistentes, como as das instalações, há gerações e gerações expondo uma mediocridade sufocante”¹⁷⁵.

No entanto, aquilo em que o espaço carece de adequabilidade é contrabalançado com outros aspectos que beneficiam o ensino de arquitectura em Lisboa; para além da sua localização no centro histórico da cidade e das possibilidades que o facto acarreta – nomeadamente o alargamento do material formativo às proximidades geográficas - as suas características intrínsecas constituem referências arquitectónicas intemporais: é o caso da escadaria, das arcadas e do rigor da métrica cuja “racionalidade e a funcionalidade se assumem como palavras de ordem”¹⁷⁶ [Fig.3-4]. A convivência forçada dos diversos cursos que, antes do 25 de Abril, são obrigados a partilhar espaços e, por vezes, aulas, suporta, também ela, um enriquecimento formativo e humano. A “promiscuidade”

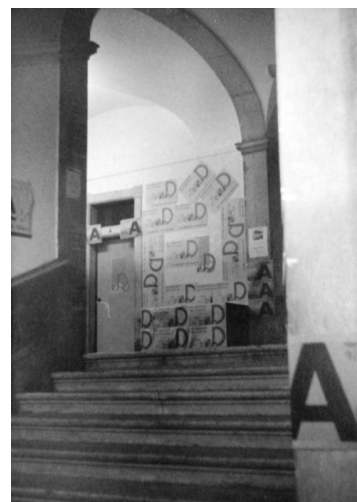


Fig.3 Escadaria principal em Maio de 1982



Fig.4 Corredor em Maio de 1982

¹⁷³ “As queixas sempre se fizeram sentir”; CALADO, Margarida – *O Convento de S. Francisco da Cidade*. Lisboa: Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, 2000. ISBN 158-965-00. p.59. “Outras deficiências se verificaram (...) motivadas sobretudo pelo acanhamento das instalações (...). Muitas obras se fizeram – principalmente no decorrer do últimos anos – tendentes não só a higienizar e dignificar o ambiente da Escola, mas a ampliar o número das salas de aulas. A falta de espaço foi-se, porém, agravando cada vez mais, dado o número crescente das matrículas.” MONTEZ, Paulino António Pereira – *Da vida da Escola: Relatório do ano lectivo de 1957-58. Boletim da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa*. Lisboa. n.º 2 (1960), p.28.

¹⁷⁴ BRANDÃO, Augusto Pereira – Entrevista. *Op. cit.* p.67.

¹⁷⁵ FERREIRA, Carlos Antero cit. por Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Arquitectura – *Discurso proferido pelo Professor Arquitecto Carlos Antero Ferreira na cerimónia de posse do cargo de presidente do Conselho Científico da Faculdade de Arquitectura*. Lisboa: Reitoria da UTL, 1987. p.14.

¹⁷⁶ MESQUITA, Marieta Dá – *Op. cit.*, p.92.



Fig.5 Piso clandestino em construção (1983)

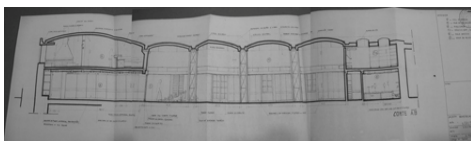


Fig.6 Exercício escolar intitulado “ESBAL: estudo reestruturação 2º andar” (1976)

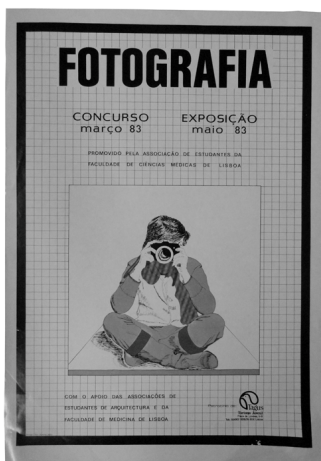


Fig.7 Cartaz de divulgação de concurso de Fotografia inter-escolas apoiado pela AEA (1983)

decorrente da gestão adversa do espaço chega a ser recordada com saudade¹⁷⁷.

Com o 25 de Abril, a eminência da mudança fica mais clara e o curso é remetido para o último piso. Ainda assim depreende-se a importância que os estudantes de arquitectura atribuem ao lugar da sua aprendizagem a qual justifica, por exemplo, a denúncia, em 1983, da construção de um andar ilegal sobre o último piso do edifício¹⁷⁸ [Fig.5]. Por outro lado, ao espaço é por vezes atribuído o protagonismo do enunciado de um exercício escolar [Fig.6].

É útil observar a apropriação do espaço de ensino para melhor concluir sobre as motivações e aspirações, as referências e influências dos trabalhos escolares realizados no período em estudo, alguns dos quais serão objecto de análise [V. 2.7].

A prática escolar exerce-se essencialmente com meios físicos. As tecnologias que se implementarão em força nos anos seguintes – nomeadamente o computador – não têm aqui lugar; são protagonistas, como meios de eleição, a policópia¹⁷⁹ ou a fotocópia¹⁸⁰ e a fotografia [Fig.7], em negativo ou diapositivo¹⁸¹. Trabalhos, divulgação e *mise-en-scène* de eventos – tudo decorre, essencialmente, destes meios e da

¹⁷⁷ Manuel Graça Dias refere como resultado imediato do 25 de Abril, “a quebra da promiscuidade entre todos”. Apesar de admitir que, no regime anterior, “a circulação não era livre”, acrescenta: “Andávamos debaixo para cima e fazíamos amizades”. DIAS, Manuel Graça. In *O ensino e a revolução de 25 Abril*. Op. cit..

¹⁷⁸ Cf. [Anon.]. – Associação de estudantes de arquitectura. *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 21/22/23 (1983), p.2.

¹⁷⁹ A policópia é uma forma de reprodução rudimentar, anterior à fotocópia, a qual implicava a utilização de uma máquina *Stencil* onde se colocava tinta ou cera e se fazia “rolar” o papel original para se obter a cópia.

¹⁸⁰ As sucessivas referências à “sala da Rank Xerox” (fotocopiadora), na diversas actas da Associação de Estudantes comprovam como esta era uma peça única e estimada.

¹⁸¹ A fotografia e a banda desenhada são bastante populares e realizam-se diversos concursos e exposições temáticas organizados pela Associação de Estudantes. Cf. [Anon.]. – *Fotografia: Concurso, Março 83/Exposição, Maio 83* [Cartaz]. 1983. il. p&b; 60x40cm. Acessível no arquivo morto da A.E.F.A. (sob permissão), Lisboa, Portugal. Cf. também Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Arquitectura. Associação de Estudantes – *Livros de Actas* [Cadernos MSS, um por ano lectivo]. 1977/1980-1986/1989/1992. Acessível no arquivo morto da A.E.F.A. (sob permissão), Lisboa, Portugal.

forma como são articulados numa aproximação à técnica *collage*; esta observa-se, pelas paredes, em cartazes e painéis colocados de forma a produzir “efeitos” plásticos [Fig.8]. Pelas salas de aula, vêem-se sobretudo maquetas, rolos de papel sobre mesas e estiradores [Fig.10], cadernos e lápis coloridos, fazendo adivinhar que o domínio do da *manualidade* ainda é imprescindível à formação.

Como estruturas de apoio à prática pedagógica existem uma *Papelaria* [Fig.9], um *Centro de Documentação* e um *Centro de Reprodução* bem como um *Laboratório de maquetas, resistência de materiais e fotografia*¹⁸².

Apesar das afeições, a urgência de um novo espaço é incontornável e a expectativa de que este venha a acarretar, entre outras coisas, uma prática pedagógica renovada, anima o seu principal responsável¹⁸³. É nesse sentido que se projecta uma nova escola à qual devem ser programaticamente atribuídas, entre outras, condições tecnológicas mais actuais¹⁸⁴.

Actualmente, no entanto, muitas são as vozes que ainda clamam pelo antigo Convento e que destacam esse lugar de aprendizagem como *lugar* genealógico de um eventual discurso arquitectónico próprio dos formados em Lisboa.

Por outro lado, sucedem-se as interrogações sobre o novo espaço encontrando-se, inclusive, registos críticos por parte de analistas estrangeiros¹⁸⁵. Mas a análise que se pretende dar a



Fig.8 Eleições para a AEA (1982) – composição de cartazes de divulgação pelas paredes



Fig.9 Papelaria (1983)



Fig.10 Sala de aula (s/ data)

¹⁸² Cf. Associação de Estudantes – Acta n.º 1. In Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Arquitectura. Associação de Estudantes – *Livros de Actas*. Op. cit.. 4 Fevereiro 1980.

¹⁸³ Entre os propósitos de Augusto Brandão para a concepção do novo espaço estão a “possibilidade em corresponder (...) aos mais actuais métodos de ensino”; BRANDÃO, Augusto Pereira – Faculdade de Arquitectura; Universidade Técnica de Lisboa. *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 126/27 (1993), p.28.

¹⁸⁴ Augusto Brandão demonstra, igualmente, o desejo de que “o novo edifício e a nova estrutura do curso” utilizem “técnicas e metodologias mecanográficas, audiovisuais e de cibernética para desenvolver a sua acção”; BRANDÃO, Augusto Pereira. Faculdade de Arquitectura. *Jornal Arquitectos*. n.º 126/27. Op. cit.. p.10.

¹⁸⁵ “É curioso que os ateliês são ambientes fechados, sem vista para a bela paisagem que se descortina na direção do Tejo”. LEFÈVRE, José [et. al.] –

conhecer incide no período anterior à inauguração deste pelo que se admite não estar na posse de todos os dados.

2.3 Capacidade humana

2.3.1 Direcção

Foi já expressa a razão pela qual Augusto Pereira Brandão (1930-) se destaca como um dos protagonistas da reestruturação da ESBAL no pós 25 de Abril; de facto, além de tomar a dianteira na luta pela reabertura da Escola, o arquitecto e professor acumulará diversas responsabilidades e competências derivadas dos cargos directivos que vai sucessivamente ocupando ao longo do período em estudo.

Concretamente, tendo-se formado na ESBAL em 1957 – ingressando no mesmo ano como Segundo Assistente e passando a Professor em 1970 – assumirá a presidência do Conselho Directivo e Pedagógico da Escola desde a sua reabertura, em 1975 – ou formalmente a partir de 1978 – passando a presidente da Comissão Instaladora em 1986 e retomando a presidência do Conselho Directivo em 1990, momento a partir do qual pede a demissão para ser nomeado Presidente da Comissão Coordenadora do Gabinete das Novas Instalações da UTL¹⁸⁶.

Pelos próprios testemunhos públicos quanto às suas orientações no período em análise, conclui-se genericamente que Augusto Brandão tem ideias claras sobre a Escola que deseja construir e que estas convicções parecem ser coerentes com algumas das acções que se lhes associam. Serão, sobretudo, extensíveis a um alargado período de acção.

Tendo como base a aspiração de dotar a Escola de um carácter mais sério e mais institucional e, consequentemente, mais credível¹⁸⁷, Augusto Brandão preconiza para o ensino de

¹⁸⁶ Não conseguimos apurar a data mas tudo indicia a que terá sido no final da década de 1980.

¹⁸⁷ “Nós teremos, a todo o custo, que fazer ver à sociedade portuguesa que existe, na realidade, o arquitecto (...) ao mesmo nível que a de certos profissionais liberais (...). É papel desta Escola fazer que isto suceda; é

arquitectura uma formação assente na preparação técnica perante a realidade internacional¹⁸⁸.

Igualmente, acredita no ensino de massas como resposta inevitável às exigências de uma nova realidade social¹⁸⁹ embora seja concordante com políticas restritivas de acesso ao ensino¹⁹⁰ e declare, inclusivamente, o desejo de ver implementado um ano propedêutico, selectivo, de “observação e orientação vocacional pedagógica”¹⁹¹.

No que respeita à gestão de recursos humanos sustenta, acima de tudo, valores legalistas. É nesse mesmo sentido que pretende dar um contributo para a sedimentação do novo regime de progressão académica na Escola¹⁹². Igualmente, no caso das contratações, procura dar primazia a critérios técnicos em detrimento de critérios subjectivos – nomeadamente a contratação de docentes por convite – porque, embora legais, não são considerados enquadráveis nos seus objectivos pedagógicos estratégicos¹⁹³.

mesmo, para mim, um dos seus papéis mais importantes”; BRANDÃO, Augusto Pereira – Entrevista. *Op. cit.* p.71.

¹⁸⁸ “A exportação da inteligência no domínio da arquitectura é a maior preocupação da Faculdade de Arquitectura de Lisboa (...). O aluno que sai da faculdade, no prazo de cinco anos, terá capacidade para ver o Mundo como um campo de trabalho concreto. Será mental, científica e artisticamente formado para saber jogar com todas e as mais sofisticadas técnicas da produção arquitectónica e, assim, poder concorrer em pé de igualdade, a todo o concurso [internacional]”; BRANDÃO, Augusto Pereira – A Faculdade de Arquitectura. *Jornal Arquitectos*. n.º 55. *Op. cit.* p.10.

¹⁸⁹ “Esta tomada de decisão política quanto ao “número” de arquitectos a formar [*numerus clausus*], não deverá esquecer outro dado político. É que Portugal terá de se tornar um País produtor de “serviços” para o Mundo inteiro. (...). Daí a estruturação do ensino de arquitectura de modo a responder, em qualidade e em quantidade, a estes requisitos”; BRANDÃO, Augusto Pereira – A Faculdade de Arquitectura. *Jornal Arquitectos*. n.º 55. *Ibidem*.

¹⁹⁰ “Como se poderá concluir, a FA decidiu-se por uma atitude em que procurar possibilitar o cumprimento destas opções políticas [relativas ao *numerus clausus*]”; BRANDÃO, Augusto Pereira – A Faculdade de Arquitectura. *Jornal Arquitectos*. n.º 55. *Ibidem*.

¹⁹¹ BRANDÃO, Augusto Pereira – A Faculdade de Arquitectura. *Jornal Arquitectos*. n.º 55. *Op. cit.* p.11.

¹⁹² Esta sua principal interrogação é demonstrada com interrogações como: “Alguns problemas estão ainda em suspenso. Por exemplo, quais os lugares na hierarquia académica a atribuir aos docentes da Escola? Qual a sua integração na carreira docente universitária?”; BRANDÃO, Augusto Pereira – Entrevista. *Op. cit.* p.70.

¹⁹³ “A nata da Arquitectura em Portugal, são indivíduos com uma idade mais ou menos constante logo estabeleceriam um nível de percentagem inversa de idades na pirâmide de continuidade”; BRANDÃO, Augusto Pereira – Entrevista. *Op. cit.* p.68.

A concepção de novos modelo de escola para o ensino de arquitectura suscita algum debate entre a classe mas a Escola de Lisboa parece estar confiante nos desígnios da sua Direcção a qual não submete o ensino aí ministrado a um debate alargado¹⁹⁴. Curioso é, pois, notar divergências nos princípios de reestruturação da sua congénere no Porto¹⁹⁵; A Norte, são inúmeras as referências a um projecto que ofereça *qualidade*¹⁹⁶ – em oposição à quantidade, pressuposto básico de um ensino de massas – bem como ligação à realidade local – mais do que a aspiração da “integração da Escola na sociedade global”¹⁹⁷ preconizada a Sul. Além do mais, na Escola do Porto mantém-se o entendimento da História e Teoria da arquitectura como primordiais sobre o domínio da *técnica*. É, aliás, o entendimento “lisboeta” da urgência real de uma sociedade tecnicista que sustenta muita da contestação que destrona a inicial formação directiva da Comissão Instaladora da FAUP¹⁹⁸.

A apreciação destes dois olhares fundamentais não pretende avaliar pressupostos, antes propor uma possível justificação para o distanciamento entre as Direcções das duas escolas. De facto, se em 1981 Augusto Brandão afirmava que “logo que estabelecida a vida na Escola de Lisboa, estaremos aptos para

¹⁹⁴ As contestações internas e outras ocorrências registadas para o período em estudo reflectem, sobretudo, o desejo de consolidação de uma estrutura que ofereça condições mínimas de funcionamento.

¹⁹⁵ Cf. princípios de reestruturação da ESBAP em A comissão instaladora – Universidade do Porto: Faculdade de Arquitectura. *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 55 (1987), p.9.

¹⁹⁶ Ex.: “A criação da Faculdade de Arquitectura gera condições subjectivas para a renovação da qualidade de ensino”; MENDES, Manuel cit. por COSTA, Alexandre Alves – Considerações sobre o Ensino da Arquitectura. *Op. cit.* p. 9. Ex.: “A evidente qualidade neste momento dominante da chamada Escola do Porto”; ALMEIDA, Pedro Vieira de cit. por FIGUEIRA, Jorge – *A periferia perfeita*. *Op. cit.* vol.1, p.241 [nota rodapé]. Ex.: “As pessoas mudam, mas a escola mantém-se com uma certa sobriedade, com qualidade”; TÁVORA, Fernando – A Experiência do ensino e da arquitectura. *Op. cit.* p.44.

¹⁹⁷ BRANDÃO, Augusto Pereira – Entrevista. *Op. cit.* p.68.

¹⁹⁸ “(...) discurso paternalista, hipocritamente moralizante, que nos dirigiam a propósito das necessidades prementes da sociedade portuguesa e da urgência em formar técnicos habilitados para uma resposta competente”; COSTA, Alexandre Alves – Considerações sobre o Ensino da Arquitectura. *Op. cit.* p. 8.

procurar contactos (...) com a Escola do Porto”¹⁹⁹, mais tarde, em 1987, admite que “o relacionamento real entre as duas Faculdades não existe” justificando-o com “um passado histórico e pedagógico extremamente diferenciado das duas instituições, aliado a processos (...) políticos, e um número completamente diferente de alunos e docentes”²⁰⁰, entre outros factores.

No entanto, esta divergência parece não ser especialmente considerada pela Direcção da Escola; pelo contrário, Augusto Brandão acredita que tanto a Escola de Lisboa como a do Porto estão “vinculadas a uma acção extremamente alta e precisa” e que a Escola de Lisboa, em particular, demonstra grandes méritos sendo inclusivamente objecto de ciúmes [SIC]²⁰¹.

É particularmente pertinente observar como é que a Escola progrediu, no período em estudo, relativamente ao modelo criado e defendido pela sua Direcção.

Observando os factos pode-se constatar que no período o qual considerámos atrás como *de estabilização* – ou seja, a partir do ano lectivo de 1979/80 - se assiste a um multiplicar de simpósios, colóquios e seminários, bem como cursos de pós-graduação e mestrado com temas diversos [V. Anexo II.5]. Igualmente, como herança mais evidente da sua passagem pela Escola, verificamos que Augusto Brandão contribui positivamente para a construção de um novo sistema de ensino rigoroso o qual, apesar de ser hoje considerado por muitos fundamentalmente inadequado, serviu a democratização e desenvolvimento do Ensino Superior.

É no entanto verdade que o empenhamento na abertura da Escola ao “exterior” é tímido e consiste, em grande parte, na resposta voluntariosa a solicitações externas; por outro lado, os

¹⁹⁹ BRANDÃO, Augusto Pereira – Entrevista. *Op. cit.* p.70.

²⁰⁰ BRANDÃO, Augusto Pereira – A Faculdade de Arquitectura. *Jornal Arquitectos*. n.º 55. *Op. cit.* p.10.

²⁰¹ Cf. BRANDÃO, Augusto Pereira – Entrevista. *Op. cit.* p.69.

conteúdos dos planos de estudos ou a preparação pedagógica específica dos professores não indicam nada em concreto no sentido de uma extraordinária preparação tecnológica ou científica, excepção feita, talvez, à formação em urbanismo do início da década de 80, como veremos.

Em suma, conclui-se que a Direcção da Escola restringe o seu contributo ao legalmente estabelecido²⁰² não oferecendo empenhamento extraordinário na atribuição de um carácter particular ao tipo de ensino aí ministrado no período em análise – interrogação à qual esta tese pretende responder.

2.3.2 Funcionários administrativos e outros

Julgamos pertinente uma breve referência àqueles que passaram a constar, desde 1976, no *Quadro de Adidos* da Escola já que também neste caso o contraste com o período anterior é revelador.

De facto, quando o lugar de alguns dos que outrora zelariam pelo regular funcionamento logístico e, em certos casos, político (enquanto informadores) [V. 1.3.1] se encontrou subitamente por preencher, o pedido da direcção para o seu preenchimento por “funcionários com experiência” foi acedido com a transferência de técnicos do ex-ultramar os quais, segundo a mesma direcção, se revelariam “técnicos especializados e altamente responsáveis (...) em função quase de modelar”. cremos portanto que estes seriam, sob os novos pressupostos democráticos, uma referência exemplar, ao contrário do que teria sucedido no período pré-revolucionário.

Acresce que a Direcção da Escola se orgulha do seu trabalho:

²⁰² Augusto Brandão considera normais as carências formativas dos licenciados alegando que “findo o curso de 5 anos, o aluno é considerado um “licenciado em arquitectura” e não um arquitecto” já que não se encontra “estruturalmente formado a produzir qualquer tipo de actividade no ramo profissional escolhido. Pelo contrário”. Da mesma forma, quando questionado sobre “de que modo (...) é que se processa (...) a reflexão (...) sobre a orientação pedagógica”, responde que é feita “a todos os níveis possíveis da acção disciplinada” reportando, em exclusivo, aos diversos órgãos oficiais de coordenação da Escola e rematando com uma descrição literal das suas funções. BRANDÃO, Augusto Pereira – A Faculdade de Arquitectura. *Jornal Arquitectos*. n.º 55. *Op. cit.*. p.10-11.

“Curiosamente, a alta profissionalização destes funcionários ultrapassou tudo o que se poderia imaginar. Passados três anos podemos apresentar talvez o melhor serviço de reprografia existente em qualquer Escola Europeia e a mais moderna actividade em tudo o que se liga à vida do aluno ao longo do seu curso. Para não falar das metodologias mecanográficas [e] nos aspectos da contabilidade interna.” (BRANDÃO, 1982, p.68)

2.3.3 Docentes e investigadores

Os professores e os meios - quer na formação, quer na investigação – que lhes são proporcionados, representam factores fundamentais para o funcionamento de uma escola.

Pela razão já apontada como orientação para o regime de contratações, a Escola não deseja apresentar, nos seus quadros para a docência, figuras de excepção que configurem um modelo didáctico *per si* - como sucede na sua homónima no Porto e como ocorrera, na própria Escola, em período anterior [V. 1.3.1]. E apesar do esforço, a Escola não contém, neste período, um significativo grupo de investigadores ou projectos científicos de referência.

Contudo, são fundamentais as contribuições de alguns professores os quais, no período em destaque, deixam marcas do seu saber numa pedagogia essencialmente auto-gerida, como veremos.

É o caso de Manuel Vicente (1934-) cuja brevíssima passagem pela Escola, pouco após a sua reabertura, em 1975, causa forte impressão e controvérsia num certo grupo de estudantes²⁰³ [V. 4.2.2.1].

É o caso de Manuel Tainha (1922-), docente entre 1976 e 1992, cuja sábia conjugação entre o exercício da profissão, o ensino e a reflexão induz a grandes empatias entre os estudantes [V. 4.2.2.3].

²⁰³ Cf. FIGUEIRA, Jorge – *A periferia perfeita. Op. cit.*, vol.1, p.421.

É o caso de João Luís Carrilho da Graça (1952-) que, uma vez tendo iniciado actividade docente no próprio ano da sua formatura (1977) e tendo-a exercido até 1992, se institui como autor de referência para uma geração mais nova [V. 4.2.2.5].

É também o caso de Manuel Graça Dias (1953-) que deixa a sua marca pela originalidade dos exercícios que propõe e pela forma como conduz as aulas no período de 1985 a 1996 [V. 4.2.2.5].

Estes são os nomes de alguns dos docentes contratados no período em estudo, mas naturalmente não podemos deixar de referir ao contributo fundamental de alguns dos professores em exercício provindos do período pré-revolucionário como é o caso de Frederico George (1915-1994), docente de 1957 a 1981 que, apesar de reservado, mantém um forte carisma e transmite, na docência, os temas com que trabalha desde cedo como pedagogo²⁰⁴ nomeadamente a análise física e social de edifícios ou exercícios abstractos próximos dos praticados na Bauhaus, para lá da sua personalidade. É também o caso de Tomás Taveira (1938-), docente desde 1971, cuja personalidade é indiscutivelmente marcante para muitos alunos e cuja acção se estende, no período em análise, para lá da sala de aula²⁰⁵ [V. 4.2.2.2].

Não podemos também deixar de referir o contributo destes mesmos professores enquanto recebedores de alunos trabalhadores-estudantes ou recém-formados nos seus *ateliers* mas os que, não estando enquadrados no sistema oficial, transmitem a essa geração uma pedagogia, uma *escola*; tal é o

²⁰⁴ Em 1940 Frederico George “inicia a sua actividade docente na Escola de Artes Decorativas António Arroio onde introduzirá o ensino do Design, matéria até aí não considerada, à luz de uma nova pedagogia e que desenvolvera no Ensino Superior da Arquitectura na E.S.B.A.L.”. SOUTO, Helena – Notas biográficas. In GEORGE, Frederico [et al.] – *Ver pelo desenho. Idem.* pp.45-59.

²⁰⁵ As nomeações que aqui se fazem não são fortuitas porque as mudanças que se operam na Escola por via da democratização permitem, agora, a escolha livre, por parte dos alunos, de quem querem ter como professores e este facto dá naturalmente azo à marcação de preferências e tendências. De igual modo, é sinal de uma nova “diferenciação nas relações de poder” entre alunos e professores. Cf. *O ensino e a revolução de 25 Abril. Op. cit.*

caso, por exemplo, do arquitecto Gonçalo Byrne (1941-) [V. nota 441].

Apesar dos critérios directivos quanto   contratação por convite resultarem na não integração de alguns nomes com maior visibilidade e carisma, a verdade é que o número de contratações se mostra progressivamente crescente. Olhando para o Quadro analítico do corpo docente [V. Anexo II.2.2] podemos n  s  verificar esse aumento como uma alteração abrupta que coincide com o início daquela que já apontamos como uma terceira fase do período em análise, ou seja, a partir de 1983. No geral, verificamos que, em 15 anos (1975-1990), o número de contratados passa de nove para 106. Podemos também verificar, analisando a tabela, que os docentes prov m essencialmente da capital, o que justifica, mais uma vez, a pertinência das hipóteses que esta dissertação levanta, nomeadamente o facto de a Escola de Lisboa ter uma identidade definível, neste período.

Estes professores estão sujeitos a regras de progressão na carreira pelo que, a dado momento, começam a surgir algumas provas internas de aptidão pedagógica ou de agrega o²⁰⁶.

2.3.4 Discentes

Ao questionarmos o contributo dos alunos para a reestruturação da Escola de Lisboa na sequência da sua reabertura, devemos-nos deter, desde logo, sobre alguns factos.

A par com o aumento da contratação de docentes está, naturalmente, o aumento do universo de alunos; segundo os dados recolhidos [Fig.11; V. Anexo II.2.1] verificamos que se em 1973 o número de inscritos rondava os 880, em 1981, o

Fig.11 Livro de diplomados do curso de Arquitectura da ESBAL/FAUTL

²⁰⁶ Constam da base de dados do centro de documentação da FAUTL as seguintes provas de aptidão pedagógica (elaboradas antes de 1990): 1964; Carlos Antero Ferreira e Nuno Portas; 1973: Tomás Taveira; 1987: Maria Velez; 1989: João Rodeia, Vítor Lopes dos Santos, Jorge da Cruz Pinto, Manuel Graça Dias e Eduardo Corte-Real. Praticamente não constam provas de agregação, na mesma fonte.

número de inscritos é já de 1180²⁰⁷ aumentando, progressivamente, até 1984, ano em que atingem o número de 1341. De seguida, dá-se uma ligeira quebra mas mantém-se a média de 1240 alunos inscritos anualmente até ao fim do período em análise²⁰⁸, ou seja, até 1990.

Este aumento tem implicações logísticas – será, por exemplo necessária a repartição das aulas por turnos [V. 2.2]²⁰⁹ - mas também expressões sociais; não só se verifica, agora, a convivência de alunos de origens muito mais diversificadas²¹⁰ - quebrando o elitismo do período anterior [V.1.3] - como a frequência de um grupo peculiarmente coeso de trabalhadores estudantes²¹¹.

Da mesma forma, assiste-se a um aumento expressivo da capacidade organizativa e interventiva estudantil.

É neste contexto que o testemunho da *Associação de Estudantes de Arquitectura* (AEA) – cuja primeira reunião ordinária data de um de Julho de 1977²¹² [Fig.12] – é considerado para esta análise; de facto, o “ambiente” que se vive na Escola no período que se segue à sua reabertura, as

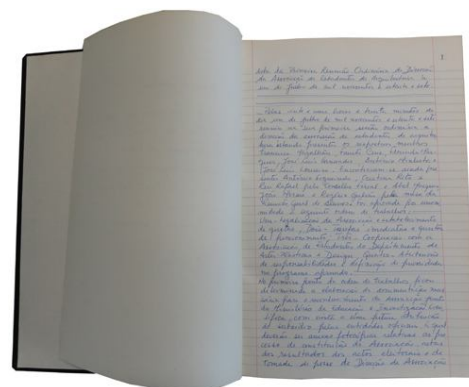


Fig.12 Livro de actas da AEA – primeira página (Acta n.º1 de 1 de Julho de 1977)

²⁰⁷ Neste ano a FAUP conta apenas com 384 alunos, ou seja, menos de um terço.

²⁰⁸ Também observamos que o ano de 1976 representa um pico no número de diplomados mas associamos esse facto ao que, supomos, terá sido uma “corrida” à regularização dos que teriam visto o seu curso interrompido pela Revolução.

²⁰⁹ Na Escola do Porto, na mesma época, apenas é necessário um turno.

²¹⁰ “Depois do 25 de Abril, quando eu entrei para a Escola, havia uma grande variedade de alunos e de proveniências e níveis culturais diferentes”; TAINHA, Manuel. In SILVA, Leonor Matos - *Entrevista a Manuel Tainha* [Registo sonoro]. Lisboa: Leonor Matos Silva. 2010. Acessível em arquivo pessoal. 1 Minidisc (39 min.): son.: 7x7x0,5 cm. [V. Anexo V.1].

²¹¹ Os trabalhadores estudantes formam uma turma única e representam cerca de 10% do total de alunos. São sobretudo homens e bastantes deles casados e com filhos trabalhando na vida activa em grande parte (cerca de 30%) como desenhadores. Cf. Escola Superior de Belas Artes de Lisboa/Alunos Trabalhadores Estudantes do 2º Ano da Licenciatura em Arquitectura – *Encontro com os profissionais da construção: balanço das visitas de estudo/2º Ano de Arquitectura dos Trabalhadores Estudantes da ESBAL* [Documento impresso]. 1978. 30cm. Acessível na Biblioteca da Ordem dos Arquitectos, Lisboa, Portugal. Cota CES 013 OASRS 1299.

²¹² Cf. Associação de Estudantes – Acta n.º 1-5. In Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Arquitectura. Associação de Estudantes – *Livros de Actas* [Caderno MSS]. 1977. Acessível no arquivo morto da A.E.F.A. (sob permissão), Lisboa, Portugal. É também em Julho 1977 que ocorre a primeira reunião da Assembleia de Representantes.



Fig.13 Divulgação do Convívio do Caloiro (1982); atrás um painel informa: “ESBAL / ESBAP: a mesma luta!”



Fig.14 Jornal *Perspectiva* n.º1 (Julho 1977)

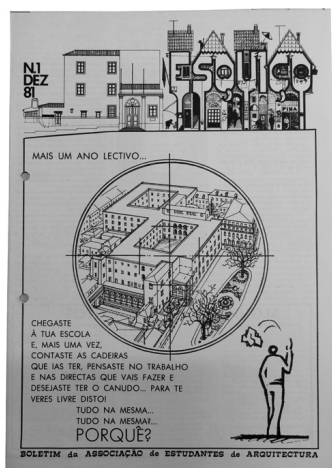


Fig.15 Jornal *Esquício* n.º1 (Dez 1981)

ocorrências mais significativas, as tendências políticas ou relações de poder, os interesses culturais e académicos, os sinais da democratização, estão entre os assuntos que aqui desenvolvemos e encontram-se ilustrados na documentação que, ainda hoje, se pode encontrar em arquivo²¹³.

Uma vez encerradas as controvérsias revolucionárias, podemos associar à actividade estudantil uma primeira fase subsequente – que corresponde ao período de 1975 a 1979, a que já designámos de fase 1 – que, apesar de paralela a um funcionamento escolar em pleno, reflecte reminiscências dessas mesmas contestações tendo como suporte a própria Associação, agora estruturada e estabilizada²¹⁴, à imagem de associações congêneres [Fig.13]. Mais significativa para o objecto de estudo será o início da fase 2 – que corresponde ao período de 1979 a 1983 - em que se observam outros interesses para lá das querelas revolucionárias tais como a alteração, em 1981, do nome e conteúdos da publicação da Associação (sob a forma de um jornal quinzenal)²¹⁵ [Fig.14-15], a organização de “colóquios” e a promoção de eventos culturais [Fig.16]. Progressivamente distanciando-se de manifestações políticas²¹⁶, a Associação passa a orientar a sua contestação sobretudo para as questões pedagógicas relativas ao próprio curso. A dada altura passa a ter como tema recorrente a

²¹³ Toda a documentação recolhida e sistematizada está listada na bibliografia.

²¹⁴ Disso dá conta o livro de actas de 1977 uma vez que contém registo da ocorrência de cinco reuniões de Direcção nos moldes mais formais. Cf. Associação de Estudantes – Acta n.º 1-5. In Universidade Técnica de Lisboa – *Livros de Actas. Op. cit.* 1977.

²¹⁵ A par dos *Boletins Informativos* que são coordenados, tal como o haviam sido no período pré-revolucionário, pela Direcção da Escola, juntam-se agora o jornal *Esquício* [V. fig.15] que, a partir de 1981, vem substituir o *Perspectiva* [V. fig.14].

²¹⁶ Em comunicado datado de 1982, a AEA invoca que “a RIA – Reunião Inter-Associações – pretende politizar as lutas dos estudantes fazendo encaixar os seus protestos com protestos políticos” acrescentando que “A AE [Associação Estudantes] exprime a não concordância (...) por sentir que não é representativa do universo dos estudantes”. Cf. Escola Superior de Belas Artes de Lisboa. Associação de Estudantes de Arquitectura [et. al.] – *Não à greve do secretariado da RIA* [Folheto]. 1982. 1fl; 30cm. Acessível no arquivo morto da A.E.F.A. (sob permissão), Lisboa, Portugal.

impreparação dos recém-formados face à prática²¹⁷ mas, sobretudo, o descontentamento para com a falta de clareza das pedagogias praticadas²¹⁸.

É particularmente pertinente observar estes dois últimos aspectos pois é aqui que assentam as leituras mais comuns, entre os formados no período em estudo, sobre a herança pedagógica que a Escola terá imprimido na sua actividade profissional²¹⁹.



Fig.16 Exposição “Arquitectos Portugueses”, org. AEA (s/ data)

²¹⁷ Uma das perguntas feitas a Augusto Brandão em entrevista em 1982, carrega uma crítica nesse sentido: “Muitos recém-formados revelam carências a nível de uma prática profissional corrente. Daí a acusação de um certo teor livresco e académico quanto ao ensino que aqui se processa”. LAMAS, José [et al.] In BRANDÃO, Augusto Pereira – Entrevista. *Op. cit.* p.68.

²¹⁸ Em 1987, um aluno refere que “têm sido tentadas várias fórmulas curriculares, mas todas pecam por falta de coordenação entre as diversas matérias”; Cf. COELHO, Raul – Escola... Licenciatura... E depois? *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 55 (1987), p.5. No mesmo ano, um professor refere que “é interessante verificar a consciência/empenho que os alunos começam a denunciar através dos percursos [profissionais] por que alguns vão optando, como que convidando o corpo docente a uma mais clara (...) explicitação de ideias e métodos pedagógicos.” TAMM, Carlos – Ensino. *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 55 (1987), p.5.

²¹⁹ “O universo da Faculdade de Arquitectura não foi para nós muito rico; (...) não extraio da escola uma grande memória. As nossas aprendizagens foram mais feitas na vida prática.” MATEUS, Manuel Aires – Conceptualizar os campos de tensões / por Rui Barreiros Duarte. *Arquitectura e Vida*. [S.L]. n.º 54 (2004), p.40.



Fig.17 Imagem televisiva de vídeo de retrospectiva do ano escolar de 1985 (s/ dados específicos)



Fig.18 Imagem televisiva de vídeo de retrospectiva do ano escolar de 1985 (s/ dados específicos)

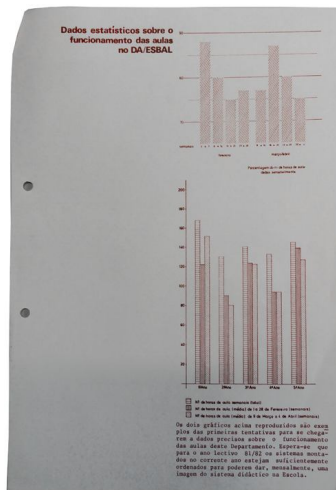


Fig.19 "Dados estatísticos sobre o funcionamento das aulas no DA/ESBAL" – artigo do *Boletim Informativo* n.º3 (1981); em baixo a legenda diz "primeiras tentativas para se chegarem a dados precisos (...)"

2.4 Formação e investigação

Se o propósito de uma escola reside no cultivar do conhecimento científico, as estruturas legais que esta propõe enquanto *processo* para esse fim são particularmente importantes na reflexão que se pretende. Acresce que, observando que a única instituição de ensino de arquitectura da capital não contempla, no período em destaque, uma significativa vertente de investigação em arquitectura - o nosso olhar é desviado sobretudo para as suas bases formativas [Fig.17-18].

Assim, começámos por sistematizar os planos de estudos e cruzá-los com as orientações pedagógicas específicas - nomeadamente os programas das cadeiras de Arquitectura e Planeamento, visto constituírem o cerne do currículo escolar no período em estudo - e testemunhos dos seus agentes. Simultaneamente fizemos corresponder cronologicamente a evolução dos regimes de faltas e dos critérios de avaliação bem como outras particularidades relevantes.

2.4.1 Planos de estudos propostos *versus* oficiais

Relativamente aos planos de estudos constatámos, desde logo, que existem duas realidades distintas: por um lado os planos que foram sendo projectados e por outro aqueles que foram legislados.

Se temos como propósito a análise à pedagogia que se procurou, seria lógico pensar que importa mais perceber as orientações, escolhas, propósitos dos primeiros. No entanto, é também importante observar o que está legislado – sobretudo quando ocorre *a posteriori*, como é o caso do que se aplica aos planos de estudos ministrados entre 1975 a 1983²²⁰ – uma vez que, cremos, corresponde mais fidedignamente ao que, de facto, se efectivou [Fig.19]²²¹.

²²⁰ Portaria n.º 503/84 de 25 de Julho.

²²¹ Esta suposição tem como base, além de outros indícios, as próprias justificações da Portaria em causa, tais como: "Urge consagrar legalmente os

Também é caso para acrescentar que os planos esboçados (ou não legalizados [V. 1.3.2]) não estão suficientemente documentados para serem tidos em conta.

Seja como for, é com base nestes projectos – nomeadamente os apresentados em 1975 [V. nota 129] – que comprovamos a existência de uma pressão sobre a reabertura da Escola. Da mesma forma, é debruçando-nos sobre o *Curso de Arquitectura Segundo a Reestruturação que se Propõe*²²² – que se crê ser o Plano que serve de base para o reinício das aulas – que verificamos uma primeira orientação em volta de três áreas fundamentais – Arquitectura, Planeamento e Construções²²³ – que vem confirmar os planos oficiais posteriores.

2.4.2 Planos de estudos oficiais - generalidades

Olhando então os planos oficiais, verificamos que a tónica comum – entre si e relativamente ao Plano anterior (de 1957) – reside na escolha das áreas científicas [V. Anexo II.3.1] e, igualmente, na preponderância de cada uma delas tendo em conta a sua sequência das suas cadeiras homónimas (ou o número de anos que a mesma cadeira é leccionada) e respectiva carga horária [V. Anexos II.3.2.1 - II.3.2.12]; assim, as áreas de *Projecto* e *Planeamento Urbano*, por um lado, e as áreas de *Desenho* e *Construções*²²⁴, por outro, podem ser

planos de estudos que entretanto foram ministrados”. Cf. *Idem*. Outro dos indícios considerados é o registo de *cadeiras não leccionadas* constantes de documentos oficiais consultados nos próprios Serviços Académicos da Faculdade. Cf. Faculdade de Arquitectura – *Programas e cargas horárias*. *Op. cit.*. Um outro indício é a prova de uma ocorrência curiosa, datada do ano lectivo de 1976/77, que demonstra colaboração entre a Associação de Estudantes e a Direcção da Escola no sentido de sistematizar dados sobre o quotidiano das aulas, nomeadamente quais as cadeiras que não estão a ser leccionadas e em que condições decorrem as restantes através da nomeação de um responsável (delegado de turma) para o efeito. Cf. Associação de Estudantes de Arquitectura – *Perspectiva 1*. *Op. cit.*.

²²² Cf. TAMM, Carlos – *Escola de Lisboa*. *Op. cit.*. Segundo o autor, este Plano, que é assinado por “um grupo de estudantes” em 23 de Janeiro de 1975, tem Frederico George como co-autor e é baseado nos seus estudos anteriores datados dos anos 70 [V. 1.3.2]. A incidência na formação prática não deixa de ser um forte indicador quanto à veracidade da sua co-autoria.

²²³ BRANDÃO, Augusto Pereira – Entrevista. *Op. cit.* p.67.

²²⁴ Designações genéricas consideradas para a presente análise que não correspondem ao nome oficial.

consideradas como as principais em todos os planos observados. O mesmo se conclui quando se observa, paralelamente, os objectivos programáticos das ditas cadeiras homónimas (ou as cadeiras do mesmo nome que correspondem a essas mesmas áreas científicas) as quais não apresentam diferenças muito significativas nem entre si, nem relativamente ao modelo de 57²²⁵.

Quanto às diferenças entre a nova sequência de planos de estudos – que, relembramos, percorre o período de 1975/76 a 1989/90 – relativamente ao Plano de 1957, estas residem, sobretudo, no facto de o curso ser encurtado tanto por via da redução do número de anos lectivos (que passam de seis para cinco) como por via da não inclusão de um período profissionalizante ou pré-profissionalizante (do tipo *Estágio*, *Seminário* ou outro).

Estas diferenças são objecto de discussão entre a classe²²⁶ mas a Lei não toma posição²²⁷.

Outro dos aspectos que não podemos deixar de referir como caracterizador deste novo tempo é a alteração de leituras relativamente à assiduidade e aos métodos de avaliação; aos novos ideais democráticos é associada uma inicial abolição do regime de faltas cujo aspecto negativo se verifica ser o absentismo²²⁸; mas também o novo regime de avaliações – que

²²⁵ De facto, parece consensual que “A Reforma de 57 instituiu de certa forma um novo modelo de ensino da arquitectura que continua a vigorar até aos dias de hoje.” ALMEIDA, Rogério Vieira de – A reforma de 1957, a arquitectura entre si própria e a sua representação. *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 202 (2001), p.21.

²²⁶ Sobre este tema – cuja discussão se prolonga até hoje - Nuno Portas diz : “O principal argumento para não encurtar os cursos reside fundamentalmente, na incompressibilidade do tempo de progressão e maturação que exige a aprendizagem complexa do processo de projectar.” PORTAS, Nuno – Ensino: os projectos dos arquitectos. *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 201 (2001), p.29.

²²⁷ A homologação dos planos de estudos de estudos “não significa uma tomada de posição quanto à estrutura curricular (...) sem estágio, questão que deve ser estudada com ambas as escolas que formam arquitectos.” Cf. Portaria n.º 503/84 de 25 de Julho.

²²⁸ Em reunião Conselho Científico, Tomás Taveira põe à discussão o absentismo do Corpo Discente e do Corpo Docente, o que “faz do curso um curso por correspondência”. Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Arquitectura. Conselho Científico – *Actas do Conselho Científico: 1987-1988/Faculdade de Arquitectura* [Documento impresso]. 1987. 30 cm. Acessível na Biblioteca da F.A.U.T.L., Lisboa, Portugal. Cota ACTAFA1.

determina que a avaliação passa a ser exclusivamente contínua²²⁹ – resulta de uma “vitória” dos estudantes²³⁰ e é apenas alterado para regime misto – ou seja, incluindo outros métodos de avaliação - em 1987²³¹.

Há sobretudo que notar que os assuntos desta natureza estão agora ao alcance dos estudantes sendo que a singularidade das circunstâncias ou do ambiente pós-revolucionário e o seu significado é até, por muitos, especialmente lograda²³².

2.4.3 Planos de estudos oficiais - particularidades

Quanto a aspectos concretos dos ditos planos de estudos, estes serão mas claramente entendidos se tivermos em conta as quatro fases já delimitadas na introdução do capítulo; a esta separação não é, ainda, alheio o facto de os programas das cadeiras sofrerem alterações de acordo com quatro momentos que correspondem rigorosamente às fases que se considerou para esta análise em particular [V. Anexo II.4].

2.4.3.1 Fase 1: planos de estudos de 1975 a 1979

Além dos aspectos já referidos, olhando para esta primeira fase ressalta um tema que parece motivar alguns daqueles que participam activamente na reconstrução da Escola que é o do ensino do Planeamento²³³. Observando as intenções da Direcção da Escola²³⁴ bem como os programas da cadeira para

²²⁹ BRANDÃO, Augusto Pereira – Entrevista. *Op. cit.* p.68.

²³⁰ Cf. Escola Superior de Belas Artes de Lisboa. Associação de Estudantes de Arquitectura – *Perspectiva: edição especial* [Documento fotocopiado. Periódico]. 1977. 1fl. 30cm. Acessível no arquivo morto da A.E.F.A. (sob permissão), Lisboa, Portugal.

²³¹ Cf. BRANDÃO, Augusto Pereira – A Faculdade de Arquitectura. *Jornal Arquitectos*. n.º 55. *Op. cit.* p.11.

²³² Manuel Graça Dias relata um pouco desse ambiente quando diz: “Aquilo era super democrático, inscrevíamo-nos na cadeira que quiséssemos... Tinha que se acabar o que se trazia em atraso, e como tal tinha que se fazer umas cadeiras e eu escolhi *Comunicação*. (...) Trouxemos os nossos colegas todos para lá, fazíamos exercícios à volta da mesa. Era tudo com uma velocidade incrível; era tudo muito forte.” GRAÇA DIAS, Manuel cit. por FIGUEIRA, Jorge – *A periferia perfeita*. *Op. cit.* vol.2, p.88.

²³³ A cadeira tomará, sequencialmente, os nomes de: *Planeamento*, *Desenho e Renovação Urbana*, *Planeamento Urbano* e, por fim, *Urbanologia* (retomando a designação do modelo de 1957).

²³⁴ Questionado sobre o “retrato do arquitecto saído da Escola”, Augusto Brandão responde que “a escola deve deixar transparecer esse acto

esta primeira fase constata-se, de facto, o objectivo de abarcar sistematizadamente todos os temas do urbanismo. Conclui-se ainda, de acordo alguns testemunhos, que estes mesmos objectivos terão sido cumpridos com relativo sucesso²³⁵.

No caso da cadeira de *Arquitectura*²³⁶, o programa inclui o tema da *habitação mínima* enquadrado na “procura de uma proposta normativa nacional”²³⁷ [V. Anexo II.4.2].

Já em 1976/77 começa a ser ensaiado o primeiro desdobramento entre *Arquitectura* e *Planeamento* como disciplinas optativas do 4º e 5º anos. São também introduzidas novas disciplinas que têm sobretudo a ver com a gestão regional, industrial e agrária, relativas, supomos, às alterações políticas em curso no país. Esta proliferação de disciplinas “criada experimentalmente” revela-se “extremamente ambiciosa” resultando em que “a Escola claudicasse bastante”²³⁸. A implementação de uma nova estrutura que procura “atingir o passo intermédio entre uma estrutura e outra” é aquilo que consideramos como momento de viragem para uma segunda fase.

formativo em que se faça sentir que a cidade é o último e o primeiro elemento referente do arquitecto”; BRANDÃO, Augusto Pereira – Entrevista. *Op. cit.* p.68.

²³⁵ “Podemos considerar que de 1975 a 1982, no Departamento de *Arquitectura* da Escola Superior de Belas-Artes, se produziu uma licenciatura em *Arquitectura*, com uma forte componente em *Planeamento Urbano* ou *urbanismo/desenho da cidade*. (...) Posso afirmá-lo porque os vivi. Foram excelentes anos e creio que a formação urbanística terá sido (...) determinante nesse período. Os alunos desse tempo, hoje profissionais já experientes, permitem-me confirmar com prazer e nostalgia esta impressão. (...) De 1976 até 1984 (...) foram de facto anos em que se ensinou *urbanismo* no velho convento de S. Francisco.” LAMAS, José Manuel Ressano Garcia – *Relatório: programa, conteúdos e métodos de ensino* [Documento dactilografado]. 1992. 151 p.; 30cm. Concurso para Professor Associado do Grupo VII de disciplinas – *Urbanismo* da Faculdade de *Arquitectura*; Texto policopiado. Acessível na Biblioteca da F.A.U.T.L., Lisboa, Portugal. Cota PAS 1.D.

²³⁶ A cadeira tomará os nomes de *Arquitectura* e *Projecto*.

²³⁷ Faculdade de *Arquitectura* – *Programas e cargas horária*. *Op. cit.* Programa da cadeira de *Arquitectura III*, ano lectivo 1975/76. [V. Anexo II.4.2].

²³⁸ BRANDÃO, Augusto Pereira – Entrevista. *Op. cit.* p.67.

2.4.3.2 Fase 2: planos de estudos de 1979 a 1983

O ano lectivo de 1979-81 orienta a Escola para a estabilidade²³⁹; e começa a surgir, agora – tal como explícito no programa da cadeira de *Planeamento Urbano I* [V. Anexo II.4.3] – uma orientação tendencial clara em torno da ideia do *Planeamento* completar *Arquitectura* numa só cadeira, tendência que se verá confirmada no Plano de 1982/83 o qual introduz o conceito de *Projecto* como disciplina síntese de outras matérias. Ainda assim, a este período continua a ser associada um ensino de urbanismo preponderante.

2.4.3.3 Fase 3: planos de estudos de 1983 a 1989

Numa terceira fase, as bases programáticas atingem a estabilidade, no entanto o “clima democrático” descrito para os primeiros anos começa agora a ser posto em causa. Se, por um lado, o absentismo se torna notório, por outro questiona-se a existência de “cursos nocturnos” (especialmente atribuídos aos trabalhadores estudantes)²⁴⁰.

Pedagogicamente, no âmbito da discussão geral sobre a formação em arquitectura e, nomeadamente, da cadeira de *Projecto* face às subsidiárias, surgem aqueles que acreditam no modelo em vigor²⁴¹ mas também os críticos; em 1987 é notada, por parte de um estudante a “muito acentuada importância das disciplinas teóricas de apoio ao projecto em detrimento deste último, ficando o aluno com muito pouco tempo para fazer arquitectura”²⁴². Anos mais tarde há quem afirme que o sistema se baseia no “princípio da dispersão” e

²³⁹ O facto de os planos de estudos que se seguem - posteriormente legalizados - serem muito semelhantes entre si faz crer que a prática de cada ano lectivo também o tenha sido.

²⁴⁰ Cf. Concelho Científico – *Actas do Conselho Científico: 1987-1988. Op. cit.*

²⁴¹ “Assume especial importância a cadeira de Projecto (...) por constituir um elemento integrador de conhecimento de outras áreas (...), por simular a prática oficial característica da profissão e, ainda, por ser campo para “a descoberta do método” por parte de cada aluno.” DIAS, Francisco da Silva – Para um ensino universitário. *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 55 (1987), p.7.

²⁴² COELHO, Raul – *Ibidem*.

que *Projecto* se tornou “ao longo dos anos” – e ao contrário do que se pretendia - numa “disciplina acessória”²⁴³.

Em concreto, o que distingue substancialmente esta fase das restantes é o facto de inaugurar uma ramificação efectiva do 5º ano em três ramos optativos: *Arquitectura*, *Planeamento Urbano* e *Renovação e Conservação da Arquitectura e Núcleos Urbanos*. Assiste-se, também, a um mais expressivo afluxo aos programas de pós-graduação²⁴⁴ – a par da já referida manifesta subida na contratação de professores.

2.4.3.4 Fase 4: plano de estudos de 1989/90

A quarta e última fase em análise enquadra-se numa realidade política muito diferente das anteriores; a entrada na União Europeia e abertura de outros cursos de arquitectura, em 1986, começará, em breve, a ter reflexos concretos quanto ao ensino de arquitectura. É deste modo que observamos esta fase como uma fase final mas também como ponto de partida; se, por um lado, é novamente retomada a opção de um currículo único, sem ramificações, por outro, o plano de estudos de 1989/90 inaugura uma nova era no que respeita à preparação pedagógica de cada ano lectivo uma vez que surge legislado e publicado no início do próprio ano lectivo.

Relativamente ao ensino de urbanismo, no qual nos debruçámos particularmente, observamos agora que este perde a denominação gerada com o 25 de Abril (de *Planeamento*) e retoma a designação do Plano de 1957 (de *Urbanismo*, associado a cadeiras introdutórias tais como *Urbanologia*) constituindo uma só cadeira anual, no 4º ano²⁴⁵. Essa perda de estatuto no currículo do curso é contornada por alguns os professores²⁴⁶ mas a discussão em torno do tema

²⁴³ ALMEIDA, Rogério Vieira de – A reforma de 1957. *Op. cit.* p.23.

²⁴⁴ Em 1987/88 são abertos quatro cursos de mestrado. [V. Anexo II.5].

²⁴⁵ *Urbanismo* não consta das cadeiras obrigatórias nem do 1º ao 3º ano nem no 5º ano, no qual se encontram, por exemplo, *Projecto* e *Estruturas*.

²⁴⁶ Na sequência de uma censura a esta opção curricular, José Lamas acrescenta, ao referir-se a “um grupo de docentes”, que “sobretudo aqueles que haviam ensinado planeamento na ESBAL fazem um esforço para

nunca será encerrada, interna ou externamente²⁴⁷; no caso da Escola de Lisboa, o ensino do urbanismo acabará mesmo por constituir uma licenciatura autónoma²⁴⁸.

2.4.4 Planos de estudos oficiais da Escola do Porto

Considerando a existência de dois cursos de arquitectura no país, será também pertinente olhar, ainda que sumariamente, a base pedagógica oficial do curso de arquitectura ministrado na Escola do Porto.

Começando por observar a estrutura que, inaugurada em 1968 como *regime experimental*, se mantém até 1983²⁴⁹, sublinhamos o facto de esta contar apenas com cinco disciplinas.

A disparidade no número de disciplinas entre as duas escolas não deixa de nos fazer interrogar sobre o motivo do rumo tomado na Escola de Lisboa; de facto, se nos recordarmos dos princípios que acompanham Frederico George ao longo da sua carreira como pedagogo – nomeadamente quando este defende que “os “curricula” duma escola de arquitectura deverão ser o menos definidos possível” de forma a dar algum espaço à experimentação didáctica²⁵⁰ - e se tivermos em conta, ainda, testemunhos de alunos sobre a prática de um currículo tão diversificado²⁵¹ – já que o que acaba por se implementar

abordarem nas aulas de projecto temas urbanos”; LAMAS, José – *Relatório*. *Op. cit.*.

²⁴⁷ A discussão sobre ensino do urbanismo anda em torno do tema da sua autonomia disciplinar (ou não) face à Arquitectura. Disso dão conta reflexões como as de Nuno Portas e Pedro George para edições da JA relativas ao ensino da Arquitectura; Cf. *Jornal Arquitectos: Faire École 1*. Lisboa. 2001, n.º 201. ISSN 0870-1504 e *Jornal Arquitectos: Faire École 2*. *Idem*, n.º 202. *Idem*.

²⁴⁸ A Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa inaugura, em 1992, cinco novas licenciaturas entre as quais *Arquitectura do Planeamento Urbano e Territorial* e *Arquitectura de Gestão Urbanística* [V. 6.5 e nota 550].

²⁴⁹ É em 1983 que o Plano de Estudos ministrado desde 1968 é plenamente reconhecido. Cf. Decreto n.º 61/83 de 12 de Julho.

²⁵⁰ GEORGE, Frederico – Discurso. *Ibidem*.

²⁵¹ “O elevado número de cadeiras (...) só tem contribuído para um violento ritmo de estudo (...) [e] apesar do esforço de interdisciplinaridade (...) continua a ser evidente o pouco interesse e utilidade que despertam as matérias de certas cadeiras subsidiárias, antes parecendo que estão no

como *versão final* no Plano de Estudos de reabertura da Escola apresenta cerca de 17 disciplinas - não podemos deixar de tomar esse facto como indício das hipóteses que se demonstrarão no final deste capítulo.

Acresce que a Escola do Porto não prescinde de um período de *Estágio* (6º ano) para conclusão do curso, nem no contexto do *regime experimental* nem no plano que se segue que estabelece, em 1984, uma nova estrutura orgânica²⁵². Aliás, o novo Plano de Estudos – que apenas acrescenta áreas científicas optativas às áreas científicas já previstas - propõe o alargamento da realização do *Seminário* (6º ano) de seis meses para um ano.

Contudo, podem-se observar semelhanças como a natureza das áreas científicas a ministrar, bem como o ensaio de *especializações* - o que ocorre neste segundo Plano de Estudos pela ramificação do 5º ano em três opções²⁵³.

Plano de Estudos mais para encher do que para formar.” Escola Superior de Belas Artes de Lisboa. Associação de Estudantes de Arquitectura – *Esquiço 1* [Documento fotocopiado. Periódico]. 1977. 1fl desdobr., il.; 30cm. Acessível no arquivo morto da A.E.F.A. (sob permissão), Lisboa, Portugal.

²⁵² Cf. Portaria n.º 815/84 de 20 de Outubro.

²⁵³ Fontes consultadas deixam adivinhar que se trate de A - *Urbanismo*, B - *Edificações* e C – *Reconversão*.

2.5 Didáctica

Se é verdade que é sobre uma base programática que se constrói o carácter de uma escola, o que a faz ser distinta de outra - ainda que tenham estruturas legais semelhantes, como é o caso de tantas instituições, tão diversas entre si – é a ocorrência, por *entre linhas* dos sistemas oficiais, da movimentação de correntes ou do estabelecimento de práticas complementares.

Observada a tendência, nas diversas fontes consultadas, em atribuir à Escola de Lisboa uma debilidade ou ausência de clareza didácticas – hipótese esta em parte resultante da necessária comparação para com a harmonização pedagógica da *Escola do Porto* sinalizada pela relativa continuidade que se observa entre os períodos pré e pós-revolucionário – sentimos ser necessário procurar o fundamento dessas hipóteses de forma criteriosa.

Vistos que estão os *factores objectivos* – nomeadamente relativos a quatro vertentes fundamentais: a institucional, a física, a humana e a formativa – tudo indicia, de facto, que a Escola de Lisboa é uma instituição que, como tantas outras sujeitas à destabilização provocada pelo 25 de Abril, se reestrutura e desenvolve sobretudo procurando uma nova credibilidade o que não a faz destacar-se particularmente como uma inovadora escola de ensino de arquitectura, como muitos desejariam²⁵⁴.

Não será uma *escola* porque, na mesma medida em que uma *escola de tendência* só o é, por definição, como resultado de uma harmonização circunstancial, qualquer instituição se molda às circunstâncias que a envolvem consoante uma multiplicidade de factores sobre os quais concorrem uma igual multiplicidade de acções e projectos; no caso da Escola de Lisboa verifica-se que nenhum dos “agentes de ensino” consegue reunir o colectivo em torno de um ideário original

²⁵⁴ As recorrentes referências bibliográficas ao que a Escola *deveria ter sido* no aspecto pedagógico assim o indicam.

nem terá possibilidade ou vontade de se propor a quebrar um sistema legalista e pesado abrindo caminho a fórmulas mais produtivas.

De facto, se entre os professores é denunciado que “desde 1976 que todos os planos de estudos se têm sucedido sem o complemento de textos ou documentos de orientação científica ou pedagógica, curricular e didáctica”²⁵⁵, também é verdade que a Direcção da Escola alega estarem disponíveis todos os recursos para um efectivo debate, em colaboração “disciplinada” [V. nota 200].

No entanto, não só os parques contributos considerados – como os estudos levados a cabo por Frederico George – são aplicados “aos bocados, (...) aos farrapos”, de forma “sempre um bocado errática [que] tratava sobretudo de currículos”²⁵⁶ como também se assiste a “uma certa separação (necessária?) (...) entre a vida administrativa/gestão da escola, e o exercício da actividade académica e docente”²⁵⁷.

Assim, não será abusivo afirmar que a Escola está, na prática, sujeita a um ensino protagonizado pelo quotidiano de uma sala de aula encabeçada por *este ou aquele* professor, com *esta ou aquela* orientação²⁵⁸.

Do ponto de vista dos alunos passar-se-ia o mesmo. Ricardo Bak Gordon, admite que:

“Na Escola de Lisboa, ao contrário [da Escola do Porto], havia uma atmosfera muito mais independente (...) portanto dir-se-ia que tu estavas um bocadinho mais por tua conta e risco, eras mais autodidacta” (GORDON, 2009, p.11)

As aulas são, ainda, descritas como conjuntos de “ilhas (...) que os estudantes iam percorrendo sem descortinar qualquer nexos entre elas que não fosse a personalidade dos seus

²⁵⁵ LAMAS, José – *Relatório. Op. cit.*

²⁵⁶ TAINHA, Manuel. In *Entrevista. Idem.* [V. Anexo V.1].

²⁵⁷ TAMM, Carlos – *Ensino. Ibidem.*

²⁵⁸ “O regime liberal que reinava na ESBAL deixava que cada professor orientasse o seu curso segundo a sua interpretação do facto arquitectónico ou do acto projectual.” TAINHA, Manuel. In *Entrevista. Idem.* [V. Anexo V.1].

docentes e consequente melhor ou pior qualidade do seu ensino”²⁵⁹.

Mas a o *liberalismo de critérios de ensino* entre os professores, o *auto didactismo* entre alunos, a *orgânica espontânea* das aulas e, por fim, as recorrentes ideias de *pluralidade* e *permeabilidade* não deixam de inspirar alguns ensaios a uma categorização didáctica da Escola de Lisboa. É o caso do próprio Manuel Tainha que vem corroborar a tese de Carlos Tamm que diz que “a nova faculdade poderá descobrir a sua vocação através do delinear, com contornos mais seguros, de uma estrutura de escola de massas assente na diversidade da sua capacidade formativa e num carácter mais assumidamente optativo para o percurso de cada aluno”²⁶⁰; com efeito, ao escrever um artigo sobre a Escola, Manuel Tainha demonstra compreendê-la e prezá-la ao ponto de crer que a esta “esteja reservado um papel importante na actual encruzilhada”.

No texto citado, Manuel Tainha começa por contextualizar a bipolarização Lisboa-Porto e as suas razões, nomeadamente a “mais feroz repressão” imposta na Escola da capital, demonstrando, em seguida, “querer acreditar” que:

“É chegado o momento de a Escola de Lisboa se afirmar como uma (...) “universitas studiorum” de actualíssima versão, lugar onde: o modo de pensar (...) a Architectura seja o corolário (...) da existência de variantes; a ausência de dogmatismo seja a tónica dominante no processo de aprendizagem (...); aonde a escola criativa não signifique necessariamente (...) a originalidade e a inovação a todo o custo; aonde haja lugar para a prática do auto didactismo como forma de reconciliar as duras realidades da “escola de massas” (...); finalmente, aonde acima de programas, planos e estruturas, as pessoas gostem e acreditem naquilo

²⁵⁹ LAMAS, José – *Relatório. Op. cit.*

²⁶⁰ TAMM, Carlos – *Ensino. Ibidem.*

que estão a fazer (...) e sejam capazes de reflectir criticamente sobre o seu trabalho.” (TAINHA, 1989, p.39)

As ditas *pluralidade* e *permeabilidade* - que parecem ser os conceitos mais procurados para caracterizar não só a pedagogia da Escola como a própria arquitectura *de Lisboa* - não se constituindo como opções programáticas conscientes, não deixam, ainda assim, de ser, em certo sentido, *reais*; de facto, a Escola representa realmente um campo aberto e volátil e, como tal, a formação nela ministrada sujeita-se às mais variadas influências, tanto ao nível do quotidiano das *aulas* como de outras ocorrências “pedagógicas” particularmente significativas que veremos a seguir.

É esse o sentido que poderemos também demonstrar através da leitura de alguns trabalhos escolares e testemunhos. A ausência de apreensão de um *processo de projecto* resulta na inclusão de referenciais que lhe são exteriores e na exploração do *desenho complementar/artístico* como preferencial ao *desenho analítico*.

Por tudo isto a Escola vai vivenciando uma dinâmica de auto-gestão estando, assim, sujeita a ser orientada por quem lhe tomar a dianteira e sua respectiva *idiossincrasia*. Não é de admirar, então, que Tomás Taveira conheça um especial protagonismo neste período, nomeadamente pelo seu papel na divulgação da arquitectura pós-moderna; com efeito, se, em Janeiro de 1983, Fernando Távora declara, serenando os cépticos nortenhos, que “continuamos iguais”²⁶¹, fá-lo justamente pouco tempo depois da inauguração – em Abril de 1982 – do primeiro *Seminário Internacional de Arquitectura* cujo tema *A tradição clássica e o movimento pós-modernista* demonstra bem a abertura da Escola ao conhecimento de novos paradigmas de fazer arquitectura.

²⁶¹ A comissão instaladora. *Ibidem*.

2.6 Actividade

Vistos que estão os factores que sustentam o funcionamento de base do Departamento de Arquitectura da ESBAL, ou as suas componentes *estáticas*, debruçamo-nos agora sobre as principais ocorrências que nela têm lugar fora do âmbito do regular funcionamento. Se, de entre a documentação recolhida tivéssemos encontrado um qualquer *plano de actividades* para cada ano – mais precisamente para a Escola em si e para a Associação de Estudantes - teríamos, porventura, chegado a estas mesmas ocorrências assinaladas no o Quadro do Anexo II.5.1.

Tomando este Quadro como base temos que uma leitura geral nos permite concluir, em primeiro lugar, que no campo das *acções e contestações associativas estudantis*, os temas abordados são essencialmente a configuração da Escola no seio da universidade e a gestão do seu funcionamento interno. No campo dos *Eventos expositivos e culturais* e da *Organização de Simpósios, Encontros e Debates* encontramos quatro temas recorrentes: *Lisboa* – a cidade e os seus edifícios – o *Ensino de Arquitectura*, o *Património* e as tendências emergentes de novas expressões arquitectónicas²⁶².

2.6.1 Fase 1: de 1975 a 1979

Esta fase corresponde, como já temos vindo a referir, a um período instável; as reuniões inaugurais da Associação de Estudantes – datadas de 1977 – sucedem-se e os estudantes estão essencialmente preocupados na sua própria organização enquanto “voz activa”.

Não se encontram registos de eventos culturais e muito menos científicos.

2.6.2 Fase 2: de 1979 a 1983

Nesta fase os estudantes não ficam atrás da Direcção da Escola no que respeita à organização de um número não

²⁶² O destaque destes temas não é gratuito. [V. cap.IV].

desprezável de eventos sendo responsáveis por exposições e concursos, entre outros.

Destacamos, no âmbito do “Plano de Actividades” da *Associação*, tal como exposto em acta de 16 de Dezembro de 1981, a intenção de fazer uma exposição sobre a nova sede da Associação dos Arquitectos Portugueses (AAP) e a proposta de conferências sobre temas, em diversos casos, relacionados com a cidade de Lisboa²⁶³. Projectam-se ainda “visitas guiadas a obras de arquitectos em Lisboa”.

Veremos mais à frente da importância destes temas [V. cap.IV].

Destacamos, também, a exposição do Arquitecto Manuel Vicente em Maio de 1982 a qual conta com uma discreta referência num dos jornais da *Associação* mas sobre a qual obtivemos confirmação de um estudante da altura²⁶⁴.



Fig.20 1ª Feira do Livro de Arquitectura na “sala azul e rosa” da ESBAL (1983)

Acrescentamos, por fim, a *Feira do Livro* [Fig.20] – não tanto pelo evento em si mas mais pela especulação que invocam as fotografias da mesma. Nestas podemos observar – além da disposição de livros sobre mesas e estantes numa sala de tecto abobadado, como seriam muitas, e pessoas a consultar os mesmos – uma decoração claramente alusiva a valores historicistas neoclássicos e *pop*, em simultâneo²⁶⁵; trata-se de “uma sala do convento” sujeita a “obras de remodelação (...) pelos próprios alunos” (em 1981) as quais incluem a requalificação dos vãos e a pintura das paredes “em três cores: branco, azul claro e cor-de-rosa” a qual justifica a renomeação da dita sala de “sala 48” para “sala azul e rosa”²⁶⁶.

²⁶³ Uma das conferências propostas tem mesmo o título “Cidade de Lisboa”.

²⁶⁴ João Santa-Rita refere o evento como mostra de “*desenhos e outros registos*”. In SILVA, Leonor - *Manuel Vicente: 15 Edifícios na rota do Oriente. Seminário* [Apontamentos MMS em caderno]. 2010. 30cm. Acessível em arquivo pessoal, Lisboa, Portugal.

²⁶⁵ A fotografia mostra colocação de um “arco” estilizado acoplado ao vão que separa duas assoalhadas e o seu “gémeo” na parede do fundo. O segundo arco está recortado ao centro e o vazio resultante dá lugar a um capitel do tipo clássico que remata igualmente uma meia coluna provinda de baixo. Os dois “arcos” estão pintados de cor-de-rosa, lilás e encarnado.

²⁶⁶ Cf. *Boletim Informativo 2. Op. cit.*

A Direcção da Escola também se empenha na realização de exposições. Os temas são variados mas confirma-se a preferência dada à cidade de Lisboa como tema²⁶⁷.

Destacamos a Exposição *Record Interiors*, em Janeiro de 1983, porque nos interessa fazer notar a relação da Escola com o *design* de interiores e com a realidade americana [V. 3.1.2]; trata-se da mostra anual de “interiores de topo”²⁶⁸ da revista *Architectural Record* e repetir-se-á no ano seguinte.

Destacamos ainda a *Mensagem aos Estudantes Portugueses de Arquitectura* de Peter Cook [Fig.21; V. Anexo III]. A curiosidade da *Mensagem* - que embora datada Abril de 1979, só vem publicada num boletim da Escola em 1980 - reside no apelo quase propagandístico dos valores de uma arquitectura *imaginativa, ingénua, historicista, expressiva e intensa* no detalhe; no pequeno texto, o autor desafia a “essência do temperamento português” a estar à altura dessa nova arquitectura, invocando, ainda, os valores historicistas de “um grupo de estudantes [ingleses] mais letrado”²⁶⁹ que a geração anterior”²⁷⁰.

Esta mensagem vem acompanhada com um texto histórico enquadrando a obra de Peter Cook e os *Archigram* a qual não reflecte, no entanto, nenhuma “inclinação” oficial relativamente aos valores estéticos nela preconizados.

Por fim, o final do ano lectivo de 1980/81 será pontuado com um acontecimento que tomará, para a Direcção da Escola, um

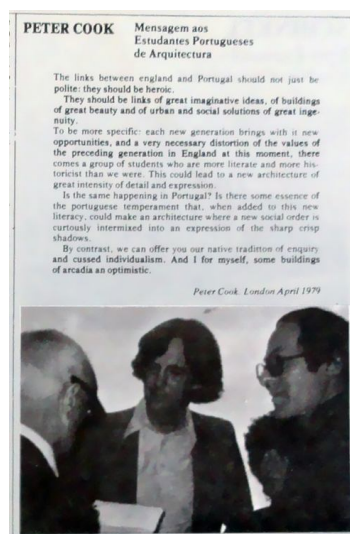


Fig.21 “Mensagem aos Estudantes Portugueses de Arquitectura” de Peter Cook – artigo do *Boletim Informativo* n.º2 (>1980)

²⁶⁷ Referimo-nos às seguintes quatro exposições: *A Arquitectura e a Cidade de Lisboa*, *Trabalhos do Bairro da Buraca*, *O Convento de S. Francisco e Arquitectura Pombalina*.

²⁶⁸ Esta revista centenária publicada em Nova Iorque ainda hoje publica uma secção *Record Interiors* a qual descreve como “our annual roundup of top interiors”.

²⁶⁹ Traduções livres.

²⁷⁰ Curiosamente, encontramos um novo “apelo” – apesar de indirecto – já no presente ano de 2010; o autor, em entrevista, critica uma “arquitectura racional” actual e invoca novamente a autoconfiança “do país (...) para fazer melhor”. Refere, ainda, a arquitectura que “os arquitectos portugueses mais jovens seguem” como “arquitectura suíça racionalista” e reportando às referências históricas da cidade do Porto acrescenta: “Não fico fascinado pela arquitectura do Eduardo Souto de Moura (...). Fico mais fascinado pelo facto de ser uma cidade tão bizarra, tão cheia de inconsistências estranhas.” COOK, Peter – Portugal merece mais do que uma arquitectura cool / entrevista por Vanessa Rato. *P2* [do jornal Público]. Lisboa. 10 Fevereiro 2010.

significado importante na afirmação da mesma; trata-se da exposição de trabalhos finais de todos os anos, em simultâneo com II Congresso da AAP, no sentido da “demonstração do melhoramento do acto pedagógico”. O seu conteúdo [V. 2.7; V. Anexo II.6.1] será publicado na Revista *Arquitectura* com o título “ESBAL: o salto qualitativo”²⁷¹ e ao artigo juntar-se-á uma entrevista ao então presidente do Conselho Directivo da Escola, já citada. Esta exposição será, ainda, marcada pela visita dos Ministros da Educação e da Habitação, Obras Públicas e Transportes para além do Presidente da Câmara Municipal de Lisboa e do Secretário de Estado das obras Públicas²⁷².

Tomaremos particular atenção aos conteúdos desta exposição mais à frente [V. 2.7].

No que respeita à sequência de encontros científicos, esta será a fase mais preenchida - sobretudo recorrendo a contribuições externas – e igualmente a mais importante para o presente estudo.

O ano lectivo de 1981/82 é aberto solenemente com as conferências de Amâncio (Pancho) Guedes acompanhado de Alison and Peter Smithson e Giancarlo di Carlo, do Team X.

Não havendo mais registos sobre as circunstâncias da sua vinda²⁷³, podemos apenas observar, dez anos mais tarde, uma convivência entre o arquitecto e os estudantes, já que nessa data se regista a sua “presença a nível excepcional” numa reunião da Associação de Estudantes²⁷⁴.

²⁷¹ [Anon.] - ESBAL: O Salto qualitativo. *Arquitectura*. Lisboa. 1982, 4ª série, n.º146. ISSN. pp.61-65.

²⁷² Cf. *Boletim Informativo 2. Op. cit.*. Cf. também [Anon.] - ESBAL: O Salto qualitativo. *Ibidem*.

²⁷³ O único registo que recolhemos foi o facto de a conferência consistir na divulgação sua própria obra e de este ter recorrido a *slides* para o fazer. Cf. *Retrospectiva das Actividades Didácticas da FA* [Registo vídeo]. Lisboa: F.A.U.T.L., 1985. 1 cassete vídeo (VHS) (27 min.): color. son.: 20x13x3cm.

²⁷⁴ Este mostra-se solidário para com “o problema das propinas” chamando a atenção para “a reforma do sistema de ensino” e propondo “que se apresente queixa no Conselho da Europa, que Portugal actualmente preside”. Associação de Estudantes – Acta n.º 47. In Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Arquitectura. Associação de Estudantes – *Livros de Actas. Op. cit.*. 1992.

Também há uma referência vaga a uma conferência de Paolo Portoghesi. Mais uma vez, não havendo registos sobre as circunstâncias da mesma, apenas podemos afirmar que esta ocorre em 1983, ano em que o arquitecto toma a presidência da organização da Bienal de Veneza – facto significativo para as hipóteses levantadas com a presente análise - tendo já inaugurado e dirigido, em 1980, o sector de arquitectura da mesma²⁷⁵.

Por fim, avaliando a importância relativa de todas as ocorrências que referimos até agora, destacamos como mais significativas os *Seminários Internacionais de Arquitectura* sob a coordenação de Tomás Taveira.

De entre as três edições que tiveram lugar na Escola, as duas primeiras serão mais relevantes (ou pelo menos podem ser encontradas em referências bibliográficas²⁷⁶ que não as fontes primárias por nós consideradas). São também as duas que se inserem nesta segunda fase, ou seja, antes do ano de 1984.

A primeira - ocorrida entre 19 e 30 de Abril de 1982 sob o tema *A tradição clássica e o movimento pós-modernista* [Fig.22] – traz a Lisboa Maurice Culot, Stephen James Kieran, Charles Jencks, Robert Krier e Aldo Rossi²⁷⁷.



Fig.22 Reprodução do painel de divulgação do Seminário “A Tradição Clássica e o Movimento Pós-Modernista” no *Boletim Informativo* n.º4

²⁷⁵ A mostra de arquitectura da Bienal de Veneza de 1980 é um marco fundamental na História da arquitectura pós-moderna em contexto europeu. [V. 3.1.2].

²⁷⁶ Como fontes primárias temos, para a primeira edição, um boletim escolar: Escola Superior de Belas Artes de Lisboa. Departamento de Arquitectura; OLIVEIRA, Baptista, coord. [et. al] – *Boletim Informativo 4* [Documento impresso. Periódico] 1982. 30cm. Publicado mensalmente. Acessível no arquivo morto da A.E.F.A. (sob permissão), Lisboa, Portugal. Para as restantes edições o vídeo *Retrospectiva das Actividades Didácticas da FA* [V. nota 273] (o qual mostra cartazes dos eventos). Como fontes secundárias temos para o primeiro *Seminário*, dois artigos do JA: CONSIGLIERI, Victor; TOUSSAINT, Michel – Para uma nova contradição na arquitectura? *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 5 (1982), p.7; TOUSSAINT, Michel – Pós Modernidade ainda hoje? *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 208 (2002), pp.27-31. O segundo *Simpósio* é objecto de novo artigo no JA: PACIÊNCIA, João – 2º simpósio internacional de arquitectura no departamento de arquitectura da ESBAL. *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 19/20 (1983), pp.17-18. Já a terceira edição parece estar ausente de bibliografia publicada.

²⁷⁷ Tomás Taveira refere ainda a presença de Christian de Portzamparc. Cf. FIGUEIRA, Jorge – *A periferia perfeita*. Op. cit.. vol.2, p.104. As restantes fontes consultadas não confirmam.

De 13 a 16 de Junho do ano seguinte, a segunda edição convida Michael Graves, Peter Eisenmann e Eduard Jones a discutir a *Arquitectura Moderna* versus *pós-Moderna*.

A terceira edição – ocorrida já em 1984 nos dias 4 a 7 de Março - promove um debate sobre os *Condicionantes do pós-Moderno* entre Alessandro Mendini, David Morton, Pierluigi Nicolin e Franco Purini.

Olhando a diversidade e relevância biográfica dos participantes verificamos a unicidade destes encontros. Disso dá conta o próprio coordenador ao referir que os *Seminários* “são fruto de um momento muito especial”. Estes – continua – eram “algo que eu tinha sugerido que se fizesse ainda antes do 25 de Abril: trazer personalidades internacionais para dialogar e promover a arquitectura entre nós”²⁷⁸, um apelo a que Augusto Brandão – Director da Escola à altura – terá sido sensível, delegando-lhe a responsabilidade do evento.

Se no primeiro caso Tomás Taveira, já como professor, teria desejado a vinda de James Stirling – a qual acaba por não acontecer – neste momento elege alguns nomes também eles ligados à “actualidade”.

Mas a sua pretensão vai mais além do que a simples acumulação daqueles que o próprio qualifica de “gurus”: este pretende fundamentar intelectualmente a sua vinda demonstrando que, enquadrado na ideia emergente do pós-modernismo na arquitectura, o *pluralismo estético* constitui uma opção à imposição de uma alternativa encerrada de questionamento do código moderno²⁷⁹.

A ideia de *pluralismo*, já referida, será retomada mais à frente como um dos conceitos *chave* de uma nova cultura arquitectónica global a qual contará com o contributo biográfico de alguns dos visitantes destes *Seminários*. Importa por isso desde já reconhecer a diversidade de percursos e orientações dos mesmos.

²⁷⁸ TAVEIRA, Tomás cit. por FIGUEIRA, Jorge – *A periferia perfeita. Ibidem.*

²⁷⁹ Cf. FIGUEIRA, Jorge – *A periferia perfeita. Ibidem.*

Observamos, de facto, num mesmo quadro geracional de experimentação (ideológica e construtiva) do pós-modernismo, nomes ligados aos alicerces do próprio movimento - Aldo Rossi na liderança da *Tendenza* e Charles Jencks na asserção teórica de uma *Arquitectura Pós-moderna* [V. 3.1.2] - mas também investigadores - como Maurice Culot e os seus *Archives de L'Architecture Moderne*²⁸⁰ - alguns dos quais participam na Bienal de Veneza de 1980 - tais como Franco Purini, Robert Krier e Edward Jones - alguns outros especialmente dedicados à imprensa - como Alessandro Mendini na *Casabella*, *Modo* e *Domus*, Pierluigi Nicolin (coo fundador de Gregotti Associati) na *Lotus Internacional* - e ainda representantes do pós-modernismo americano na sua vertente mais eclética - no caso, Stephen James Kieran (do *atelier* de Robert Venturi) e Michael Graves - juntamente com autores à margem dos critérios *pop* mas nem por isso menos vanguardistas - como é o caso de Peter Eisenman.

A potencialidade do *painel* é igualmente reconhecida pela comunidade estudantil que, ao curioso apelo da Direcção da Escola²⁸¹ responde com uma boa adesão enchendo o pequeno anfiteatro da ESBAL²⁸².

Apesar do sucesso em contexto escolar, Tomás Taveira vem, mais tarde, reconhecer que conceito de *pluralismo estético*

²⁸⁰ *Archives d'architecture moderne* (AAM) é o nome dado a uma associação belga de apoio à investigação e preservação do seu legado construtivo moderno, ao qual está associada uma publicação periódica. Um ano depois deste *Seminário* será este o meio que Maurice Culot utiliza para tecer críticas aos arquitectos portugueses a propósito do concurso para a requalificação do espaço público do Martim Moniz. O artigo inicia uma polémica a que Tomás Taveira responde através do JA. Cf. TAVEIRA, Tomás - Taveira responde a Culot. *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 16/17/18 (1983), p.4.

²⁸¹ Este apelo invoca a Escola como "máquina de produzir "pessoas de canudo"" e refere, ao mesmo tempo, que "os Arquitectos Portugueses, por tradição, tendem a acomodar-se, a conformar-se com a realidade que os amesquinha". Cf. *Boletim Informativo 4. Op. cit.*. Não sabemos quem é o autor do artigo com o mesmo nome do *Seminário* mas, para todos os efeitos, tudo o que consta dos *Boletins Informativos* é da responsabilidade da Direcção da Escola.

²⁸² Cf. PACIÊNCIA, João - 2º simpósio internacional de arquitectura no departamento de arquitectura da ESBAL. *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 19/20 (1983), p.17.

“nunca passou para ninguém”²⁸³ na realidade portuguesa. Seja como for, no momento histórico destes *Seminários*, as suas convicções e determinação impõem-se no quadro da cultura arquitectónica portuguesa.

Reportando agora às ocorrências quanto à formação académica temos que se inauguram os dois primeiros cursos de pós-graduação sob os temas *Conservação e Recuperação de Edifícios e Monumentos* (a 8 de Fevereiro de 1983, sob coordenação do professor Carlos Antero Ferreira) e *Energia nos edifícios* (que ocorrerá de Maio de 1983 a Fevereiro de 1984, sob coordenação do professor Rui de Sousa Cardim).

2.6.3 Fase 3: de 1983 a 1989.

A terceira fase corresponde a um abrandamento na actividade extra-curricular da Escola – ou, pelo menos, ao seu registo, em documentos acessíveis.

Sabemos que, em Março de 1984 ocorre o terceiro *Simpósio de Arquitectura Internacional* – já referido acima.

Também temos conhecimento de um novo curso de pós-graduação com o título *Arquitectura para as Regiões Tropicais* juntamente com as primeiras *Jornadas Luso-brasileiras do Património*²⁸⁴, tema que juntaremos às matérias “quentes” numa contextualização histórica da cultura arquitectónica de Lisboa.

Estes cursos têm ambos lugar em Outubro de 1983.

Está ainda documentada a dinamização, em 1985, de “acções (...) de grande interesse, tanto para a classe, sem espaços onde o encontro, a discussão e a crítica (...) aconteçam, como para os alunos” nas “sessões (...) nas quartas-feiras da ESBAL” e outros encontros, iniciativas da Associação de Estudantes, cujo objectivo assenta na transmissão

²⁸³ TAVEIRA, Tomás cit. por FIGUEIRA, Jorge – *A periferia perfeita. Op. cit.* vol.2, p.105.

²⁸⁴ Cf. *Retrospectiva das Actividades Didácticas da FA. Op. cit.*

“experiências” e exposição de “propostas” por profissionais de origem diversa²⁸⁵.

2.6.4 Fase 4: a partir de 1989

A quarta e última fase insere-se, como já dissemos, num contexto político, social e económico distinto dos seus precedentes. Não tendo encontrado registos impressos de ocorrências deste período e considerando, em particular, a alteração de pressupostos de análise pela interferência da actuação das universidades privadas, optámos por não incluir a dita fase no Quadro em anexo [V. Anexo II.5] e, necessariamente, na presente narrativa.

²⁸⁵ Cf. AGUIAR, José – Sobre as conferências na escola ou sobre ciclismo e problemas ferroviários. *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 37 (1985), p.3. O autor anuncia, neste artigo, que “é para breve o encontro com o Arq.º Victor Consiglieri e (...) com o Ex.º Sr. Presidente da Câmara Municipal de Lisboa Kruz Abecasis que irá ver também uma exposição sobre o trabalho realizado este ano lectivo pelos alunos do quinto ano (área de recuperação urbana) sobre a zona da Graça e de acordo com um protocolo estabelecido entre a Escola e a Câmara.”

2.7 Trabalhos escolares

Ainda debruçando-nos sobre as componentes dinâmicas da Escola para este período, é fundamental analisar o sentido evolutivo dos trabalhos escolares.

A documentação recolhida é parca e pouco clara. Permitiu-nos, no entanto, tomar nota das características que estes exercícios contêm que, em si mesmas, são passíveis de uma análise e que, em conjugação com outras fontes – nomeadamente as que indicam um quadro evolutivo no contexto da *prática* arquitectónica, as quais veremos no capítulo V - constituem uma leitura relativamente fiável sobre as quatro fases já sistematizadas para a presente análise.

Recolhemos, para o efeito, imagens de dois momentos de apresentação pública que correspondem aos resultados práticos de uma didáctica vivida entre 1975 e 1983 - o que representa uma fusão das primeiras duas fases estabelecidas no início deste capítulo as quais, neste caso em particular, não distinguimos – e entre 1983 a 1990 – o que representa a dita *fase de estabilização*.

Para análise do primeiro momento fizemos uso do material correspondente à exposição de final de ano lectivo de 1980/81 que a ESBAL organiza e da qual o seu Director se orgulha [V. Anexo II.6.1].

Para análise do segundo momento observámos painéis constantes de dois concursos inter-escolas realizados nos anos lectivos de 1987/88 [V. Anexo II.6.2] e 1988/89 [V. Anexo II.6.3].

A Exposição relativa ao primeiro caso apresenta painéis A1 preenchidos na totalidade com pequenos “quadros” de trabalhos escolares e está organizada por anos: do primeiro ao quinto.

Os painéis do primeiro ano [V. Anexo II.6.1.1], considerado como um ano vestibular²⁸⁶ expõem “um primeiro entendimento do

²⁸⁶ Cf. [Anon.] - ESBAL: O Salto qualitativo. *Op. cit.*, p.62.

vocabulário arquitectónico”²⁸⁷ pela multiplicidade de pequenos exercícios de investigação através do desenho de observação. A temática destes exercícios passa pela arquitectura da cidade de Lisboa (incluindo do próprio Convento) e por alguma figura humana²⁸⁸.

Os painéis do segundo ano [V. Anexo II.6.1.2] demonstram a mesma abordagem pelo desenho manual sobre os “factores que intervêm na geração de uma forma arquitectónica” mas desta vez mais focado na investigação de sistemas. Apresentam-se alguns cortes construtivos de edifícios – incluindo uma tenda de circo - que cremos estarem próximos da escala 1/50 e nos quais são colocadas “janelas de chamada” onde se pormenorizam vãos, dobradiças e encaixes. Os painéis do 3º e 4º ano [V. Anexo II.6.1.3-II.6.1.5] mostram a mesma abordagem analítica a uma escala urbana. Assente em temas – entre os quais *Tipos de edifícios e formas de cidade* e *O espaço urbano* ambos contextualizando o tema genérico da habitação - são desenhadas algumas fisiologias e malhas urbanas, tipos e modelos de edifícios. Estes painéis incluem ainda o estudo de alguns conjuntos habitacionais com edifícios essencialmente em banda de linguagens variadas: a inclusão de elementos curvos ou rasgos verticais estreitos em repetição “molecular” é uma das características observadas.

Os painéis relativos ao 5º ano [V. Anexo II.6.1.6] são intrigantes pela heterogeneidade de temas e abordagens²⁸⁹.

Desde logo salta à vista um desenho axonométrico de uma “praça” circunscrita por edifícios do tipo *clássico* [V. Anexo II.6.1.6 - Painel 3]. Não podemos saber se se trata do estudo de uma situação real – já que a legenda indica que “foram sugeridos para este ano a abordagem dos (...) temas do Martim Moniz,

²⁸⁷ [Anon.] - ESBAL: O Salto qualitativo. *Ibidem*.

²⁸⁸ Estes exercícios elaboram-se em torno de três cadeiras: *Arquitectura, Desenho e Construções*. Cf. [Anon.] - ESBAL: O Salto qualitativo. *Ibidem*.

²⁸⁹ Segundo o texto que acompanha as imagens para este ano curricular “o aluno terá de dar resposta a solicitações concretas de projecto a todos os níveis de intervenção” considerando a sua “integração livre (...) numa das três áreas vocacionais – Arquitectura, Planeamento urbano e Renovação Urbana.” [Anon.] - ESBAL: O Salto qualitativo. *Ibidem*.

(...) Centro Histórico de Santarém (...) [e] Buraca” - mas pela configuração da mesma diríamos que é um exercício de estilo historicista e não uma situação real.

Ao mesmo tempo observamos na apresentação da *Renovação do centro histórico de Santarém* [V. Anexo II.6.1.6 - Painéis 1 e 2] uma abordagem “actual” (à época) na medida em que ressurgem as formas circulares de repetição nas fachadas. Ressalta também a colocação de uma escultura figurativa que notámos ser popular neste período, no meio escolar e vem, mais uma vez, concorrer na leitura de uma prática académica de referenciais “neo”. Não podemos deixar de notar a contribuição do desenho para uma contextualização do objecto – tal como vemos agora ser feito através do *rendering*. Neste caso, ao desenho rigoroso é acrescentado um traçado livre e expressivo do céu, nuvens e vegetação aos quais é acrescentado um arco-íris.

Optámos por incluir, por fim, um painel com estudos para um espaço público *clássico* [V. Anexo II.6.1.6 - Painel 4] cujas características do desenho – nomeadamente o pavimento estrelado tipo renascentista – julgámos curiosas no âmbito da abordagem historicista embora pouco mais possamos concluir sobre este.

Julgamos ser precipitado “verificar na prática e por acto comparativo não só as metodologias empregues como o espírito como foi encarado o ensino nos diversos anos”²⁹⁰ dado não dispormos de toda a informação (tanto mais que a ausência de cor das imagens impressas não é de somenos importância). No entanto existem uma série de atributos – nomeadamente a densidade de informação dos próprios painéis, a diversidade de abordagens, a expressividade dos desenhos (sendo especialmente curiosa a colocação de um arco-íris, a qual nós interpretamos como meramente decorativa) e a forte presença de elementos neo-clássicos – que nos permitem desde logo deduzir sobre um caminho que

²⁹⁰ [Anon.] - ESBAL: O Salto qualitativo. *Op. cit.* p.61.

se faz autónomo: de um tipo de ensino que precedeu o período em estudo e do tipo de ensino que se adivinha fazer na sua congénere portuense.

Observámos também alguns painéis que demonstram, igualmente, trabalhos efectuados pelos alunos – nomeadamente do terceiro ano curricular em diante – já em 1987/88 e 1988/89, ou seja, sete e oito anos depois.

A recolha dessa documentação - que consta do Arquivo da Associação de Estudantes por ter sido alvo de um concurso conjunto da FAUTL, FAUP e Universidade Lusíada - permitiu-nos não só enquadrar um pouco melhor os “resultados” escolares como fazer uma comparação entre instituições²⁹¹.

Assim, de entre diversos painéis passíveis de fotografar, elegemos alguns dos que considerámos mais representativos os quais se podem consultar nos Anexos II.6.2. e II.6.3 e que tomaremos como indício do que iremos demonstrar em lugar de conclusão.

Vemos assim encerrada a análise caso a caso somente para ensaiar uma caracterização do que, em concreto, consistiria a aprendizagem de *Projecto* na Escola de Lisboa neste período.

Neste ponto, vistos alguns dos pressupostos dessa mesma aprendizagem e uma amostra dos seus resultados, ressaltam alguns aspectos identificativos, de facto.

Ressalta, por um lado, a exposição de *soluções*.

A arquitectura, cremos, é vista quase como uma *forma comunicante* ou *significante*, ou seja, mais pelo que ela representa e menos pelo que ela veicula ou *assiste* à Humanidade. Esta ideia vai de encontro ao texto introdutório que acompanha os trabalhos na Exposição do final de ano lectivo de 1980/81: a “caracterização geral do curso” avança desde logo que “várias imagens e perfis são elaborados (...)”

²⁹¹ Alguns dos painéis contêm indicação das turmas e respectivos professores pelo que concluímos terem sido monitorizados pelos mesmos.

com predominância na reinstalação do Arquitecto no ciclo produtivo de artefactos”. É, assim, uma leitura da arquitectura como *arte* tanto como ofício.

É um facto que o aspecto que referimos incide mais sobre os painéis a concurso, ou seja, os relativos a um segundo momento, tal como o determinámos atrás, uma vez que os painéis da Exposição incluem, como dissemos, registos analíticos até à escala urbana e nestes se adivinha um efectivo estudo das “forças que agem sobre a forma dos edifícios e a relação entre elas e a sua distribuição no território”²⁹².

No entanto, mesmo estes exercícios analíticos consistem numa abordagem “livre”, não parametrizada e homogeneizada. Assim concluímos sobre outro aspecto que nos parece significativo que é a *artisticidade*. De facto, inaugura-se neste período – tanto quanto podemos observar – uma apropriação do desenho expressivo, artístico, instrumental somente na medida do prazer que cabe ao projectista no seu exercício intelectual.

Diríamos, então, que à ausência de uma metodologia rígida e limitada (essencialmente funcionalista) segue-se uma adesão entusiástica do desenho²⁹³ (na sua vertente *Beaux-Arts*) como metodologia alternativa²⁹⁴.

Além da exposição de *soluções* mais do que de *processos*, ressalta também a heterogeneidade dessas mesmas soluções ou dos objectos entre si. Cremos estar não só perante uma “libertação” metodológica como diante de uma significativa aposta na acepção de linguagens, modelos ou narrativas pré-estabelecidas a qual é explícita como propósito didáctico²⁹⁵.

²⁹² [Anon.] - ESBAL: O Salto qualitativo. *Op. cit.* p.65.

²⁹³ Tal será demonstrado, mais do que com estas limitadas amostras, na prática e percurso dos autores formados neste período.

²⁹⁴ São diversas as referências a uma *metodologia* no texto que acompanha os trabalhos na revista *Arquitectura*. Cf. [Anon.] - ESBAL: O Salto qualitativo. *Op. cit.* pp.61-62. Sabemos, assim, que uma abordagem metodológica não está em si mesma fora dos pressupostos programáticos.

²⁹⁵ “Em grande comunhão com a área de Comunicação Gráfica, fornecer aos alunos o “léxico” da linguagem das formas e especialmente da linguagem arquitectónica de maneira a emparceirá-la com as linguagens literária e numérica que já dominam.” Faculdade de Arquitectura – *Programas e cargas horária*. *Op. cit.* Programa da cadeira de *Projecto I*, ano lectivo 1984-89. [V. Anexos II.4.1-II.4.4].

Este facto é também demonstrado nos Anexos já referidos porquanto apresentam, lado a lado, imagens dos estudos em análise e imagens ilustrativas de situações reais, de autores em efectivo exercício, muito semelhantes.

Concluímos, assim, em terceiro lugar, que a “recusa de um método” – funcionalista ou racionalista - se efectiva no trabalho dos alunos, neste período, pela escolha da *forma* segundo a aglutinação de referenciais ecléticos.

Por fim questionamo-nos sobre a presença de uma forte consciência e domínio da escala da cidade e da região – os quais foram indiciados nas vertentes escolares analisadas atrás - já que a maioria dos casos recolhidos trata de objectos singularmente caracterizados e não “explicados” face à composição urbana. É verdade que também consultámos bastantes trabalhos em torno do planeamento urbano mas a relação entre estas duas escalas não pareceu evidenciar-se ao ponto de podermos ser conclusivos.

Consignamo-nos, então, estritamente à escala arquitectónica, sumarizando os três aspectos que parecem evidenciar-se como *tendência* no seio da experiência académica de Projecto; são, por um lado, uma generalizada adesão ao desenho como método representativo, a eleição da *semântica* como “princípio disciplinar” – ou seja, a procura deliberada de uma forma comunicativa - e a recorrência a referenciais estilísticos de suporte.

A conclusão sobre uma *tendência* não é inédita. O próprio texto introdutório à Exposição de final de curso de 1980/81 reconhece que “existem várias tendências a institucionalizar-se”. Ironicamente, a tentativa de desvio da orientação sobre um caminho único (e supomos que considerado redutor) “faz que o seu curso elabore formas diversificadas de actuação profissional” o que conduz, inevitavelmente, à já referida pluralidade que, como vimos agora, se concretiza na importação de ideias e caminhos pré-estabelecidos.

No capítulo IV retomaremos todas estas questões inserindo-os na análise da actuação e significado da Escola face à cultura arquitectónica dominante da capital, nos anos de 1980.

2.8 Breve conclusão do capítulo II

Propusemo-nos estudar a ESBAL/FAUTL no período de 1975 a 1990.

Depois de examinar a Instituição e o enquadramento legal para a sua reestruturação, o local onde esta está sediada e onde se desenvolve a sua actividade, os agentes humanos e as bases formativas que concorrem para o seu funcionamento, as ocorrências mais significativas que nela tiveram lugar e uma amostra representativa dos trabalhos dos alunos, propomos, agora, esboçar livremente uma resposta à questão inicial expondo o que entendemos poder configurar um retrato sintético desta Escola e do seu curso de arquitectura no período entre 1975 e 1990.

O departamento de Arquitectura da ESBAL e o curso de arquitectura aí ministrados inserem-se num quadro institucional sedimentado: a transição para a universidade e autonomização do departamento não oferece polémica sendo genericamente bem aceite; segue-se um período estável que precede a inauguração de formação científica mais avançada. Ao nível da licenciatura, o ensino de urbanismo é bem considerado²⁹⁶.

Por outro lado a Escola encontra-se plenamente democratizada: o acesso processa-se sem distinção de “classe” e todos os grupos que a compõem estão devidamente representados vendo os seus interesses livremente expressos.

A Escola reflecte, também, “o seu tempo”: demonstra vocação para o ensino em massas (sustido pelo aumento substancial do número de alunos); corresponde aos assuntos “na ordem do dia” - como a requalificação urbana e patrimonial, a habitação mínima e o próprio debate sobre o ensino de arquitectura; relaciona-se com a cidade envolvente, quer de uma perspectiva histórica e patrimonial – até sobre o seu próprio

²⁹⁶ A própria Faculdade considera hoje ser a “principal escola de Urbanismo em Portugal”. Cf. Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Arquitectura – *Regulamento do prémio José Ressano Garcia Lamas* [Em linha]. Lisboa: F.A.U.T.L., 2004. [Consult. 6 Outubro 2010]. Disponível em http://www.fa.utl.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=110&Itemid=76.

espaço, inadequado mas estimado - quer pelo interesse sobre as novas intervenções arquitectónicas, sendo que a constituição do seu corpo docente, essencialmente originário desta cidade, também justifica a sua identificação com a mesma; a Escola relaciona-se, por fim, com a tendência “pós-moderna” no que esta tem de apropriação de linguagens e referências ecléticas numa generalizada atitude anti-moderna de incidência ora italiana ora anglo-saxónica – sendo sinais o trabalho escolar (e, não desprezável, o tratamento plástico dos seus próprios espaços) e as ocorrências assentes na divulgação teórica. A sua aproximação ao desenho – não o que experimenta o projecto, ou seja, não como metodologia, mas o que fantasia sobre este, que o completa ou perfaz - também a aproxima de um paradigma pós-moderno.

Esta *tendência* pós-moderna não corresponderá, no entanto, a todo o universo escolar ou a uma metodologia pedagógica: a Escola, como identidade, não retoma disciplinadamente a sua tradição nem projecta um rumo consertado. Não é um lugar de convergência mas de pluralidade, de coabitação de individualidades e interesses estando, por um lado, centrada na sua credibilização - numa lógica pós-revolucionária de afirmação da disciplina - e, por outro, no exercício individualizado da docência.

Concordamos portanto, que a Escola procurará, no período em estudo, “a sua vocação (...) [como] escola de massas assente na diversidade da sua capacidade formativa”²⁹⁷.

Comprovamos contudo a “falta de um centro ou de figuras tutelares” a qual “coloca o ensino num nível autodidáctico e experimental”, facto que acreditamos justificar uma “maior sensibilidade à informação” mas que verificamos também ter “como contrapartida um menor controlo do projecto” o qual observamos constituir uma “espécie e habilidade ou

²⁹⁷ Tamm, Carlos – Ensino. *Ibidem*.

capacidade estilística de integração de fenómenos e internacionalização e generalização de diferentes poéticas”²⁹⁸.

²⁹⁸ PORTAS, Nuno; MORENO, Carola, trad. – *Portugal: arquitectura, los últimos veinte años*. Madrid: Electa, cop.1993. ISBN 84-88045-59-X. pp.34/36. Tradução livre.

CAPÍTULO III

Cultura arquitectónica em Lisboa na década de 80

3.1 A pós-modernidade e a cultura arquitectónica portuguesa

A cultura arquitectónica portuguesa está, nos anos de 1980, claramente bipolarizada entre as cidades de Lisboa e Porto.

A este facto não é alheio o que ocorre entre portas das respectivas escolas – de Lisboa e do Porto – uma vez que, sendo ainda as únicas instituições de ensino de arquitectura em Portugal, se associam a esta evidência histórica²⁹⁹.

A realidade portuense – nomeadamente a fusão da “prática” e do ensino numa *escola de tendência* – cria um interesse natural pelo que se verifica em Lisboa. Pode haver, assim, a tentação de “colar” à arquitectura de Lisboa uma tendência *reflexiva*. Mas assim como a Escola de Lisboa, por si só, não veicula um didactismo único, como já vimos, também a prática da *arquitectura de Lisboa* – ou as *obras mais significativas projectadas por autores de origem e formação lisboeta* – é múltipla e diversa; mesmo colocando uma hipótese académica que tente fazer corresponder, ainda que forçadamente, algum “estilo” encerrado à *arquitectura de Lisboa* e outro, distinto, à *do Porto*, rapidamente deparemos com a ironia de cada arquitectura conter, em si mesma, características da outra³⁰⁰.

Isso mesmo justifica que este estudo não deseje catalogar uma arquitectura mas antes fazer questionar sobre uma cultura arquitectónica em volta de alguns traços “de personalidade” da mesma³⁰¹.

Posto que atribuir uma arquitectura exclusiva – ora “racionalista”, ora “pós-moderna” – às duas geoculturas será,

²⁹⁹ São múltiplas as referências bibliográficas a esta bipolarização.

³⁰⁰ Temos por um lado a “preservação da *artisticidade*” de Siza Vieira. FIGUEIRA, Jorge – *A periferia perfeita*. *Op. cit.*, vol.1, p.282. Temos, por outro, a “modernidade radical, fundada no sentido do sítio” de Carrilho da Graça. ALMEIDA, Rogério Vieira de – De 1976 ao final de século. *Op. cit.*, p.81.

³⁰¹ Isto justifica a escolha do título que, ao contrário de “cultura arquitectónica em Lisboa”, poderia ter sido “cultura arquitectónica *de* Lisboa”.

ainda que verdadeiro, redutor, interessa compreender as razões da oposição norte-sul enunciada. Verificaremos, pois, de seguida, que esta oposição, este debate – e toda a agitação que se verifica na década de 80 - resulta, essencialmente, da exploração de novos caminhos agora “libertos” e do que isso seduz a uns e intimida a outros; veremos, assim, como todas as expressões artísticas e culturais deste período se circunscrevem, indiferenciadamente, num contexto de *pós-modernidade*.

3.1.1 A pós-modernidade como “dominante cultural”

Ao referir a *pós-modernidade*, a associação ao termo “pós-modernismo” é imediata. Os conceitos não serão iguais e, como tal, devemos explorar o significado de cada um.

O pós-modernismo é um conceito impreciso. Muito se teorizou sobre um *ismo*³⁰² que se situasse *depois* do moderno sendo que a dificuldade se põe, desde logo, no próprio termo *moderno*³⁰³.

O termo, contudo, vulgarizou-se e a ele associam-se – mais ou menos justamente – certas manifestações artísticas e, muito em particular, uma linguagem arquitectónica.

Não pretendendo fazer uma asserção enciclopédica podemos, contudo, tentar contextualizar duas “frentes” de entendimento do termo: se por um lado o pós-modernismo pode ser encarado como um movimento de vanguarda – pela superação do modernismo através de preposições artísticas³⁰⁴ ocorridas na década de 1960 - pode, por outro, significar uma *atitude* – seja ela estética, ideológica ou simplesmente vivencial – não necessariamente crítica e de contornos não definíveis mas à qual se associam diversas séries de adjectivações ou

³⁰² “Sufixo formador de substantivos abstractos”; *Dicionário Priberam de Língua Portuguesa. Op. cit.*

³⁰³ O termo está vulgarizado como adjectivo com o significado “dos nossos dias”, qualquer que seja a sua referência temporal. Cf. *Dicionário Priberam de Língua Portuguesa. Op. cit.*

³⁰⁴ É comum atribuir ao pensamento e obra de Andy Warhol, Marcel Duchamp ou John Cage as primeiras expressões de pós-modernismo nas artes plásticas e performativas.

pressupostos qualificativos³⁰⁵. Ora, considerando que a *condição pós-moderna*³⁰⁶ é uma evidência dos nossos dias será mais correcto falar de pós-modernidade como *dominante cultural*³⁰⁷ – que encerra, em si mesma, uma sucessão de “paradigmas teóricos”³⁰⁸ – do que associá-la, exclusivamente, a uma ou outra expressão fenomenológica.

Esta é uma forma de entendimento do tema.

Mas uma vez que a pós-modernidade não é, também ela, um conceito encerrado e inequívoco, mais consensual será localizar a(s) sua(s) génese(s).

3.1.2 A génese do conceito de pós-modernidade aplicado à arquitectura

O fim da Segunda Guerra Mundial (1939-45) é um marco fundamental da história; retomada que está a narrativa do “projecto moderno de universalidade”³⁰⁹ e posta a sua reavaliação, a crise referencial instala-se dando lugar a uma nova ordem internacional a qual se designa muito vulgarmente de *sociedade de consumo*³¹⁰. Este novo paradigma de liberdade – conotado com o capitalismo a partir da década de

³⁰⁵ “The tendency is really compounded of sub-tendencies which the following words evoke: openness, heterodoxy, pluralism, eclecticism, randomness, revolt, deformation. The latter alone subsumes a dozen current terms of unmaking: decreation, disintegration, deconstruction, decenterment, displacement, difference, discontinuity, disjunction, disappearance, decomposition, de-definition, demystification, detotalization, delegitimation”; HASSAN, Ihab – Desire and Dissent in the Postmodern Age. *The Kenyon Review*. [S.l.]. ISSN 0163075X. Vol.5 n.º1 (1983), pp.27-28.

³⁰⁶ O conceito é de Jean-François Lyotard. O autor define um novo sistema social decorrente da rejeição das orientações científicas, tecnológicas e políticas do início do século tal como agudizadas pelo final da Segunda Grande Guerra. Cf. LYOTARD, Jean-François; MIRANDA, José Bragança, trad. – *A condição pós-moderna*. 2ª ed. Lisboa: Gradiva, 1989.

³⁰⁷ A expressão é de Fredric Jameson. Cf. JAMESON, Frederic – Postmodernism, or the cultural logic of late capitalism. Durham: Duke University Press, 1991. ISBN 082231090.

³⁰⁸ Kate Nesbit, por exemplo, ao “examinar o pós-modernismo na arquitectura”, aponta cinco paradigmas teóricos “para reflexão sobre objectos e questões culturais”: a *Fenomenologia*, a *Estética do Sublime*, a *Teoria Linguística*, o *Marxismo* e o *Feminismo*. NESBITT, Kate – *Uma nova agenda para a arquitectura: antologia teórica, 1965-1995*. 2ª ed. São Paulo: Cosac Naify, 2006. ISBN 978-85-7503-599-3. p.21.

³⁰⁹ Serviços do Departamento de Enciclopédias e Dicionários da Editorial Verbo – *A Enciclopédia*. Madrid: Editorial Verbo, 2004. ISBN 972-22-2306-2. Vol. XVI, p.6878.

³¹⁰ Cf. JAMESON, Fredric cit. por NESBITT, Kate – *Op. cit.* p.22.

60 – acarreta o desinteresse pelas ideologias e, consequentemente, uma forte adesão ao *banal*.

Com efeito, a saturação das referências modernistas terá um forte impacto nas artes levando a que estas reportem sintomaticamente aos arquétipos de um passado mais longínquo. Igualmente, uma vez interpenetradas, sobrepostas, as expressões artísticas elogiarão o fragmentário e o supérfluo. Por fim, sem olhar à *legitimação* da sua obra, os artistas ocupar-se-ão agora da *representação* e da *reprodução*.

Igualmente a partir da década de 60 assiste-se a uma revisão do Movimento Moderno na arquitectura. Em contexto de relançamento económico e realojamento urbano, as posições doutrinárias resultantes dos CIAM (*Congrès Internationaux d'Architecture Moderne*) deixam de gerar consensos. A cisão ocorrerá, mais particularmente, pela mão de um grupo encabeçado por Alison e Peter Smithson o qual questionará alguns pressupostos da “cidade funcional” procurando “encontrar uma relação mais precisa entre a forma física e a necessidade sócio-psicológica”³¹¹.

Atentos, portanto, ao evoluir da sociedade (apesar da sua actividade ainda assentar sobre princípios de “continuidade”) são precisamente os Smithson que “quase uma década antes de Robert Venturi (...), chamam a atenção para uma nova cultura emergente e as suas consequências na cultura arquitectónica”³¹².

Tomada que está a consciencialização de uma nova era – e da sua natureza impositiva – as primeiras expressões arquitectónicas críticas do Movimento Moderno serão objecto de teorização; os projectos de Leon Krier e Robert Krier nomeados de “nova arquitectura” racionalista pela exposição

³¹¹ FRAMPTON, Kenneth – *História crítica de la arquitectura moderna*. 4ª ed. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1987. ISBN 84-252-1051-8. p.275. O autor explica ainda que esta posição crítica converter-se-á no tema do penúltimo encontro dos CIAM – os CIAM X em Dubrovnik, 1957 - ao qual se segue uma recessão clara do grupo – daí em diante referido como Team 10.

³¹² FIGUEIRA, Jorge – *A periferia perfeita*. Op. cit.. vol.1, p.55.

da Trienal de Milão, em 1973³¹³ serão, entre outros, a base da formulação teórica de uma tendência – ou *Tendenza* – racionalista, Movimento que acredita que “a arquitectura é um processo cognitivo (...) que não persegue nem se mistura com factos políticos, económicos, sociais e tecnológicos para mascarar o seu vazio criativo e formal”³¹⁴.

Igualmente o ensaio de 1982 sobre a forma arquitectónica enquanto meio de comunicação pela celebração do caso paradigmático de *Las Vegas*³¹⁵ será, juntamente com *Complexity and Contradiction in Architecture*³¹⁶, de 1967, outro dos textos fundamentais do movimento pós-moderno em arquitectura.

Continuando, poderíamos enumerar muitos outros sinais de inquietação em torno da redefinição programática de uma nova arquitectura e urbanismo³¹⁷ mas o emergir de novas disciplinas analíticas - nomeadamente a semiótica³¹⁸ – a par do crescente deslumbre pela cultura americana – *apesar de* ou *porque* vulgar, consumista, massificada – vão colocar a América no centro do debate; esta tornar-se-á, mesmo para Aldo Rossi – comissário da Exposição de Milão – um foco sedutor irresistível³¹⁹. De facto, a América *pop* vai ser o *branding* do pós-modernismo na arquitectura e acrescentar ao “regresso ao passado” italiano a leveza da superficialidade, a apologia do mau gosto e a urgência da comunicação – em ambiente de subjectividade e de adesão amoral ao divertimento e ao prazer.

³¹³ Cf. FIGUEIRA, Jorge – *A periferia perfeita. Op. cit.* vol.1, p.146.

³¹⁴ SCOLARI, Massimo cit. por LOPES, Diogo Seixas – *Tendenza, o som da confusão*. Porto: Dafne, 2010. ISSN 1646-5253. p.6.

³¹⁵ Referimo-nos a VENTURI, Robert; BROWN, Denise Scott; IZENOUR, Steven – *Learning from Las Vegas: the forgotten symbolism of architectural form*. Cambridge: The MIT Press, 1982. ISBN 0-262-72006-X.

³¹⁶ VENTURI, Robert; SCULLY, Vincent Joseph, introd.; *Complexity and contradiction in architecture*. New York: The Museum of Modern Art, cop. 1967.

³¹⁷ Poderíamos citar como sinais a actividade do grupo *Archigram*, a publicação *Collage City* de Collin Rowe ou a obra dos “Five Architects”: Peter Eisenman, Michael Graves, John Hejduk, Charles Gwathmey e Richard Meier.

³¹⁸ Cf. NESBITT, Kate – *Op. cit.* cap.II.

³¹⁹ Cf. FIGUEIRA, Jorge – *A periferia perfeita. Op. cit.* vol.1, p.149.

Assim, o neo-racionalismo europeu vai dando lugar a uma postura cada vez mais eclética: além de Aldo Rossi, também James Stirling – inicialmente tomado como racionalista³²⁰ - se tornará uma figura central da assunção do pós-modernismo pleno com o seu edifício para o Museu de Stuttgart (1977-1983)³²¹.

3.1.3 A discussão teórica sobre a pós-modernidade arquitectónica

Enunciadas que estão algumas das razões da assunção do pós-modernismo – e que o justificam não só como um devaneio americano mas como uma tendência globalizada – segue-se a referência ao momento em que o termo *pós-modernismo* é, em si mesmo, abordado teoricamente.

Se a discussão sobre a pós-modernidade se processa essencialmente a um nível filosófico³²² - e embora se repercuta nas várias artes - ela adquire, sintomaticamente, uma definição mais clara ligada à arquitectura; com efeito, é Charles Jencks quem, em *The Language of The Post Modern Architecture*, anuncia a “morte da arquitectura moderna” (JENCKS, 1991 [1977])³²³ definindo uma arquitectura pós-moderna como aquela que deseja *comunicar* e o faz com base numa *linguagem* – nomeadamente recorrendo a signos, a metáforas. Mais tarde, em *What is Post Modernism*, Jencks associa à arquitectura pós-moderna um “duplo significado” (*double-coding*) o qual consistirá em “combinar técnicas modernas com qualquer outra coisa (por exemplo construção tradicional) no sentido de comunicar com o público” (JENCKS, 1989 [1986])

³²⁰ Cf. FIGUEIRA, Jorge – *A periferia perfeita*. Op. cit.. vol.1, p.151.

³²¹ Nesta obra, “a implantação que mimetiza o edifício neoclássico adjacente, a “colagem” de referências pop e eruditas, a coabitação de elementos high tech e historicistas, o sentido de colisão de tempos e a referencialidade livre e lúdica parecem sair de um manual de instruções do pós-modernismo.” FIGUEIRA, Jorge – *A periferia perfeita*. Op. cit.. vol.1, p.171.

³²² Entre os principais pensadores encontram-se Jean-François Lyotard, Fredric Jameson, Jürgen Habermas e Jean Baudrillard.

³²³ O autor serve-se da demolição de *Pruitt Igoe* – bairro habitacional galardoado pelas suas premissas modernas em 1951 o qual acaba por ser demolido em 1972 – para demonstrar o fracasso da arquitectura moderna.

Este *double-coding* - ou a simultaneidade de significados e o desejo de conjugar “referências “altas” e “baixas”, eruditas e pop” - “é o mecanismo que potencia o “pluralismo cultural” a que o pós-modernismo ambiciona”³²⁴.

Sucedem-se múltiplas definições que demonstrarão como o enquadramento teórico do *pós-modernismo* - tanto em Portugal como fora do país - será, além de complexo e pluridisciplinar, um “conceito em gestação”³²⁵.

Se atendermos, por exemplo, à bibliografia básica de História e Teoria da arquitectura e nos debruçarmos, em primeiro lugar, sobre o que Kenneth Frampton propõe, já em 1981, como cronologia de estilos para o final do século XX, podemos observar que, segundo este autor – que não dá particular destaque ao termo *pós-modernismo* – a par de manifestações “válidas”³²⁶ de superação do Movimento Moderno ocorre, além um designado *Populismo* – ao qual atribui, como elementos fundadores, os textos de Robert Venturi e Charles Jencks – mas também um *Pós-vanguardismo* – ao qual associa, essencialmente, a arquitectura de Michael Graves, James Stirling, Philip Johnson e Hans Hollein³²⁷.

A sua crítica ao que enuncia, entre outras coisas, como “ideologia na sua forma mais pura (...) com intenção estetizadora”³²⁸ vai tão atrás quanto ao *Archigram* – referência fundamental no apriorismo de novas linguagens que este autor remete, por conseguinte, para um plano secundário.

Dando conta da proliferação de tantos outros paradigmas – já que, no total, apresenta diversos estilos para uma “prática e

³²⁴ FIGUEIRA, Jorge – *A periferia perfeita. Op. cit.*, vol.1, p.165.

³²⁵ CEIA, Carlos, s.v. – *E-Dicionário de Termos Literários*, coord. de Carlos Ceia [Em linha]. Made2Web, 2010. [Consult.13 Junho 2010]. Disponível em http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=386&Itemid=2. ISBN: 989-20-0088-9.

³²⁶ Refere-se sobretudo àquilo que designa de *Racionalismo* ao qual associa o movimento *Tendenza*. Relativamente a outras expressões denota-se, da própria escrita e não só do título da obra, uma abordagem crítica (no sentido negativo). Se outras dúvidas houvesse, elas ficam esclarecidas com a sua não adesão ao convite para participação na Bienal de Veneza de 1980 a qual consagra, em solo europeu, um pós-modernismo de raiz americana.

³²⁷ Cf. FRAMPTON, Kenneth – *Op. cit.*, pp.284-316.

³²⁸ FRAMPTON, Kenneth – *Op. cit.*, pp.294-295. Tradução livre.

teoria internacionais desde 1962”³²⁹, além de expressões como os *Archigram*, os metabolistas e os construtivistas, bem como as “novas” teorias sobre o planeamento das cidades - acaba por incluir, ainda, no contexto da pós-modernidade toda a linhagem da escola racionalista italiana – já mencionada - e a sua expressão além fronteiras (em outros países europeus e nos E.U.A.).

Kate Nesbitt é, no entanto, ainda mais generosa; além de não hesitar em utilizar o termo *pós-modernismo* dando-lhe o protagonismo de uma antologia teórica, nela inclui o próprio texto de Kenneth Frampton com a tese do *Regionalismo Crítico*³³⁰ dando, ainda, particular enfoque àquilo que considera como seis diferentes “temas arquitectónicos pós-modernos”, todos eles ao mesmo tempo divergentes entre si e convergentes na sua génese³³¹.

Em Portugal, o debate teórico sobre o tema é limitado e restringe-se fundamentalmente às questões do gosto e da legitimação; a circunstância de anos de isolamento geográfico e político seguida da súbita elevação ao reconhecimento internacional por opções “estéticas” de (aparentemente) outra natureza e, enfim, a genérica controvérsia, tal como hoje ainda se verifica, justificam a pouca produção teórica específica sobre este tema em contexto português. Ainda assim, assiste-se a um progressivo reconhecimento da relevância do pós-modernismo como expressão cultural global – e nesse sentido, também nacional – e, no caso português em particular,

³²⁹ FRAMPTON, Kenneth – *Op. cit.* p.6. Tradução livre.

³³⁰ Esta tese – cuja designação é emprestado de Alexander Tzonis e Liane Lefaivre - elabora em torno de “escolas regionais” de arquitectura que se destacam pelo respeito a uma identidade conceptual local. O autor pretende assim sublinhar a sua crítica a uma arquitectura concebida ao sabor de modas universalizadas. Cf. NESBITT, Kate – *Op. cit.* p.503. A citação à obra de Siza Vieira contribui, aqui, para a elevação da Escola do Porto ao debate internacional.

³³¹ São estes a *História e Historicismo*, o *Sentido*, o *Lugar*, a *Teoria Urbana*, a *Agenda Ética e Política* e o *Corpo*. Cf. NESBITT, Kate – *Op. cit.*

enquanto ponto de honra obrigatório dessa mesma libertação que a Revolução oferece³³².

Esta tomada de consciência – a qual vem justificando alguns afloramentos teóricos desde então³³³ – vem na *pós-Modernidade na Arquitectura Portuguesa* (FIGUEIRA, 2009), encontrar a apropriação de “paradigmas”³³⁴; com efeito, o autor fundamenta a existência de um *pós-modernismo afirmativo*³³⁵ e de um *pós-modernismo crítico*³³⁶ como “correntes” representativas de uma cultura arquitectónica entre os anos 60 e os anos 80³³⁷ as quais justificarão, em parte, a divergência Lisboa-Porto a que já nos referimos (e que retomaremos mais à frente remetendo para estes mesmos conceitos). Esta interpretação confirma a regra de “conceito em gestação”.

Uma vez estabelecidos alguns dos paradigmas teóricos possíveis para um pós-modernismo, em todo o caso, globalmente experienciado, interessa-nos agora entender, em particular, a expressão portuguesa da pós-modernidade.

3.1.4 A expressão portuguesa da pós-modernidade

Sinuosa que seja a sua definição, a cultura pós-moderna impõe-se globalmente. No caso português – como no resto do mundo - a sua génese reside na vertigem do desenvolvimento, contido que estava em situação de Guerra e, no que toca à

³³² É importante notar que o “fim da proibição” não é exclusivo português mas sobretudo um motivo de celebração em Veneza aquando da Bienal de 1980 . FIGUEIRA, Jorge – *A periferia perfeita*. Op. cit.. vol.1, p.173.

³³³ Os catálogos das retrospectivas de arquitectura nacional que ocorrem, sucessivamente, desde o 25 de Abril obrigam diversos autores a teorizar sobre a realidade portuguesa.

³³⁴ O autor baseia-se numa abordagem de Hal Foster, teórico de arte e arquitectura modernas. Cf. FIGUEIRA, Jorge – *A periferia perfeita*. Op. cit.. vol.1, p.220-224.

³³⁵ “O pós-modernismo resulta do idealismo e da sua derrota que os “anos 60” fixaram, particularmente corporizados pelo “Maio de 68”. Isto é, integra as poéticas da contestação e as poéticas do realismo, em simultâneo, de acordo com um cepticismo lúdico que lhe permite, no entanto, ser “afirmativo”. FIGUEIRA, Jorge – *A periferia perfeita*. Op. cit.. vol.1, p.225.

³³⁶ “Os conceitos de “esmorecimento do afecto”, “pastiche”, a impossibilidade de uma “genuína historicidade”, a “esquizofrenia” e o “sublime” definem um quadro crítico do pós-modernismo”. FIGUEIRA, Jorge – *A periferia perfeita*. Op. cit.. vol.1, p.218.

³³⁷ A estes dois conceitos acresce o de *pós-modernismo negativo* o qual representa “uma terceira via – aquela que sublinha o “fim” ou anuncia a “morte” que se segue”. Cf. FIGUEIRA, Jorge – *A periferia perfeita*. Op. cit.. vol.1, pp.219-231.

arquitectura, em sinais de lucidez crítica e inquieta da classe; a revisão do movimento moderno pela via do associativismo³³⁸ e a exploração individual de uma nova arquitectura³³⁹ – e, enfim, todo o evoluir de uma cultura arquitectónica portuguesa nas três décadas precedentes à Revolução [V. 1.2] - justificam, como já explicámos atrás, um enquadramento cultural não tão alheio ao resto do mundo como se poderia imaginar³⁴⁰. No que toca à arquitectura, Portugal “procura-se” a si próprio e o 25 de Abril de 1974 – que cria uma cisão essencialmente política, económica e social (e não tão cultural assim)³⁴¹ – vem sobretudo ampliar o campo de possibilidades.

Ainda assim, numa primeira fase, o embate de uma nova realidade política vai transportar a actividade para um estado de dormência – apesar das operações do S.A.A.L., o recuo na actividade económica provoca o retorno ao pequeno *atelier* e a dispersão geográfica de muitos profissionais, nomeadamente recém-formados em busca de trabalho. Mas na década de 80 a disciplina retomar os desejos retraídos de exuberância e de prazer³⁴², associando-se a uma generalizada dessacralização

³³⁸ Referimo-nos ao I Congresso, ao *Inquérito* e a publicações como a *Arquitectura* ou a *Binário*.

³³⁹ Entre muitos outros destacamos da obra de Conceição Silva, Raul Hestnes Ferreira ou Luiz Cunha.

³⁴⁰ A este propósito podemos referir como exemplo a assimilação, ainda em ditadura, do *estilo internacional* como modelo construtivo generalizado: neste caso o termo “internacional” já pretende espelhar, em si mesmo, a globalidade de uma nova era. Este facto sinaliza aquilo que Fredric Jameson defende ao declarar que a revisão do moderno constitui, por si, uma superação do próprio moderno.

³⁴¹ “A crise revolucionária de 1974-1975 não provocou rupturas nas intervenções urbanas e arquitectónicas dos arquitectos portugueses e, seja para os do Porto ou de Lisboa, referem-se os antecedentes próximos, ideológicos ou formais, como pontos de partida para o desenvolvimento de uma acção projectual de pura continuidade.” COSTA, Alexandre Alves – 1974-1975, o SAAL e os Anos da Revolução. In TOSTÕES, Ana [et al.] – *Arquitectura do século XX: Portugal*. München: Prestel, 1997. ISBN 3-7913-1910-8. p.65.

³⁴² A este propósito julgamos pertinente citar Jorge Figueira na conclusão da sua análise: “Os projectos outrora estoicamente modernos vestiam-se para a noite: frontões, pórticos, arcos, óculos, colunas bandeirinhas, frisos, cores do arco-íris, geometrias acidentais, dilacerações construtivistas, tradicionalismos em *free-style*.” Cf. FIGUEIRA, Jorge – *A periferia perfeita*. Op. cit.. vol.1, p.456.

das formas numa sociedade em que o gosto deixa de estar polarizado entre o tradicionalismo nacional e o modernismo³⁴³.

É neste contexto – de multiplicidade - que podemos também afirmar que não há uma expressão dominante para um pós-modernismo português³⁴⁴. Igualmente, verificamos que mesmo para alguns dos protagonistas de um pós-modernismo do tipo *afirmativo*, o tema não é claro nem o “estilo” é calculado³⁴⁵.

Mas naturalmente que não podemos negar que esse mesmo pós-modernismo afirmativo é uma evidência nem que este adquire uma particular significado em Lisboa; de facto, o cosmopolitismo lisboeta inserido numa sociedade crescentemente consumista – o que é tido como novo direito adquirido [V. nota 366] – é especialmente susceptível à multiplicação de estímulos e, no caso da arquitectura, à particularidade de esta tomar para si o desígnio do mediatismo. De facto, a “arquitECTURA mais incontidamente pós-modernista” onde “é evidente a derrapagem construtiva, o surto eclético, uma epidemia da *forma*”³⁴⁶ será certamente a faceta de uma cultura, mais que dominante, *dominada* – pelo mercado, consumo e efemeridade e, muito particularmente, pela mediatização.

³⁴³ Cf. ALMEIDA, Rogério Vieira de – De 1976 ao final de século. *Op. cit.* p.73.

³⁴⁴ Em 1997, num balanço, Rogério Vieira de Almeida diz que “um a um, os sinais e as propostas de tendência vão-se multiplicando”, acrescentando que “a evolução nos anos 80” se encontra “por entre divergências e convergências” em vertentes como: “Historicismo (...) (Tomás Taveira e Luiz Cunha); Ecletismo pop (...) (Manuel Vicente, António Marques Miguel, Manuel Graça Dias); (...) do *lettering* e mobiliário à cenografia teatral; Grandes edifícios urbanos, exacerbando as componentes tecnológica e formalista (Tomás Taveira, Manuel Salgado, Arsénio Cordeiro Barreiros Ferreira); Ecletismo programático (...) (Jorge Gigante, Gonçalo Byrne, Manuel Tainha, Alcino Soutinho); Modernidade radical fundada no sentido do *sítio* (...) (Fernando Távora, Álvaro Siza, Souto Moura, Carrilho da Graça); Tipologias simples e tradicionais (...) (Fernando Távora, Álvaro Siza, Gonçalo Byrne); Tipologias complexas e livres (Carrilho da Graça, Souto Moura, Manuel Graça Dias). ALMEIDA, Rogério Vieira de – De 1976 ao final de século. *Op. cit.* p.81.

³⁴⁵ Manuel Vicente refere que, ao contrário de outros colegas, nunca pensou em si próprio nem no seu trabalho como inserido num movimento pós-moderno. Cf. VICENTE, Manuel. In *Manuel Vicente. Seminário. Op. cit.* E no entanto Jorge Figueira considera que “se Manuel Vicente não é pós-moderno, ninguém é!” Cf. FIGUEIRA, Jorge. In *Manuel Vicente. Seminário. Op. cit.*

³⁴⁶ FIGUEIRA, Jorge – *A periferia perfeita. Op. cit.* vol.1, p.455.

Vistas que estão as nuances do conceito de *pós-modernidade*, e considerando que Portugal se insere, no final dos anos 60, nesta nova “dominante cultural”; tendo também já abordado sumariamente como é que a cultura arquitectónica portuguesa encara a problemática moderna na segunda metade do século XX no âmbito da nova cultura – não se deixando levar por um saudosismo acrítico dos projectos interrompidos das primeiras décadas – tentaremos, agora concretizar os aspectos mais visíveis dessa pós-modernidade.

3.1.4.1 O pós-modernismo a norte

De acordo com Jorge Figueira - referência que nos assiste neste exercício teórico e para quem esta nova “ordem” pós-moderna, em contexto português, é clara – “aquilo que distingue a pós-modernidade na arquitectura portuguesa é a sua amplitude geográfica, cultural e heterodoxia de costumes”³⁴⁷. Seja como for, para o autor a actuação dos arquitectos portugueses respeita, essencialmente, dois tipos de abordagem, a qual “tende a corresponder, nos anos 80, à polarização Porto-Lisboa”. (FIGUEIRA, 2009)

Assim, reduzindo o espectro de possibilidades a duas vertentes, começamos por observar que no Porto, nos anos 70 - num contexto em que “o vínculo afectivo à arquitectura moderna [se] mantém” e em que “as novidades venturianas e rossianas são (...) parcimoniosamente abordadas” – Siza Vieira inaugura uma experimentação pós-modernista através

³⁴⁷ O autor acrescenta: “Em espaço pequeno há uma afeição a várias geoculturas, transportadas, revistas ou reinventadas. A arquitectura portuguesa serve como barómetro da pós-modernidade: porque é polissémica; não sabe o que é ser original; é orgulhosamente derivativa. A África existe em Pancho Guedes, mas também nas obras de Luiz Cunha e de Manuel Graça Dias; veja-se no centro do Bairro Alto, a Casanstra (1984). Enquanto a América-Europa nos é reportada por Raul Hestnes Ferreira, a América-Las Vegas chega-nos por Manuel Vicente a caminho de Macau. King’s Road passa por Cascais pela mão de Tomás Taveira. Álvaro Siza não só percorre como reinventa a tradição centro-europeia, em Berlim e em Haia. A Itália está sempre presente: da continuidade (Atelier Nuno Teotónio Pereira) ao neo-racionalismo (José Charters Monteiro) à Bienal de Veneza de 1980 (Depois do Modernismo, 1983). Ao longo dos anos 80, a inesperada [SIC] opção miesiana de Eduardo Souto de Moura vai preparando o after-party.” Cf. FIGUEIRA, Jorge – *A periferia perfeita*. Op. cit.. vol.1, p.456.

de “um complexo e contraditório parêntesis” aberto de forma “inesperada” na forma como aborda os temas de Robert Venturi; de facto, a sua obra – que resulta do cruzamento de legados adquiridos e reinventados à luz de novos estímulos - não deixa passar incólume esta novidade teórica³⁴⁸.

Será, pois, num quadro de actuação *racionalista* que surgirá, a Norte, uma linha *crítica* de aproximação ao pós-moderno.

3.1.4.2 O pós-modernismo a sul

A sul, um enquadramento racionalista não se servirá do referencial contextualizador e vernacular da *Escola do Porto* mas experimentará o pós-modernismo inspirado numa nova consciência da história e da *memória* numa relativa aproximação à linguagem *rossiana*. Tal é, por exemplo, o caso do conjunto da Bela Vista (Charters Monteiro, Setúbal, 1974-1981) o qual, remetendo para “os arquétipos da “cidade tradicional” (praças, esquinas, escadarias)”, constitui uma “malha de quarteirões hiperbolizados – depurados e agigantados”.

Esta monumentalidade cenográfica da arquitectura de Rossi estará também patente na obra “Cinco dedos” (Vitor Figueiredo, Chelas, Lisboa, 1974-1977) apesar do “silêncio e opacidade”³⁴⁹ que a pontuam.

A “Pantera Cor-de-Rosa” (Gonçalo Byrne e António Reis Cabrita, Chelas, Lisboa, 1971-1975) será recorrentemente comparada a *Gallaratese*³⁵⁰.

Temos, portanto, que neste quadro geográfico – a sul – e temporal – pré-revolucionário – a expressão *neo-racionalista* das experiências de habitação social nos anos 70 será uma

³⁴⁸ “Meteu-nos o *bicho* de uma novidade teórica e foi para Caxinas-Vila do Conde fazer arquitectura *pop*, num processo que desorientou os amigos e admiradores.” TAVARES, Domingos cit. por FIGUEIRA, Jorge – *A periferia perfeita*. Op. cit.. vol.1, p.246.

³⁴⁹ FIGUEIRA, Jorge – *A periferia perfeita*. Op. cit.. vol.1, p.251.

³⁵⁰ Ex. FERNANDEZ, Sérgio – Op. cit.. pp.185. Jorge Figueira não considera essa aproximação mas não deixa de referir a integração de “elementos da cidade tradicional (a praça) e elementos da cidade moderna (a galeria)” caracterizando esta obra como um “modelo híbrido e tipologicamente experimental que ao referenciar-se em arquétipos tem uma conotação neo-racionalista”. Cf. FIGUEIRA, Jorge – *A periferia perfeita*. Op. cit.. vol.1, p.253.

das “introduções” da nova cultura arquitectónica emergente na sua vertente *crítica*.

Devemos ainda recuar a Byrne para demonstrar em que medida é que a sua aproximação ao pós-modernismo não se faz somente de uma abordagem *rossiana*/neo-racionalista: na verdade, este autor descreve, em 1976, aquilo que chama de “algumas premissas para uma arquitectura nova” abrindo “o espaço de uma nova tendência, considerada “formalista””; ora, a ideia de uma “arquitectura nova” que anuncia a saturação do *método* pela inspiração da *forma*, a qual deverá ser “dessacralizante da linguagem da arquitectura e dos (...) sistemas internos [do Movimento Moderno]” é uma premissa chave para uma arquitectura pós-moderna, ainda que mascarada pela contenção. Assim, o desvio teórico deste autor – cuja obra não deixa de se materializar como “austera” e “depurada”³⁵¹ – exprime claramente os seus motivos como pós-modernos (ainda que sob um prisma *crítico*).

³⁵¹ BYRNE, Gonçalo cit. por FIGUEIRA, Jorge – *A periferia perfeita. Op. cit.*, vol.1, p.252.

3.2 O pós-modernismo lisboeta

3.2.1 A génese de um pós-modernismo aSul

Existirá, no entanto, uma expressão arquitectónica menos contida que será mais amplamente representativa da cultura arquitectónica do sul. A sucessão de “experiências ecléticas e beligerantes face à tradição moderna”³⁵² terá expressão de fenómeno pela sua passagem fulgurante (restrito que será à década de 80).

Ainda assim Jorge Figueira refere alguns pré-avisos reportando ao “experimentalismo pop” da Loja Valentim de Carvalho (Atelier Conceição Silva, Cascais, 1966-1969), para citar um exemplo:

“De facto, na Loja Valentim de Carvalho (...), Tomás Taveira adopta, extraordinariamente em cima do tempo, elementos da cultura pop londrina que joga com referências gráficas “clássicas” (na planta e elementos decorativos). A intervenção pictórica de Rolando Sá Nogueira, integrando palavras de Herberto Helder, percorre o interior e o exterior da intervenção, num diálogo que não segue a lógica modernista da “integração das artes”, mas visa um outro estado de sublimação. Antecipando a lógica do pós-modernismo, a “cultura popular” irrompe na “cultura erudita”; as técnicas de publicidade ganham maioridade artística; entre cores intensas e pictogramas, um grafitti poético vibra na “fachada barroca”.” (FIGUEIRA, 2009, p.261)

Com efeito, a “Loja” anuncia o percurso individual daquele que será o “porta-voz do “movimento pós-modernista”, na sua vertente internacionalista e “oficial”³⁵³. Não é, portanto, de desprezar o Atelier Conceição Silva como “agente introdutório” da abordagem *afirmativa* do pós-modernismo, sobretudo junto de uma geração mais nova³⁵⁴, caso tivesse retomado

³⁵² FIGUEIRA, Jorge – *A periferia perfeita. Op. cit.*, vol.1, p.255.

³⁵³ FIGUEIRA, Jorge – *A periferia perfeita. Ibidem*.

³⁵⁴ Rui Barreiros Duarte dá conta da sua passagem pelo *atelier*, enquanto estudante, portanto antes da Revolução, referindo-se-lhe como uma *escola*.

actividade depois do 25 de Abril, o “Atelier” encaixaria numa emergente economia de mercado pronta a olhar a arquitectura como *produto comercial*; da mesma forma, a sua vocação multidisciplinar, informada e permeável às influências “de fora” – sobretudo nos aspectos formais e linguísticos – bem como o seu sentido de “construtividade” – em estreita ligação com o mercado da construção – fazem com que este *atelier* rompa “com a tradição politicamente resistente e profissionalmente austera que move a melhor arquitectura portuguesa”³⁵⁵; igualmente o cuidado particular dado aos “interiores” e ao *design*³⁵⁶, aspectos integrantes das diversas obras – na arquitectura comercial como nos grandes empreendimentos turísticos - o domínio de uma “imagem” de arquitectura pela veiculação de um “gosto” (neste caso, sofisticado) fazem este *atelier* enquadrar-se bem “no fim da normativa racionalista e da sua exigente ética “heróica”” e aproximar-se de várias das premissas *afirmativas* do pós-modernismo.

Curioso será, pois, assinalar a ligação que Jorge Figueira estabelece entre esta arquitectura comercial e o trabalho de Teotónio Pereira – ele mesmo submerso na esfera da dita “tradição (...) austera”; referindo-se a uma “relação entre as experiências culturalistas de Teotónio Pereira e o novo tempo mediático que se abre nos anos 60” o autor alega que “a génese do edifício de escritórios iconográfico, que marcará o

“Havia uma escola no Conceição Silva que nos dava um input de atitude - não lhe chamo nem ideologia nem imaginário - que se impunha de tal forma (a escola do Conceição Silva) que havia uma certa homogeneização, princípios que víamos e que eram procedimentos do atelier e isso era interessante. Com metodologias diversas – o Arq. Tomás Taveira tinha sido chefe do Atelier Conceição Silva durante muitos anos e depois foi o Afonso Dias, o Conceição Dias, o Santos Gomes e também o Henrique Chicó... (...) No início, quando para lá fui, os meus colegas chamavam-me “formalista” por desenhar, mas eu assistia a intermináveis discussões entre aqueles arquitectos que não levavam a coisa nenhuma, ou davam soluções muito “contidas” próximas dum “preciosismo inibitório”.” DUARTE, Rui Barreiros. In *Entrevista. Idem*. [V. Anexo V.2]. Julgamos poder dizer que Manuel Vicente e Tomás Taveira se terão conhecido através de, ou também pelo Atelier Conceição Silva; nessa altura, Tomás Taveira terá dito a Jorge Gaspar que este deveria conhecer “uma pessoa extraordinária que vinha da América” que seria o próprio Manuel Vicente. Cf. GASPAS, Jorge. In *Manuel Vicente. Seminário. Op. cit.*

³⁵⁵ FIGUEIRA, Jorge – *A periferia perfeita. Op. cit.* vol.1, p.110.

³⁵⁶ Conceição Silva “[lança] qualificadamente o novo conceito de “design””. TOSTÕES, Ana – *Os verdes anos. Op. cit.* p.182.

pós-modernismo em Portugal, está no “Franjinhas” (Lisboa, 1965-1969) e na enorme polémica que criou na época” já que este edifício constitui uma “mediação entre a arquitectura de autor e uma “arquitectura comercial””³⁵⁷.

No contexto de uma arquitectura *do seu tempo* é importante, também, fazer notar o trabalho do “Trio Maravilhas” (Atelier Multiplano) para diversas agências bancárias ou lojas de Lisboa mas mais particularmente para o edifício Simopre (1972-1976); a sua proximidade geográfica ao edifício Castil, do Atelier Conceição Silva, bem como ao “Franjinhas”, compõe um roteiro de visualidades distintamente provocadoras³⁵⁸ ao mesmo tempo que “assume plenamente a imagem cosmopolita que a cidade de Lisboa começou a perseguir desde o início da década de 70”.

O “Trio” – composto por Carlos Tojal, Manuel Moreira e Carlos Roxo – terá procurado “uma linguagem para a tecnologia da edificação” no sentido de permitir “conceber um objecto animado e vibrante” harmonizando-se com a vanguarda da época. A edificação da obra seria, no entanto, frustrada por dificuldades de controlo do desenho original, já em plena Revolução; “a lição que o edifício Simopre poderia ter representado no universo lisboeta dos anos 70 acabaria [assim] por ser prejudicada (...). Seria ainda Prémio Valmor 1984, num esforço de reconhecimento que se revelou tardio e, até, inoportuno”³⁵⁹.

Igualmente relevante pela aproximação à arquitectura de Louis Kahn – e à ponte que este autor estabelece com uma arquitectura do “passado” abrindo caminho a posturas historicistas, nomeadamente de Venturi, seu discípulo³⁶⁰ – está

³⁵⁷ FIGUEIRA, Jorge – *A periferia perfeita. Op. cit.* vol.1, p.231.

³⁵⁸ “Provocação visual” são palavras dos autores. Cf. MILHEIRO, Ana Vaz – Edifício Simopre. In TOSTÕES, Ana [et al.] – *Arquitectura do século XX: Portugal*. München: Prestel, 1997. ISBN 3-7913-1910-8. p.264.

³⁵⁹ MILHEIRO, Ana Vaz – Edifício Simopre. *Ibidem*.

³⁶⁰ A sua longa relação pessoal e profissional começou com a uma dissertação de Venturi para a Universidade de Princeton, em 1950. Cf. RODELL, Sam – *The influence of Robert Venturi on Louis Kahn* [Em linha]. Washington State University, Interdisciplinary Design Institute, 2008. [Consult. 24 Setembro 2010]. Disponível em

a obra de Raul Hestnes Ferreira. Situando-se ideologicamente distante do pós-modernismo – já que não se deixa iludir pela *sedução do efêmero* – a sua postura “acrescenta [à filiação *kahniana*] uma componente gráfica, “arabesca”, que textura as matrizes geométricas de onde parte”. Jorge Figueira afirma que “mesmo que involuntariamente, esse mecanismo aproxima-o do pós-modernismo, onde decoração significa *comunicação*”³⁶¹. O autor vai ainda afirmar que a linhagem Kahn-Venturi é transponível para “o diálogo entre Raul Hestnes Ferreira e Manuel Vicente”³⁶² o qual será o arquitecto mais paradigmaticamente pós-moderno em contexto português, ainda segundo o autor.

Tendo abordado sumariamente de que forma é que a cultura arquitectónica portuguesa da década de 60 e inícios de 70 (e em particular a do sul) se relaciona com a realidade vindoura e relembrando que os primeiros anos de liberdade contêm em si uma “micro-história”³⁶³ cuja análise se encontra, por opção, ausente da presente dissertação, iremos agora explicar o modo próprio com que Lisboa assimilou a pós-modernidade ao longo da década de 80: serão vistas as novas expressões culturais – intelectuais e performativas – à luz das metamorfoses que cruzaram todo o país ao nível económico, social e político.

3.2.2 A cidade de Lisboa: sociedade e cultura

Retomando um autor já citado, sabemos que “desde 1976, a grande questão [política] foi “consolidar a democracia”, isto é,

http://spokane.wsu.edu/academics/Design/documents/S_Rodell_09858138.pdf, p.4.

³⁶¹ FIGUEIRA, Jorge – *A periferia perfeita*. Op. cit., vol.1, p.233.

³⁶² FIGUEIRA, Jorge – *A periferia perfeita*. *Ibidem*. “Raul Hestnes Ferreira trabalha com Louis Kahn, em Filadélfia, entre 1962 e 1965; entre 1968 e 1969 foi a vez de Manuel Vicente.” FIGUEIRA, Jorge – *A periferia perfeita*. Op. cit., vol.1, p.51.

³⁶³ A importância e peculiaridade deste período, curto mas fundamental na história da cultura arquitectónica portuguesa recente, justifica-o como tema único de uma tese de Doutoramento. Cf. BANDEIRINHA, José António – *O processo SAAL e a arquitectura no 25 de Abril de 1974*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2007. 24x17cm, 448pp. Tese de Doutoramento em Arquitectura (Arquitectura e Construção) apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

fazer aceitar o [novo] regime como espaço natural da vida pública”³⁶⁴ e que a cisão política causada pela Revolução obrigou a um recuo económico com repercussões directas no retrain e dispersar do exercício profissional. Esta quebra foi sendo progressivamente retomada até que, por volta de 1987 (aquando do primeiro governo de maioria absoluta de Aníbal Cavaco Silva), “vivia-se (...) a prosperidade suscitada pela baixa do preço do petróleo (...), pelo investimento estrangeiro e pelas transferências públicas da CEE”³⁶⁵.

A sociedade portuguesa caminhava, assim, de um estado económico de fechamento, privação e “poupança” para um outro de abertura ao consumo³⁶⁶ e, cada vez mais, aos “excessos”. Assim se cumpria o desígnio de uma *condição pós-moderna* plena, censurada que estava pelo régimen anterior.

Mas a lógica pós-moderna não se baseia só num maior poder de compra (ou no acesso massificado a fórmulas de “felicidade” como comprar ou mandar projectar casa própria): no campo social, a democratização implica também o nivelamento de classes e a própria banalização de um “gosto”. A arquitectura – outrora relegada para elites ou de encomenda estatal – passa a ser “pertença” popular³⁶⁷. Multiplica-se, por todo o país, a *casa do emigrante* assente na aculturação emblemática traduzida em valores simbólicos e em linguagens “arquitectónicas” importadas, nomeadamente centro europeias. A permeabilidade a outras culturas é um dado adquirido da história portuguesa mas, neste caso, não exclusivo dos portugueses emigrados por força da necessidade já que ela adquire particular significado no cosmopolitismo militante da

³⁶⁴ RAMOS, Rui, coord. – *História de Portugal. Op. cit.* p.753.

³⁶⁵ RAMOS, Rui, coord. – *História de Portugal. Op. cit.* p.758.

³⁶⁶ A população vingava a carências que houvera sofrido endividando-se na banca, opção resultante do sentimento de direito adquirido no que respeita à riqueza, independentemente da respectiva produtividade económica. Cf. RAMOS, Rui. In MIRANDA, Bárbara [et. al] – *As Histórias da República, programa n.º20: 25º Aniversário da Assinatura do Tratado de Adesão Portuguesa à C.E.E.* [Registo vídeo]. Realização de Bárbara Miranda [et. al]. 1ª ed. [S.l.]: RDP Internacional, 2010. 50 min: color., son..

³⁶⁷ As casas de emigrantes foram, a dada altura, sugeridas inclusivamente como matéria de novo *Inquérito*.

cidade de Lisboa, nos anos 80³⁶⁸. E se, de um lado, arquitectos, artistas e intelectuais se misturam³⁶⁹ num colorido descomprometido, do outro a profusão de uma arquitectura que anunciava um ecletismo crítico de Tomás Taveira é essencialmente bem acolhida pela sociedade civil.

Junta-se o útil ao agradável: a sua arquitectura deseja falar e a cidade quer ouvir. O espaço mediático que se abre – sinal de uma da era da comunicação que se segue à era dos conteúdos e mais um sinal de vigor pós-moderno - é, como o nome indica, o melhor “inter-mediário”. É também responsável pela publicitação e balanço de eventos os quais, neste período, se multiplicam em clima festivo.

É o caso de *Depois do Modernismo* o qual atinge um eco mediático assinalável; este conjunto de iniciativas artísticas que decorre em Janeiro de 1983 não assenta numa estratégia particular de promoção do pós-moderno³⁷⁰ mas não rejeita, por outro lado, a colagem de uma agitação intelectual em torno do tema³⁷¹. A arquitectura é, de entre todas as “artes” – como não poderia deixar de ser - a grande protagonista e, sobretudo, destaca-se pela participação de uma geração que procura o seu espaço de afirmação³⁷².

³⁶⁸ ““O renovado fascínio” e a “nova geração de lugares de encontro” do Bairro Alto [são entendidos] como esse lugar pós-moderno: interno, acolhedor, e simultaneamente cosmopolita. (...) a [sua] malha medieval pontuada pelo Frágil como igreja universal (...) define a geografia central do pós-modernismo.” FIGUEIRA, Jorge – *A periferia perfeita*. Op. cit.. vol.1, p.298.

³⁶⁹ “Há um movimento performativo em curso que se revela na moda, no teatro, no cinema, às vezes cruzando-se.” FIGUEIRA, Jorge – *A periferia perfeita*. Op. cit.. vol.1, p.294.

³⁷⁰ Luís Serpa, um dos responsáveis pela exposição, diz que a “essa iniciativa estava muito concentrada no título que se debruçava sobre o depois do Modernismo e não pós modernismo p.d., diferença semântica muito grande”. Cf. SERPA, Luís – Luís Serpa / entrevista por Sandra Jürgens. *Artecapital*, 2006. 22 Dezembro 2006. [Consult. 12 Março 2010]. Disponível em <http://www.artecapital.net/entrevistas.php?entrevista=15>

³⁷¹ Ainda segundo Luís Serpa, a ideia da iniciativa teria sido estrategicamente secundada por um artigo sobre o pós-modernismo que Eduardo Prado Coelho escrevera para o jornal *Expresso*. Cf. SERPA, Luís – *Ibidem*.

³⁷² Participam neste evento, entre outros, Manuel Graça Dias, Michel Toussaint, António Belém Lima, João Vieira Caldas, Júlio Teles Grilo e José Manuel Fernandes.

Talvez que o equívoco do nome justifique a sua inconsistência ideológica³⁷³; a exposição não deixa, ainda assim, de transmitir claramente a mensagem de rebeldia a que se propõe³⁷⁴.

No caso da arquitectura, a contestação reside na oposição ao “moderno” a qual é severamente desconstruída por uma carta de recusa de participação de alguns arquitectos “do Porto”³⁷⁵. É por esta *recusa* que, apesar do sucesso, este evento abre uma fissura momentânea entre alguns arquitectos, contribuindo um pouco mais para a polarização das duas cidades³⁷⁶.

Michel Toussaint será o autor de um dos textos mais determinantes para o entendimento deste evento e desta clivagem³⁷⁷, mas Manuel Graça Dias assumirá talvez o rosto mais visível desta nova geração e reflectindo, ao longo da década, sobre o tema do pós-modernismo n’O *Independente* mas também no *Jornal de Letras*, ele próprio vai reconhecer a imaturidade teórica do evento³⁷⁸.

Apesar de pobre, algumas outras publicações (já no campo da “especialidade”) também alinham no debate em volta da nova arquitectura emergente. Entre outros, o *Jornal Arquitectos*³⁷⁹, cuja publicação se inicia em Novembro de 1981 - editando artigos de autores diversos sobre o evento.

³⁷³ A exposição é “arauto de novos tempos, paradoxalmente diferentes daqueles que pretendia anunciar”. Cf. ALMEIDA, Rogério Vieira de – A reforma de 1957. *Op. cit.* p.77.

³⁷⁴ No caso das artes plásticas, esta seria a da “libertação face ao rigor do conceptualismo do final dos anos 70”; Cf. SERPA, Luís – *Ibidem*.

³⁷⁵ Cf. TAVARES, Domingos [e tal.] – Ex.ma Sr.^a Ma.^a Eduarda Correia, Secretariado da Exposição “Depois do Moderno/Arquitectura” (...) [cópia de carta dactilografada]. *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 208 (2002), p.8. Os sete arquitectos convidados foram Adalberto Dias, Alcino Soutinho, Alexandre Alves Costa, Álvaro Siza Vieira, Domingos Tavares, Eduardo Souto de Moura e Sérgio Fernandez.

³⁷⁶ Se no *Encontro de Aveiro* (Encontro para debate em 1979) deixa antever esta clivagem, os *Onze arquitectos do Porto* (Exposição em 1983) é já a expressão de uma clara cisão ideológica.

³⁷⁷ Cf. [TOUSSAINT] PEREIRA, Michel Alves – O moderno e o pós-moderno na arquitectura. In SERPA, Luís, apresent. [et al.] – *Depois do modernismo*. Lisboa: Depois do Modernismo, 1983. pp.28-30.

³⁷⁸ Ao referir-se ao texto enviado por alguns arquitectos do Porto diz: “Achei-o impressionante, fiquei espantado com aquela capacidade de historiar a arquitectura portuguesa recente (...): “Não chegamos a ter moderno; como é que já vamos ser pós-modernos? Isto é uma coisa de outro tipo de países; é uma reflexão que não faz sentido em Portugal””. GRAÇA DIAS, Manuel cit. por FIGUEIRA, Jorge – *A periferia perfeita*. *Op. cit.* vol., p.92.

³⁷⁹ Manuel Graça Dias recorre a este periódico para publicar alguns dos textos mais “defensivos” de um pós-modernismo em discussão.

Também a retornada revista *Arquitectura*³⁸⁰ – em tempos pela “defesa da arquitectura moderna”³⁸¹ – divulga os *novíssimos* arquitectos ou uma geração essencialmente formada na ESBAL/FAUTL que busca “uma abertura, antes inexistente, a novas linguagens, conceitos, práticas, que desbloqueiem esta profissão por ora tão desgastada”³⁸² – geração em grande parte representada em *Depois do Modernismo* [V. 4.1].

Ao termo da 4ª série da *Arquitectura* segue-se uma 5ª série³⁸³; a alteração do nome para *Arquitectura Portuguesa* sugere um novo rumo. A intenção de “procurar a diversidade, a complexidade e até a controvérsia na produção nacional” realiza-se pela divulgação de *Pioledo*³⁸⁴ – jovem gabinete de “tendência” pós-moderna sediado em Vila Real - na recuperação da obra de Amâncio (Pancho) Miranda Guedes³⁸⁵ - arquitecto português radicado em Moçambique com obra singularmente expressiva - ou na divulgação do Conjunto das Amoreiras, de Tomás Taveira³⁸⁶ - cuja influência de matriz americana é evidente.

O domínio da língua inglesa³⁸⁷ é sustentado pelos dois continentes através da música (punk³⁸⁸ e pop) e cinema

³⁸⁰ A quarta série é iniciada com o n.º132 em Fevereiro/Março de 1979, depois de um interregno de cinco anos, tendo como Director José Lamas (ESBAL, 1972).

³⁸¹ DUARTE, Carlos cit. por REIS, Sofia Borges Simões dos – 74-86, *Arquitectura em Portugal. Op. cit.* p.103.

³⁸² FERNANDES, José Manuel – Novíssimos. *Arquitectura. Lisboa.* 4ª série, n.º149 (1983), p.15.

³⁸³ A quinta série é iniciada com o n.º1, em Maio/Junho de 1985, mantendo a direcção da série anterior.

³⁸⁴ Cf. *Arquitectura Portuguesa: Pioledo Arquitectos.* Lisboa. 1983, 5ª série, n.º3.

³⁸⁵ Cf. *Arquitectura Portuguesa: Vitruvius Mozambicanus: as vinte e cinco arquitecturas do excelente, bizarro e extraordinário Amâncio Guedes.* Lisboa. 1983, 5ª série, n.º2.

³⁸⁶ Cf. *Arquitectura Portuguesa: Grandes intervenções em Lisboa.* Lisboa. 1983, 5ª série, n.º4.

³⁸⁷ “Com a instituição do Inglês como primeira língua estrangeira no ensino a partir da década de 1980, a velha ligação francesa recuou perante a influência americana e inglesa. Acabava o tempo em que, como lembrou o escritor Miguel Esteves Cardoso em 1986, “a elite intelectual portuguesa dividia-se em três grupos de influência: os de influência francesa, os de influência francesa, e ainda os de influência francesa.” RAMOS, Rui, coord. – *História de Portugal. Op. cit.* p.771.

³⁸⁸ A erupção do “punk londrino” será “um dos momentos em que fica demonstrada a inevitabilidade (...) do mero gosto pela forma”; ALMEIDA, Rogério Vieira de – De 1976 ao final de século. *Op. cit.* p.75.

(nomeadamente de Spielberg) mas as notícias da América – no que toca à arquitectura – chegam-nos sobretudo através de Manuel Vicente; este demonstra a influência de Venturi na divulgação do seu trabalho de Macau através d’*O exercício da cidade*³⁸⁹ expondo, dez anos mais tarde, um percurso linear de aproximação a um estilo próprio com ... *Prender todo o tempo ocupando o espaço*³⁹⁰.

Em 1986 a exposição *Tendências da Arquitectura Portuguesa*, em Lisboa, apresenta o “depurado”, o “luminoso”, o “familiar”, o “impuro” e o “extravagante”: são os cinco arquitectos – respectivamente Siza Vieira, Hestnes Ferreira, Luiz Cunha, Manuel Vicente e Tomás Taveira - que compõem “cinco leituras que pudessem (...) funcionar como memórias para quando desta Exposição já só restarem folhas impressas”. Não restarão apenas as folhas impressas nem a adjectivação (ou as cinco “leituras”) mas a memória de algum público mais jovem [V. 4.2.1]³⁹¹.

Dois anos mais tarde, a última de uma série de “exposições nacionais” organizadas pela AAP desde 1986 exhibe “dilacerações geométricas e tradicionalismos rápidos, numa apoteose popular ao pós-modernismo”³⁹².

A animação da cidade reside, por fim, nas “polémicas arquitectónicas” tais como a “*batalha campal sobre a aprovação ou reprovação do projecto da Casa dos Bicos*”³⁹³ - obra emblemática no quadro pós-moderno português

³⁸⁹ *O Exercício da Cidade (Arquitectura em Macau em 1976/79)*; Ar.Co, Outubro de 1979.

³⁹⁰ ... *Prender todo o tempo ocupando o espaço*; Galeria EMI-Valentim de Carvalho, Outubro de 1989.

³⁹¹ O pós-modernismo fora já evidente numa exposição que precede a *Tendências* intitulada *Desenhos de Arquitectura* que terá estado presente na *Galeria Cómicos* de 8 de Maio a 1 de Junho de 1985 mostrando trabalhos dos arquitectos Luiz Cunha, Manuel Graça Dias, Troufa Real e Tomás Taveira. Não apurámos, no entanto, qual o seu impacto entre os estudantes.

³⁹² FIGUEIRA, Jorge – *A periferia perfeita*. *Op. cit.*, vol.1, p.280.

³⁹³ SANTA-RITA, João. In *Manuel Vicente. Seminário*. *Op. cit.*.

inaugurada em 1983 – ou o também “odiado por uns, amado por outros”³⁹⁴ complexo *Amoreiras*, inaugurado em 1985.

O fenómeno pós-moderno na arquitectura portuguesa é no entanto tão intenso quanto circunstancial.

O início da década corresponde a uma “fase “intuitiva”³⁹⁵. Só a partir de 1985 é que ele encontra o seu lugar para ganhar, a partir da década de 90, a “má fama”³⁹⁶ que ainda persiste.

As primeiras proposições de uma aparente nova “moda” advêm do debate intelectual: escreve-se sobre “uma forma de alegria e leveza para estar nas coisas (...)”. Uma forma desculpabilizante de fazer cultura³⁹⁷.

A discussão estende-se às artes: a iniciativa *Depois do Modernismo* é “o ponto nevrálgico de uma primeira fase do pós-modernismo em Portugal”.

O anúncio do começo do “movimento pós-modernista” por Tomás Taveira, em 1982 [V. nota 418], inaugura o debate arquitectónico em torno da apropriação de uma linguagem importada; de outro lado, os recém-formados inclusos no número *Novíssimos* da revista *Arquitectura* ou participantes no *Depois do Modernismo* encabeçam uma contra-proposta: mais “naïf, tentativa e portuguesa”³⁹⁸.

O ano de 1984 é o ponto alto da festa. A partir de 1985 inicia-se um período de maior reflexão no *Jornal Arquitectos* ao mesmo tempo que surgem os primeiros balanços teóricos³⁹⁹.

A partir de 1987 este periódico terá como temas a mediatização da figura do arquitecto, a ascensão de Siza Vieira a figura pública, as novas directivas para um ensino que se

³⁹⁴ HENRIQUES, Ana; SOARES, Marisa – Amoreiras: a polémica passou de moda, o *shopping* subiu de estatuto. *Cidades* [do Jornal Público]. Lisboa. 26 Setembro 2010.

³⁹⁵ FIGUEIRA, Jorge – *A periferia perfeita*. *Op. cit.* vol.1, p.299.

³⁹⁶ FIGUEIRA, Jorge – *A periferia perfeita*. *Op. cit.* vol.1, p.12.

³⁹⁷ COELHO, Eduardo Prado cit. por FIGUEIRA, Jorge – *A periferia perfeita*. *Op. cit.* vol.1, p.300.

³⁹⁸ FIGUEIRA, Jorge – *A periferia perfeita*. *Op. cit.* vol.1, p.256.

³⁹⁹ Ex. DIAS, Manuel Graça; MELO, Alexandre; MOURA, Leonel - Abcdário, Factos pós-modernos. *JL – Jornal de Letras, Artes e Ideias*. Lisboa. 21-27 Dezembro 1985, p.14.

abre à exploração privada e, claro, a inevitável morte anunciada do que acabou de nascer⁴⁰⁰.

Em breve o pós-modernismo se sumirá como um *flash* de “luz negra” uma vez que faz, em consequência, destacar uma cultura arquitectónica essencialmente branca. Seguir-se-ão as “variações sobre o tema”.

3.2.3 Os autores pós-modernos e as suas obras na capital

Expressámos até ao momento o nosso entendimento sobre a pós-modernidade, lançando a hipótese de um movimento pós-moderno arquitectónico se pode constituir como tal – isto é, com princípio, meio e fim – na medida em que esteja inserido nessa “lógica cultural”.

É necessário que esta distinção – entre *pós-modernidade* e *pós-modernismo* - fique clara já que esta será fundamental para compreender a produção arquitectónica na Lisboa dos anos 80 (que, como vimos, se enquadrará naturalmente num prisma *afirmativo*).

Se, por um lado, se assiste a edificações necessariamente pós-modernas na medida em que corporizam *atitudes* e experiências do seu tempo dá-se, paralelamente, a introdução manifesta de um *movimento* programático pós-modernista pela disseminação de obras estandarte, elas mesmas resultantes de opções conscientes sobre um tipo de arquitectura.

Assim, do mesmo modo como é extremamente difícil balizar o entendimento da arquitectura neste período, é também inequívoco e linear o contributo de um autor em particular.

⁴⁰⁰ “O vencedor [da segunda edição do prémio “Texto Crítico” da revista JA], Pedro (...) Nunes, em sintonia com o “espírito do tempo”, destila os excessos da época: constata o falhanço dos “apelos comunicacionais”, que redundara em formalismos, e resigna-se perante as contradições e relativismos da condição “pos-moderna””; NUNES, Jorge – Anos 80/Anos 90: (in)diferença e resistência. *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 218-219 (2005), p.93.

3.2.3.1 O *pluralismo estético* como alternativa ao moderno:

Tomás Taveira e o roteiro do pós-moderno “oficial”

De facto, a singularidade do percurso de Tomás Taveira reside no extraordinário empenhamento na difusão da novidade pós-moderna como bandeira contra-ideológica ao domínio do moderno que se verificara até então⁴⁰¹.

O *pluralismo estético* que advoga como fundamento teórico à realização dos *Seminários* ocorridos na ESBAL (que, lembramos, trazem figuras de referência de um pós-modernismo internacional a Lisboa [V. 2.6.2]) propõe a legitimação de alternativas a um “único código (...) que é o código do movimento moderno levado ao extremo”. Mas em contradição, a alternativa ao moderno situar-se-á, no seu ponto de vista, a uma abordagem relativamente encerrada sobre as diferentes possibilidades que se abrem com a pós-modernidade. Comentando sobre a importância dos *Seminários* em contraponto com o *Depois do Modernismo* - em cuja exposição não participa - dirá mais tarde:

“As conferências (...) vieram dar um certo equilíbrio e mostrar que efectivamente (...) o pós-modernismo era uma coisa muito diferente, não era aquilo que estavam a vender. Se tivesse visto a exposição do pós-modernismo ter-se-ia espantado porque era fraca, era hiper-fraca do ponto de vista da filosofia e da compreensão do próprio fenómeno, por parte dos seus mentores, que no fundo apenas o aproveitavam como boleia. Ninguém percebia (...) da recuperação de ideias e sinais levada a cabo pelo pós-moderno. De facto nada disso estava na exposição do pós-modernismo, nem depois [os seus participantes] foram pós-modernos.” (TAVEIRA cit. por FIGUEIRA, 2009, vol.2, p.106)

⁴⁰¹ Isto é apesar do próprio autor considerar a sua obra moderna e o moderno como herança insuperável. *“As Amoreiras são o típico edifício moderno: um pódio com umas “coisas” em cima. Isto é o que há de mais evidentemente moderno. E depois dizem: “Mas você é pós-moderno e fez uma coisa assim?” Pois é, mas como é que se pode cortar as raízes? Creio que ninguém pode...”* TAVEIRA, Tomás cit. por FIGUEIRA, Jorge – *A periferia perfeita*. Op. cit., vol.2, p.106.

Vemos, assim, que do mesmo modo como o *Depois do Modernismo* se pretende situar *depois de* e não propriamente *dentro de* um movimento (embora surjam equívocos, como já vimos) também Tomás Taveira pretende situar o pós-moderno - ou as manifestações contra-modernas – dentro de um conceito cujos contornos lhe são bem claros.

E, de facto, a ampla visão sobre a arquitectura que obtém, desde cedo, pela colaboração com diversos mestres e o desejo de se cultivar em torno da “actualidade” – o que lhe dá a conhecer, mesmo por entre um regime político adverso, as vanguardas que se sucedem internacionalmente ao longo da segunda metade do século XX - permitem-no dominar e transpor linearmente para um contexto português correntes já testadas e teorizadas no exterior.

Assim, o autor será, segundo Jorge Figueira, “responsável por um conjunto de obras que definem um roteiro para o pós-modernismo [internacional]”:

“O “experimentalismo pop” da Loja Valentim de Carvalho, (1966-1969); o “metabolismo” dos edifícios de habitação de Chelas (1975-1978); as “cenografias urbanas” presentes no edifício na D. João XXI (1978) e no Complexo das Olaias (1972-1980); “alusões high-tech” do Edifício de escritórios na Av. D. Carlos I (1979-1984).” (FIGUEIRA, 2009, p.25)

A esta *palette* de linguagens será, por fim, acrescentada, em plena década de 80, uma linha mais genuinamente pós-moderna no que esta tem de “barroca” e exuberante. Aqueles mesmos princípios que defende – a “reintegração da história” pela introdução de elementos significantes e narrativos, a “assunção de (...) uma “arquitectura falante”” pela manipulação da cor, da decoração, da saturação – terão, no complexo das Amoreiras (Lisboa, 1980-1996) e no edifício do BNU (Banco Nacional Ultramarino) (Lisboa, 1983-1989), a sua expressão mais acutilante.

Consumando a sua própria vocação, as Amoreiras permitem pôr “os portugueses a falar de arquitectura como nunca tinha

acontecido”⁴⁰², tal como é reconhecido 25 anos passados sobre a sua inauguração, abrindo também espaço a uma nova exigência sobre a qualidade arquitectónica dos espaços públicos encerrados (nomeadamente os comerciais) – incidente sobre a manipulação da luz natural, sobre a decoração, sobre a compartimentação transitória ou a orientação de fluxos - naquilo a que hoje se pode qualificar de “interiorismo” ou *design de interiores*.

Mas passada a polémica das Amoreiras – que se centrava, para além das questões do “gosto”, no impacto visual das torres sobre o *skyline* da cidade – e para lá das portas que se abrem ao nível das possibilidades arquitectónicas e da imaginação colectiva, em debate democratizado, também uma arquitectura assente em critérios populistas – chamando a atenção sobre si própria numa vertigem de protagonismo cultural, ao mesmo tempo cultivando o superficial, a “máscara”, e deixando para segundo plano valores quiçá mais perenes – sujeita-se a sofrer a ironia de, tal como qualquer outro produto, ser consumida e posta de lado.

A projecção mediática da arquitectura de Tomás Taveira e a adesão emocional aos seus pressupostos – nomeadamente no seio da comunidade escolar [V. 4.2.2.2] – abrandam com a aproximação dos anos 90 [V. cap.VI]. O quadro crítico que se abre, dentro da classe, sobre a corrente pós-moderna [V. nota 539] que este encabeça e os equívocos miméticos sobre a sua obra que se disseminarão pelo país [V. nota 543] também não contribuirão para a estabilização da “alternativa” tal como este a ambicionara “levando a que o pós-modernismo figurativo permanecesse sem consequências nos mais qualificados arquitectos portugueses”⁴⁰³.

De facto, o edifício do BNU parece fechar um ciclo e dar espaço a expressões arquitectónicas que se recentrarão mais

⁴⁰² GOMES, Paulo Varela cit. por HENRIQUES, Ana [et. al] - *Ibidem*.

⁴⁰³ ALMEIDA, Rogério Vieira de – De 1976 ao final de século. *Op. cit.* p. 77.

numa linha de “continuidade” que, embora pouco clara à altura, será geradora de maior consenso com o passar do tempo.

3.2.3.2 O reavivar de um pós-moderno tentado: Pancho Guedes e Luiz Cunha

Recuamos agora às duas décadas que precedem os anos de 1980 para recentrar a atenção sobre o pós-modernismo do sul do país sob o ponto de vista *afirmativo*.

O “*flashback*” cronológico não é fortuito. Ao mesmo tempo que faz jus à ausência de dois autores fundamentais, intenta demonstrar como é que estes, actuando num contexto geográfico e cultural diverso dos seus pares, vêm protagonizar tão fortemente a eclosão do pós-modernismo lisboeta da década de 80.

Com efeito, a atenção sobre os percursos tanto de Pancho Guedes como de Luiz Cunha é tão revitalizada⁴⁰⁴ quanto estes elevados ao paradigmas de um pós-modernismo já *tentado* num período em que se procuram referências.

De facto, em ambos os casos se pode dizer que, ao contrário de Tomás Taveira, estes arquitectos não visam “descobrir” uma alternativa emergindo, pelo contrário, de *dentro* da alternativa – o que faz deles, em bom rigor, pós-modernos. Quer isto dizer que, apesar de a associação da sua obra ao pós-modernismo não ser evidente - até porque apresenta, em ambos os casos, traços de modernidade⁴⁰⁵ – o seu percurso resulta da experimentação crítica dos *inputs* próprios da nova lógica cultural que se impõe nos anos 60, como já vimos. E a sua

⁴⁰⁴ Já notámos a referência à obra de Pancho na revista *Arquitectura* e o mesmo à participação de Luiz Cunha na *Tendências*. Faltou-nos referir o convite de participação deste último no *Depois do Modernismo*.

⁴⁰⁵ “O que aproxima Pancho do pós-modernismo é a “pulverização da racionalidade moderna em vários pontos de vista cruzados, contrários e conflituosos.” FIGUEIRA, Jorge – *A periferia perfeita*. Op. cit., vol.1, p.257. No caso de Luiz Cunha, a sua obra “traduz um dilema entre um expressionismo tardo corbusiano e um eclectismo de inspiração tradicionalista”; FIGUEIRA, Jorge – *A periferia perfeita*. Op. cit., vol.1, p.255.

obra não pode se não reflectir justaposições múltiplas, ecléticas, provindas desse ideário⁴⁰⁶.

Ambos deixarão, no entanto, poucos exemplos concretos da sua obra, em Lisboa⁴⁰⁷. E na mesma medida em que tem captado “a imaginação do momento”, a “visão cada vez mais exuberantemente tradicionalista da cidade (...)” de Luiz Cunha, por exemplo, “estará, no final na década [de 80], totalmente em contra-ciclo”.

3.2.3.3 O paradigma pós-moderno português: Manuel Vicente e a apologia do *vulgar*

Se estes autores são hipoteticamente pós-modernos, Manuel Vicente será inequivocamente pós-moderno; ele, sim, “*aproxima-se vertiginosamente do que vem nos manuais de filosofia e sociologia relativamente ao conceito de pós-modernismo*”. Na sua arquitectura podemos ler “*liberdade, independência, heterodoxia, dissonância e desconcerto*”. Além de tudo isso, há um “*gosto pela vida para lá da arquitectura*”⁴⁰⁸ e um desejo de sublimar o vulgar que o coloca no quadro de valores que se segue ao modernismo.

Lembrando os casos preambulares de uma via *afirmativa* atrás descritos e retomando a já referida ligação genealógica da sua obra relativamente à de Hestnes Ferreira, poderíamos imaginar a contra-sustentação da linha de sucessão de Conceição Silva que Tomás Taveira em certa medida personaliza, não fosse a sua actuação principal situar-se no mais distante território português à altura que é Macau.

⁴⁰⁶ “O que é pós-moderno é o lugar cruzado onde desenha: África, Portugal colonizador, Le Corbusier, o mundo anglo-saxónico. O que significa que tudo é aculturado e mediado; não há “verdadeiro” na obra de Pancho; está tudo a evocar alguma coisa.” FIGUEIRA, Jorge – *A periferia perfeita*. Op. cit.. vol.1, p.257.

⁴⁰⁷ A sua obra incidirá, além do mais, na área metropolitana da capital e não na cidade em si, nomeadamente, nas cidades de Cascais, Loures, Almada e Sintra. Em concreto, Luiz Cunha projecta a Residência das Irmãs Hospitaleiras, na Parede (Cascais, 1977-1981), a Igreja de Cristo Rei, na Portela de Sacavém (Loures, 1982-1983) e o Plano Geral de Ordenamento do Santuário de Cristo Rei (em colab., Almada, 1983-1990). Já de Pancho conhecemos apenas o *Casal dos Olhos* (Eugaria, Sintra, 1982).

⁴⁰⁸ FIGUEIRA, Jorge. In *Manuel Vicente. Seminário*. Op. cit.,

De facto, as qualidades distintivas e eruditas da sua obra farão, com ou sem fundamento, parte da adversidade de que Tomás Taveira também é vítima, nomeadamente a desconfiança sobre o “estilo” e, no caso em particular da Casa dos Bicos – obra no coração da Lisboa antiga - a discussão em volta da atitude patrimonial (a qual divergia ostensivamente do respeito pela *autenticidade*, por um lado, e da lógica moderna de distinção entre o *novo* e o *antigo*, por outro)⁴⁰⁹.

Controversa ainda antes da das Amoreiras, esta obra revela o desprendimento do autor face à moral advinda do moderno, ou seja, à ideia de que a estética, na arquitectura, deverá ser superada por um valor *maior*⁴¹⁰.

De facto, a Casa dos Bicos (Lisboa, 1981-1983) reflectirá a ousadia do seu discurso pela paródia sobre os seus temas históricos: desde a (re)modelação plástica das novas janelas relativamente às pré-existentes⁴¹¹, na fachada, à contra-fachada em total dissonância “linguística” – um envidraçado quadriculado “moderno” - ao carácter narrativo do interior – pela composição de diversos elementos cenográficos interligados por uma longa escadaria.

Apesar da generalizada rejeição, a jovial rebeldia da pessoa e da obra ecoarão sobre uma nova geração de arquitectos que terá mais consciência sobre o *lugar* pós-moderno - a ser ocupado ou rejeitado, como veremos a seguir - rematando, assim, a actuação dos autores que vimos e que arrepiaram caminho, conquistando esse espaço afinal possível⁴¹² no seio da arquitectura portuguesa.

⁴⁰⁹ Cf. FIGUEIRA, Jorge – *A periferia perfeita*. Op. cit.. vol.1, p.350.

⁴¹⁰ “Se de alguma coisa o dito *post-modernismo* nos salvou foi da ideia de que havia uma *ética* ou uma *regra* para o desenho; que o desenho era uma actividade não só *estética* como *ética* o que, francamente (não me sentindo necessariamente *post moderno*) acho que foi uma conquista do nosso tempo, essa separação entre moral e estética.” VICENTE, Manuel cit. por FIGUEIRA, Jorge – *A periferia perfeita*. Op. cit.. vol.1, p.242.

⁴¹¹ O desenho das janelas, nesta obra pluridisciplinar, coube a António Marques Miguel.

⁴¹² “A Casa dos Bicos é uma espécie de pós-moderno possível.” COSTA, Alexandre Alves. In COSTA, Alexandre Alves [et al.] – Um quadradinho a menos. *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 208 (2002), p.21.

3.2.4 Breve conclusão de 3.2

Ao analisar o legado pós-moderno na Lisboa da primeira metade dos anos 80, sabemos de antemão que as circunstâncias não permitem uma produção arquitectónica significativa. Passada que está a oportunidade de participação no S.A.A.L., a euforia pós-moderna terá, como verificámos, pouco espaço para se concretizar. Assim se justifica que uma primeira geração saída da Escola de Lisboa em contexto pós-revolucionário e que adira a este registo tenha de bater à porta da província para experimentar a as suas aspirações.

Sabemos também que se, no início da década de 80, o pós-modernismo é dominado por um prisma *afirmativo*, mais tarde, as expressões *críticas* (e cada vez menos pós-modernas) virão recuperar uma *continuidade*⁴¹³ a qual abrirá um novo paradigma para a cultura arquitectónica mas cujos contornos estarão, ainda hoje, por entender completamente.

⁴¹³ Sobretudo por via dos concursos públicos como será o caso da Faculdade de Psicologia de Manuel Tainha (1986-1988) e o Centro Cultural de Belém de Gregotti e Manuel Salgado (1989-1993). Outra obra assinalável – já por convite - será a reconstrução do Chiado de Siza Vieira (1988).

CAPÍTULO IV

A ESBAL/FAUTL e a cultura arquitectónica em Lisboa: um olhar cruzado

Tendo observado a Escola “por dentro” e a sua evolução ao longo do período em estudo; tendo também observado a cultura arquitectónica de uma Lisboa que a circunda, ensaiaremos agora entender de que forma é que as duas se inter-relacionam.

Para simplificar as diversas perspectivas que se abrem com esta análise, tentaremos sistematizar duas direcções, isto é, a Escola tal como vista pela classe e a interferência da cultura que a envolve no seu seio.

4.1 A Escola ao encontro dos interesses da classe: o sentido de algumas ocorrências entre e fora de portas

O ensino de arquitectura é uma peça chave de apreciação da cultura arquitectónica. O ensino institucional e a prática reflectem-se mutuamente. As instituições que representam estas duas vertentes podem também coadjuvar-se em projectos comuns⁴¹⁴.

A invocação da essencialidade da abertura duma escola de arquitectura face à disciplina é notada por João Paciência já em 1979 quando se impacienta com uma “total falta de informação sobre o que se faz nas escolas ou fora delas”⁴¹⁵.

Defendendo ainda o papel interventivo da ESBAL/FAUTL na divulgação de informação, observa amargamente, ao referir-se à realização dos *Seminários* organizados por Tomás Taveira,

⁴¹⁴ A ESBAL/FAUTL está ciente do seu papel: “A Escola intervém a vários níveis, quer colaborando em iniciativas que partem de outras instituições (...) quer ainda tornando-se permeável a perspectivas de grande impacto internacional e trazendo até aos estudantes (...) os impulsionadores desses movimentos.” Cf. Escola Superior de Belas Artes de Lisboa. Departamento de Arquitectura; OLIVEIRA, Baptista, coord. [et. al] – *Boletim Informativo 4. Op. cit.*

⁴¹⁵ PACIÊNCIA, João – Arquitectura em debate – Aveiro 79. *Arquitectura*. Lisboa. 4ª série, n.º134 (1979), p.52.

“um evidente desinteresse que a classe manifesta em ouvir personagens que polarizam importante corrente de opinião”⁴¹⁶.

A Escola de Lisboa será, assim, considerada por alguns não só um local de aprendizagem do ofício mas também como uma plataforma institucional instrumentalizável em benefício da própria disciplina, tal como seria, mais ou menos explicitamente, a Escola do Porto.

De facto, os *Seminários* são o exemplo mais paradigmático da sua faceta política já que da mesma forma que divulgam as tais importantes correntes de opinião, potenciam a colocação da capital no centro do debate arquitectónico. Diz o seu organizador:

“Apesar de não se poder trazer o Stirling, ou alguém de Inglaterra... pensei: cá está uma boa oportunidade, para dar ‘a isto’ um conteúdo forte, algo, que tenha algum peso cultural na sociedade portuguesa, porque trazer só as personalidades porque são gurus pode ser uma oportunidade perdida; portanto vamos enquadrar este acontecimento em alguma estrutura filosófica mais forte”...
(...)

Repare que, naquela época, vivia-se no seio de uma constrangida ideia de que o Porto era o centro da intelectualidade da arquitectura portuguesa. Lisboa não tinha prestígio, embora tivesse formado a maioria dos arquitectos importantes daquele tempo... Assim, eu vi na ideia dos seminários uma oportunidade para mostrar que nós estaríamos eventualmente na vanguarda... (...)

Vivíamos o início da consubstanciação da dicotomia Lisboa/Porto e, por isso, senti que tínhamos a obrigação de mostrar que tínhamos uma ideia para a arquitectura, para a evolução da estética e que até, eventualmente, estávamos à frente do... Porto, nessa matéria, e que éramos muito mais

⁴¹⁶ PACIÊNCIA, João – 2º simpósio internacional de arquitectura no departamento de arquitectura da ESBAL. *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 19/20 (1983), p.17.

ousados relativamente à ideia de pluralismo na estética da arquitectura.” (TAVEIRA cit. por FIGUEIRA, 2009, vol.2, p.104)

Esta ousadia não cairá em “saco roto”; os *Discursos sobre arquitectura* que reúnem, em 1990, “um conjunto notável de arquitectos”⁴¹⁷ na FAUP – nos quais se incluem o próprio James Stirling - podem ser interpretados como isso mesmo: uma *resposta a uma contra-resposta*.

Ainda num quadro estratégico de afirmação do pós-modernismo, Tomás Taveira anuncia, em simultâneo com o primeiro *Seminário*, que o *movimento pós-modernista já começou*⁴¹⁸ projectando a Escola para um protagonismo que este crê ser enriquecedor, por um lado, e fazendo uso da instituição como *meio* legitimador do seu projecto individual, por outro.

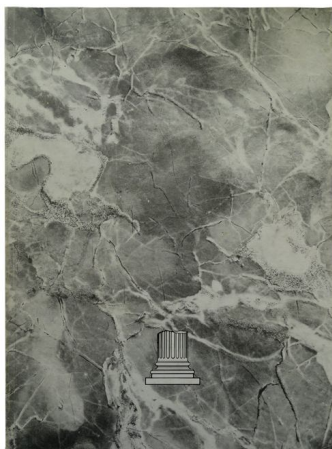


Fig.23 Capa do catálogo da iniciativa *Depois do Modernismo* (1983)

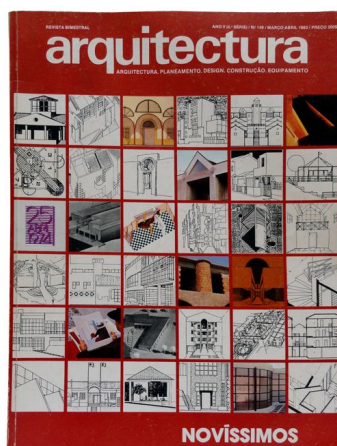


Fig.24 Capa da edição “Novíssimos” da revista *Arquitectura* n.º 149 (1983)

Os *Seminários* terão, assim, uma relativa projecção, no entanto não são o único sinal de recurso à Escola como meio de fundamentação de uma nova arquitectura; também as manifestações pós-modernas de que já falámos - nomeadamente, em Janeiro de 1983, a exposição de arquitectura do evento *Depois do Modernismo* [Fig.23; V. 3.2.2] e a edição de Março/Abril de 1983 da revista *Arquitectura* (n.º 149 com o título “Novíssimos”) [Fig.24; V. 3.2.2] - socorrer-se-ão dela para estabelecer alguns parâmetros.

No primeiro caso – talvez posto que a inflamação pós-moderna, neste contexto, se fundamenta em modos de viver noctívagos, intensos e audaciosos mais próprios de uma certa camada geracional – observa-se uma elevada participação de recém-formados provindos da ESBAL/FAUTL⁴¹⁹; com efeito, se

⁴¹⁷ FIGUEIRA, Jorge – Ciclo de vídeo: discursos (re)visitados. *Boletim Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0872-4415. n.º 205 (2010), p.2.

⁴¹⁸ Cf. TAVEIRA, Tomás – O movimento pós-modernista já começou. *Revista Expresso*. Lisboa. n.º 496, 1 Maio 1982, pp. 22R-23R. O primeiro *Seminário* ocorrera de 19 a 30 de Abril de 1982.

⁴¹⁹ Entre outros, João Carrilho da Graça (ESBAL, 1977) e António Belém Lima (ESBAL, 1979) mas também um número significativo de formados a partir de 1980.

é a Michel Alves Pereira (ESBAL, 1973) que cabe o papel de “mestre-de-cerimónias”⁴²⁰ é José Manuel Fernandes (ESBAL, 1977) – que juntamente com João Vieira Caldas (ESBAL, 1977) e Manuel Graça Dias (ESBAL, 1977), entre outros, compõe a *Comissão Consultiva* - quem tratará de uma “triagem” (e necessário convite à participação) de jovens arquitectos na fonte mais privilegiada que conhece, ou seja, na própria Escola:

“Muitos dos novos que lá aparecem são sugeridos pelo Zé Manuel Fernandes - que estava na escola a dar o 5º ano, parece-me, e conheceu assim, em dois anos seguidos, várias fornadas de gajos que já eram arquitectos e portanto apostou nos melhores alunos que achava que iam ter potencial.” (GRAÇA DIAS cit. por FIGUEIRA, 2009, vol.2, p.90)

Acresce que a Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa seria um dos apoiantes oficiais do evento.

Não obstante, constata-se que o envolvimento de arquitectos mais experientes e fora do meio escolar⁴²¹ - embora muitos deles também “de Lisboa” - constitui uma referência para os mais novos. Quer isto dizer que, ao mesmo tempo que estes últimos experimentam os seus primeiros passos – e por conseguinte não se pode atribuir à obra exposta, nem aos propósitos do evento, uma grande maturidade disciplinar ou ideológica – procuram referências que não lhes foram claras na sua Escola de formatura.

Tal é sugerido no segundo momento de que fizemos nota; de facto, a divulgação das primeiras obras de mais de 30 recém-licenciados pela ESBAL/FAUTL entre 1972 e 1981 pela revista *Arquitectura* – publicação incontornável no quadro mediático da arquitectura portuguesa – não só é sintomática da evidente

⁴²⁰ Michel Alves Pereira é o responsável pela parte de *Arquitectura* na *Comissão Executiva* do evento sendo também o autor de um dos textos introdutórios do catálogo da exposição.

⁴²¹ Como por exemplo Victor Consiglieri (ESBAL, 1956), Manuel Vicente (ESBAL, 1960), Troufa Real (ESBAL, 1967) ou João Paciência (ESBAL, 1969) mas também José Charters Monteiro (Politécnico Milão, 1969), José Santa-Rita (ESBAP, 1951) ou Luiz Cunha (ESBAP, 1957).

relação que se estabelece entre a cultura arquitectónica de Lisboa e a instituição que garante a sua evolução, como pretende, antes de mais, denunciar as falhas no ensino nela praticado. E mais uma vez, aqui, é José Manuel Fernandes quem afirma essa inquietude:

“[Geração formada numa] escola lisboeta que os não soube “agarrar” e formar completamente mas os obrigou a procurar as coisas por si rejeitando (...) os “mestres” via patrões e *ateliers* tradicionais que (...) foram percorrendo (...) se pretendiam uma aprendizagem a substituir a da escola que não chegava.

(...)

Geração perdida, portanto, enquanto projecto coerente e colectivo; geração ganha enquanto busca de um novo estar, de uma nova prática só possível de definir partindo do zero, criando uma abertura, antes inexistente, a novas linguagens, conceitos, práticas, que desbloqueiem esta profissão por ora tão desgastada (porque dantes tão fechada em universos coerentes com um mundo que já não existe hoje).”
(FERNANDES, 1983, p15)

4.2 Repercussões directas e indirectas de uma cultura em volta da Escola

Focamo-nos agora sob a perspectiva contrária, isto é, aquela que observa o que o meio escolar tem a absorver da cultura arquitectónica que o circunda.

A acrescer às ocorrências proporcionadas pela própria Escola – não só os *Seminários* como a vinda de profissionais que lhe são exteriores e a sequente divulgação do seu trabalho – julgamos poder sistematizar este ponto em dois níveis por considerámos os mais significativos: o impacto que as manifestações expositivas imprimem em alguns estudantes, presencialmente ou através dos media, e a influência da personalidade e percurso de alguns arquitectos ora como professores ora como tutores em *ateliers* próprios.

4.2.1 O impacto das manifestações expositivas

Já abordámos sinteticamente esta perspectiva no período pré-revolucionário para concluir que, apesar do fechamento da Escola, havia, da parte de alguns, uma procura ávida por informação “de fora”. Vemos que à necessidade de evasão de outrora se contrapõe agora uma certa indiferença mas que será contra-balançada com o impacto que algumas manifestações expositivas e obras arquitectónicas parecem ter sobre alguns alunos, num primeiro nível.

Se tomarmos como exemplo os testemunhos daqueles que participaram no seminário *Manuel Vicente: 15 edifícios na rota do Oriente*⁴²² e partindo do pressuposto de que são representativos de uma parte do universo dos estudantes - temos que a maioria refere momentos expositivos como o marco fundamental das suas escolhas futuras.

Um “olhar tão diferente para o mundo...” é como João Santa-Rita (ESBAL, 1983) descreve a admiração causada pela “exposição no AR.CO” (1979) [V. 3.2.2] e pela Exposição na ESBAL (1982) [V. 2.6.2] – ambas sobre a obra de Manuel

⁴²² [V. nota 3]

Vicente em Macau – como contrapontos ao que o arquitecto, outrora estudante, observava em breve passagem pela Escola do Porto.

Diogo Burnay (FAUTL, 1988), por seu lado, indica a Exposição *Tendências da Arquitectura Portuguesa* (1986) [V. 3.2.2] como génese de um interesse crescente sobre Manuel Vicente – um autor que “levará para toda a vida”.

Manuel Graça Dias (ESBAL, 1977) comenta, por sua vez, a *exposição* do programa da cadeira que Manuel Vicente lecciona na ESBAL logo após o 25 de Abril – um documento afixado num corredor que, ao contrário dos restantes, é escrito à mão e deixa adivinhar o carácter peculiar das aulas. Na medida em que “se não fosse o Manuel Vicente eu não seria arquitecto”, esta pequeno momento *expositivo* de um carácter pode-se enquadrar no que a Escola tem a haver do que lhe é exterior.

A divulgação mediática dos eventos referidos é parte integrante da “novidade democrática”. A circulação dos respectivos catálogos e a publicação de revistas sobre os temas “quentes”⁴²³, bem como outras publicações que entretanto surgirão, não serão talvez o facto mais exemplar da nova economia de mercado mas terão uma expressão significativa no interior da Escola⁴²⁴.

4.2.2 A influência de personalidades e percursos

Numa segunda instância temos o papel fundamental dos professores enquanto representantes de uma linha didáctica consignante com a sua própria actividade profissional.

⁴²³ Nomeadamente a renovada revista *Arquitectura* – desde 1985 renomeada *Arquitectura Portuguesa* e reforçada pela contribuição de Manuel Graça Dias e Victor Consiglieri.

⁴²⁴ Paulo Martins Barata, formado na ESBAL em 1988, refere que durante a sua passagem pela Escola era comum passar-se catálogos e revistas sobre esses assuntos pelas aulas. Cf. SILVA, Leonor Matos - *Entrevista a Paulo Martins Barata* [Registo sonoro]. Lisboa: Leonor Matos Silva. 2010. Acessível em arquivo pessoal. 1 Minidisc (64 min.): son.: 7x7x0,5 cm. [V. Anexo V.3].

De facto coexistem atitudes muito diferenciadas no modo de ensinar resultantes de diferenças no próprio modo de projectar e conceber a arquitectura.

4.2.2.1 Manuel Vicente

Olhando estritamente sobre a actuação de professores que iniciam ou retomam funções na ESBAL a partir do 25 de Abril – excepção feita a Tomás Taveira - temos que a primeira referência logo após a sua reabertura se constitui em pouco mais do que uma breve passagem⁴²⁵. Com efeito, Manuel Vicente terá uma maior influência como personalidade do que estritamente como professor da ESBAL⁴²⁶.

Será no entanto suficientemente marcante para Manuel Graça Dias (cujo relato na primeira pessoa do plural sugere que não estará sozinho):

“Tivemos três meses, três vezes por semana, em aulas sem desenhos, sem riscos, sem folhas de papel onde só líamos e discutíamos textos como o [conto] de Jorge Luís Borges, os [textos] do Venturi, do Rossi e do Kahn.” (GRAÇA DIAS, 2010)

O outrora estudante acrescenta ainda que “o Manuel descrevia as obras sem imagens” - demonstrando que a arquitectura, nas suas aulas, seria explicada, mais do que mostrada. O “gosto, volúpia e satisfação” com que falava teria, por fim, feito “nascer em nós uma grande vontade em fazer arquitectura”.

Será, certamente mais do que um método de ensino, uma atitude perante a vida que *deriva de* e *deriva na* sua obra, como já vimos. Diria então o próprio Manuel Vicente citando

⁴²⁵ Crê-se que a passagem de Manuel Vicente pela Escola terá correspondido apenas três meses para o ano lectivo de 1975/76.

⁴²⁶ “No meu último ano do curso (1979) (...) tivemos conhecimento (...) da realização, em Aveiro, de um encontro de arquitectos. (...) Embora os estudantes não pudessem inscrever-se, eu e mais dois colegas resolvemos arriscar (...). Foi aí que fiquei a conhecer o arquitecto Manuel Vicente que nos proporcionou uma das mais brilhantes e hilariantes dissertações (...). Desde então, passei a acompanhar o seu percurso com redobrada atenção.” AROSO, Pedro – *Pedro Aroso disse...* [Em linha]. na-ordem.blogspot.com, 2007. 11 Outubro 2007. [Consult. 24 Setembro 2010]. Disponível em <http://na-ordem.blogspot.com/2007/10/manuel-vicente-1.html>.

Kahn: “*Afinal o que é uma escola? É uma pessoa a falar com outras, à volta, debaixo de uma árvore*” (VICENTE, 2010)⁴²⁷.

Abre-se então, numa nova geração essencialmente formada no final da década de 1980, uma quase *escola de influência* (mais do que de *tendência* ou de *pensamento*) em torno desta figura agregadora; muitos serão aqueles estudantes ou jovens arquitectos que, seduzidos, se sujeitarão às contrariedades da distância e farão abrigo no *atelier* macaense. O “grupo de Macau”⁴²⁸ constituir-se-á, assim, como via alternativa às duas *escolas* dominantes – a *Escola do Porto* e o “chamado pós-modernismo português”⁴²⁹.

4.2.2.2 Tomás Taveira

Ainda no quadro das personalidades que marcarão mais fortemente a Escola, por via directa ou indirecta, temos a incontornável figura de Tomás Taveira a qual, provinda do anterior sistema (mais precisamente desde 1971), marcará o rumo desta instituição na década de 90.

A sua actuação e influência na década de 80 serão assinaláveis por todas as razões; de entre as que já expusemos refira-se a proliferação da sua obra pela cidade, o seu empolgamento teórico nos *media* e a dedicação à divulgação da arquitectura internacional e sua aculturação à realidade portuguesa. Supomos que a sua unicidade no seio de um regime opressor – já demonstrada no capítulo I – se veja agora diluída pelas liberdades conquistadas, nomeadamente o acesso à informação. É essa a hipótese que se levanta ao verificar da ausência bibliográfica e documental sobre a sua influência enquanto professor, *na sala de aula*, no período pós-revolucionário. Cremos que também em torno de Tomás Taveira se desenhe um círculo de seguidores – até porque este acolhe, durante a década de 80, diversos recém-formados no

⁴²⁷ Lembramos que este terá feito parte, juntamente com Robert Venturi, do círculo de discípulos de Kahn na passagem que fez pelo seu *atelier*.

⁴²⁸ A expressão é de Pedro Vieira de Almeida. Cf. ALMEIDA, Pedro Vieira cit. por Cf. FIGUEIRA, Jorge – *A periferia perfeita*. Op. cit., vol.1, p.241.

⁴²⁹ ALMEIDA, Pedro Vieira. *Ibidem*.

seu *atelier* na mesma medida em que os convida a assisti-lo no ensino. No entanto não vemos sinais de um metódico e consertado esforço de didáctica do tipo de arquitectura que protagoniza, restando apenas os signos do *efusivo* ou o *culto da imaginação* [V. 2.7]. Estará o autor mais concentrado em criar condições para a dita *pluralidade estética* (ou pluralidade no campo de actuação, pelo menos, se tivermos em conta a abertura de licenciaturas suplementares à arquitectura que promove para a Escola) do que em implementar a sua *escola*, verdadeiramente.

4.2.2.3 Manuel Tainha

Não será pela oposição de Manuel Tainha, professor da ESBAL entre 1976 e 1992. Segundo este:

Se, como você diz, nós tínhamos em comum uma abordagem mais poética da Arquitectura que queríamos inculcar no espírito do aluno, isso virá confirmar que, para além das divergências de estilo, digamos, ambos reconhecíamos à Arquitectura a vocação de emocionar”.

(TAINHA, 2010, [V. Anexo V.1])

De facto, apesar da nítida divergência de “estilos” – e mesmo ideologias, as quais teriam fundamentado a interdição de Manuel Tainha à actividade docente na ESBAL, nos anos 60 – a coabitação de diferentes figuras, neste período, dirige a nossa atenção, mais uma vez, sobre o que de mais particular o meio escolar tem a absorver por via da (sintomática) *diversidade* pós-moderna. Assim, directamente questionado sobre a transmissão de uma “tendência” no modo de ensinar, admite que sim:

Na Escola não havia uma causa a defender pró ou anti-qualquer coisa. Se ao tempo em que eu entrei haveria uma figura dominante cujas convicções iam nesse sentido, o seu poder de contágio não atingia todo o corpo docente.”

(TAINHA, 2010, [V. Anexo V.1])

De facto, Manuel Tainha protagonizará a facção lisboeta que mais se demarca da corrente pós-moderna. Distinguindo a “obra de excepção” da “obra de sedimentação” coloca-se do lado desta última, já que “poderá não ser, por vezes, a de melhor arquitectura, mas é com certeza a mais humana; pois é nela que o homem se experimenta, se põe de novo em questão”⁴³⁰. E relativamente às “querelas importadas de outros horizontes” diz: “Nisso se esvai o nosso escasso vigor cultural, e nos dividimos artificialmente, por conta de outrem; nisso nos adiamos indefinidamente”⁴³¹.

A procura da “dimensão política e moral”⁴³² é um explícito sinal do antagonismo de visões sobre a arquitectura relativamente aos seus pares, nomeadamente à de Manuel Vicente [V. nota 410].

Igualmente o entendimento do desenho como valor matricial da resolução “de um problema prático” que é a criação “da forma arquitectónica”⁴³³ colide com a sublimação crescente, no meio escolar, neste período, do seu cariz *Beaux-Arts*⁴³⁴; é sobretudo “quando se é aprendiz”, diz Manuel Tainha, que se é “levado a pensar (...) que a função do arquitecto é fazer desenhos e que nisso se esgota o seu ciclo criativo” quando “na verdade, o ciclo criativo do arquitecto só se esgota na observação comentada (crítica) dos objectos construídos e em uso”.

Curioso é, pois, verificar as nítidas semelhanças entre este arquitecto e Tomás Taveira, enquanto professores, na redacção dos programas de estudo; pondo lado a lado o programa anterior à Revolução para a cadeira *Composição de Arquitectura III* (assinado por Tomás Taveira e já referido [V.

⁴³⁰ TAINHA, Manuel – Projecto ou destino. In TAINHA, Manuel – *Arquitectura em questão*. *Op. cit.* p.140.

⁴³¹ TAINHA, Manuel – PM’s Vs. MM’s. In TAINHA, Manuel – *Arquitectura em questão*. *Op. cit.* p.47.

⁴³² TOSTÕES, Ana – 50 anos de arquitectura portuguesa. “Arte, profissão, modo de vida?”. In TAINHA, Manuel [et. al] – *Manuel Tainha; arquitecto: a prática, a ética e a poética da arquitectura*. Almada: Câmara Municipal, 2000. ISBN 972-8392-66-4. p.19.

⁴³³ TAINHA, Manuel cit por TOSTÕES, Ana – 50 anos de arquitectura portuguesa. *Op. cit.* p.17.

⁴³⁴ Referimo-nos ao desenho inserido na prática projectual, não à disciplina *Desenho*.

1.3.1]) e o de 1989/90 para *Projecto I* (assinado por Manuel Tainha), ressalta o mesmo tipo de discurso – eloquente, poético – em nítido contraste com os restantes – sintéticos e/ou directos [V. Anexos II.4.1 e II.4.5].

Igualmente, a avaliação dos trabalhos sob uma lógica *exposição-debate* – a qual vem implícita neste programa⁴³⁵ - terá resultado da prática dos primeiros anos sucedâneos à Revolução, o que o colocaria no quadro de uma certa inovação didáctica a par com os “avanços” de Tomás Taveira no período pré-revolucionário.

Relativamente ao impacto que gera na comunidade estudantil, verificam-se vários sinais de admiração um dos quais particularmente documentado pelo “facto singular e justamente significativo no nosso meio”⁴³⁶ que é a compilação de alguns dos seus textos pela Associação de Estudantes da FAUTL, em 1994⁴³⁷; de facto, a *arquitectura* posta *em questão* resulta de um “desejo simultaneamente ocioso e vagaroso (...) de aprofundar a reflexão como método de trabalho”⁴³⁸ o qual seduz os interessados no facto. Não só a sua pessoa e os seus escritos mas também as suas aulas merecerão, noutras publicações, descrições “poéticas”, nostálgicas e afectuosas por parte de ex-alunos⁴³⁹.

Será também ele o escolhido (ou designado) a acompanhar os estudantes à *Segunda Assembleia Europeia de Estudantes de Arquitectura*, em 1981, [Fig.25; V. Anexo II.5] o que, supõe-se, represente um particular ascendente do professor sobre os alunos.



Fig.25 Segunda AEEA, Delft, Holanda (1981)

⁴³⁵ Esta impressão é confirmada pelo arquitecto. Cf. TAINHA, Manuel. In *Entrevista. Idem.* [V. Anexo V.1].

⁴³⁶ TOSTÕES, Ana – 50 anos de arquitectura portuguesa. *Op. cit.* p.17.

⁴³⁷ TAINHA, Manuel – *Arquitectura em questão: reflexões de um prático*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 1994.

⁴³⁸ TOSTÕES, Ana – 50 anos de arquitectura portuguesa. *Op. cit.* p.11.

⁴³⁹ Cf. BORDALO, Ana – Mestre aprendiz. In TAINHA, Manuel – *Manuel Tainha: textos do arquitecto*. Lisboa: Estar, 2000. ISBN 972-5095-71-6. pp.6-7 Cf. também GRILLO, Ana; BORDALO, Ana – Manuel In TAINHA, Manuel [et. al] – *Manuel Tainha; arquitecto: a prática, a ética e a poética da arquitectura*. Almada: Câmara Municipal, 2000. ISBN 972-8392-66-4. pp.48-49.

A sua arquitectura não alinhada e “sem vanguarda”⁴⁴⁰ será, finalmente um ponto de referência para as futuras gerações de formados⁴⁴¹, sobretudo as que assistem, a partir do final da década, à “consagração do seu trabalho único”⁴⁴².

No contexto do seu reconhecimento público, a atribuição de grau de doutor *honoris causa* pela própria Universidade Técnica de Lisboa, em 2004, terá decididamente tido em conta a sua carreira enquanto docente dessa mesma instituição.

4.2.2.4 Gonçalo Byrne

Premiado com a mesma distinção no ano seguinte (2005), embora sem nunca ter leccionado na Escola, Gonçalo Byrne – arquitecto que, desde os anos 70, fazia parte do grupo dos que anunciavam uma “arquitectura nova” [V. 3.1.4.2] – assumirá aquilo a que Manuel Tainha se refere quando diz que “as experiências reais (...) dizem-nos que (...) o exercício da profissão é (...) potencialmente formativo (...) não estando ele próprio tão distante de ser “escola”⁴⁴³. Quer isto dizer que, paralelamente à sala de aula, muitos serão aqueles que assimilam a realidade exterior pelo convívio e colaboração no seu *atelier*.

Numa altura em que a produção arquitectónica se reserva apenas a alguns e são lançados numerosos concursos, a sua participação constante passa a imagem de marca. Supomos que a sua capacidade de trabalho e organização seriam notórias entre os colaboradores que o auxiliariam na concretização desses projectos.

É também este o arquitecto que tomando a direcção do *Jornal Arquitectos* em 1985 inverte o seu sentido editorial e lança um período mais reflexivo; de entre as suas opções, ele propõe o

⁴⁴⁰ TOSTÕES, Ana – 50 anos de arquitectura portuguesa. *Op. cit.* p.19.

⁴⁴¹ É o único nome que Manuel Aires Mateus refere ao abordar o legado que a Escola lhe terá deixado. Cf. MATEUS, Manuel Aires – por Rui Barreiros Duarte. *Ibidem*.

⁴⁴² TOSTÕES, Ana – 50 anos de arquitectura portuguesa. *Ibidem*.

⁴⁴³ TAINHA, Manuel – Pássaro ferido. In TAINHA, Manuel – *Arquitectura em questão: reflexões de um práctico*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 1994. p.114.

desvio do olhar sobre as modas⁴⁴⁴ para o objecto arquitectónico em si mesmo, discurso que manterá até ao presente⁴⁴⁵ e que coincidirá com o contextualismo que caracteriza a sua arquitectura.

4.2.2.5 João Luís Carrilho da Graça e Manuel Graça Dias

De uma outra geração – embora com actividade docente na FAUTL lado a lado com alguns daqueles que já referimos – encontram-se João Luís Carrilho da Graça e Manuel Graça Dias.

A sua vocação didáctica enquanto professores será explorada, no interior da Escola, na mesma medida em que a sua obra será referência fora desta.

As camadas de gerações que se vão formando e respectivos professores sobrepõem-se, por vezes. Tal é o caso. Quer isto dizer que a sua actividade docente coexistirá com o início de um percurso profissional⁴⁴⁶. Simplesmente, enquanto que a influência destes arquitectos como professores ou figuras de referência sobre novas gerações será mais vincada num período para lá do que se pretende analisar, o seu percurso enquanto recém-formados enquadra-se perfeitamente no âmbito da presente dissertação pelo que optámos por concentrar a análise sob esse prisma [V. cap.V].

Em qualquer dos casos, ambos serão afastados da Escola em meados dos anos 90 pelo que a sua influência acabará por se centrar mais, tal como no caso de Gonçalo Byrne, no

⁴⁴⁴ “Tenho pensado que ao impacto das modas importa contrapor a reflexão sobre os modos de uma outra arquitectura talvez para evitar a permanência monocórdica de novos modelos formais (um novo estilo oficializado?)”; BYRNE, Gonçalo – A fundamentação teórica. In *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 218-219 (2005), p.53.

⁴⁴⁵ “A crítica de arquitectura em Portugal tem tido muita dificuldade em libertar-se da escravidão da discussão estilística ou linguística (...) [quando] deveria ser focalizada sobretudo na obra que é mais importante que o autor”; BYRNE, Gonçalo – Estruturas de mudança / por Rui Barreiros Duarte. *Arquitectura e Vida*. [S.L]. n.º 49 (2004), p.47.

⁴⁴⁶ Referimo-nos sobretudo ao caso de João Luís Carrilho da Graça o qual se torna assistente no próprio ano da sua formatura, isto é, em 1977, permanecendo na Escola como professor até 1992. Já Manuel Graça Dias, formado no mesmo ano, exerce a docência na FAUTL entre 1985 e 1996.

quotidiano do trabalho de *atelier* onde alguns estudantes ou recém-formados vão colaborando.

De entre as personalidades influentes encontrar-se-ão, certamente, outros – omitidos mais por uma subjectividade de critérios própria de qualquer incursão teórica neste âmbito e da sua necessidade síntese⁴⁴⁷ do que por menor mérito próprio.

4.2.3 O modelo da *Escola do Porto* e a influência de algumas obras de excepção

Finalmente, e não menos importante porquanto queremos apontar as principais influências de uma cultura em volta da Escola, é necessário sublinhar a sempre presente admiração, entre os estudantes, pela *Escola do Porto*; apesar da credibilidade da instituição lisboeta, muitos são aqueles que, atraídos por uma imagem forte, migrarão para norte⁴⁴⁸. Muitos serão também os que se transferem na direcção oposta sujeitando-se aos olhares atentos de colegas e professores⁴⁴⁹.

Dado que se considera implícita, não foi considerada a influência, na Escola, das obras de arquitectura erigidas na capital durante este período as quais, pela polémica que geraram, teriam certamente tido algum impacto sobre os

⁴⁴⁷ Um dos quais será, por exemplo, Daciano da Costa, também ele agraciado com o título de doutor *honoris causa*, em 2004: ele próprio natural de Lisboa terá, certamente, transportado, para o seu desempenho como professor, o “processo de definição da Arquitectura de Interiores como disciplina autónoma, estabelecida em relação estreita e orgânica com o projecto de Arquitectura e em substituição da designada Decoração”; MARTINS, João Paulo cit. por Agência Lusa – Morreu o arquitecto e designer Daciano Costa. *Público* [Jornal]. Lisboa. 18 Setembro 2005. O professor leccionou inicialmente a disciplina de *Desenho II* e mais tarde assumiu coordenação do curso de Design.

⁴⁴⁸ Ainda hoje tal acontece. Ex.:Tiago Pimentel, arquitecto licenciado pela FAUP em 1998 e autor premiado no Concurso Internacional para Concepção do Museu de Arte e Arqueologia do Vale do Côa, afirma: “Nasci e vivi sempre em Lisboa e tomei a opção deliberada de vir para o Porto estudar arquitectura no fundo por causa do trabalho do arquitecto Siza Vieira.” PIMENTEL, Tiago cit. por LOURENÇO – *A Escola* [Em linha].

complexidadeecontradicao.blogspot.com, 2004. 4 Dezembro 2004. [Consult. 6 Junho 2010]. Disponível em

<http://complexidadeecontradicao.blogspot.com/2004/12/escola.html>

⁴⁴⁹ Cf. BARATA, Paulo Martins. In *Entrevista. Idem*. [V. Anexo V.3].

estudantes, mesmo sobre os mais distraídos; podemos supor que a Casa dos Bicos (Manuel Vicente, Lisboa, 1981-1983) [Fig.26] tenha de algum modo desafiado os diversos posicionamentos sobre a defesa e requalificação de património tal como “ensinado” no meio escolar (já que este era um tema recorrente, como já vimos); o Amoreiras (Tomás Taveira, Lisboa 1980-1996) [Fig.27] terão demonstrado, por seu lado, a exequibilidade de uma arquitectura até aí somente imaginada; o restaurante Casanostra (Manuel Graça Dias, Lisboa, 1985-1994) [Fig.28] terá aliciado uma orientação profissional direccionada para o mercado ao “interiorismo”; no final da década, a Escola Superior de Comunicação Social (João Luís Carrilho da Graça, Lisboa, 1987-1993) [Fig.29] terá contrastado com tudo o resto e demonstrado a possibilidade de excepção como um posicionamento viável num novo mercado de trabalho, ainda não formatado.



Fig.26 Casa dos Bicos (fotografia publicada em 1986)



Fig.27 Complexo Amoreiras (fotografia publicada em 1986)

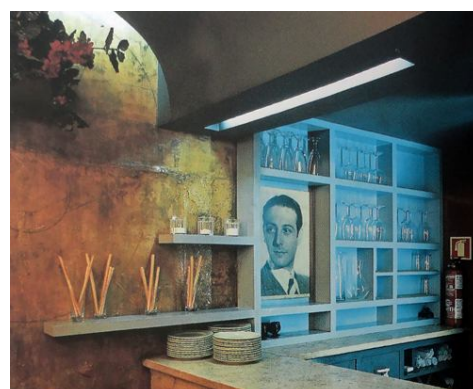


Fig.28 Restaurante Casanostra (fotografia de 1985)

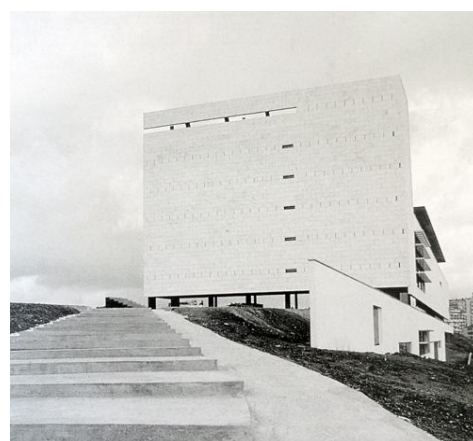


Fig.29 Escola Superior de Educação de Lisboa (fotografia publicada em 1995)

CAPITULO V

Aspectos visíveis da formação académica na prática profissional: ensaio sobre duas gerações

Vimos os diversos factores que animam a relação meio académico *versus* meio profissional e vice-versa. Interessa-nos agora observar o produto desses factores enquanto estímulos sobre aqueles que se constituem como ponto nuclear da presente análise, ou seja, os estudantes de arquitectura.

Iremos, pois, observar os princípios que regem a criação arquitectónica e orientam o percurso de arquitectos que, ainda dentro ou já fora da ESBAL/FAUTL, estudaram ou trabalharam neste período.

Lançaremos uma análise, caso a caso, partindo de projectos ou obras paradigmáticas. Fazemo-lo porque se impõe, necessariamente, um olhar sobre a arquitectura ou o concreto que resulta das relações atrás preconizadas.

Estas obras serão eleitas consoante o maior ou menor grau de representatividade de uma tendência ou particularidade e não pelo grau de importância ou visibilidade. Igualmente a escolha dos protagonistas incidiu sobre aqueles com um percurso mais destacado⁴⁵⁰.

A sequência narrativa socorrer-se-á da mesma grelha temporal utilizada no capítulo analítico da ESBAL/FAUTL no período de 1975 a 1990 [V. cap.II - introdução]. Reduziremos no entanto as quatro fases a duas, porque observamos apenas uma inversão significativa no que toca a “propensões projectivas”, salvo as excepções que naturalmente confirmarão a regra.

Tomando como referência as datas de conclusão de curso, teremos, então, uma primeira etapa relativa aos formados entre 1976 e 1983 – a qual propõe fundir as *fase 1* e *fase 2* e uma segunda etapa relativa formados entre 1984 e 1990 – que

⁴⁵⁰ Naturalmente que não é possível uma análise absolutamente imparcial a partir do momento em que a fonte de informação seja exclusivamente bibliográfica - como é o caso – o que por si só implica escolhas e juízos que nos ultrapassam além da referida visibilidade.

propõe fundir as *fase 3* e *fase 4*. Por critérios narrativos reportaremos à primeira e segunda etapas como *primeira geração* e *segunda geração*, respectivamente⁴⁵¹.

A incursão numa análise deste tipo – baseada nas qualidades sensíveis ou mensuráveis da vertente espacial e formal do objecto as quais deixam de lado, necessariamente, os motivos mais abstractos tais como o posicionamento ideológico ou a poética – é somente possível e apropriada na medida em que a própria análise em estudo se situa num contexto de predominância do discurso sobre a *forma* e/ou o que ele próprio *comunica* materialmente⁴⁵². Quer isto dizer que avançamos para o objecto suportados pela pré-determinação de que a arquitectura deste período não gera uma narrativa original nem estabelece uma continuidade com a anterior sendo, por isso, essencialmente referenciada e que a sua contemporaneidade a situa precisamente nesse lugar indefinido que é o “depois de”.

É também essa a razão pela qual nos debruçamos essencialmente sobre o objecto arquitectónico e não tanto sobre aquele espaço arquitectónico *maior* (em duplo sentido) que é o território. Não se trata, por tanto, da depreciação de um dos grandes temas que se destacam em contexto democrático – até pelo papel que os jovens arquitectos têm na condução de novas políticas de planeamento pelo país fora - mas antes uma correspondência para com o grande “paradoxo”⁴⁵³ dos anos 90.

⁴⁵¹ Esta divisão é meramente instrumental. Veremos, em conclusão, como a questão geracional na cultura arquitectónica portuguesa deixa de fazer sentido a partir deste período.

⁴⁵² Certos autores não hesitam mesmo em atribuir essa propensão tanto a Lisboa como ao Porto. “A recusa do desenho a que se assistiu na escola do Porto na primeira metade da década de 70, e os desejos e inquietudes dos jovens estudantes e arquitectos da escola de Lisboa, são seguramente uma das consequências da Reforma de 57, ainda que amplificados pelo ambiente pré/durante/pós-revolução; se a isto se juntar a tradicional intangibilidade da arquitectura e do espaço, compreende-se como, entre uns e outros (Lisboa e Porto), a arquitectura portuguesa se rendeu nos últimos anos aos encantos e aos apelos da forma.” ALMEIDA, Rogério Vieira de – A reforma de 1957. *Op. cit.* p.23.

⁴⁵³ “Se os anos 90 [permitiram] confirmar a capacidade da arquitectura portuguesa, revelaram o paradoxo quando se realiza o estado da paisagem construída neste início do terceiro milénio.” TOSTÕES, Ana – O lugar da paisagem europeia. In Triennale di Milano, ed. lit. [et al.] – *Portugal 1990-*

Uma vez que se intentou ensaiar hipóteses sobre ramificações que se destacam de um panorama geral, optou-se por centralizar a atenção em objectos ilustrativos e não a sua autoria, razão pela qual esta é quase sempre omitida no texto e referida nas legendas das respectivas imagens.

5.1 Geração 1: formados de 1975 a 1983

5.1.1 Expressões colectivas de uma produção arquitectónica inicial ou a “monotonia da diversidade”

Retemo-nos sobre a *primeira geração* que corresponde ao grupo de arquitectos formados nas fases um e dois, ou seja, de 1975 a 1983.

É uma geração sofrida, na medida em que experiencia o estreitamento formativo do modelo ditatorial apenas seguido por uma violenta instabilidade.

Será assim qualificada como “fragmentada, desconexa”⁴⁵⁴ mas também como “confusa” e “triste”⁴⁵⁵; confusa, julgamos nós, na medida em que a Escola não tenha oferecido uma plataforma de questionamento sobre o sentido e os *processos* de arquitectura, apesar da grande abertura a referenciais, como já vimos. A ausência de um modo claro de entendimento do seu significado desampara ainda mais esta geração nos lugares de um país novo e transformado no qual se vê obrigada a aventurar⁴⁵⁶.

Na mesma medida em que será disciplinarmente imatura⁴⁵⁷ ou alegadamente triste será, por outro lado, levada a ter grande sentido de autonomia ou de auto-suficiência e a empenhar-se pela disciplina, ainda que por via da provocação. A geração dos *Novíssimos* – “explicada” pelo Director da publicação [V. nota 382] – será, portanto, simultaneamente irreverente e diligente, ou voluntariosa, porquanto procure individualmente contornar as “deficientes, complexas e contraditórias condições em que a profissão sobrevive”:

⁴⁵⁴ FERNANDES, José Manuel – *Novíssimos. Op. cit.* p.15.

⁴⁵⁵ DIAS, Manuel Graça cit. por FIGUEIRA, Jorge – Dos bispos do moderno às *drag-queens* do pós-modernismo. *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 218-219 (2005). p.14.

⁴⁵⁶ Julgamos poder ainda dizer que será uma geração *desinteressada* ou *desmotivada*, pelo menos, a julgar pelo “manifestamente baixo índice de participação” nos *Prémios Nacionais de Arquitectura, Primeiras Obras, em 1988*. Cf. MONTEIRO, José Charters – Primeiras obras, obras-primas? *Revista Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0871-236. n.º 2 (1989). p.25.

⁴⁵⁷ “Falta a estes grupos actuais uma experiência que só vem com o tempo”. FERNANDES, José Manuel – *Novíssimos. Op. cit.* p.15.

“Julgamos que este número sobre os “novíssimos” (...) poderá iniciar (...) a polémica em redor (...) do trabalho em curso por gerações recém-formadas. Que (...) seja o início de um debate, reflexão crítica e discussão (...) é o nosso mais vivo desejo.” (LAMAS, 1983, p.13)

Talvez que esta ânsia justifique parte do “abuso do artístico sublimativo do gesto pessoal”⁴⁵⁸ da produção corrente da época.

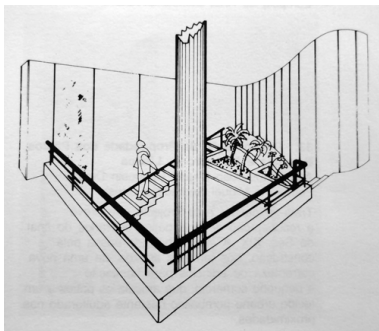


Fig.30 Stand de venda de Mobiliário (João Torres Campos [ESBAL, 1980], Lisboa)

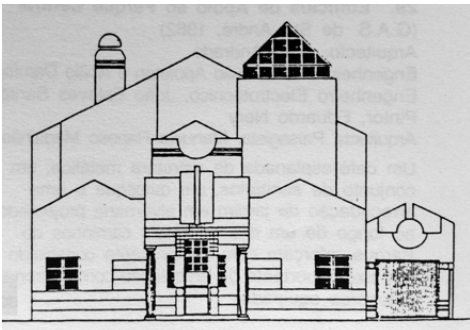


Fig.31 Habitação Unifamiliar (João Salgueiro [ESBAL, 1981], Seixal, 1985).

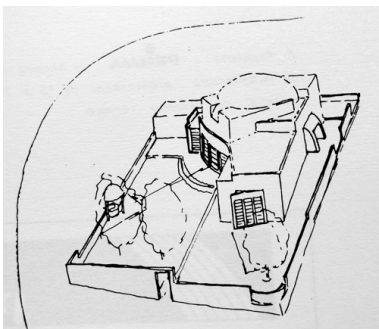


Fig.32 Habitação Unifamiliar, (Victor Mestre [ESBAL, 1981], Corroios, 1985)

5.1.1.1 Exposição Nacional de Arquitectura de 1986

Há, de facto, para esta geração, um *modus operandi* de fazer arquitectura o qual é bastante evidente se tomarmos como exemplo os trabalhos expostos na *Exposição Nacional de Arquitectura* de 1986. (Embora vise a produção nacional de todos os inscritos, esta exposição demarca muito claramente a obra dos arquitectos formados na segunda metade dos anos 70 em Lisboa).

Este modo de projectar – ironicamente enquadrado pelo desejo de romper com uma uniformidade estabelecida – recorre a linguagens e arquétipos formais originando modelos historicistas que, em grande parte dos casos, são também miméticos entre si⁴⁵⁹.

Entre outras características, estes modelos conjugam, por um lado, referenciais clássicos – é recorrente a aplicação da coluna em forma decorativa ou inserida no modelo “palladiano” [Fig.30-31] – ou árabes – com a inclusão de arcos segmentados em “escadinha” ou cúpulas, por exemplo [Fig.32].

Outras abordagens igualmente “clássicas” recorrem da marcação de um eixo encimado por uma figura geométrica simples. Este “modelo” é aplicado sob uma perspectiva retórica

⁴⁵⁸ MENDES, Manuel – *Exposição Nacional de Arquitectura*. In *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 218-219 (2005), pp.55.

⁴⁵⁹ “Com efeito, uma observação aberta e não anestésica, concluirá facilmente que a diversidade da obra patente na mostra traduz uma profunda monotonia conceptual”; MENDES, Manuel – *Exposição Nacional de Arquitectura*. *Ibidem*.

de representatividade, por um lado, ou em soluções mais tradicionalistas por outro [Fig.33-34].

5.1.1.2 Prémios Nacionais de Arquitectura *Primeiras*

Obras de 1988

Não se restringe à *Exposição* de 1986 a mostra de uma produção em torno destes temas. Também as obras candidatas aos *Prémios Nacionais de Arquitectura – Primeiras Obras* de 1988, serão objecto de severas críticas por essa razão.

Na segunda edição da *Revista Arquitectos*, a AAP apresenta os trabalhos dos vencedores enquadrados por textos analíticos de alguns arquitectos envolvidos, ou não, no processo.

À demarcação de Duarte Cabral de Melo em fazer um comentário crítico que passe por “classificar ou dividir as arquitecturas disponíveis e os seus simulacros (...) em boas ou más, verdadeiras ou falsas, premiáveis”⁴⁶⁰, contrapor-se-á a agudeza (diríamos satírica) de Alexandre Alves Costa – designado elemento do júri pela Faculdade de Arquitectura do Porto – que tomará esse desígnio por inteiro ao afirmar:

“Por isso (...) é possível (...) perscrutar o futuro através das maneiras como, em início de carreira, se vão entendendo as indeterminações ou ambiguidades dos que, diversamente, se opõem aos que chamam formalismo rígido do modernismo ou dos que, pelo contrário, se reclamam da sua complexidade e contradição para lhe darem um novo cumprimento.

Esta pareceu-me uma perspectiva de análise possível num curto comentário embora não suficientemente estimulado pela qualidade (...) dos trabalhos.

Coisas de bom ou mau gosto conforme os gostos. (...)

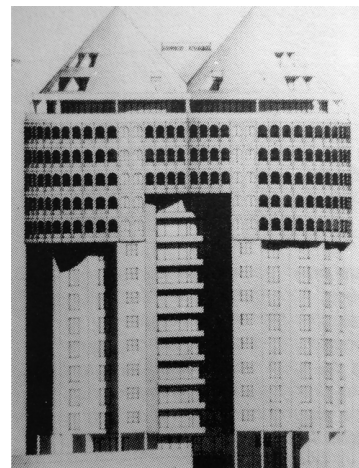


Fig.33 Edifício de Habitação (Luís Teixeira [ESBAL, 1982] e outro, Lisboa, 1985)

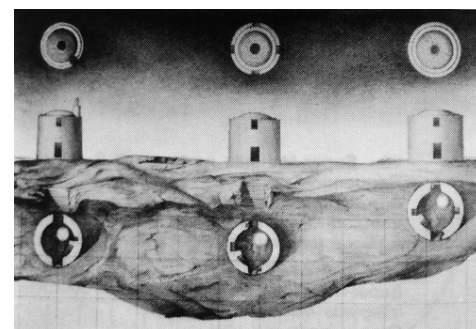


Fig.34 Recuperação de moinhos e área envolvente (José Manuel Botas [ESBAL, 1976] e outros Évora, 1983)

⁴⁶⁰ MELO, Duarte Cabral de – O simulacro do risco. *Revista Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0871-236. n.º 2 (1989), p.26. O autor justifica-se afirmando que “o convívio com as obras de outros, qualquer que seja a sua ordem de produção, interessa-me sobretudo como pretexto para melhorar o meu próprio trabalho.” MELO, Duarte Cabral de - *Ibidem*.



Fig.35 Concurso “Primeiras Obras” - *Prémio Keil do Amaral*: Casa Unifamiliar (Manuel Botelho [ESBAL, 1976], Ponte da Barca)

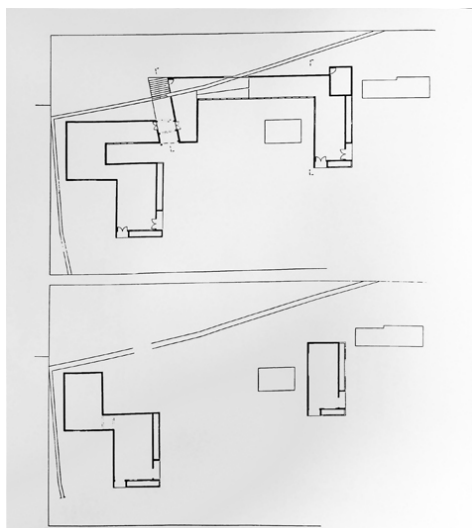


Fig.36 Concurso “Primeiras Obras” - *Prémio Revelação*: Pavilhão da SRAP (Pedro Maurício Borges [FAUTL, 1986], Açores)

Ou será que definitivamente não gosto de Arquitectura moderna? Trágica pergunta, idêntica à que timidamente balbuciei para mim próprio, à saída da Exposição Nacional de Arquitectura.” (ALVES COSTA, 1989, p.29)

Mais à frente, afirma rigidamente a distinção Lisboa-Porto:

“Do norte vêm alguns a provar que da Escola do Porto também sai quem saiba responder às exigências de uma nova clientela, mais pela eficácia do que pelo exibicionismo formal – o que lhes dá um ar (a que se costuma chamar, e que espero não seja) sólido, em contraposição aos que e se costuma chamar (e espero que seja), efémero dos seus pares lisboetas.” (*Ibidem*)

Justas afirmações não fossem (pelo menos) quatro das seis individualidades ou grupos premiados – incluindo os dois prémios principais⁴⁶¹ [Fig.35-36] - provir da ESBAL/FAUTL. Legítimas mas não estranhas porque conformes com a “triste”⁴⁶² perspectiva do retorno do moderno, também ele apadrinhado “por Lisboa”⁴⁶³, militante de uma arquitectura pálida, despida e desprovida dos “sinais dos tempos”.

O novo modernismo poderia justificar-se (no lugar de excepção que confirma a regra) como expressão *crítica* de um pós-modernismo latente, no caso do vencedor do prémio principal porque formado no ano lectivo imediatamente posterior à Revolução⁴⁶⁴, mas não deixa de ser uma abordagem

⁴⁶¹ O *Prémio Francisco Keil do Amaral* é atribuído à Casa Unifamiliar em Ponte da Barca da autoria do arquitecto Manuel Botelho (ESBAL, 1976); O 1º *Prémio Revelação* ex-aequo é atribuído ao Pavilhão da Secretaria Regional da Agricultura e Pescas para a Feira/Açores da autoria do arquitecto Pedro Maurício Borges (FAUTL, 1986) e Estação Central de Camionagem/Lamego de José Carlos Portugal e Carlos Prata; Entre as *Menções Honrosas* temos, por ordem de inscritos no Concurso, as obras: Casa de Habitação em Vieira do Minho da autoria do arquitecto Jorge Croft, Habitação Engenheira Estela Santos/Moita da autoria do arquitecto Cândido Chuva Gomes (ESBAL, 1980) e Casa Mortuária/Alhos Vedros da autora do arquitecto João Martins Lucas Dias (ESBAL, 1980).

⁴⁶² A adjectivação [V. nota 445] refere-se, precisamente, ao “falso moderno” que se viu nascer e que “integrou um seguidismo académico de ressonâncias insuportáveis (...) tudo se resumindo a um manusear muito inculto de um filão de formas ditas estabilizadas e que se acreditava serem mais comunicáveis”.

⁴⁶³ É talvez significativo referir o facto de que Manuel Botelho – vencedor do prémio principal - trabalhou, desde 1969, no *atelier* de Manuel Tainha.

⁴⁶⁴ Referimo-nos a Manuel Botelho (ESBAL, 1976). Igualmente formado em 1976 na ESBAL, João Nasi Pereira não participa nos *Prémios* mas é, em todo

claramente dissonante relativamente aos pares de uma geração intermédia (que é a que está em foco) tal como é o caso o vencedor do *Prémio Revelação*, formado no final da década de 80⁴⁶⁵.

Este facto confirma a pertinência do estabelecimento de duas fases de análise, tal como propostas de início, nomeadamente pela forma como circunscreve esta primeira fase e levanta, indirectamente, a ideia de *redoma* inconsequente a que pode levar o “discurso das formas” neste período.

5.1.2. Conjecturas sobre as trajectórias individuais

A *alegria* tomará alguns dos jovens arquitectos lisboetas (muito pela presença de outros acontecimentos singulares de que já falámos nomeadamente o *Depois do Modernismo*) ainda na década de 80. Já a clarificação de valores próprios no entendimento da arquitectura ocorrerá a diferentes tempos, para cada um.

De facto, a “divergência de caminhos”⁴⁶⁶ será sintomática da nítida busca de uma atitude própria ou não fosse a tendência de uniformidade perdendo expressão com o tempo.

o caso, também considerado pelos críticos ligados à *Escola do Porto*; Manuel Mendes chega a incluir a sua Casa Cadel Sidarius (Évora 1980-1985) lado a lado com a Casa a Quinta do Lago (Algarve 1984-1988) de Souto de Moura num artigo para a *Casabella*. Cf. MENDES, Manuel – *Architettura portoghese: la generazione recente. Casabella: Rivista internazionale di architettura e urbanistica*. Milano. ISSN 0008-7181. n.º 579 (1991), p.53. Neste artigo, o autor situa o jovem arquitecto, juntamente com outros, num “ecletismo corrente: nas suas propostas, a síntese expressa um diálogo artesanal entre forma e material mas parecem ser mais empíricos que experimentais, mais inspiracionistas que racionalistas; isto são exercícios mais de género que de estilo”. Cf. MENDES, Manuel – *Architettura portoghese. Ibidem*. Tradução livre.

⁴⁶⁵ Referimo-nos a Pedro Maurício Borges (FAUTL, 1986); é visível a influência de Siza nos dois autores: “A fonte inesgotável que o detalhe “siziano” representa (...) e o seu potencial artesanal reflectem-se na [Casa Maia Ribeiro, Castelo da Maia, 1994-2001] de Manuel Botelho. A escala intimista das primeiras obras permite-lhe aprofundar uma veia expressionista em tensão com a “ancestralidade” de Távora cuja síntese é reaberta por arquitectos como Pedro Maurício Borges”. MILHEIRO, Ana Vaz – *Arquitectura portuguesa 2000-2005: um guia temporário*. In GILI, Mónica, dir. – *2G Dossier: Portugal 2000-2005, 25 edifícios do século XXI. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2002*. ISBN 82-252-2023-8. p.17.

⁴⁶⁶ “Numa altura de incertezas, a falta de apoios e referências seguras vai provocar uma divergência de caminhos”; ALMEIDA, Rogério Vieira de – *De 1976 ao final de século. Op. cit.* p.78.

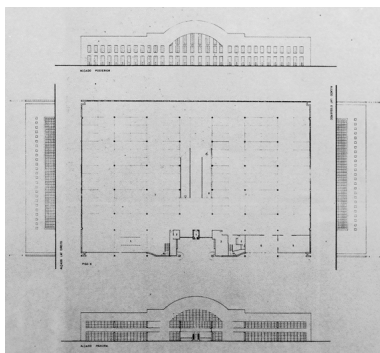


Fig.37 Garagem Militar
(Cândido Chuva Gomes,
Lisboa, 1982-)



Fig.38 Escola Básica Integrada n.º1
(Cândido Chuva Gomes, Palmela,
1995-2000)

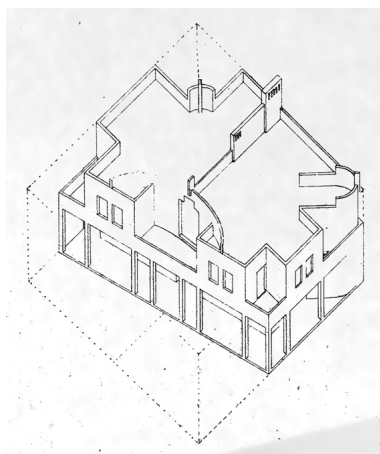


Fig.39 Edifício envolvente à
Praceta (Victor Mestre, Castro
Verde, 1983?-)

Sobre uma base comum abrir-se-ão vários percursos (notados anos mais tarde): haverá os que abandonam os referenciais adquiridos academicamente e aderem defensivamente a uma linguagem mais “estabilizada”; haverá aqueles que reflectem sobre os seus pontos de partida e os reinterpretem; haverá ainda os que encetam um caminho totalmente novo.

Nas suas contradições haverá, por fim, em todos, um pouco de cada um⁴⁶⁷.

5.1.2.1 O abandono dos referenciais

Olhando concretamente sobre aqueles que considerámos para este primeiro ponto – ou seja, aqueles que apresentaram derivações significativas no modo de projectar com o passar do tempo – temos que, nos dois primeiros percursos profissionais observados – os quais tentaremos descrever exemplificando com projectos concretos – parece submergir alguma da sintaxe moderna nomeadamente na modelação do betão, no reboco pintado, na abstratização da forma e dos vãos, na “descolagem” do solo ou mesmo na alusão aos pilotis.

Olhando por instantes a Garagem Militar (Cândido Chuva Gomes [ESBAL, 1980], 1982-) [Fig.37] – volume maciço com quatro frentes simétricas entre si e seu eixo central rematado por frontão semi-circular – não podemos se não ser contraditos pelo “equilíbrio dinâmico” da Escola Básica (1995-2000) [Fig.38], obra do mesmo autor, treze anos passados sobre a anterior.

De igual modo, se observarmos o desenho de um dos edifícios envolventes à Praceta de Castro Verde (Victor Mestre [ESBAL, 1981], 1983?-) [Fig.39] - que respeitam o mesmo léxico da *Garagem*, isto é, marcações centrais rematadas por frontões geometrizados – não podemos deixar também de nos questionar sobre o método projectivo da Sede da Direcção-Geral de Pescas e Aquicultura (1991-1998) [Fig.40].

⁴⁶⁷ Não pretendemos com este exercício catalogar percursos mas sim sistematizar tendências para melhor entender o panorama geral.

Vemos que inicialmente apoiadas nos modelos já descritos para este período [V. 5.1.1.1] estas formas de projectar irão, ao longo do tempo, derivar em soluções menos discursivas.

Não se alterará, talvez, entre projectos e entre autores, uma abordagem ao projecto pelo *desenho* como gesto artístico; tal abordagem de projecto confirma a já enunciada reaproximação pela *estética* inaugurada nos primeiros anos de formação desta geração.

Olhando ainda os percursos “derivativos”, temos que estes reflectem-se não só no modo de projectar mas também no objecto de trabalho. A exploração de um novo mercado – desde sempre patente mas que ganha novos contornos – que é a manipulação da espacialidade dos *interiores* ou, mais particularmente, da arquitectura do *efémero*⁴⁶⁸, faz alguns dos formados neste período desligarem-se dos signos mais marcadamente historicistas e aplicar a plasticidade “moderna” no que esta tem de “estético” (ou no que esta tem para lá do discurso ideológico). Se tomarmos como exemplo a Remodelação de um Andar (Fernando Sanchez Salvador [ESBAL, 1979] e Margarida Grácio Nunes [ESBAL, 1977], 1979-1981) [Fig.41] temos que o Restaurante Pap’Açorda (1992-1993) [Fig.42], dos mesmos autores, nove anos mais tarde, demonstra já uma nova sensibilidade pelo controle da premissa *less is more*, pela manipulação da luz e criterioso uso da cor. Uma abordagem sem a “derivação” de outros tempos pela retoma de um certo *traçado regulador*, por via da experiência, cremos.

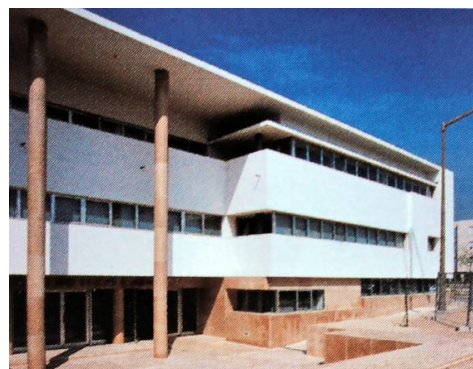


Fig.40 Sede da DGPA (Victor Mestre, Lisboa, 1991-1998)

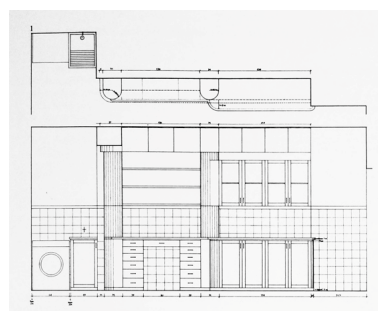


Fig.41 Remodelação de um andar (Fernando Sanchez Salvador e Margarida Grácio Nunes, 1979-1981)

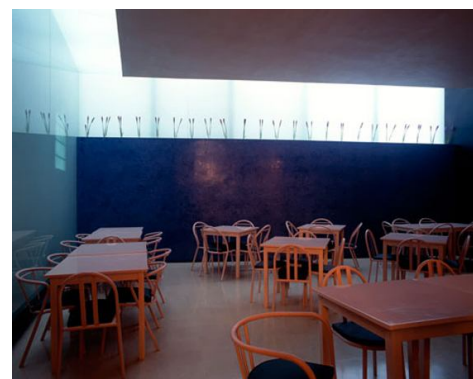


Fig.42 Restaurante Pap’Açorda (Fernando Sanchez Salvador e Margarida Grácio Nunes, Lisboa, 1992-1993)

⁴⁶⁸ O efémero, embora “eterno enquanto manifestação física cíclica tradutora de perenidade (...) de valores culturais que traduzem a vitalidade duma cultura perpetuando-lhe a alma” constitui ainda “um domínio aberto de investigações (...) no âmbito das tecnologias mais avançadas”. DUARTE, Rui Barreiros – *A arquitectura do efémero* [Documento impresso]. 1993. 333 p.: il. Tese de Doutoramento. Acessível na Biblioteca da F.A.U.T.L., Lisboa, Portugal. Cota TD 043 FA Arq 1993. pp.17/19.

5.1.2.2 A interpretação dos referenciais

No seio de uma geração que se habituará “a manusear complexos mundos interiores”⁴⁶⁹ surgem também aqueles que, desde a sua formação (se não antes), tomam as rédeas de um percurso do qual nunca se desviam verdadeiramente.

São os que partem do pressuposto pós-moderno tal como este irrompe no meio onde se formam e, voluntariosamente (mas sem nunca se levar muito a sério...), o reinventam ao sabor das diversas geografias onde vão estabelecendo a sua actividade.



Fig.43 Restaurante Casanostra (Manuel Graça Dias, Lisboa, 1985-1994)

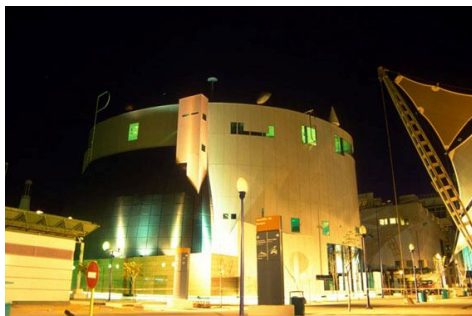


Fig.44 Pavilhão de Portugal para a Expo92 (Manuel Graça Dias e Egas José Vieira, Sevilha, 1989-1992) – vista exterior



Fig.45 Pavilhão de Portugal para a Expo92 (Manuel Graça Dias e Egas José Vieira, Sevilha, 1989-1992) – casa de banho

Se tomarmos como exemplo aquele que será, ainda hoje, “o “centro” da cultura pós-moderna portuguesa”⁴⁷⁰ vemos que este pega na essência do pós-modernismo - o fascínio pela contemporaneidade, o arrojo da densidade, o desejo de experimentar *cada coisa*, o espírito assertivo, um tanto excêntrico, animado, afinal *pós-moderno* – desde logo, no restaurante Casanostra (Manuel Graça Dias [ESBAL, 1977], 1985-1994) [Fig.43] o qual vem assim contribuir para a marcação da centralidade geográfica do pós-modernismo português (cuja génese é a “movida” do Bairro Alto)⁴⁷¹.

Das narrativas interiores mundanas o autor parte para outras, complexificadas, “espelhadas” e intrigantes que atribuem ao efémero o lugar cenográfico que lhe pertence; trabalhando já em equipa, o Pavilhão de Portugal (Manuel Graça Dias [ESBAL, 1977] e Egas José Vieira [FAUTL, 1985], 1989-1992) [Fig.44-45] sugere, além do mais, o *desejo de comunicar* e a “revisitação” da história ao acumular diversos elementos “abstratizados” e significantes. “Desenhámos espaços como quem deseja uma emoção”, dirão os autores.

A entropia volumétrica do *Pavilhão* ou, mais especificamente, as diversas tensões que gera condizem com o discurso teórico

⁴⁶⁹ MILHEIRO, Ana Vaz – A vida como ela é. MILHEIRO, Ana Vaz – *A minha casa é um avião*. Lisboa: Relógio D’Água Editores, 2007. p.48.

⁴⁷⁰ MILHEIRO, Ana Vaz – A vida como ela é. *Ibidem*.

⁴⁷¹ Cf. FIGUEIRA, Jorge – *A periferia perfeita*. Op. cit.. vol.1, p.298.

sempre inquisitivo e reflexivo de um dos autores, discurso que sempre acompanhará a sua obra.

Na sua produção teórica, ao “anti-moderno” [V. nota 462] seguir-se-á o “anti-consenso” e aqui residirá parte da *transformação dos pontos de partida* de que falávamos.

“Fundamentalmente há duas vias: a conformista e a não conformista. (...) Por exemplo, tudo o que se faz que tenha um “ar” vagamente holandês é, a maior parte das vezes, bastante conformista e acrítico. As pessoas (...) embarcam num registo completamente neo-conservador convencidos que estão “na crista da onda””. (GRAÇA DIAS, 2004, p.34)

Mantendo a mesma posição crítica relativamente ao método de projecto via “organigramas funcionais” não deixa, ainda assim, de recusar igualmente as (novas) formas de *arte pela arte*:

“Eu não acredito naquelas investigações que neste momento são feitas na Holanda: uma pessoa sem cliente, sem programa, sem sítio, a especular, a fazer arquitectura experimental. Acho que isso não é nada. Não é arquitectura!” (*Ibidem*)

A forte “convicção de que o discurso da arquitectura deve ser regenerador” como “posição ideologicamente “moderna”, quer dizer, socialmente comprometida”⁴⁷² estão finalmente presentes no Teatro Municipal de Almada⁴⁷³ (1998-2004) [Fig.46-47] o qual demonstra o refinamento da linguagem destes autores. E embora posterior, esta obra combina com a síntese daquele que outrora criticava “os lisboetas”, ainda em 1997:

“Não recusando a comunicação nem escolhendo, no mundo de consensos forjados, o puro silencio, [os autores] legitimam-se no interior do debate contemporâneo tentando acolher o sentido não puramente negativo que a experiência estética presumivelmente assume na época da cultura manipulada.” (ALVES COSTA, 1997, p.13)



Fig.46 Teatro Municipal de Almada (Manuel Graça Dias e Egas José Vieira, Almada, 1998-2004) – vista exterior



Fig.47 Teatro Municipal de Almada (Manuel Graça Dias e Egas José Vieira, Almada, 1998-2004) – auditório

⁴⁷² MILHEIRO, Ana Vaz – A vida como ela é. *Ibidem*.

⁴⁷³ Também chamado *Teatro Azul*.



Fig.48 Estação de Correios (António Belém Lima, Vouzela, 1985-1987) – vista exterior



Fig.49 Estação de Correios (António Belém Lima, Vouzela, 1985-1987) – interior



Fig.50 Biblioteca Municipal (António Belém Lima, Vila Real, 2006-2008) – interior



Fig.51 Museu dos Baleeiros (Paulo Gouveia, Açores, 1986-1989)

Podemos encontrar outros percursos em muito semelhantes ao descrito pelo facto de prescreverem uma arquitectura pós-moderna não ancorada em códigos importados.

Merecem particular destaque aqueles que protagonizam a sua disseminação pelo território – facto que por si representa já uma das dimensões sensíveis da pós-modernidade.

Em Trás-os-Montes, no início da década, concentra-se um singular grupo de jovens recém-formados⁴⁷⁴ que deseja explorar as possibilidades desta nova arquitectura.

Entre eles, o autor dos Correios (António Belém Lima [ESBAL, 1979]) – um objecto invulgar concebido nesse meio (Vouzela, 1985-1987) [Fig.48-49] cujos diversos espaços interiores são tidos como narrativas autónomas⁴⁷⁵ - vai, ao longo do seu percurso, dar continuidade à expressão de uma arquitectura não canónica (ou abstida dos parâmetros hegemónicos que se vão sedimentando nas décadas seguintes) sem, no entanto, se demitir do mundo expressivo das formas e dos elementos dissonantes.

Já em 2008 vemos assim que, no seu edifício para a Biblioteca Municipal (2006-2008) [Fig.50] um sentido mais fortemente “construtivo” e uma linearidade programática o vão demarcar do pós-modernismo essencialmente cénico das primeiras obras, o que insere este autor no conjunto dos que vão apurando as referências adquiridas no contexto da sua formação.

Já nos Açores, o percurso do autor do Museu dos Baleeiros (Paulo Gouveia [ESBAL, 1979]) – obra de 1986-1989 [Fig.51] que se distingue por uma “inspiração *venturiana*” na

⁴⁷⁴ [V. 3.2.2]. Os *Pioleto* são um grupo de jovens formados no Porto aos quais se junta António Belém Lima (ESBAL, 1979).

⁴⁷⁵ Cf. FIGUEIRA, Jorge – Correios [1985-1987], Vouzela. MILHEIRO, Ana Vaz, coord. - *Arquitectos portugueses contemporâneos: obras comentadas e itinerários para a sua visita*. Lisboa: Público, 2004. ISBN 972-8179-86-3. [Fascículo António Belém Lima].

reconstrução de “formas vernaculares”⁴⁷⁶ animadas pela cor e pela incongruência compositiva, as quais não permitem adivinhar o pré-existente - vem fechar o triângulo geográfico de um pós-moderno *português*, tal como proposto na presente análise.

Aquele cuja obra incatalogável reflecte, igualmente, uma “peculiaridade (...) [que] desafia a (...) coerência cronológica”⁴⁷⁷ não deixa, assim, de sinalizar a capacidade de alguns formados neste período em recompor as referências de que dispõem⁴⁷⁸.

5.1.2.3 A transformação dos referenciais

Há contudo uma via que, partindo dos mesmos pressupostos, empreende num trilho solitariamente paralelo que por nenhum lado se deixa seduzir pelo culto do superficial, do ambíguo ou do signifiante.

Embora se auto-situe, decorridos que estão largos anos sobre a sua formação, como *neo-racionalista*⁴⁷⁹, o autor da Piscina Municipal (João Luís Carrilho da Graça [ESBAL, 1977]) [Fig.52-53] – obra de 1982-1990 cuja “estranha leveza”⁴⁸⁰ seria dissonante mesmo já na época da sua construção – não deixa, ainda assim, de estar fundamentalmente enraizado na estética da forma (ainda que da forma elementar) e na inevitabilidade dos valores subjectivos⁴⁸¹, factores em parte herdados da sua formação.



Fig.52 Piscina Municipal (João Luís Carrilho da Graça, Campo Maior, 1982-1990)



Fig.53 Piscina Municipal (João Luís Carrilho da Graça, Campo Maior, 1982-1990)

⁴⁷⁶ FIGUEIRA, Jorge – *A periferia perfeita*. Op. cit.. vol.2, p.439.

⁴⁷⁷ MILHEIRO, Ana Vaz – *A minha casa é um avião*. MILHEIRO, Ana Vaz – *A minha casa é um avião*. Op. cit.. p.24.

⁴⁷⁸ No caso do próprio arquitecto Paulo Gouveia, uma anterior licenciatura em Biologia e a colaboração com Gonçalo Ribeiro Telles terão pesado na condução da sua arquitectura.

⁴⁷⁹ Cf. GRAÇA, João Luís Carrilho da – Manifesto de relação com o território/por Rui Barreiros Duarte. *Arquitectura e Vida*. [S.L]. n.º 35 (2003), p.37

⁴⁸⁰ BYRNE, Gonçalo – Estranha leveza. In GRAÇA, Carrilho da; BYRNE, Gonçalo, introd. – *Carrilho da Graça*. Lisboa: Editorial Blau, 1995. ISBN 972-8311-02-8. p.6.

⁴⁸¹ “Se reconhecermos a capacidade de comunicação à arquitectura, torna-se clara a impossibilidade de tudo racionalizar. [Não é possível dominar os factores] irracionais, intuitivos, sensoriais”; GRAÇA, João Luís Carrilho da – Manifesto de relação com o território. Op. cit.. pp.38-39.

Deste período provém também a admiração por um dos “contra-heróis” ao Movimento Moderno mais referenciados em contexto escolar:

“Em linhas gerais, gosto imenso da arquitectura de Palladio.

Quando acabei o curso, estive 15 dias a visitar as vilas e os palácios (...).” (CARRILHO DA GRAÇA, 2003, p.36-37)

Se é certo que não encontramos as bases e os capitéis clássicos nos pilares da *Piscina*, a ligação que esta obra estabelece com os valores históricos de “relação com o território” é clara. De facto, o lugar da sua obra estará, desde início, nos espaços que acolhem aquilo que intemporalmente (ou poeticamente) sempre lhes pertenceu e que neutralizam a tendência de supremacia da forma.

A singularidade deste percurso encerra a análise sobre uma geração que se vira sobre si própria inaugurando, colateralmente, o tema da *autoria*⁴⁸².

⁴⁸² Este tema é complexo e fora do âmbito do trabalho. Cabe apenas esclarecer como é entendido neste contexto. A predominância da *autoria* (que resvala, em certos casos, para o “culto do autor”) inicia-se aqui, julgamos nós, pela conjugação entre a crescente mediatização da arquitectura e a tendência de autonomia nos percursos profissionais face a grupos ou ideologias – duas facetas próprias da pós-modernidade. Perante isto, o objecto arquitectónico é mais facilmente entendido por pressupostos sobre a *pessoa que o projecta* do que pela observação do objecto em si.

5.2 Geração 2: formados de 1984 a 1990

5.2.1 Expressões de charneira ou a *pós-modernidade implícita*

A segunda geração corresponde ao grupo de arquitectos formados nas fases um e dois, ou seja, de 1984 a 1990.

Podemos observar que as primeiras obras destes autores se afastam muito claramente do registo historicista anterior sobretudo no que este propõe de reavivar e reinventar os modelos da história por meio da “arte” arquitectónica. Esta geração também não parece interessar-se tanto por comunicar ou implicar a sua arquitectura em jogos de codificações. Por último, não se deixa deslumbrar pelas imagens de uma cultura *pop* ou “local” visto que esta vai inevitavelmente perdendo o seu cariz “exótico” ou chamativo e ganhando outros significados numa sociedade em acelerada mutação.

Esta geração não deixa, no entanto, de constituir um grupo cujo entendimento e prática da arquitectura serão extremamente referenciados: se, por um lado, os arquitectos formados neste período integram, nos seus primeiros projectos, experiências “estrangeiras”⁴⁸³ em certos casos vanguardistas, por outro lado são inspirados pelos percursos já sedimentados (e conservadores, em certo sentido) de figuras de referência da arquitectura “local”.

Será portanto uma geração que procurará abrigos tutelares que completem a sua formação académica e profissional⁴⁸⁴ sendo que a procura e transporte deliberado de referências e a sua origem miscigenada ainda a posiciona num contexto de pós-modernidade.

⁴⁸³ Estas experiências situam-se no plano académico e profissional e resultam da *mobilidade* própria da abertura que o país inaugura com o 25 de Abril, a qual se acentuará nas décadas seguintes. [V. cap.VI].

⁴⁸⁴ Alguns arquitectos mais velhos enquadrarão, fora do meio académico, um ensino novamente centrado na tradicional transmissão de saberes via *mestre-discípulo*. Surgirão, portanto, escolas “à margem” que acolherão grande parte dos jovens estudantes formados neste período. A acrescer a este retorno sublinhamos ainda o facto de os recém-formados se associarem entre si retomando a ideia de autoria diluída ou multi-céfala como posicionamento face à profissão.

Concretamente no que respeita à arquitectura – e tendo já referido a recusa dos valores essencialmente transmitidos no meio escolar – a sua obra denotará talvez aspectos de um pós-modernismo *crítico*: por um lado num processo de questionamento semelhante ao protagonizado pelos *Whites* em contexto americano⁴⁸⁵, por outro, o mesmo processo de questionamento tal como patente nas obras de alguns autores lisboetas no período pré-revolucionário, [V. 4.2.2]. De facto e como veremos, a *forma* não é de todo rejeitada mas antes a visão da forma como valor absoluto. Na sua arquitectura, os valores estéticos e poéticos serão contrabalançados, em equilíbrios múltiplos e diferenciados caso a caso, com os conceitos de perenidade construtiva, consistência projectual ou contextualidade, entre outros.

Mas mais uma vez aqui – no concreto das primeiras obras⁴⁸⁶ – a ambivalência de valores (tal como genericamente presentes na amostra que recolhemos) situa a sua arquitectura num lugar de charneira entre o posicionamento anterior e uma nova realidade na qual a questão geracional se esbate e a tentativa de padronização linguística será, no mínimo, desafiante.

Da mesma forma, também o contraste que ainda se verifica quando comparamos esta geração à dos arquitectos formados na FAUP, neste período – nomeadamente no apego que estes ainda demonstram à *Escola do Porto* apesar das derivações tuteladas por Souto Moura - dissipar-se-á.

Dos diversos percursos observados foram escolhidas obras em cuja dicotomia herança *versus* contemporaneidade fosse mais explícita. Visto que estas obras não apresentaram nenhum outro critério que concorresse para esta análise, optámos pela sua exposição de acordo com a ordenação cronológica da

⁴⁸⁵ *Whites* é a alcunha dada aos “Five Architects” [V. nota 313] uma vez que estes, apesar de americanos, empatizam com o modernismo europeu do início do século XX.

⁴⁸⁶ Considerámos como primeiras obras as que se situam no espaço de uma década a década e meia depois da finalização do curso. Situar-se-ão, portanto, na década de 90 e princípios do novo milénio.

formação dos autores no período em destaque, ou seja, descrevendo inicialmente obras de formados em 1984 e, por fim, obras de formados no final da década de 80 (ou até 1990).

5.2.2 Conjecturas sobre as trajectórias individuais

5.2.2.1 A experimentação da forma num registo abstracto e comunicativo

Tanto a Casa com um pátio (Nuno Mateus [FAUTL, 1984] e José Mateus [FAUTL, 1986], Melides, 1991-1992) [Fig.54] cuja “aproximação ao formalismo “desconstrutivista”⁴⁸⁷ é notória (apesar de nunca assumida pelos seus autores)⁴⁸⁸ como o Centro Digital (1992-1993) [Fig.55-56], dos mesmos autores, correspondem a um processo projectual claramente importado mas ainda assim destacável na produção arquitectónica deste período. Se no primeiro caso observamos uma nítida distorção/deslocação das figuras que se sobrepõem em composição geométrica elementar, no segundo a manipulação da forma sob princípios fragmentários é ainda mais acentuada aproximando estes objectos de uma linguagem experimental e abstracta, ainda que contextualizada⁴⁸⁹.

De facto, a abstractização jogará, nestes casos, a favor da superação da figuração sem o necessário abandono da *forma*. Mas ao mesmo tempo que o faz – e ao mesmo tempo que a própria imagem singular destas obras não as dispensa de um

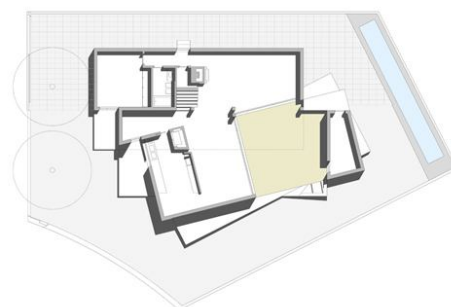


Fig.54 Casa com um pátio (ARX Portugal, Melides, 1991-1992)

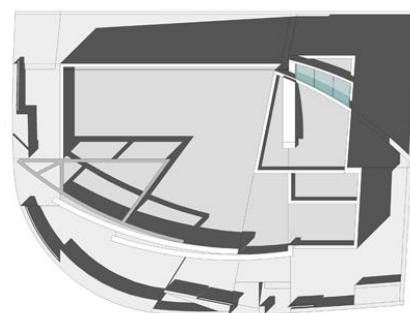


Fig.55 Centro Digital de Porto Salvo (ARX Portugal, Porto Salvo, 1992-1993) – corte horizontal



Fig.56 Centro Digital de Porto Salvo (ARX Portugal, Porto Salvo, 1992-1993) – vista exterior

⁴⁸⁷ MILHEIRO, Ana Vaz – Arquitectura portuguesa 2000-2005. *Op. cit.* p.6. A influência deste movimento arquitectónico não é meramente especulativa. Nuno Mateus estuda em Nova Iorque e trabalha com Peter Eisenman. Mais tarde, Nuno e José Mateus trabalham com Daniel Libeskind.

⁴⁸⁸ Cf. MATEUS, Nuno; MATEUS, José – *Entrevista de Pedro Jordão a Nuno Mateus e José Mateus* [Em linha]. Revista NU, 2002, 2 Maio 2002. [Consult. 27 Setembro 2010]. Disponível em http://www.arx.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=174&Itemid=52.

⁴⁸⁹ Dirão os autores desta última que “recebe o registo das construções vizinhas (impressões ortogonais das suas volumetrias). Logo recorta no volume o canto curvo da rua que entronca na via principal, que por passos sucessivos vai regravando a morfologia do edifício num processo abstracto espacio-temporal.” ARX Portugal – *CRS Porto* [Em linha]. www.arx.pt, 2004?. [Consult. 27 Setembro 2010]. Disponível em http://www.arx.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=103&Itemid=73.

carácter comunicativo – desloca o discurso da arquitectura para um lugar complexo, diríamos mesmo intangível, situado próximo da vanguarda (à época)⁴⁹⁰. Quer dizer, ao mesmo tempo que há uma clara orientação no sentido da experimentação da forma⁴⁹¹ – o que aproxima estes autores da geração anterior – ela será também o fruto *verificável* de uma reflexão teórica transdisciplinar, ou seja, será fruto de um método de projecto suportado por uma teia de informação e investigação actualizadas⁴⁹² ao qual se juntam os dilettantes pressupostos abstractos vanguardistas destes arquitectos.

Tais pressupostos estarão patentes na Exposição *Realidade-Real* (Centro Cultural de Belém, Lisboa, 1993) a qual pretende não ser “uma sequência de representações associadas a uma actividade (...) de um indivíduo único”⁴⁹³ conseguindo, assim, descentrar o objecto arquitectónico do seu lugar tradicional – a representação, a forma ou a matéria – para a própria questão existencial de o que é a arquitectura.

A contradição que se adivinha entre este registo e a prática de uma arquitectura que se quer vocacionada ao “homem comum” – tal como a Exposição, a qual, ironicamente apresenta textos que o não-arquitecto que se deseja programaticamente respeitar dificilmente decifraria⁴⁹⁴, fazendo adivinhar um desvio

⁴⁹⁰ Lembramos que é nesta data que se formam conceitos como o da *arquitectura illíquida*. Cf. SOLÀ-MORALES, Ignasi de – *Territorios*. Barcelona: Gustavo Gili, 2002. 84-252-1864-0. pp.124-135. [Texto original publicado por Anyhow, Anyone Corporation. NY: The MIT Press, Cambridge (Mass.), 1998. pp. 36-43.]

⁴⁹¹ Apesar de Nuno Mateus não concordar com a ideia de que cada um faz uma parte, José Mateus diz relativamente à Casa de Melides: “(...) fui eu que iniciei o processo cá (...). Depois, enviei fotografias e desenhos ao Nuno e ele trabalhou naquilo para que estava mais treinado, que era introduzir uma investigação mais ao nível do conceito do que a casa poderia ser. Porque eu tinha pensado num sentido mais escultórico”; MATEUS, Nuno [et al.] - *Entrevista de Pedro Jordão*. Op. cit..

⁴⁹² A própria denominação ARX advém de *ARchiteXture* que os autores desmontam “em três grandes palavras – arquitectura, texto e textura” significando, na prática, uma rede de informação e investigação que mantêm com outros profissionais, internacionalmente.

⁴⁹³ ARX Portugal – *Realidade-Real* [Em linha]. www.arx.pt, 1993?. [Consult. 27 Setembro 2010]. Disponível em http://www.arx.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=88&Itemid=73.

⁴⁹⁴ Exemplificamos com um excerto do texto que reflecte a Exposição: “Procurou-se expor a distinção/imitação entre o representacional e o “ser”, bem como o partilhável e o solitário do seu processo. O trabalho supõe uma

irremediável – é desfeita na clarificação de um percurso profissional consistentemente objectivo. De facto, o Centro Regional de Sangue (1998-2004) [Fig.57-58] demonstra já o domínio de uma perspectiva ao mesmo tempo pragmática/palpável e experimental/teórica. Os autores descreverão o programa da mesma forma como acertarão a poética em torno do mesmo⁴⁹⁵.

Estamos, portanto, perante uma dupla de arquitectos que alcança “um mais sereno, tangível e material entendimento da arquitectura o qual podemos encontrar nas próprias raízes da tradição moderna portuguesa”⁴⁹⁶.

5.2.2.2 A plasticidade artística da contenção

Se não nas obras acima mencionadas, podemos já mais claramente encontrar o purismo e as referências vernaculares de uma arquitectura portuguesa – embora não necessariamente a moderna - no Centro de Artes de Sines (Manuel Aires Mateus [FAUTL, 1986] e Francisco Aires Mateus [FAUTL, 1987], 2000-2006) [Fig.59] nomeadamente na materialidade dos grandes volumes que o compõem. Com efeito, a colocação da pedra nas fachadas reporta ao

relação, que comunga o formal (izar) sobre uma hipótese de conteúdo. O objecto é eventual e subjectivo. A exposição propõe abrir uma textura temporal, lendo no espaço do Centro, repondo-o como uma leitura momentânea ou hipotética. Debilita a natureza “utópica” e permanente do seu espaço euclidiano. Noutros momentos as leituras são outras, desde a permutação presença/ausência-presente e vice-versa da sua linha longitudinal, à progressão rítmica dos pórticos estruturais, erodindo-se no seu decurso”. ARX Portugal – *Realidade-Real. Op. cit.*

⁴⁹⁵ Se por um lado “o programa é um processo sequencial (de desmontagem do sangue) tornando mais adequada uma construção linear” e “é um edifício cuja principal função é servir de suporte a actividades de recolha e análise de sangue e sua subdivisão em três componentes (eritrócitos, plasma e plaquetas)”, por outro “ [o edifício-linha] no seu aparente movimento, estabiliza sob a forma de segmentos de “estado” variável: espesso e assente no terreno, laminar e flutuante ou complanar com o solo” e “a luz natural é filtrada e constante (para os trabalhos laboratoriais), garantida com o recurso a bandas de vidro muralux que captam, atenuam e dispersam o sol de nascente e poente [sendo que] no interior do quarteirão o contacto visual com a envolvente desqualificada é recortado por estreitas e longas janelas transformando o ambiente caótico em tiras abstractas de vistas descontextualizadas.”

⁴⁹⁶ FIGUEIRA, Jorge – *Ilhavo Maritime Museum – an intact architecture* [Em linha]. www.arx.pt. [Consult. 27 Setembro 2010]. Disponível em http://www.arx.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=183&Itemid=53&lang=en. Tradução livre.

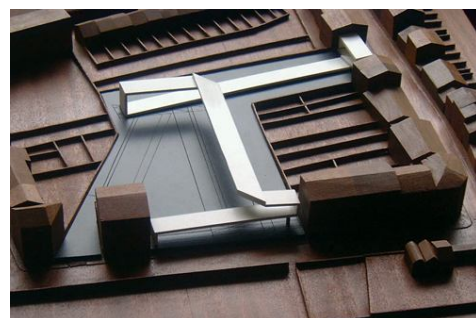


Fig.57 Centro Regional de Sangue (ARX Portugal, Porto, 1998-2004) – maquete



Fig.58 Centro Regional de Sangue (ARX Portugal, Porto, 1998-2004) – sala de trabalho



Fig.59 Centro de Artes (Manuel e Francisco Aires Mateus, Sines, 2000-2006)



Fig.60 Casa em Alenquer (Manuel e Francisco Aires Mateus, Alenquer, 1998-2001)

aparelhamento tradicional embora desafiando a significação de “muro” pelo gigantismo da escala e pela forma como se desliga do solo. Diríamos ainda que, além das referências à construtividade portuguesa, esta obra estabelece pontos de contacto com o “retorno do moderno” também na procura da *matéria*⁴⁹⁷ e do despojamento do acessório.

À racionalidade *crítica* destes autores – certamente influência daquele com quem trabalharam mais estreitamente nos primeiros anos⁴⁹⁸ – é no entanto acrescentada, por vezes, uma plasticidade artística que retoma alguns temas da geração imediatamente anterior. É o caso da Casa em Alenquer (1998 – 2001) [Fig.60] na medida em que concilia a preservação da ruína pré-existente *tal como está* com uma atitude pós-moderna de amplificação do seu potencial cenográfico pelo “tratamento” das paredes e sua pintura. Estes paredões garantem, igualmente, o papel de simulacro, implantada que está a nova construção no seu interior já que ambas parecem dialogar promiscuamente.

Observando duas das obras destes autores podemos confirmar a regra de uma linha de charneira geracional pelo facto da sua arquitectura operar numa sincrónica aglutinação de referenciais⁴⁹⁹.

5.2.2.3 O registo sintáctico subliminar da manifestação da tectónica

A prossecução de um princípio projectual fundamental é especialmente visível no Edifício de Escritório Xerox (João Perloiro [FAUTL, 1987], João Luís Ferreira [FAUTL, 1988], Paulo Perloiro [FAUTL, 1988], Paulo Martins Barata [FAUTL, 1988] e Pedro Appleton [FAUTL, 1993], 1996-2001) [Fig.61]. Verifica-se aqui, claramente, a “unidade estrutural” que Kenneth Frampton entende ser a “essência irreduzível da forma

⁴⁹⁷ Cf. MATEUS, Manuel Aires – por Rui Barreiros Duarte. *Ibidem*.

⁴⁹⁸ Falamos de Gonçalo Byrne.

⁴⁹⁹ A sua arquitectura é caracterizada, em 2007, como “ainda errante, de prospecção”. MILHEIRO, Ana Vaz – Idade Maior. MILHEIRO, Ana Vaz – *A minha casa é um avião*. Lisboa: Relógio D’Água Editores, 2007. p.87.

arquitectónica”⁵⁰⁰ nos seus argumentos a favor de do acto tectónico contrário à actividade cenográfica como motivos implícitos do *construir*.

Esta busca deliberada pela transposição teoria-prática da ideia de *Baukunst*⁵⁰¹ justificará o posicionamento singular em que este *atelier* se coloca; de facto, esta como muitas das obras seguintes aposta “numa engenharia de gestão do projecto, normalmente esquecida e descurada no seio da actual cultura arquitectónica portuguesa”⁵⁰².

A poética construtiva aqui presente⁵⁰³ contrapõe-se, assim, a uma leitura *Beaux-Arts* do espaço a qual teria certamente sido a base da formação dos autores [V. nota 21], estimulada ainda pela reverência ao desenho e ao recentrar na história e pela presença de imagens importadas. Não é por isso de estranhar que as suas obras, mesmo buscando uma fórmula supostamente “a-estilística” ou “supra-arstística”, respondam a estímulos sintácticos subliminares. Tomando como exemplo a Embaixada AbudHabi de Harry Wolf [Fig.62] – autor ao qual Kenneth Frampton associa, curiosamente, a sua tese de *Regionalismo Crítico*⁵⁰⁴ - a transposição de uma imagem é



Fig.61 Edifício de Escritórios Xerox (Promontório Arquitectos, Lisboa, 1996-2001)

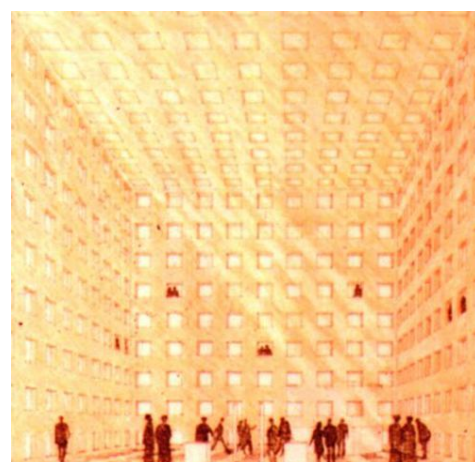


Fig.62 AbudHabi Embassy – desenho do arquitecto Harry Wolf (EUA, 1935-)

⁵⁰⁰ FRAMPTON, Kenneth cit. por NESBITT, Kate – *Uma nova agenda para a arquitectura: antologia teórica, 1965-1995*. 2ª ed. São Paulo: Cosac Naify, 2006. ISBN 978-85-7503-599-3. p.556 [Apresentação]. O texto original intitulado *The case for the tectonic* foi publicado originalmente na *Architectural Design*. Vol. 60, n.º 3-4 (1990), pp.19-25.

⁵⁰¹ Palavra germânica para arquitectura a qual, decomposta (bau=construção+kunst=arte), se traduzirá literalmente em “arte de construir”. Este vocábulo contrapõe-se ao conceito latino de arquitectura – de origem etimológica grega - que a concebe como derivada da *actividade do arquitecto* sendo este justamente o “principal” (ou *arqui-*) orientador da “construção” (ou *-tectio*). [Os vocábulos gregos são diversos consoante a origem bibliográfica pelo que optámos por colocar as duas partes da palavra em português actual].

⁵⁰² GRANDE, Nuno – *Bloco Carnide: Engenho e cidade* [Em linha]. www.promontorio.net. [Consult. 16 Setembro 2010]. Disponível em <http://www.promontorio.net/download.html>.

⁵⁰³ Segundo os autores, “the compositional system of both exterior en interior façades is based on a construction module endorsing the idea of a heavyweight tectonic wherein a representational skeleton of pre-cast concrete panels visually holds the fragile elements – glass and alternatively wood or zinc.” Promontório Arquitectos – *Xerox Office building* [Em linha]. www.promontorio.net. [Consult. 16 Setembro 2010]. Disponível em http://www.promontorio.net/ofc_03.html.

⁵⁰⁴ No seu capítulo *Regionalismo crítico: arquitectura moderna e identidade cultural*, o autor refere-se a Harry Wolf com a seguinte ideia introdutória: “Dentro de la proliferación de formas de expresión altamente individualizadas

indiscutível; embora esta não passe de um desenho representa isso mesmo: a apropriação do superficial, do flash que passa diante dos olhos e se fixa no fundo da mente.

Esta permeabilidade formal não contradiz os pressupostos tectónicos construtivos mas significa, em última análise – e mais uma vez neste caso – que a forma é, se não um *fim* ou um *princípio*, pelo menos um *meio*.



Fig.63 Instituto de Microcirurgia Ocular (Jorge e Sérgio Spencer, Lisboa, 2003-2004)



Fig.64 Farmácia Andrade Ribeiro (Pedro Ravara e Nuno Vidigal, Lisboa, 1994-1995)



Fig.65 Escola Primária n.º3 de Cascais (Pedro Ravara, Cascais, 1993-1996)

5.2.2.4 A funcionalidade para além da complexidade

São ainda de salientar as primeiras obras daqueles que formam o designado “grupo de Macau” [V. 4.2.2.1]. A influência de uma figura de referência⁵⁰⁵ é notada pela forma como lidam sem constrangimentos com a complexidade geométrica, a cor e a “mentira” dos materiais.

Algumas destas características estarão presentes desde logo no recorte das paredes e tectos do interior do Instituto de Microcirurgia Ocular (Jorge Spencer [ESBAL, 1983] e Sérgio Spencer [FAUTL, 1988], 2003-2004) [Fig.63] ou no mobiliário fixo da Farmácia Andrade Ribeiro (Pedro Ravara [FAUTL, 1988] e Nuno Vidigal [FAUTL, 1988], 1994-1995) [Fig.64].

Olhando outra escala vemos sinais de inspiração ora venturiana ora zoomórfica na Escola Primária (Pedro Ravara, 1993-1996) [Fig.65] e no Centro Cultural Centro Cultural do Cartaxo (Cristina Veríssimo [FAUTL, 1988] e Diogo Burnay [FAUTL, 1988], 2001-2005) [Fig.66]⁵⁰⁶. Já o Silo na Rua Damasceno Monteiro (Cristina Veríssimo, Diogo Burnay, Sérgio Spencer e Vasco Mendia [FAUP, 1991], 2003-) [Fig.67] aproxima-se visualmente duma expressão *high tech*.

(...) solo unas cuantas firmas demuestran un compromiso profundo com el cultivo no sentimental de una cultura enraizadamente americana”; FRAMPTON, Kenneth – *Op. cit.* p.324.

⁵⁰⁵ No caso, Manuel Vicente.

⁵⁰⁶ Os autores registam a intenção de “zoomorfizar” a sua criação no seguinte excerto da Memória: “The Cartaxo Cultural Centre stands out for the bold exposed concrete cantilever that projects itself like a “bally of a whale””; CVDB Arquitectos – *Cartaxo Cultural Centre* [Em linha]. www.cvdbarquitectos.com, 2005?. [Consult. 18 Outubro 2010]. Disponível em <http://www.cvdbarquitectos.com/preview/preview.htm>.

A obra heterogênea deste grupo partilhará, no entanto, a rejeição de aspectos figurativos ou decorativos e quaisquer excessos estarão relativamente controlados pela procura de uma consistência e funcionalidade, ainda que dinâmicas – e, em alguns casos, para lá das questões do “gosto”⁵⁰⁷; assim, se na *Escola* e no *Centro Cultural* se observa uma preferência pela aplicação do betão, ferro e vidro na forma crua – ou “moderna” por excelência – também a obra do *Silo* procura um esqueleto que necessariamente lhe é fundamental, escapando à lógica de película envolvente ou “pele” constante da arquitectura comunicante, leia-se programaticamente icónica, dos anos 90 (a qual já terá menos a ver com a arquitectura falante dos anos 80).

Vemos como mesmo estes autores em que uma em cuja marca distinta de uma figura tutelar poderia implicar uma segregação, cruzam os seus temas com os colegas “de viagem” (formados no mesmo período) e os que vêm a seguir, ligando-se mais filialmente do que disciplinadamente a um filão linguístico pós-moderno. Em conjunto com os seus companheiros fazem da sua geração uma “história” de desenraizamento e aproximação, facilitados que estão pela ausência de um legado escolar forte e pela generalizada e consensual retoma da gramática moderna⁵⁰⁸.



Fig.66 Centro Cultural do Cartaxo
(Cristina Veríssimo e Diogo Burnay,
Cartaxo, 2001-2005)



Fig.67 Silo na Rua Damasceno Monteiro
(Cristina Veríssimo, Diogo Burnay,
Sérgio Spencer e Vasco Menda,
Lisboa, 2003-)

⁵⁰⁷ No Seminário *Manuel Vicente: 15 Edifícios na rota do Oriente* [V. nota 3], desafiado por Francisco Teixeira Bastos quando afirma que “adora” a arquitectura de Manuel Vicente, Pedro Ravara contrapõe com: “*Não me revejo na ideia de que temos todos a mesma forma de pensar e de que somos todos muito divertidos. No atelier não era uma questão de gostar ou não gostar*” fazendo uma referência implícita à seriedade do trabalho enquanto resposta a um programa em concreto. Mesmo Manuel Vicente, no final, acrescenta: “*Sempre me empenhei em que o modo de abordar a arquitectura fosse sério.*”

⁵⁰⁸ Cf. FIGUEIRA, Jorge – *A periferia perfeita. Op. cit.*, vol.1, p.456.

5.3 Breve conclusão do capítulo V

Tendo visto cronologicamente todos os aspectos passíveis de análise do ambiente escolar e formação académica os quais indicam a procura de permeabilidade a diversos valores que se inicia em 1975 e favorece a ausência de uma didáctica própria; tendo visto, em particular, como é que a perspectiva *afirmativa* de um pós-modernismo progressivamente mais programático ganha particular destaque, no meio escolar, entre 1983 e o final da década; tendo visto que a geração que se forma nesse primeiro período (de 1975 a 1983) se caracteriza pela recorrência a linguagens sedimentadas, originando uma relativa uniformidade; tendo visto, por fim, que a geração que se forma no período seguinte (de 1984 a 1990) não apresenta, no seu percurso, sinais evidentes de aspectos que a Escola estrategicamente quisera transmitir mas sim outros subsequentes (como a influência dos seus professores, fora do meio escolar) teremos, em primeiro lugar, de apontar um desfazamento cronológico entre o que a Escola, como um todo, “propõe” e o que resulta, efectivamente, da formação nela obtida neste período.

Significa isto, aprofundando, que o pós-modernismo *português* – aquele mesmo que vemos nascer com a geração formada logo após as agitações revolucionárias - provém de dentro de “almas inquisitivas” não tanto por via escolar.

Significa, também, que as linguagens brilhantes e festivas da segunda metade da década de 80 têm muito pouca ou nenhuma influência no percurso da geração formada neste período.

Será também significativa a forma como a experiências no estrangeiro qualificam mais as gerações relativamente a um pós-modernismo internacional do que a multiplicação de ocorrências internas que o dão a conhecer (nomeadamente na cidade de Lisboa) ao mesmo tempo que, localmente, ocorre uma influência notória por uma outra via sendo esta um moderno nunca totalmente ultrapassado e agora retomado.

Em suma, verificamos que a Escola de Lisboa acompanha as transformações culturais em sua volta de forma sinusoidal, com avanços e recuos, protelando um ensino linearmente condicente, se não com necessidades reais, pelo menos com as aspirações dos seus alunos. Este desfasamento tenderá contudo a dissipar-se na década seguinte, pese embora o facto de os motivos para tal lhe serem alheios e a sempre fatídica instabilidade institucional a que é sujeita.

CAPÍTULO VI

Novo enquadramento para uma cultura arquitectónica: a prática e o ensino de arquitectura em Lisboa com a entrada na União Europeia

O tempo que se segue ao período em análise corresponde àquele que, na verdade, já se houvera iniciado com a integração de Portugal na Comunidade Económica Europeia (mais tarde União Europeia) a 1 de Janeiro de 1986.

6.1 O novo enquadramento socioeconómico, crescimento e afirmação da disciplina

As repercussões deste grande marco político terão grande expressividade na década que se segue aos “loucos anos oitenta”⁵⁰⁹; se entre 1986 e 1992, “Portugal volta a convergir com o nível médio de riqueza da Europa Ocidental” – o que propicia um período de grande expansão económica cujos efeitos se estenderão à cultura e, naturalmente, à arquitectura – a moeda única (1992-99) serve também de referência “num tempo em que a sociedade portuguesa mudou como nunca mudara antes”⁵¹⁰.

A disciplina – que vinha ganhando popularidade enquanto produto cultural⁵¹¹ – afirma-se também agora como agente de uma sociedade em transformação e destaca-se como valor nacional de reconhecido mérito.

6.1.1 A arquitectura como agente actuante na transformação económica e territorial

A arquitectura torna-se essencial, em primeiro lugar, porque são necessários novos meios de resposta aos projectos de desenvolvimento público; depois dos planos urbanísticos

⁵⁰⁹ ALMEIDA, Rogério Vieira de – De 1976 ao final de século. *Op. cit.* p.78.

⁵¹⁰ RAMOS, Rui, coord. – *História de Portugal. Op. cit.* p.747.

⁵¹¹ De facto, a “renovada popularidade da arquitectura em Portugal”, em 1986, ter-se-á devido a um “crescente abandono da neutralidade estilística” o qual “não se verificava desde os anos 30, pelo menos”. GOMES, Paulo Varela – Simples ou complexo. *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 218-219 (2005), pp.53-54.

promovidos pelo FFH, é tempo de colmatar as carências ao nível do saneamento municipal sobrantes do período pós-revolucionário. No final da década de 80, o investimento oficial passará pela construção de grandes redes viárias, equipamentos sociais (particularmente de ensino) ou áreas industriais⁵¹².

Também cresce o interesse da iniciativa privada na ocupação do território, nomeadamente das áreas peri-urbanas⁵¹³, a qual se concretiza na promoção de “pacotes residenciais” em larga escala⁵¹⁴.

Enquanto que em 1984 a arquitectura era uma ocupação marginal – já que nessa altura só 50% dos arquitectos viviam exclusivamente da actividade - retomam-se agora os grandes gabinetes de projecto⁵¹⁵.

Assim sendo, o *território* é, desde logo, a grande preocupação da classe. Se a democratização estabiliza o consenso sobre a necessidade de reorganização do espaço nacional – cuja gestão é novamente sujeita a tentativas (embora frustradas) de regulamentação – também a defesa do património⁵¹⁶ e a consciencialização dos valores ecológicos⁵¹⁷ justificam grande parte da disseminação da classe pelo país e sua integração em GAT (Gabinetes de Apoio Técnico) ou GTL (Gabinetes Técnicos Locais).

⁵¹² Cf. PORTAS, Nuno [et al.] - *Arquitectura portuguesa contemporânea*. Op. cit.. p.41.

⁵¹³ O espaço peri-urbano é considerado por alguns autores aquele que resulta do crescimento ou ampliação da cidade em forma de mancha difusa ao qual dificilmente se atribuem limites. Cf. SILVA, Fernando Nunes da; PEREIRA, Margarida – *Ilusões e desilusões das periferias na área metropolitana de Lisboa*. Sociedade e Território. Porto. ISSN 0873-6308. Ano 2 (5), n.º 5 (1986), pp.15-16.

⁵¹⁴ E embora “o mercado imobiliário (...) [continue] relutante em solicitar projectos qualificados (...) esporadicamente, algumas empresas ligadas ao sector invertem esta tendência”; MILHEIRO, Ana Vaz – *Arquitectura portuguesa 2000-2005*. Op. cit.. p.11.

⁵¹⁵ É sobre esta constatação que Manuel Tainha escreve o texto que retoma, em 1989, o tema do Encontro de 69. [V. nota 52].

⁵¹⁶ Esta passa a ser uma questão sensível a partir da segunda metade da década de 80 embora se concretize de forma limitada, que por assentar quase exclusivamente na recuperação de edifícios históricos para exploração turística quer por recorrer a “metodologias e projectos de intervenção puramente historicistas”; Cf. PORTAS, Nuno [et al.] - *Arquitectura portuguesa contemporânea*. Op. cit.. p.31.

⁵¹⁷ Cf. PORTAS, Nuno [et al.] - *Arquitectura portuguesa contemporânea*. Op. cit.. p.41.

Particularmente em Lisboa são criadas, em 1982, novas figuras legais de ordenamento urbano⁵¹⁸ mas estas terão pouco tempo de vida para provarem a sua eficácia. Mais tarde a preparação da Expo98 obriga os poderes públicos a recorrer a profissionais no sentido de repensar o preenchimento das zonas intersticiais da área metropolitana; embora polémico, o resultado deste esforço é hoje considerado bem sucedido constituindo a excepção que confirma a regra duma ocupação caótica das periferias da cidade.

6.1.2 Arquitectura de autor e reconhecimento internacional

A mutação descontrolada da paisagem construída é um paradoxo relativamente ao cada vez mais expressivo reconhecimento da arquitectura portuguesa e do seu valor específico dentro e além fronteiras; de facto, a par da afirmação da profissão enquanto meio qualificado de transformação social e territorial, dá-se uma “crescente atenção e divulgação internacionais”, segundo alguns autores assente na “alteração qualitativa na forma como os arquitectos de maior empenho cultural exercem a sua actividade”⁵¹⁹.

Na década da “glorificação da arquitectura de autor”⁵²⁰, o reconhecimento internacional há muito ambicionado pela *Escola do Porto*⁵²¹ – e basta para isso reflectir sobre “uma muito velha polémica acerca de nós mesmos e do valor da nossa cultura”⁵²² particularmente presente no “homem do norte”⁵²³ mas também na forma como alguns dos seus

⁵¹⁸ Referimo-nos ao *Plano Director Municipal* (PDM) e às *Áreas de Desenvolvimento Urbano Prioritário* (ADUP).

⁵¹⁹ TOSTÕES, Ana – O lugar da paisagem europeia. *Op. cit.*, p.21.

⁵²⁰ TOSTÕES, Ana – O lugar da paisagem europeia. *Op. cit.*, p.23.

⁵²¹ Esta ideia foi abertamente expressa na cerimónia de atribuição do título de membros honorários da Ordem dos Arquitectos para o ano de 2010 (a 8 de Outubro de 2010 na sede da mesma) por Nuno Portas. Este arquitecto referiu, falando de Oriol Bohigas, que este o teria ajudado a fazer reconhecer, por mérito mas intencionalmente, a obra de Siza Vieira.

⁵²² LOURENÇO, Eduardo cit. por MENDES, Manuel – Arquitectura portuguesa recente: conjuntura, contingência, coincidências de um território. In *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 218-219 (2005), p.126.

⁵²³ “O granito e um tempo mais lento e concentrado (...) fazem do homem do norte um ser independente e violento, com grande desejo de acção e

seguidores empreendem na divulgação do seu mais precioso valor [V. nota 523] – é sobretudo protagonizado pela incontornável figura e incontestável obra de Siza Vieira. Curioso é, pois, constatar a forma como este autor reflecte sobre a questão inicialmente levantada – observando que “perante um território delapidado, a importância de uma obra de arquitectura de qualidade é relativa”⁵²⁴. É também interessante observar a sua síntese da arquitectura contemporânea portuguesa e a forma como desloca o cerne da questão da sua emancipação de um lugar de *qualidade* para um de *contemporaneidade* raramente alcançada num país desde sempre segregado pela sua condição periférica⁵²⁵:

“A um modernismo dos anos 30 e 40, de inspiração francesa ou austríaca, alemã ou holandesa, segue-se a imposição de um suposto estilo nacional, a que poucos e pontualmente puderam resistir.

O isolamento do regime no pós-guerra e a necessidade de uma relativa abertura tornaram possível a introdução de outros modelos, sobretudo italianos e anglo-saxónicos.

O reencontro da modernidade assume então e pela primeira vez desde há muito tempo uma posição de “contemporaneidade”, simultaneamente de universalidade e de compreensão da história como devir.” (SIZA, 1997, p.139)

Certo é que, se o país alcança finalmente o seu tempo, também ao renovado entusiasmo do mercado –

mobilidade, tantas vezes atávico por reacção à grande capital, vivendo o orgulho da província e a claustrofobia de traseiras das luzes cosmopolitas”; FIGUEIRA, Jorge – *Escola do Porto. Op. cit.* p.24.

⁵²⁴ VIEIRA, Álvaro Siza cit. por FURTADO, Gonçalo; CASTELO, Pedro – *Notas sobre a produção arquitectónica portuguesa e sua cartografia na architectural association* [Em linha]. Artecapiatal, 2 Fevereiro 2008. [Consult. 12 Fevereiro 2010]. Disponível em http://www.artecapital.net/arq_des.php?ref=26. [Conversa com Álvaro Siza Vieira, (conduzida por Gonçalo Furtado e transcrita pelo comissariado), Porto, Setembro de 2004.]

⁵²⁵ Esta questão é aqui abordada porque as referências bibliográficas críticas da arquitectura portuguesa deste período são unívocas quanto à sua qualidade e carácter de excepção, mesmo a nível internacional, pelo que, academicamente, não poderíamos se não questionarmo-nos sobre a sustentação científica dessa hipótese.

nomeadamente ao lançamento de múltiplos concursos para projectos de obras públicas – corresponde uma maior e (pelo menos) mais erudita resposta que enquadra o já referido ressurgir de muitos autores que se haviam destacado nas décadas de 50 e 60 – entre os quais Teotónio Pereira, Fernando Távora, Manuel Tainha ou Vítor Figueiredo.

6.2 Os novos cursos de arquitectura: popularidade e representatividade

A proliferação de concursos será também vital para o “acesso à profissão” das gerações mais novas⁵²⁶ sobretudo as formadas nos cursos de arquitectura das instituições públicas e privadas que se somam às tradicionais escolas de Lisboa e Porto com a liberalização do mercado⁵²⁷.

A popularidade destes cursos condiz com as circunstâncias que vimos atrás – as quais se desdobram ainda em sucessivos eventos expositivos⁵²⁸, prémios⁵²⁹ e encontros científicos (conferências, colóquios, etc.); o número de alunos passa de cerca de 1800 para cerca de 9000 em pouco mais de uma década⁵³⁰.

A classe, na sua forma associativa, desconfia dos novos cursos⁵³¹ – e, no entanto, apesar de genericamente todo o ensino de arquitectura, em processo de massificação e burocratização, implicar a “desagregação de modelos pedagógicos”⁵³² tradicionais, são estas as gerações que, de

⁵²⁶ MILHEIRO, Ana Vaz – Ser cristalino em tempo de espelhos. *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 218-219 (2005), p.150.

⁵²⁷ Destacamos a Universidade Lusíada, em Lisboa, desde 1986, e o Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra, desde 1988. As restantes encontram-se listadas em anexo. [V. Anexo IV].

⁵²⁸ Às já referidas *Exposição Nacional de Arquitectura* de 1986 e 1989 juntam-se a retrospectiva *Arquitectura portuguesa contemporânea: anos sessenta/anos oitenta* e a *Points de Repère: architectures du Portugal* (Europália), ambas em 1991, para citar alguns exemplos de grandes mostras as quais acrescem a exposições individuais e regionais.

⁵²⁹ Referimo-nos, a título de exemplo, aos novos prémios SÉCIL, iniciados em 1992, que se juntam aos da Associação Internacional de Críticos de Arte (AICA), regressado em 1981 depois de uma interrupção de oito anos e o Prémio Valmor, tomando a sua forma actual em 1982.

⁵³⁰ Concretamente, os números referem-se aos anos de 1986 e 2000. Cf. *Jornal Arquitectos* - Número de alunos inscritos nos vários cursos de Arquitectura em Portugal entre 1950 e 2000 [quadros]. *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 201 (2001), p.8.

⁵³¹ “A AAP tem tentado, junto da Comissão Parlamentar para a Educação, da Secretaria de Estado do Ensino Superior e das reitorias das Universidades, chamar a atenção para o processo de criação de cursos particulares de Arquitectura, nem sempre conduzido dentro da Lei e sem audição da AAP. Em causa o recém-anunciado curso da Universidade Lusíada.” *Jornal Arquitectos* – Ensino particular de arquitectura. *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 51 (1986), p.29.

⁵³² LOPES, Daniel de Castro – Notas sobre alguns arquitectos portugueses. 2G. ISSN 1136-9647. n.º20 (2001), p.11 [texto em português].

forma inédita, representam a maioria dos arquitectos⁵³³ - nos quais se inserem “jovens autores que começam a surpreender com obra construída”⁵³⁴ - e que obrigam à solidificação das estruturas de ensino, logo da investigação em arquitectura⁵³⁵, para citar um entre outros factores que convergem com os objectivos da classe.

E se a AAP vem “tentado, através de sucessivos meios de pressão, sensibilizar o público, a classe e o poder político para a importância social e cívica” da disciplina e para a necessidade de regulação da profissão⁵³⁶, também as escolas “confirmam as tendências de abertura e afirmação da arquitectura e dos arquitectos junto da sociedade”⁵³⁷ nomeadamente buscando o sentido de unidade autónoma de valor acrescentado⁵³⁸.

Numa era de mobilidade, são também os profissionais provindos das originais escolas de Lisboa e Porto e contratados pelas novas instituições quem tem o poder de participar activamente na aplicação de critérios de exigência, enquanto professores ou dirigentes, contribuindo para uma unidade desejável em contexto de disseminação.

⁵³³ De acordo com uma sondagem de 1984, 70% dos arquitectos ter-se-iam formado depois de 1970 e teriam menos de 40 anos. BRANDÃO, Pedro – *Ética e profissões, no design urbano: convicção, responsabilidade e interdisciplinaridade: traços da identidade profissional no desenho da cidade* [Documento impresso]. 2005. 123p.:il.; 30cm. Dissertação para Doutoramento apresentada à Escuela Técnica de Arquitectura de Barcelona. Acessível na Biblioteca da F.A.U.T.L., Lisboa, Portugal. Cota TD7.A 2. p.64.

⁵³⁴ TOSTÕES, Ana – O lugar da paisagem europeia. *Op. cit.*. p.22.

⁵³⁵ Ao aumento do número de doutoramentos é transversal a todo o ensino superior; de acordo com a maior base de dados sobre o Portugal contemporâneo, o crescimento verifica-se na seguinte proporção: 87 em 1974, 117 em 1980, 337 em 1990 e 859 em 2000. Cf. BARRETO, António, coord. -; Fundação Francisco Manuel dos Santos, real. [et al.] – *PORDATA: base de dados Portugal Contemporâneo* [Em linha]. Epopeia, 2009. [Consult. 26 Abril 2010]. Disponível em http://www.pordata.pt/azap_runtime/?n=1

⁵³⁶ O Decreto-Lei 73/73, o qual possibilita o exercício profissional por engenheiros, engenheiros técnicos, construtores e, em certas circunstâncias, qualquer pessoa, e contra o qual a Associação – decretada como Ordem profissional em 1998 – trava um incansável combate, é finalmente revogado a 15 de Maio de 2009.

⁵³⁷ ALMEIDA, Rogério Vieira de – De 1976 ao final de século. *Ibidem*.

⁵³⁸ Ex.: Numa fase de arranque, o curso de Arquitectura da Universidade de Coimbra “aposta no reconhecimento profissional dos docentes como forma de criar um carácter de “escola” direccionada para a prática”; MILHEIRO, Ana Vaz – *Arquitectura portuguesa 2000-2005. Op. cit.* p.10.

6.3 A diluição do pós-modernismo e retorno do moderno

É por isso interessante observar uma tendência *pop* em alguns dos trabalhos executados por estudantes da Universidade Lusíada em 1987/88 (2º ano) [V. Anexo II.6.2.7] porquanto contraditória com a progressiva e generalizada renúncia do pós-moderno⁵³⁹.

Muitas serão as razões desta homogeneidade de “estilo” – e, à cabeça, a data, já que (quase) coincidente com auge do Movimento Pós-moderno na cidade - e não nos cabe aqui concluir sobre estes aspectos nem os painéis em causa constituem garantida amostragem, mas podemos induzir sobre um transporte de referenciais entre universidades lisboetas. Este, no entanto, a ser verdade, tenderá a dissipar-se na década de 90, ou não se comprovasse que “a jovem geração de arquitectos portugueses está mais livre de inibições e contradições (inovação ou tradição, internacionalismo ou regionalismo) do que as gerações imediatamente anteriores”⁵⁴⁰ na mesma medida em que “a forte exposição aos meios internacionais, medida entre experiências académicas e a proliferação dos media que atravessa toda a década [de 90], “suaviza, de forma controlada e progressiva, o domínio linguístico dos profissionais portugueses sobre os novos arquitectos”⁵⁴¹ tal como já observado, muito em particular, para

⁵³⁹ No seio da classe dos arquitectos, esta rejeição é em parte sustentada por aqueles que desde cedo fazem passar os seus argumentos; apesar do cauteloso distanciamento por parte do Jornal Arquitectos, alguns dos textos críticos mais incisivos são agora nele publicados. Ex.: “Desterrar velhos códigos (...) será a melhor forma de reencontrar a “perenidade perdida” da arquitectura ou antes a institucionalização do pior academismo? Gerir a saturação amnésica de códigos importados será o modo de procurar uma nova figuração ou apenas o escapismo (...) conducente a um novo vazio? BYRNE, Gonçalo – A fundamentação teórica. *Op. cit.* p.53. Ex.: “Na falta de uma arquitectura de novos (...) conteúdos, aqueles [projectos] apareceram (...) mais ligados às trivialidades imagético-visibilísticas do consumismo “pós-modernista”: espécie de ansioso ou patético formalismo (...), exaltação do anedótico que, seduzindo a memória com a neutralização da inteligência, se bastou alegremente”; MENDES, Manuel – Arquitectura portuguesa recente. *Op. cit.* p.125.

⁵⁴⁰ SIZA, Álvaro – Arquitectura e Transformação. In TOSTÕES, Ana [et al.] – *Arquitectura do século XX: Portugal*. München: Prestel, 1997. ISBN 3-7913-1910-8. p.139.

⁵⁴¹ MILHEIRO, Ana Vaz – Arquitectura portuguesa 2000-2005. *Op. cit.* p.6.

o caso dos recém-formados na Escola de Lisboa no final do período em análise.

Esbatem-se as “linguagens celebrativas”⁵⁴² – que sobrevivem adulteradas nos meios menos informados⁵⁴³ – mas prevalecem os “códigos fundamentados por uma ideologia”⁵⁴⁴ e desencadeia-se um novo ciclo apologético do moderno⁵⁴⁵ gerando também este, a dada altura, as suas próprias distorções⁵⁴⁶.

É esse o panorama geral neste período – e não só o que está balizado pelo universo da *Escola do Porto* ou o relativo às destacáveis obras da capital; tomando como fonte o levantamento efectuado para a publicação *Arquitectura em Lisboa e Sul de Portugal desde 1974*⁵⁴⁷ verificamos que, tirando alguns casos paradigmáticos e a produção anterior a

⁵⁴² “O meio empresarial e os poderes públicos começam a descobrir as virtudes da arquitectura como fenómeno de comunicação. (...) Algumas autarquias começam também a descobrir na arquitectura virtudes de carácter celebrativo que a tornam num meio cada vez mais utilizado como forma de afirmação”; ALMEIDA, Rogério Vieira de – De 1976 ao final de século. *Op. cit.* p.79.

⁵⁴³ Questionado sobre a hipótese de “banalização da linguagem pós-modernista”, Tomás Taveira concorda: “Absolutamente verdade. Penso que a arquitectura, sendo uma arte pública, e produzida por “agentes” extremamente variados, está mais sujeita à mimetização – não direi cópia – o que não acontece, por exemplo, na poesia ou na literatura. (...) Foram basicamente os triângulos e os arcos e as janelas redondas”; TAVEIRA, Tomás cit. por FIGUEIRA, Jorge – *A periferia perfeita. Op. cit.* vol.2, p.107/108.

⁵⁴⁴ DUARTE, Rui Barreiros. In *Entrevista. Idem.* [V. Anexo V.2].

⁵⁴⁵ De entre os principais defensores da retoma dos valores fundamentais da arquitectura moderna portuguesa encontram-se Ana Tostões. Comissariando a apresentação da arquitectura portuguesa na Bienal de Milão, é categórica quando afirma que: “[A] convocação da herança moderna funciona (...) como confirmação tranquilizadora de uma competência de edificar (...) que importa convocar para continuar a tradição de pragmatismo que caracteriza a melhor arquitectura portuguesa de sempre”; TOSTÕES, Ana – O lugar da paisagem europeia. *Ibidem.*

⁵⁴⁶ Os actores pós-modernos estão atentos ao facto: Tomás Taveira afirma que “é muito mais fácil copiar o neo-racionalismo do que o free style”. TAVEIRA, Tomás cit. por FIGUEIRA, Jorge – *A periferia perfeita. Op. cit.* vol.2, p.107. Manuel Vicente anuncia que “o “bando” de arquitectos da “arquitectura branca” não vão a lado nenhum”. VICENTE, Manuel. In *Manuel Vicente. Seminário. Op. cit.* Manuel Graça Dias comenta sobre o “(...) fazer “à maneira de”. À maneira do Souto Moura ou do Siza”; DIAS, Manuel Graça – Leituras do real / por Rui Barreiros Duarte. *Arquitectura e Vida.* [S.L.] n.º 47 (2004), p.36. Pedro Vieira de Almeida é tido como o autor das expressões “sizinhas” e “soutinhos” para caracterizar os projectos “inspirados” nas obras de Siza e Souto Moura – expressões hoje correntes no calão estudantil.

⁵⁴⁷ CARSTEN, Land; TRIGUEIROS, Luís, co-aut.; HÜCKING, Klaus J., co-aut. – *Arquitectura em Lisboa e sul de Portugal desde 1974.* Lisboa: Editorial Blau, cop. 2005. ISBN 972-8311-17-6.

1985 – que é parca e reporta sobretudo às obras iniciadas antes da Revolução - não se contabiliza um significativo número de obras de “tendência” pós-moderna observando-se, pelo contrário, uma inflexão no sentido oposto, ainda que a pluralidade de soluções seja a característica mais acentuada.

6.4 A perda do sentido regional e geracional como determinantes de uma cultura arquitectónica

De facto, inicia-se na década de 90 um período em que a arquitectura portuguesa se torna, na verdade, impossível de catalogar como um todo. No fundo, verifica-se que, apesar de se manterem as “duas grandes linguagens codificadas”⁵⁴⁸ do clássico e do moderno, estas confluem e divergem caso a caso.

Se a dificuldade residia, no momento anterior, na compreensão das efervescências localizadas, agora - que o sentido de identidade regional ou mesmo nacional se complexifica – torna-se impossível estabelecer linhagens ou filiações únicas e o sentido geracional perde-se.

Se a opção dos profissionais pela periferia obrigara à descentralização cultural, as novas escolas – implementadas agora em zonas geográficas dispersas como Setúbal, Coimbra ou Portimão – serão inevitavelmente formatadas por um sistema em homogeneização.

No Porto, “os arquitectos da Escola integram-se nas regras do *mercado* e fazem, como sabem, o jogo de sedução pública a que os novos valores da *competitividade* obrigam”⁵⁴⁹.

Em Lisboa, a FAUTL perde o seu estatuto fundacional: num primeiro plano enquanto única escola a atribuir a licenciatura em arquitectura, na cidade⁵⁵⁰ e, num segundo, enquanto única instituição pública a fazê-lo⁵⁵¹.

A outrora efectiva e “ensaisticamente” reforçada⁵⁵² polarização Lisboa-Porto deixa, assim, de fazer sentido; e, no entanto, o

⁵⁴⁸ DUARTE, Rui Barreiros. In *Entrevista. Idem.* [V. Anexo V.2].

⁵⁴⁹ FIGUEIRA, Jorge – *Escola do Porto. Op. cit.* p.107.

⁵⁵⁰ Além da Universidade Lusíada [V. nota 516] são inauguradas as Universidades Lusófona (1993), Independente (1995), Moderna (1995) e Autónoma (1998). [V. Anexo IV].

⁵⁵¹ São também inaugurados os cursos de Arquitectura do Instituto Superior Técnico e do Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, ambos em 1999. [V. Anexo IV].

⁵⁵² A polarização Lisboa-Porto foi assumida e explorada pela classe do ponto de vista teórico e ideológico. Não são poucas as comparações e catalogações sobre as duas realidades. Ex.: em 1982 “João Paciência aproveita a exposição de “resposta” da Escola do Porto, Onze Arquitectos, para traçar diferenças entre “duas atitudes supostamente opostas””. PACIÊNCIA, João cit. por FIGUEIRA, Jorge – *Dos bispos do moderno às*

significado que se quisera atribuir à Escola de Lisboa contrapontisticamente à *Escola do Porto* – no fundo porque se acreditava que “a pluralidade forneceria por si só os caminhos válidos para a superação do vazio”⁵⁵³ - aproxima-se de uma concretização possível.

drag-queens do pós-modernismo. *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 218-219 (2005), p.11. Ex.: em 1986 Vitor Consiglieri e J. Teixeira Lopes contrapõem Álvaro Siza e Tomás Taveira para “justificar como duas posições tão distintas podem ter lugar, simultaneamente, no nosso país”. CONSIGLIERI, Victor; LOPES, J. Teixeira – Álvaro Siza e Tomás Taveira. *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 218-219 (2005), pp.59-64. Ex.: em 1988, Manuel Mendes participa da teorização sobre uma divergência a partir do momento em que categoriza o ensino do Porto como uma “tendência homogeneizante do sistema criativo” e o de Lisboa como “autodidactismo experimental””; MENDES, Manuel – No construído, arquitectura como problema em torno da condição disciplinar de arquitectura. *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 218-219 (2005), p.106.

⁵⁵³ ALMEIDA, Rogério Vieira de – De 1976 ao final de século. *Op. cit.*. p.78.

6.5 Os avanços e recuos da Faculdade de Arquitectura de Lisboa face à nova realidade

A questão central do ensino na nova década é a descaracterização dos modelos familiares em função de outros de maior alcance nomeadamente a “aprovação e uma lei de bases entendida como ponto de partida para uma reforma global do sistema” assente na “prioridade a atribuir à formação de mão-de-obra qualificada”⁵⁵⁴.

Se o “fórum de ideias” próprio da pós-modernidade⁵⁵⁵ se mantém no carácter didáctico “generalista” da Escola de Lisboa, de igual modo as novas exigências europeias condizem com a “escola orientada”⁵⁵⁶ em que esta investe a partir de 1992 com a criação de cinco novos cursos de especialidade⁵⁵⁷. É tempo de cosmopolitismo e mobilidade não somente físicos como virtuais; os pressupostos programáticos e constitutivos desta *escola de massas* espelham essa nova cultura e os seus seguintes empreendimentos correspondem à necessidade do mercado.

As novas gerações demarcam-se da polarização⁵⁵⁸ da mesma forma como a própria Escola de Lisboa acentua o discurso por uma opção pluralista “não enfeudada a modas, correntes ou tendências conjunturais”⁵⁵⁹; disso dá conta um dos arquitectos

⁵⁵⁴ TEODORO, António Neves Duarte – *A construção social das políticas educativas: estado, educação e mudança social no Portugal contemporâneo* [Em linha]. Universidade Nova de Lisboa: Faculdade de Ciências e Tecnologia, 1999. [Consult 12 Abril 2010] Disponível em <http://run.unl.pt/handle/10362/331>. p.60.

⁵⁵⁵ Cf. DUARTE, Rui Barreiros. In *Entrevista. Idem*. [V. Anexo V.2].

⁵⁵⁶ Estes conceitos advêm da análise ao ensino feita por Nuno Portas em 2001. Cf. PORTAS, Nuno – *Ensino. Op. cit.* p.34.

⁵⁵⁷ A saber: *Arquitectura de Interiores, Arquitectura de Design, Arquitectura de Design de Moda, Arquitectura de Planeamento Urbano e Territorial e Arquitectura de Gestão Urbanística*.

⁵⁵⁸ “Abertos ao mundo, são alheios às *querelles* entre modernos e pós-modernos que marcaram a (...) década (...) e há muito que não se reconhecem na antiga rivalidade entre as duas maiores cidades portuguesas”; RODEIA, João Belo - *Linha de terra: apresentação de uma nova geração de arquitectos portugueses*. 2G. ISSN 1136-9647. n.º20 (2001), p.4 [texto em português].

⁵⁵⁹ “Irreverente, agente da mudança e da crítica, a Faculdade de Arquitectura segue como pioneira e guardiã das artes do traçado e do desenho da forma, do espaço e do ambiente vital dos cidadãos e das suas actividades, não enfeudada a modas, correntes ou tendências conjunturais”; Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Arquitectura – *Boas vindas* [Em linha]. www.fa.utl.pt, 2007. 14 Outubro 2004. [Consult. 3 Março 2010]. Disponível em

cujo percurso observámos enquanto recém-formado pela FAUTL, agora no lugar de professor da mesma instituição:

“A base do ensino da arquitectura é hoje na nossa Faculdade, por orientação implícita ou explícita, muito consentânea com a nossa contemporaneidade cultural. O entendimento deste momento passa pela compreensão da diversidade e da debilidade das convicções colectivas, e da pluralidade de conceitos. Nesta aparente fragilidade reside a força da época pós-moderna, como a define Lyotard, que é assim uma era de experimentação e de tentativas, num activo processo de análise intrínseca das suas possibilidades.” (AIRES MATEUS, 1995, p.9)

Há, contudo, uma inequívoca orientação formal (se não de conteúdo) em torno de temas ligados ao pós-modernismo: desde logo nas novas instalações - para as quais a faculdade é transferida a partir de 1992 - cuja arquitectura recupera modelos esboçados no início dos anos 80 [Fig.71 vs Fig.68-70] mas mais concretamente pela ênfase dada, nos novos planos de estudo, às disciplinas relacionadas com a Semiótica ou com o entendimento do espaço enquanto sistema de significação⁵⁶⁰ ou ainda pela ligação aos temas do *efémero* e do *decorativo* suportada programaticamente pelo curso de *Arquitectura de Interiores*.

Os graves problemas de gestão com que a FAUTL se depara ao longo da década não a desviarão deste caminho: à criação de diversos cursos de especialização, cursos avançados ou pós-graduações sobre temas relacionados com o design, a comunicação, ou o “ambiente” doméstico soma-se, mais recentemente (em 2009), o curso de mestrado em *Artes Cénicas e da Comunicação* ou a abertura da licenciatura em *Cenografia*⁵⁶¹.

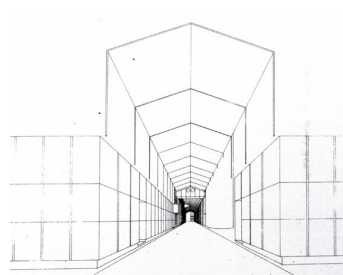


Fig.68 Pavilhão Gimnodesportivo (Luís António Lourenço Teles [ESBAL, 1978], Moledo, 1983?)



Fig.69 Urbanização de S. Sebastião (Ana Paula Mogadouro [ESBAL, 1981] e Victor Mogadouro Gonçalves [ESBAL, 1981], Mogadouro, 1983?).

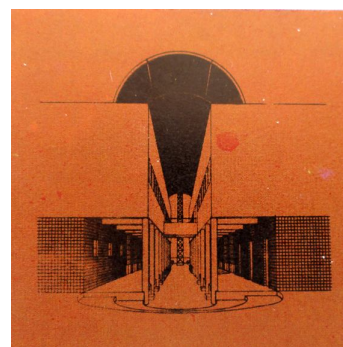


Fig.70 Complexo de Escritórios, Oficinas e Armazéns para E. Pinto Basto & CIA, L.^{da} (António Barreiros Ferreira [ESBAL, 1977], 1983?).

<http://www.fa.utl.pt/index.php?option=content&task=view&id=71&Itemid=59>.

⁵⁶⁰ A acrescentar, por exemplo à criação de um curso de Mestrado em *Estudos do Espaço e do Habitar em Arquitectura*, no início de 2004.

⁵⁶¹ O texto introdutório do Plano Curricular desta licenciatura aproxima-se dos pressupostos pós-modernos: “Deve entender-se o Cenógrafo como o profissional que adquiriu competência para conceber aqueles dispositivos



Fig.71 Faculdade de Arquitectura da UTL (Augusto Pereira Brandão, Lisboa, 1993?-) – espaço exterior

Estas, entre outras particularidades, demonstram uma continuidade implícita ou explícita, como diria o autor acima citado, de um conjunto de factores que, não tendo expresso um sentido programático, demonstram ter marcado distintamente a Escola no período em análise.

A coabitação de valores aparentemente antagónicos – de liberdade em relação a linguagens e de respeito por um passado próximo super referenciado – parece ser possível somente na medida em que, também agora, seja na sala de aula que se operam as mais incisivas influências: novamente aqui é o professor quem dita a orientação. No caso do autor supra-citado, e “num universo (...) onde “tudo é possível”” interessa “tentar localizar “modos de fazer”, partindo de experiências pessoais, procurando (...) “evidências projectuais””⁵⁶².

A questão da renúncia a modas e da procura da “verdade” no âmago do projecto pode justificar a constatação de que “o nível dos [recém-formados] portugueses é bom”⁵⁶³ de um autor também tomado como exemplo no capítulo que analisa os recém-formados no período em análise – contradições de quem denuncia criticamente o “sistema”⁵⁶⁴ e que serão, entre muitas outras, observadas até aos dias que correm, mas no

espaciais que, enquanto representações, acolhem os vários modos de habitar em ficção. Esses dispositivos resultam da projecção dos espaços habitáveis comuns ou simulados e terão um carácter eminentemente efémero (...) ligado às diferentes manifestações públicas e privadas de cariz lúdico ou ritualístico.” Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Arquitectura – *Cursos de Licenciatura: Licenciatura em Cenografia* [Em linha]. www.aefa-utl.pt. [Consult. 22 Outubro 2010]. Disponível em http://www.aefa-utl.pt/cursos/licenciatura_cenografia.pdf.

⁵⁶² MATEUS, Manuel Rocha de Aires – *A reinvenção de um exercício: relatório de uma aula* [Documento impresso]. 1995. Pag. var.; 30cm. Provas de aptidão pedagógica e capacidade científica da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa. Acessível na Biblioteca da F.A.U.T.L., Lisboa, Portugal. Cota PAP 10. p.9.

⁵⁶³ Cf. BARATA, Paulo Martins. In *Entrevista. Idem.* [V. Anexo V.3]. A questão advém da necessária triagem que é feita no seu *atelier* quanto às candidaturas para o lugar de colaborador originárias de vários pontos do globo; quando questionado sobre a que escolas se refere quando afirma que os currículos portugueses são os melhores, indica também a FAUTL, entre outras.

⁵⁶⁴ “O sistema universitário português não é um sistema meritocrático”. BARATA, Paulo Martins. In *Entrevista. Idem.* [V. Anexo V.3].

futuro certamente lidas com um distanciamento crítico mais seguro do que o que se ensaia neste trecho final.

CONCLUSÃO GERAL

Ao abordar o tema do ensino de arquitectura na ESBAL/FAUTL e a sua expressão numa cultura arquitectónica envolvente, a associação a determinados preconceitos é inevitável.

Foi essa inevitabilidade que se pretendeu explorar com esta investigação: verificando-a, entendendo os seus contornos, as suas origens e a sua sequência.

De facto, na arquitectura portuguesa é observável um fenómeno singular que tem lugar em Lisboa na década de 80 do século XX: trata-se da súbita sublimação de um pós-modernismo do tipo *afirmativo* ou anglo-saxónico essencialmente protagonizada por Tomás Taveira.

Em volta deste tema – aliás não tão linear como geralmente se aborda, tal como demonstrado pela presente dissertação – toda uma complexa cultura arquitectónica é justificada. Nessa teia de relações participa uma Escola que se vê, também subitamente, à procura de uma identidade própria, destroçada que fora pela crise revolucionária.

As duas circunstâncias harmonizam-se criando um novo histórico carregado de significado, embora fugaz e espacialmente restrito.

Até ao 25 de Abril o ensino oficial na única Escola de arquitectura em Lisboa controlou, por opções políticas, todas as manifestações de vanguarda não correspondendo, portanto, a uma cultura social que se abria inevitavelmente a um novo paradigma: a pós-modernidade.

A democratização faz as duas linhas que divergiam – a escola e a nova cultura latente – encontrarem-se. Tal potencia uma janela de oportunidade para uma aprofundada prossecução de aspirações passadas no que às duas diz respeito.

Assim, no que toca à cultura arquitectónica de Lisboa, esta teria agora uma privilegiada plataforma de debate que poderia

compor, em complementaridade com a que se verificava ocorrer no Porto, um quadro alargado de *revisão* do moderno.

Da mesma forma, no que toca ao ensino de arquitectura na capital, as experiências pedagógicas (frustradas) em que a Escola ocorrera e os valores humanos que dela se destacavam no período pré-revolucionário ganhariam agora, mais do que nunca, condições para se desenvolver com maior garantia de sucesso.

No primeiro caso acentua-se no entanto a clivagem das duas principais geoculturas (Porto e Lisboa) por via da euforia pós-moderna à qual os arquitectos do norte são naturalmente avessos. Esta bipolarização não oferece real fundamento e esmorece perante as transformações em curso as quais demonstram, progressivamente, já não haver lugar para bandeiras regionais ou importadas.

Olhando o segundo caso verificámos que as circunstâncias da reestruturação do curso de arquitectura – nomeadamente o facto de esta se ter consumado por força de um reduzido número de vontades e não suportada por toda a classe – impedem que o seu colectivo possa ser personalizável enquanto promotor de uma opção de continuidade ou ruptura face à realidade anterior; de facto, a nova Faculdade de Arquitectura não constituirá uma entidade *una* e muito menos uma referência clara para uma cultura arquitectónica.

Este espaço de vazio que se abre não é, no entanto, evidente para os agentes com efectivo poder sobre a nova Escola que se constrói, os quais não demonstram pretender contornar da questão; pelo contrário, acreditam mais na sua credibilização por via institucional ou legalista e, em particular, ideológica (mediando a ideia da *anti-ideologia*) do que por via didáctica ou metodológica, em consonância com um projecto global, dentro ou fora de portas.

Assim, se, por um lado, a nova Faculdade de Arquitectura da UTL – outrora departamento de arquitectura da ESBAL – como instituição se mostra, no final do período em estudo, credível,

plenamente democratizada e a caminho de uma estabilidade formal considerável, sendo ainda presente e influente num contexto universitário e cultural alargado, por outro, a sua volatilidade pedagógica abre caminho à importação de referenciais ecléticos que influenciam o âmago do seu ensino. Esta convergência constituirá, para alguns, a face “lunar” da Escola, e para outros, a sua força; e de facto, os conceitos da *permeabilidade* ou da *pluralidade* servirão (embora somente *a posteriori*) para justificar o que se observa ser a sua principal característica.

É nesse sentido que podemos referir uma *arquitectura de Lisboa* ou uma *escola de Lisboa* – enquanto tendência – com algum fundamento, no período em estudo, reportando à questão colocada introdutoriamente.

No entanto, se por um lado as aspirações da Escola como contra-poder à Escola do Porto não se efectivam, por outro as sucessivas gerações nela formadas estão em manifesto desencontro para com o nela preconizado ora por inaugurarem percursos de um pós-modernismo *autónomo* ora por rejeitarem, em absoluto, os seus principais pressupostos, o que sublinha o carácter circunstancial da hipótese acima levantada.

A redoma que circunscreve o objecto em análise é por fim quebrada pela dissipação da arquitectura pós-moderna na sua vertente internacionalista e pela aproximação aos objectivos que a Escola invocara por parte de novas instituições que, desde 1986, se multiplicam, em clara confrontação. A exploração da crescente popularidade do curso a qual condiz com os desejos de implementação de um ensino orientado para as massas deixa, assim, de ser um exclusivo da FAUTL.

A ambivalência da já referida vulnerabilidade enquanto sinal de *abertura* quando contraposta à realidade pré-revolucionária – que, lembramos, consistia numa coesão sintomática do próprio *fechamento* - demonstra neste período, contudo, uma clara rotação da Escola na direcção de uma cultura emergente. Assim, aquela que consideramos desagregada, inconsistente e

em eminente diluição de significado será, em certo sentido, aquela que mais corresponderá, no período em estudo, a uma nova lógica social, cultural e, para todos os efeitos, pedagógica consubstanciando, portanto, uma identidade própria e ecoando da própria cultura arquitectónica que a sustenta.

BIBLIOGRAFIA

Referências bibliográficas de documentos impressos

MONOGRAFIAS

AMSONEIT, Wolfgang – *Contemporary European Architects*. Köln: Benedikt Taschen, cop. 1991. ISBN 3-8228-9753-1.

BENEVOLO, Leonardo – *O último capítulo da arquitectura moderna*. Lisboa: Edições 70, 2009. ISBN 978-972-44-1402-7.

CALADO, Margarida – *O Convento de S. Francisco da Cidade*. Lisboa: Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, 2000. ISBN 158-965-00.

CARSTEN, Land; TRIGUEIROS, Luís, co-aut.; HÜCKING, Klaus J., co-aut. – *Arquitectura em Lisboa e sul de Portugal desde 1974*. Lisboa: Editorial Blau, cop. 2005. ISBN 972-8311-17-6.

CONSIGLIERI, Victor – *A morfologia da Arquitectura, 1920-1970*. Lisboa: Editorial Estampa, 1994. ISBN 972-33-1005-8 (vol.1) / 972-33-1006-6 (vol.2).

CONSIGLIERI, Victor – *As metáforas da Arquitectura Contemporânea*. Lisboa: Editorial Estampa, 2007. ISBN 978-972-33-2367-2.

CONSIGLIERI, Victor – *As significações da Arquitectura, 1920-1990*. 1ª ed. Lisboa: Editorial Estampa, 2000. ISBN 972-33-1592-0.

DUARTE, Rui Barreiros – *O voo da Fénix*. Porto: Papiro, 2008. ISBN 978-989-636-253-9.

DUNSTER, David [et. al] - *Architectural Monographs 1: Venturi and Rauch*. London. Academy Editions, 1978.

FRAMPTON, Kenneth – *História crítica de la arquitectura moderna*. 4ª ed. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1987. ISBN 84-252-1051-8.

FRANÇA, José-Augusto – *A arte em Portugal no século XX*. Lisboa: Bertrand, cop.. 1974.

GIDDENS, Anthony – *As consequências da modernidade*. 2ª ed. Oeiras: Celta Editora, 1995. ISBN 972-8027-27-3.

GÖSSEL, Peter [et. al] – *Arquitectura no século XX*. Köln: Benedikt Taschen, cop. 1996. ISBN 3-8228-904-9.

GILI, Mónica, dir. – *2G Dossier: Portugal 2000-2005, 25 edifícios do século XXI*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2002. ISBN 82-252-2023-8.

GRAÇA, Carrilho da; BYRNE, Gonçalo, introd. – *Carrilho da Graça*. Lisboa: Editorial Blau, 1995. ISBN 972-8311-02-8

JANSON, H. W., [et al.] – *História da Arte: panorama das artes plásticas e da arquitectura da pré-história à actualidade*. 3ª ed.. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1984.

KRUFT, Hanno-Walter – *Historia de la teoria de la arquitectura*. Madrid: Alianza, 1990. ISBN 84-206-7095-2.

LOPES, Diogo Seixas – *Tendenza, o som da confusão*. Porto: Dafne, 2010.

LYOTARD, Jean-François; *La condition postmoderne: rapport sur le savoir*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1979. ISBN 2-7073-0276-7.

MILHEIRO, Ana Vaz – *A minha casa é um avião*. Lisboa: Relógio D'Água Editores, 2007.

MILHEIRO, Ana Vaz, coord.- *Arquitectos portugueses contemporâneos: obras comentadas e itinerários para a sua visita*. Lisboa: Público, 2004. ISBN 972-8179-86-3.

NESBITT, Kate – *Uma nova agenda para a arquitectura: antologia teórica, 1965-1995*. 2ª ed. São Paulo: Cosac Naify, 2006. ISBN 978-85-7503-599-3.

NEVES, José Manuel das [et al.] – *Graça Dias + Egas Vieira: Projectos / Projectos 1985-1995*. Lisboa: Estar Editora, D.L. 1997. ISBN 972-8095-23-6.

NEVES, José Manuel das [et al.] – *João Santa-Rita: Projectos / Projects, 1987-1998*. Lisboa: Estar Editora, D.L. 1998. ISBN 972-8095-52-X.

PORTAS, Nuno – *Portugal: arquitectura, los últimos veinte años*. Madrid: Electa, cop.1993. ISBN 84-88045-59-X.

SOLÀ-MORALES, Ignasi de – *Territorios*. Barcelona: Gustavo Gili, 2002. 84-252-1864-0.

SOUSA, Bernardo Vasconcelos e, co-aut; MONTEIRO, Nuno Gonçalo co-aut; RAMOS, Rui, coord. – *História de Portugal*. 3ª ed. Lisboa: Esfera dos Livros, cop. 2009. ISBN 978-989-626-139-9.

SOUSA, Gonçalo de Vasconcelos e – *Metodologia da Investigação, redacção e apresentação de trabalhos científicos*. 3ª ed. Porto: Livraria Civilização Editora, 2005. ISBN: 972-26-1559-9.

TAINHA, Manuel – *Arquitectura em questão: reflexões de um práctico*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 1994.

TAINHA, Manuel – *Manuel Tainha: textos do arquitecto*. Lisboa: Estar, 2000. ISBN 972-5095-71-6.

TOSTÕES, Ana – *Os verdes anos na arquitectura portuguesa dos anos 50*. 2ª ed. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. 1997. ISBN 972-9483-30-2.

VENTURI, Robert; BROWN, Denise Scott; IZENOUR, Steven – *Learning from Las Vegas: the forgotten symbolism of architectural form*. Cambridge:: The MIT Press, 1982. ISBN 0-262-72006-X.

VENTURI, Robert - *Complexity and contradiction in architecture*. London: Butterworth Architecture, 1990. ISBN 0-85139-111-7.

VICENTE, Manuel – *Macau glória: a glória do vulgar*. [S.l: s.n.], 1991. ISBN 972-35-0088-4.

WUNDRAM, Manfred [et al.] – *Andrea Palladio: um arquitecto entre o Renascimento e o Barroco*. Köln: Benedikt Taschen, cop. 1994. ISBN 3-8228-0495-9.

ZEVI, Bruno – *Saber ver arquitectura*. 5ª edição. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 1996. ISBN 85-336-0541-2.

PARTES DE MONOGRAFIAS

BORDALO, Ana – Mestre aprendiz. In TAINHA, Manuel – *Manuel Tainha: textos do arquitecto*. Lisboa: Estar, 2000. ISBN 972-5095-71-6. pp.6-7.

BYRNE, Gonçalo – Estranha leveza. In GRAÇA, Carrilho da; BYRNE, Gonçalo, introd. – *Carrilho da Graça*. Lisboa: Editorial Blau, 1995. ISBN 972-8311-02-8. pp.6-13.

CABRITO, Belmiro – Equidade e Financiamento do Ensino Superior Público em Portugal: das promessas  realidade. In *Fulbright Brain Storms 2004 – Novas Tendências no Ensino Superior*. [S.l.]: [s.n.], 2004.

COSTA, Alexandre Alves – Faculdade de Identificação. In José Manuel das [et al.] – *Graça Dias + Egas Vieira: Projectos / Projectos 1985-1995*. Lisboa: Estar Editora, D.L. 1997. ISBN 972-8095-23-6. pp.11-15.

FIGUEIRA, Jorge – Correios [1985-1987], Vouzela. In MILHEIRO, Ana Vaz, coord.- *Arquitectos portugueses contemporâneos: obras comentadas e itinerários para a sua visita*. Lisboa: Público, 2004. ISBN 972-8179-86-3. [Fascículo António Belém Lima].

FRAMPTON, Kenneth – Rappel  l’ordre: argumentos em favor da tectnica. In NESBITT, Kate – *Uma nova agenda para a arquitectura: antologia teórica, 1965-1995*. 2^a ed. São Paulo: Cosac Naify, 2006. ISBN 978-85-7503-599-3. pp. 557-569.

MILHEIRO, Ana Vaz – A minha casa é um avião. In MILHEIRO, Ana Vaz – *A minha casa é um avião*. Lisboa: Relógio D’gua Editores, 2007. pp.24-26.

MILHEIRO, Ana Vaz – A vida como ela é. In MILHEIRO, Ana Vaz – *A minha casa é um avião*. Lisboa: Relógio D’gua Editores, 2007. pp.47-50.

MILHEIRO, Ana Vaz – Arquitectura portuguesa 2000-2005: um guia temporário. In GILI, Mnica, dir. – *2G Dossier: Portugal 2000-2005, 25 edifícios do século XXI*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2002. ISBN 82-252-2023-8. pp.4-19.

MILHEIRO, Ana Vaz – Idade Maior. In MILHEIRO, Ana Vaz – *A minha casa é um avião*. Lisboa: Relógio D’gua Editores, 2007. pp.86-87.

MILHEIRO, Ana Vaz – The importance of being a “lisboner”. In MILHEIRO, Ana Vaz - *A minha casa é um avião*. Lisboa: Relógio D’gua Editores, 2007. pp.118-124.

TAINHA, Manuel – Aprendizagem do ofício. In TAINHA, Manuel – *Arquitectura em questão: reflexões de um prático*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 1994. pp.27-37.

TAINHA, Manuel – Da estimada e nunca desmentida diferença. In TAINHA, Manuel – *Arquitectura em questão: reflexões de um prático*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 1994. pp.39-44.

TAINHA, Manuel – Notas em defesa do pequeno atelier. In TAINHA, Manuel – *Arquitectura em questão: reflexões de um prático*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 1994. pp.9-25.

TAINHA, Manuel – Pássaro ferido. In TAINHA, Manuel – *Arquitectura em questão: reflexões de um prático*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 1994. pp.109-120.

TAINHA, Manuel – PM’s Vs. MM’s. In TAINHA, Manuel – *Arquitectura em questão: reflexões de um prático*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 1994. pp.45-59.

TAINHA, Manuel – Projecto ou destino. In TAINHA, Manuel – *Arquitectura em questão: reflexões de um prático*. Lisboa: Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa, 1994. pp.137-140.

TESES E DISSERTAÇÕES

BANDEIRINHA, José António – *O processo SAAL e a arquitectura no 25 de Abril de 1974*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2007. 24x17cm, 448pp. Tese de Doutoramento em Arquitectura (Arquitectura e Construção) apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

FERNANDES, Manuel Correia – *ESBAP / Arquitectura anos 60 e 70: Apontamentos*. Porto: Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 1979. Dissertação para o concurso para a obtenção do título de Professor na Escola Superior de Belas-Artes do Porto.

FERNANDEZ, Sérgio; COSTA, Alexandre Alves, introd. – *Percursos: arquitectura portuguesa 1930-1974*. 2ª ed. Porto: Serviço Editorial da Faculdade de Arquitectura, 1988. Dissertação para o concurso para a obtenção do título de Professor na Escola Superior de Belas-Artes do Porto.

FIGUEIRA, Jorge – *Escola do Porto: um mapa crítico*. Coimbra: Edarq, 2002. ISBN 972-97383-6-X. Dissertação correspondente à Prova de Capacidade Científica apresentada sob o nome “A forma de um dedo. Um mapa crítico da Escola do Porto” ao Departamento de Arquitectura da F.C.T.U.C., em 1998.

GEORGE, Frederico – *Considerações sobre o ensino da arquitectura*. Lisboa: Editorial Minerva, 1964. Dissertação para o concurso para a obtenção do título de Professor na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa.

PORTAS, Nuno – *A Arquitectura para Hoje. Finalidades, métodos, didácticas*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1964. Dissertação para o concurso para a obtenção do título de Professor na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa.

CATÁLOGOS

Associação dos Arquitectos Portugueses, org. – *1ª Exposição Nacional de Arquitectura, 1975-1985*. Lisboa: A.A.P., 1986.

Associação dos Arquitectos Portugueses, org. – *2ª Exposição Nacional de Arquitectura: anos 80*. Lisboa: A.A.P., 1989.

Galeria EMI - Valentim de Carvalho (Lisboa, Portugal) - *...Prender todo o tempo ocupando o Espaço*. Lisboa: EMI-Valentim de Carvalho, 1989.

GEORGE, Frederico [et al.] – *Ver pelo desenho*. Lisboa: Câmara Municipal, Pelouro da Cultura: Livros Horizonte, 1993. ISBN 972-24-0851-8.

Instituto Cultural de Macau [et al.] – *Tendências da arquitectura portuguesa*. [S.l.]: Fundação Oriente, 1990.

PORTAS, Nuno; MENDES, Manuel, co-aut.; MACHADO, João, téc. graf. - *Arquitectura portuguesa contemporânea: anos sessenta/anos oitenta*. Porto: Fundação de Serralves, 1991.

Promontório Architectures, [et al.] – *XEROX*. [S.l.]: Prototypo books: D.I 2002. ISSN 0874-4513.

SERPA, Luís, apresent. [et al.] – *Depois do modernismo*. Lisboa: Depois do Modernismo, 1983.

TAINHA, Manuel [et. al] – *Manuel Tainha; arquitecto: a prática, a ética e a poética da arquitectura*. Almada: Câmara Municipal, 2000. ISBN 972-8392-66-4.

TOSTÕES, Ana [et al.] – *Arquitectura do século XX: Portugal*. München: Prestel, 1997. ISBN 3-7913-1910-8.

Triennale di Milano, ed. lit. [et al.] – *Portugal 1990-2004 / Portogallo 1990-2004*. Rio de Mouro: Printer Portuguesa, 2004. ISBN 972-95797-3-3.

VICENTE, Manuel – *O exercício da cidade. (Arquitectura em Macau 1976/79)*. Lisboa: Ar.co, 1979.

PARTES DE CATÁLOGOS

ALMEIDA, Rogério Vieira de – De 1976 ao Final de Século: Convergências, Divergências e Cruzamentos de Nível. In TOSTÕES, Ana [et al.] – *Arquitectura do século XX: Portugal*. München: Prestel, 1997. ISBN 3-7913-1910-8. pp.73-85.

COSTA, Alexandre Alves – 1974-1975, o SAAL e os Anos da Revolução. In TOSTÕES, Ana [et al.] – *Arquitectura do século XX: Portugal*. München: Prestel, 1997. ISBN 3-7913-1910-8. pp.64-71.

COSTA, Daciano da; SOUTO, Helena – Abertura. In GEORGE, Frederico [et al.] – *Ver pelo desenho*. Lisboa: Câmara Municipal, Pelouro da Cultura: Livros Horizonte, 1993. ISBN 972-24-0851-8. pp.11-12.

COUCEIRO, Manuel – A lógica e a ética, a ciência e a amizade. In GEORGE, Frederico [et al.] – *Ver pelo desenho*. Lisboa: Câmara Municipal, Pelouro da Cultura: Livros Horizonte, 1993. ISBN 972-24-0851-8. pp.35-40.

FERNANDEZ, Sérgio – *Arquitectura Portuguesa, 1961–1974*. In TOSTÕES, Ana [et al.] – *Arquitectura do século XX: Portugal*. München: Prestel, 1997. ISBN 3-7913-1910-8. pp.55-63.

GRILLO; Ana; BORDALO, Ana – Manuel. In TAINHA, Manuel [et. al] – *Manuel Tainha; arquitecto: a prática, a ética e a poética da arquitectura*. Almada: Câmara Municipal, 2000. ISBN 972-8392-66-4. pp.48-49.

MESTRE, Victor; CARVALHO, Ricardo – *Arquitectura 1990-2004: o fecho de um século*. In Triennale di Milano, ed. lit. [et al.] – *Portugal 1990-2004/Portogallo 1990-2004*. Rio de Mouro: Printer Portuguesa, 2004. ISBN 972-95797-3-3. pp.15-16.

MILHEIRO, Ana Vaz – Edifício Simopre. In TOSTÕES, Ana [et al.] – *Arquitectura do século XX: Portugal*. München: Prestel, 1997. ISBN 3-7913-1910-8. p.264.

SILVA, A. Sena da – A subversão discreta do mestre bem-amado. In GEORGE, Frederico [et al.] – *Ver pelo desenho*. Lisboa: Câmara Municipal, Pelouro da Cultura: Livros Horizonte, 1993. ISBN 972-24-0851-8. pp.24-28.

SIZA, Álvaro – *Arquitectura e Transformação*. In TOSTÕES, Ana [et al.] – *Arquitectura do século XX: Portugal*. München: Prestel, 1997. ISBN 3-7913-1910-8. p.139.

SOUTO, Helena – Notas biográficas. In GEORGE, Frederico [et al.] – *Ver pelo desenho*. Lisboa: Câmara Municipal, Pelouro da Cultura: Livros Horizonte, 1993. ISBN 972-24-0851-8. pp.45-59.

TOSTÕES, Ana – 50 anos de arquitectura portuguesa. “Arte, profissão, modo de vida?”. In TAINHA, Manuel [et. al] – *Manuel Tainha; arquitecto: a prática, a ética e a poética da arquitectura*. Almada: Câmara Municipal, 2000. ISBN 972-8392-66-4. pp.10-20.

TOSTÕES, Ana – O lugar da paisagem europeia. In Triennale di Milano, ed. lit. [et al.] – *Portugal 1990-2004/Portogallo 1990-2004*. Rio de Mouro: Printer Portuguesa, 2004. ISBN 972-95797-3-3. pp.19-23.

TOUSSAINT, Michel – 15 anos de arquitectura? In Triennale di Milano, ed. lit. [et al.] – *Portugal 1990-2004/Portogallo 1990-2004*. Rio de Mouro: Printer Portuguesa, 2004. ISBN 972-95797-3-3. pp.24-30.

[TOUSSAINT] PEREIRA, Michel Alves – O moderno e o pós-moderno na arquitectura. In SERPA, Luís, apresent. [et al.] – *Depois do modernismo*. Lisboa: Depois do Modernismo, 1983. pp.28-30.

PUBLICAÇÕES EM SÉRIE

Boletim da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa. E.S.B.A.. n.º 1 (1959)-n.º 9 (1972). Lisboa, 1959-1966/1972.

PARTES DE PUBLICAÇÕES EM SÉRIE

A+U: Feature: Siza and Architects in Portugal. Tokyo: A+U Publishing, 2007, n.º 439.

Arquitectura Portuguesa: Desenhos de Arquitectos. Lisboa. 1986, 5ª série, n.º 8.

Arquitectura: Novíssimos. Lisboa. 1982, 4ª série, n.º 149.

Egoísta: Portugal. [S.l.]. 2003, n.º 14. ISSN 0874-7407.

Geha: revista de história, estética e fenomenologia da arquitectura e do urbanismo. Lisboa: 1998, Ano 1, n.º 1. ISSN 0874-5898.

Jornal Arquitectos: 6º Congresso. Lisboa. 1992, n.º 111. ISSN 0870-1504.

Jornal Arquitectos: A condição pós-moderna. Lisboa. 2002, n.º 208. ISSN 0870-1504.

Jornal Arquitectos: Antologia 1981-2004. Lisboa. 2005, n.º 218-219. ISSN 0870-1504.

Jornal Arquitectos: O ensino da Arquitectura. Lisboa. 1987, n.º 55. ISSN 0870-1504.

Jornal Arquitectos: Especial concursos. Lisboa. 1992, n.º 108. ISSN 0870-1504.

Jornal Arquitectos: Faire École 1. Lisboa. 2001, n.º 201. ISSN 0870-1504.

Jornal Arquitectos: Faire École 2. Lisboa. 2001, n.º 202. ISSN 0870-1504.

Jornal Arquitectos: Geração X. Lisboa. 2004, n.º 214. ISSN 0870-1504.

Jornal Arquitectos: Universidades. Lisboa. 1993, n.º 126/27. ISSN 0870-1504.

Revista Arquitectos. Lisboa. 1989, n.º 2. ISSN 0871-236.

ARTIGOS DE PUBLICAÇÕES EM SÉRIE

[Anon.]. – Associação de estudantes de arquitectura. *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 21/22/23 (1983), p.2.

[Anon.] - ESBAL: O Salto qualitativo. *Arquitectura*. Lisboa. 1982, 4ª série, n.º 146. pp.61-65.

[Anon.] - Grandes intervenções em Lisboa. *Arquitectura Portuguesa*. Lisboa. 1983, 5ª série, n.º 4. pp.24-34.

[Anon.] – Nomeada a Comissão Instaladora da Faculdade de Arquitectura do Porto. *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 8/9 (1982), p.17.

[Anon.] – Pioledo Arquitectos. *Arquitectura Portuguesa*. Lisboa. 1983, 5ª série, n.º 3. pp.17-53.

A comissão instaladora – Universidade do Porto: Faculdade de Arquitectura. *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 55 (1987), p.9.

ABREU, Luís Filipe; SOUSA, Rocha de; CÂNDIDO, José – Comentário crítico ao Projecto do Sistema Escolar apresentado pelo Ministério da Educação Nacional em Janeiro de 1971. *Boletim da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa*. Lisboa. (1972), pp.10-14.

Agência Lusa – Morreu o arquitecto e designer Daciano Costa. *Público* [Jornal]. Lisboa. 18 Setembro 2005.

AGUIAR, José – Sobre as conferências na escola ou sobre ciclismo e problemas ferroviários. *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 37 (1985), p.3.

ALMEIDA, Rogério Vieira de – A reforma de 1957, a arquitectura entre si própria e a sua representação. *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 202 (2001), pp.21-26.

AMARAL, Francisco Keil do – A formação dos arquitectos. *Jornal Arquitectos: Faire École 2*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 202 (2001), pp.13-17.

AMARAL, Francisco Pires Keil do - A ovelha do restolho continua interessada no ensino da arquitectura. *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 202 (2001), pp.63-65.

AMARAL, Francisco Pires Keil do - A ovelha do restolho interessa-se pelo ensino da arquitectura. *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 201 (2001), pp.19-21.

BRANDÃO, Augusto Pereira – A Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa. *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 55 (1987), pp.10-11/22.

BRANDÃO, Augusto Pereira – Faculdade de Arquitectura; Universidade Técnica de Lisboa. *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 126/27 (1993), pp.28-33.

BRANDÃO, Augusto Pereira – Professor Augusto Brandão: entrevista / Entrevista por José Lamas, Carlos Duarte e José Manuel Fernandes. *Arquitectura*. Lisboa. 4ª série, n.º 146 (1982), pp.66-71.

BYRNE, Gonçalo – A fundamentação teórica. In *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 218-219 (2005), pp.51-53.

BYRNE, Gonçalo – Estruturas de mudança / por Rui Barreiros Duarte. *Arquitectura e Vida*. [S.L.]. n.º 49 (2004), pp.44-51.

BYRNE, Gonçalo Sousa – O ensino da arquitectura em Portugal. *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 55 (1987), p.3.

CALADO, Maria – Jovens arquitectos d'outrora. *Revista Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0871-236. n.º 2 (1989), pp.64-67.

CALADO, Maria – Jovens arquitectos de outrora. *Revista Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0871-236. n.º 2. (1989), pp.64-67.

CALADO, Maria – O ensino da arquitectura em Portugal: abordagem histórica. *Jornal Arquitectos*. ISSN 0870-1504. n.º 55 (1987), pp.6-7.

COELHO, Raul – Escola... Licenciatura... E depois? *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 55 (1987), p.5.

CONSIGLIERI, Victor – O pós-modernismo arquitectónico. *Geha: revista de história, estética e fenomenologia da arquitectura e do urbanismo*. Lisboa. ISSN 0874-2898. Ano 1, n.º 1 (1998), p.115-127.

CONSIGLIERI, Victor; LOPES, J. Teixeira – Álvaro Siza e Tomás Taveira. *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 218-219 (2005), pp.59-64.

CONSIGLIERI, Victor; TOUSSAINT, Michel – Para uma nova contradição na arquitectura? *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 5 (1982), p.7.

COOK, Peter – Portugal merece mais do que uma arquitectura cool / entrevista por Vanessa Rato. *P2* [do jornal Público]. Lisboa. 10 Fevereiro 2010. pp.6-8.

COSTA, Alexandre Alves – Considerações sobre o Ensino da Arquitectura. *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 55 (1987), pp.8-9.

COSTA, Alexandre Alves – Em torno das primeiras obras. *Revista Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0871-236. n.º 2 (1989), pp.29-31.

COSTA, Alexandre Alves – Prática e teoria/ por Rui Barreiros Duarte. *Arquitectura e Vida*. [S.L]. n.º 40 (2003), pp.46-53.

COSTA, Alexandre Alves [et al.] – Um quadrado a menos. *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 208 (2002), p.16-25.

DIAS, Francisco da Silva – Para um ensino universitário. *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 55 (1987), p.7.

DIAS, Manuel Graça – Ensino poético. *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 202 (2001), pp.27-28.

DIAS, Manuel Graça – Leituras do real / por Rui Barreiros Duarte. *Arquitectura e Vida*. [S.L]. n.º 47 (2004), pp.32-39.

DIAS, Manuel Graça – Porque “adequado”? *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 218-219 (2005), pp.222-229.

DUARTE, Carlos – Os críticos não se inventaram de um dia para o outro / Depoimento com recolha e fixação de texto de Manuel Graça Dias e Ana Vaz Milheiro. In *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 239 (2010), pp.36-44.

Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa – Efemérides: Corpo Docente/Indicação dos Alunos Diplomados. *Boletim da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa*. Lisboa. n.º 9 (1968), pp.30-31.

Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa – Estudos Escolares, Curso de Arquitectura: Projecto de um Instituto Superior de Urbanismo pelo aluno Gonçalo de Sousa Byrne. *Boletim da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa*. Lisboa. n.º 8 (1966), p.44.

Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa – Estudos Escolares, Curso de Arquitectura: Projecto de um Instituto Superior de Urbanismo pelo aluno Gonçalo de Sousa Byrne. *Boletim da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa*. Lisboa. n.º 8 (1966), p.44.

Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa - Funcionários da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa. *Boletim da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa*. Lisboa. n.º 2 (1960), p.27.

Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa - Funcionários da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa. *Boletim da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa*. Lisboa. n.º 2 (1960), p.27.

Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa – Registos Diversos. *Boletim da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa*. Lisboa. n.º 8 (1966), p.44.

Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa – Registos Diversos. *Boletim da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa*. Lisboa. n.º 8 (1966), p.44.

FERNANDES, José Manuel – Novíssimos. *Arquitectura. Lisboa*. 4ª série, n.º 149 (1983), p.15.

FIGUEIRA, Jorge – Ciclo de vídeo: discursos (re)visitados. *Boletim Architectos*. Lisboa. ISSN 0872-4415. n.º 205 (2010), p.2.

FIGUEIRA, Jorge – Dos bispos do moderno às *drag-queens* do pós-modernismo. *Jornal Architectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 218-219 (2005), pp.10-15.

FRANÇA, José-Augusto – A reforma do ensino de Belas Artes. *Arquitectura*. 3ª série, n.º 64 (1959), pp.29-30.

GEORGE, Frederico – A como foi? *Jornal Architectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 55 (1987), p.12.

GEORGE, Frederico – Discurso do professor Frederico George em 1977. *Jornal Architectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 8/9 (1982), p.17.

GEORGE, Frederico – Diz-nos Frederico George. *Jornal Architectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 8/9 (1982), p.17.

GOMES, Paulo Varela – Simples ou complexo. *Jornal Architectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 218-219 (2005), pp.53-54.

GORDON, Ricardo Bak – sobre “Aprendizagem, ensino, projecto”. *Esphera*. Lisboa. ano II, n.º 4 (2009), pp.10-19.

GRAÇA, João Luís Carrilho da – Manifesto de relação com o território/ por Rui Barreiros Duarte. *Arquitectura e Vida*. [S.L.]. n.º 35 (2003), pp.34-40.

HENRIQUES, Ana; SOARES, Marisa – Amoreiras: a polémica passou de moda, o *shopping* subiu de estatuto. *Cidades* [do Jornal Público]. Lisboa. 26 Setembro 2010.

Jornal Architectos – Ensino particular de arquitectura. *Jornal Architectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 51 (1986), p.29.

Jornal Architectos - Número de alunos inscritos nos vários cursos de Arquitectura em Portugal entre 1950 e 2000 [Quadros]. *Jornal Architectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 201 (2001), p.8.

LAMAS, José – Editorial. *Arquitectura. Lisboa*. 4ª série, n.º 149 (1983), p.13.

LOPES, Daniel de Castro – Notas sobre alguns arquitectos portugueses. 2G - *Arquitectura Portuguesa: uma nova geração*. ISSN 1136-9647. n.º 20 (2001), pp.11-12 [texto em português].

MATEUS, José; MATEUS, Nuno - Arquitectura, familiaridade e estranheza / por Rui Barreiros Duarte. *Arquitectura e Vida*. [S.L]. n.º 58 (2005), pp.30-37.

MATEUS, Manuel Aires – Conceptualizar os campos de tensões / por Rui Barreiros Duarte. *Arquitectura e Vida*. [S.L]. n.º 54 (2004), pp.38-45.

MELO, Duarte Cabral de – O simulacro do risco. *Revista Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0871-236. n.º 2 (1989), pp.26-28.

MENDES, Manuel – Architettura portoghese: la generazione recente. *Casabella: Rivista internazionale di architettura e urbanistica*. Milano. ISSN 0008-7181. n.º 579 (1991), pp.42-58.

MENDES, Manuel – Arquitectura portuguesa recente: conjuntura, contingência, coincidências de um território. *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 218-219 (2005), pp.124-131.

MENDES, Manuel – Exposição Nacional de Arquitectura. *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 218-219 (2005), pp.54-59.

MENDES, Manuel – No construído, arquitectura como problema em torno da condição disciplinar de arquitectura. *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 218-219 (2005), pp.102-107.

MENDES, Manuel – Recente architettura portoghese (una geografia diffusa, alcune coincidenze). *Casabella: Rivista internazionale di architettura e urbanistica*. Milano. ISSN 0008-7181. n.º 579 (1991), pp.51-55.

MESQUITA, Marieta Dá - Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, Convento de São Francisco, Lisboa, f. 1216. *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 201 (2001), pp.90-97.

MILHEIRO, Ana Vaz – Algumas conclusões sobre o ensino: I congresso nacional de arquitectura. *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 202 (2001), p.8.

MILHEIRO, Ana Vaz – Ser cristalino em tempo de espelhos. *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 218-219 (2005), pp.150-154.

MONTEIRO, José Charters – Primeiras obras, obras primas? *Revista Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0871-236. n.º 2 (1989), pp.23-25.

MONTEZ, Paulino António Pereira – Da vida da Escola: Relatório do ano lectivo de 1957-58. *Boletim da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa*. Lisboa. n.º 2 (1960), p.27-29.

NUNES, Jorge – Anos 80/Anos 90: (in)diferença e resistência. *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 218-219 (2005), pp.88-95.

PACIÊNCIA, João – 2º simpósio internacional de arquitectura no departamento de arquitectura da ESBAL. *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 19/20 (1983), pp.17-18.

PACIÊNCIA, João – Arquitectura em debate – Aveiro 79. *Arquitectura*. Lisboa. 4ª série, n.º 134 (1979), p.54-55.

PACIÊNCIA, João – Uma reflexão pelo desenho/ por Rui Barreiros Duarte. *Arquitectura e Vida*. [S.L]. n.º 25 (2002), pp.32-39.

PINHEIRO, Carlos da Silva – Apreciação do Projecto da Reforma Geral do Ensino. *Boletim da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa*. Lisboa. (1972), pp.6-21.

PINHEIRO, Carlos da Silva – Proposta de reorganização do curso de Arquitectura. *Boletim da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa*. Lisboa. (1972), pp.16-17.

PORTAS, Nuno – Architettura portoghese: la generazione recente. *Casabella: Rivista internazionale di architettura e urbanistica*. Milano. ISSN 0008-7181. n.º 579 (1991), pp.58-59.

PORTAS, Nuno – Ensino: os projectos dos arquitectos. *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 201 (2001), pp.26-35.

RODEIA, João Belo - Linha de terra: apresentação de uma nova geração de arquitectos portugueses. *2G – Arquitectura Portuguesa: uma nova geração*. ISSN 1136-9647. n.º 20 (2001), pp.2-10 [texto em português].

SANTA-RITA, João; UCHA, Pedro – Desenho e arquitectura. *Revista Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0871-236. n.º 2 (1989), pp.48-49.

SILVA, Fernando Nunes da; PEREIRA, Margarida – Ilusões e desilusões das periferias na área metropolitana de Lisboa. *Sociedade e Território*. Porto. ISSN 0873-6308. Ano 2 (5), n.º 5 (1986), pp.15-16.

SILVA, Joaquim Possidónio da – O que devem saber os arquitectos. *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 202 (2001), pp.6-7.

SIMÕES, João; RODRIGUES, Francisco de Castro – Do ensino ao exercício da profissão. *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 202 (2001), p.12.

SOUSA, Rocha de – Intervenção produzida no Colóquio sobre a Reforma do Ensino Artístico promovido pela Fundação Calouste Gulbenkian. *Boletim da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa*. Lisboa. (1972), pp.8-9.

SOUSA, Sérgio – 2ª Assembleia de estudantes de arquitectura: Delft Work shops. *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 5 (1982), p.14.

TAINHA, Manuel – Le scuole di Lisbona e di Porto. *Casabella: Rivista internazionale di architettura e urbanistica*. Milano. ISSN 0008-7181. n.º 579 (1991), p.56.

TAMM, Carlos – Ensino. *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 55 (1987), p.5.

TAVARES, Domingos [e tal.] – Ex.ma Sr.ª M.ª Eduarda Correia, Secretariado da Exposição “Depois do Moderno/Arquitectura” (...) [cópia de carta dactilografada]. *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 208 (2002), p.8.

TAVEIRA, Tomás – O lettering. *Arquitectura*. Lisboa. n.º 116 (1970), p.159-163.

TAVEIRA, Tomás – Taveira responde a Culot. *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 16/17/18 (1983), p.4.

TÁVORA, Fernando – A Experiência do ensino e da arquitectura/ por Rui Barreiros Duarte. *Arquitectura e Vida*. [S.L]. n.º 37 (2003), pp.42-49.

TÁVORA, Fernando – A FAUP como vai? *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 55 (1987), pp.13-14.

TÁVORA, Fernando – Intorno alla scuola di Porto. *Casabella: Rivista internazionale di architettura e urbanistica*. Milano. ISSN 0008-7181. n.º 579 (1991), p.57.

TOUSSAINT, Michel – Pós Modernidade ainda hoje? *Jornal Arquitectos*. Lisboa. ISSN 0870-1504. n.º 208 (2002), pp.27-31.

VICENTE, Manuel – Questionar a contemporaneidade/ por Rui Barreiros Duarte. *Arquitectura e Vida*. [S.L]. n.º 40 (2003), pp.46-53.

NORMAS

CAMACHO, Alfredo – *O nosso dicionário*. Lisboa: Didáctica Editora, [s.d.]. DL 86.

NUNES, Carmen [et al.] – *Nova Gramática de Português*. 16ª ed. Lisboa: Didáctica Editora, [s.d.]. DL 88.

Serviços do Departamento de Enciclopédias e Dicionários da Editorial Verbo – *A Enciclopédia*. Madrid: Editorial Verbo, 2004. ISBN 972-22-2311-9.

Materiais não livro

REGISTOS VÍDEO

MIRANDA, Bárbara [et. al] – *As Histórias da República, programa n.º 20: 25º Aniversário da Assinatura do Tratado de Adesão Portuguesa à C.E.E.* [Registo vídeo]. Realização de Bárbara Miranda [et. al]. 1ª ed. [S.l.]: RDP Internacional, 2010. 50 min: color., son.

PINHEIRO, Paula Moura, resp. [et al.] – *Câmara Clara - “Lugar às Ideias”*: Alexandre Alves Costa [Registo vídeo]. Realização Micael Espinha [et al.]. Lowe Lisboa: RTP2, 2010. 75 min: color., son.

Documentos não publicados

MONOGRAFIAS

Escola Superior de Belas Artes de Lisboa/Alunos Trabalhadores Estudantes do 2º Ano da Licenciatura em Arquitectura – *Encontro com os profissionais da construção: balanço das visitas de estudo/2º Ano de Arquitectura dos Trabalhadores Estudantes da ESBAL*. [Documento impresso]. 1978. 30cm. Acessível na Biblioteca da Ordem dos Arquitectos, Lisboa, Portugal. Cota CES 013 OASRS 1299.

Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Arquitectura. Associação de Estudantes, org. – *Seminário sobre saídas profissionais de Arquitectura: FAUTL, 30 Maio 88* [Documento impresso]. 1988. 30cm. Acessível na Biblioteca da F.A.U.T.L., Lisboa, Portugal. Cota FAUTL 6.

PARTES DE MONOGRAFIAS

COELHO, Mª João. In Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Arquitectura. Associação de Estudantes, org. – *Seminário sobre saídas profissionais de Arquitectura: FAUTL, 30 Maio 88* [Documento impresso]. 1988. Acessível na Biblioteca da F.A.U.T.L., Lisboa, Portugal. Cota FAUTL 6.

TESES, DISSERTAÇÕES E RELATÓRIOS

BRANDÃO, Pedro – *Ética e profissões, no design urbano: convicção, responsabilidade e interdisciplinaridade: traços da identidade profissional no desenho da cidade* [Documento impresso]. 2005. 123 p.:il.; 30cm. Dissertação para Doutoramento apresentada à Escuela Técnica de Arquitectura de Barcelona. Acessível na Biblioteca da F.A.U.T.L., Lisboa, Portugal. Cota TD7.A 2.

CALADO, Maria – *A cultura arquitectónica em Portugal (1880-1920): tradição e inovação* [Documento impresso]. Dissertação para obtenção de grau de Doutor em Arquitectura apresentada na Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa. Acessível na Biblioteca da F.A.U.T.L., Lisboa, Portugal. Cota TD 63.

DUARTE, Rui Barreiros – *A arquitectura do efémero* [Documento impresso]. 1993. 333 p.: il. Dissertação para obtenção de grau de Doutor em Arquitectura apresentada na Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa. Acessível na Biblioteca da F.A.U.T.L., Lisboa, Portugal. Cota TD 35.

LAMAS, José Manuel Ressano Garcia – *Relatório: programa, conteúdos e métodos de ensino* [Documento dactilografado]. 1992. 151 p.; 30cm. Concurso para Professor Associado do Grupo VII de disciplinas – Urbanismo da Faculdade de Arquitectura. Acessível na Biblioteca da F.A.U.T.L., Lisboa, Portugal. Cota PAS 1.D.

LOUREIRO, José Luís Pereira – *As filosofias do ensino da arquitectura: metas e métodos* [Documento dactilografado]. 1989. Inum.: il.; 30cm. Relatório realizado para a Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa no âmbito do Colóquio promovido pela AEEA em Helsínquia. Acessível na Biblioteca da F.A.U.T.L., Lisboa, Portugal. Cota TBP 24.

LOUREIRO, José Luís Pereira – *O ensino da arquitectura no contexto europeu* [Documento dactilografado]. 1989. Inum.: il.; 30cm. Relatório realizado para a Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa no âmbito do Colóquio promovido pela AEEA em La Tourette, Lyon. Acessível na Biblioteca da F.A.U.T.L., Lisboa, Portugal. Cota TBP 24.A.

MATEUS, Manuel Rocha de Aires – *A reinvenção de um exercício: relatório de uma aula* [Documento impresso]. 1995. Pag. var.; 30cm. Provas de aptidão pedagógica e capacidade científica da Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa. Acessível na Biblioteca da F.A.U.T.L., Lisboa, Portugal. Cota PAP 10.

PEREIRA, Michel Toussaint Alves – *Da arquitectura à teoria e o universo da arquitectura em Portugal na primeira metade do século XX* [Documento impresso]. 2009. 369 p.: il.; 30 cm. Dissertação para obtenção de grau de Doutor em Teoria da Arquitectura, apresentada na Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa. Acessível na Biblioteca da F.A.U.T.L., Lisboa, Portugal. Cota TD 198.

TAMM, Carlos – *Escola de Lisboa: herança e devir pedagógico-didáctico* [Documento impresso]. 1993. 349 p.: il.; 30cm. Dissertação para obtenção de grau de Doutor apresentada na Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa. Acessível na Biblioteca da F.A.U.T.L., Lisboa, Portugal. Cota TD 207.

PUBLICAÇÕES EM SÉRIE

Escola Superior de Belas Artes de Lisboa. Associação de Estudantes de Arquitectura – *Perspectiva 1* [Documento fotocopiado. Periódico]. 1977. 30cm. Acessível no arquivo morto da A.E.F.A. (sob permissão), Lisboa, Portugal.

Escola Superior de Belas Artes de Lisboa. Associação de Estudantes de Arquitectura – *Perspectiva: edição especial* [Documento fotocopiado. Periódico]. 1977. 1fl. 30cm. Acessível no arquivo morto da A.E.F.A. (sob permissão), Lisboa, Portugal.

Escola Superior de Belas Artes de Lisboa. Associação de Estudantes de Arquitectura – *Esquízo 1* [Documento fotocopiado. Periódico]. 1977. 1fl desdobr., il.; 30cm. Acessível no arquivo morto da A.E.F.A. (sob permissão), Lisboa, Portugal.

Escola Superior de Belas Artes de Lisboa. Associação de Estudantes de Arquitectura – *Esquízo 4* [Documento fotocopiado. Periódico]. 1982. 1fl desdobr., il.; 30cm. Acessível no arquivo morto da A.E.F.A. (sob permissão), Lisboa, Portugal.

Escola Superior de Belas Artes de Lisboa. Departamento de Arquitectura; OLIVEIRA, Baptista, coord. [et. al] – *Boletim Informativo 2* [Documento impresso. Periódico]. 1980?. 2 fl; 30cm. Publicado mensalmente. Acessível no arquivo morto da A.E.F.A. (sob permissão), Lisboa, Portugal.

Escola Superior de Belas Artes de Lisboa. Departamento de Arquitectura; OLIVEIRA, Baptista, coord. [et. al] – *Boletim Informativo 3* [Documento impresso. Periódico]. 1981. 30cm. Publicado mensalmente. Acessível no arquivo morto da A.E.F.A. (sob permissão), Lisboa, Portugal.

Escola Superior de Belas Artes de Lisboa. Departamento de Arquitectura; OLIVEIRA, Baptista, coord. [et. al] – *Boletim Informativo 4* [Documento impresso. Periódico]. 1982. 30cm. Publicado mensalmente. Acessível no arquivo morto da A.E.F.A. (sob permissão), Lisboa, Portugal.

CIRCULARES

Escola Superior de Belas Artes de Lisboa. Associação de Estudantes de Arquitectura – *Folha Informa: comunicado da direcção da Associação* [Documento dactilografado]. 1980. 2fl; 30cm. Acessível no arquivo morto da A.E.F.A. (sob permissão), Lisboa, Portugal.

Escola Superior de Belas Artes de Lisboa. Associação de Estudantes de Arquitectura [et. al.] – *Não à greve do secretariado da RIA* [Folheto]. 1982. 1fl; 30cm. Acessível no arquivo morto da A.E.F.A. (sob permissão), Lisboa, Portugal.

DOCUMENTOS OFICIAIS

Direcção Geral do Ensino Superior – *Despesas do orçamento de funcionamento do ensino universitário público: contributo para a análise da sua evolução no período de 1984 a 1989* [Documento impresso]. 1989. 30cm. Acessível no arquivo morto da A.E.F.A. (sob permissão), Lisboa, Portugal.

Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Arquitectura – *Bases de dados recursos humanos de 1975 a 1990* [Tabelas]. Fornecida pela Repartição Académica da F.A.U.T.L. (sob permissão), Lisboa, Portugal.

Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Arquitectura – *Discurso proferido pelo Professor Arquitecto Carlos Antero Ferreira na cerimónia de posse do cargo de presidente do Conselho Científico da Faculdade de Arquitectura*. Lisboa: Reitoria da UTL, 1987.

Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Arquitectura – *Livros de diplomados* [Cadernos MMS]. 30cm. Acessível na Repartição Académica da F.A.U.T.L. (sob permissão), Lisboa, Portugal.

Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Arquitectura – *Programas e cargas horárias: Licenciatura de Arquitectura; 1957/1975-76/79-81/84-85* [Cadernos]. Cópias de manuscritos e informação dactilografada. 30cm. Acessível na Repartição Académica da F.A.U.T.L. (sob permissão), Lisboa, Portugal.

Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Arquitectura. Concelho Científico – *Actas do Conselho Científico: 1987-1988/Faculdade de Arquitectura* [Documento impresso]. 1987. 30 cm. Acessível na Biblioteca da F.A.U.T.L., Lisboa, Portugal. Cota ACTAFA1.

Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Arquitectura. Concelho Científico – *Actas do Conselho Científico: 1989-1990/Faculdade de Arquitectura* [Documento impresso]. 1989. 30 cm. Acessível na Biblioteca da F.A.U.T.L., Lisboa, Portugal. Cota ACTAFA2.

Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Arquitectura. Concelho Científico – *Actas do Conselho Científico: 1990-1991/Faculdade de Arquitectura* [Documento impresso]. 1991. 30 cm. Acessível na Biblioteca da F.A.U.T.L., Lisboa, Portugal. Cota ACTAFA3.

MANUSCRITOS

Associação de Estudantes – Acta n.º 1. In Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade Arquitectura. Associação de Estudantes – *Livros de Actas* [Caderno MSS]. 1980. Acessível no arquivo morto da A.E.F.A. (sob permissão), Lisboa, Portugal.

Associação de Estudantes – Acta n.º 1-5. In Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade Arquitectura. Associação de Estudantes – *Livros de Actas* [Caderno MSS]. 1977. Acessível no arquivo morto da A.E.F.A. (sob permissão), Lisboa, Portugal.

Associação de Estudantes – Acta n.º 47. In Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade Arquitectura. Associação de Estudantes – *Livros de Actas* [Caderno MSS]. 1992. Acessível no arquivo morto da A.E.F.A. (sob permissão), Lisboa, Portugal.

SILVA, Leonor - *Manuel Vicente: 15 edifícios na rota do Oriente. Seminário* [Apontamentos MMS em caderno]. 2010. 30cm. Acessível em arquivo pessoal, Lisboa, Portugal.

SILVA, Leonor – *Fazer a Escola: seminário internacional de Arquitectura escolar* [Apontamentos MMS em caderno]. 2010. 30cm. Acessível em arquivo pessoal, Lisboa, Portugal.

SILVA, Luís Cristino da – *Dados para a reforma do ensino da arquitectura em Portugal* [Texto MS]. 1949. Título retirado da capa original dos documentos. Acessível na Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Portugal. LCSM 128.7.

SILVA, Luís Cristino da – *Programas* [MSS autógrafos, documentação impressa e desenhos, distribuídos por dossiers de anos lectivos]. 1959-1963. Um dossier (112 documentos); várias dimensões. Acessível na Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, Portugal. DM 141.

Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Arquitectura. Associação de Estudantes – *Livros de Actas* [Cadernos MSS, um por ano lectivo]. 1977/1980-1986/1989/1992. Acessível no arquivo morto da A.E.F.A. (sob permissão), Lisboa, Portugal.

Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Arquitectura. Associação de Estudantes – *Relatório de Reunião Geral de Alunos efectuada a 18 de Dezembro de 1991* [MMS em folha de rosto impressa]. 1991. 4 pp. Escrito lápis de carvão. Acessível no arquivo morto da A.E.F.A. (sob permissão), Lisboa, Portugal.

DOCUMENTOS ICÓNICOS

[Anon.] – *Fotografia: Concurso, Março 83 / Exposição, Maio 83* [Cartaz]. 1983. il. p&b; 60x40cm. Acessível no arquivo morto da A.E.F.A. (sob permissão), Lisboa, Portugal.

ALMENDRA, Maria Teresa – *ESBAL: estudo reestruturação 2º andar/Maria Teresa Almendra*. [Desenho rigoroso à mão]. 1976. Pag. var., 16 f. desdobr. il.; 32 cm. Trabalho de aluno. Acessível na Biblioteca da F.A.U.T.L., Lisboa, Portugal. Cota TB16.

Escola Superior de Belas Artes de Lisboa /Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Arquitectura. Associação de Estudantes – *Cartazes de divulgação* [Grandes formatos (entre A2 e A1); il. color]. 1981 – 1984. Acessível no arquivo morto da A.E.F.A. (sob permissão), Lisboa, Portugal.

Escola Superior de Belas Artes de Lisboa /Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Arquitectura. Associação de Estudantes, org. – *Concurso inter-escolas: FAUTL, FAUP e Universidade Lusíada* [Painéis formato A1; 2D; il. color.]. 1987 – 1989. Acessível no arquivo morto da A.E.F.A. (sob permissão), Lisboa, Portugal.

Escola Superior de Belas Artes de Lisboa /Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Arquitectura. Associação de Estudantes – *Registos fotográficos* [Álbuns ou elementos soltos. Fotografias 15x10cm, cantos boleados, P&B e color.]. 1981 – 1985. Acessível no arquivo morto da A.E.F.A. (sob permissão), Lisboa, Portugal.

REGISTOS SONOROS

SILVA, Leonor Matos - *Entrevista a Manuel Tainha* [Registo sonoro]. Lisboa: Leonor Matos Silva. 2010. Acessível em arquivo pessoal. 1 Minidisc (39 min.): son.: 7x7x0,5 cm.

SILVA, Leonor Matos - *Entrevista a Paulo Martins Barata* [Registo sonoro]. Lisboa: Leonor Matos Silva. 2010. Acessível em arquivo pessoal. 1 Minidisc (64 min.): son.: 7x7x0,5 cm.

SILVA, Leonor Matos - *Entrevista a Rui Barreiros Duarte* [Registo sonoro]. Lisboa: Leonor Matos Silva. 2010. Acessível em arquivo pessoal. 1 Minidisc (93 min.): son.: 7x7x0,5 cm.

REGISTOS VÍDEO

O ensino e a revolução de 25 Abril [Registo vídeo]. Lisboa: F.A.U.T.L., 1994. 4 cassetes vídeo (VHS) (240 min.): color. son.: 20x13x3cm.

Retrospectiva das Actividades Didácticas da FA [Registo vídeo]. Lisboa: F.A.U.T.L., 1985. 1 cassete vídeo (VHS) (27 min.): color. son.: 20x13x3cm.

Documentos electrónicos

MONOGRAFIAS

CERDEIRA, Maria Luísa – *O financiamento do Ensino Superior português: a partilha de custos* [Em linha]. Universidade de Lisboa, 2009. 2008. [Consult. 26 Abril 2010] Disponível em http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/973/1/17269_TeseLuisaCerdeira2Abril2009.pdf.

CORDOVA, Fabio – *A relação mestre discípulo como fundamento da educação em Moacir Gadotti* [Em linha]. Universidade Federal de Santa Maria, 2004. [Consult. 6 Novembro 2010]. Disponível em fsm.br/gpforma/2senafe/PDF/034e4.pdf.

FIGUEIRA, Jorge – *A periferia perfeita: pós-Modernidade na arquitectura portuguesa, anos 60 - anos 80* [Em linha]. Universidade de Coimbra, 2009. 7 Maio 2009. [Consult. 5 Dezembro 2009]. Disponível em <https://estudogeral.sib.uc.pt/jspui/handle/10316/10228>.

GIL, Bruno – *Escola de arquitectura: hoje* [Em linha]. Universidade de Coimbra, 2005. [Consult. 5 Dezembro 2009]. Disponível em <https://estudogeral.sib.uc.pt/jspui/handle/10316/5943>.

MONTANER, Josep Maria; PÉREZ, Fabián Gabriel – *Teorías de la arquitectura: memorial Ignasi de Solà-Morales* [Em linha]. 1ª ed. Barcelona: Edicions UPC, 2003. [Consult. 2 Fevereiro 2010]. Disponível em http://books.google.pt/books?id=Y2MmCjBC2UgC&pg=PT144&dq=arquitectura+a+d%C3%A9bil+sol%C3%A0+morales&hl=pt-PT&ei=k77vTMKOO9K7hAfgmN2bDA&sa=X&oi=book_result&ct=result&resnum=1&ved=0CCkQ6AEwAA#v=onepage&q=arquitectura%20d%C3%A9bil%20sol%C3%A0%20morales&f=false. ISBN 84-8301-699-0.

PAIS, Teresa Maria da Silva Antunes – *O desenho na formação do arquitecto: Análise do processo de ensino nas Faculdades de Arquitectura de Lisboa e do Porto* [Em linha]. Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, 2009. 2 Abril 2007. [Consult. 19 Abril 2010]. Disponível em <http://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/7310>.

REIS, Sofia Borges Simões dos – *74-86, Arquitectura em Portugal: arquitectura a partir da imprensa* [Em linha]. Universidade de Coimbra, 2007. [Consult. 15 Junho 2010]. Disponível em <https://estudogeral.sib.uc.pt/jspui/handle/10316/9975>.

RODELL, Sam – *The influence of Robert Venturi on Louis Kahn* [Em linha]. Washington State University, Interdisciplinary Design Institute, 2008. [Consult. 24 Setembro 2010]. Disponível em http://spokane.wsu.edu/academics/Design/documents/S_Rodell_09858138.pdf.

STOER, Stephen R. – *A reforma de Veiga Simão no ensino: projecto de desenvolvimento social ou “disfarce humanista”* [Em linha]. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. [Consult. 31 Outubro 2010]. Disponível em <http://analisesocial.ics.ul.pt/?no=101000100090>.

TEODORO, António Neves Duarte – *A construção social das políticas educativas: estado, educação e mudança social no Portugal contemporâneo* [Em linha]. Universidade Nova de Lisboa: Faculdade de Ciências e Tecnologia, 1999. [Consult. 12 Abril 2010] Disponível em <http://run.unl.pt/handle/10362/331>.

BASES DE DADOS

CEIA, Carlos, s.v. – *E-Dicionário de Termos Literários*, coord. de Carlos Ceia [Em linha]. Made2Web, 2010. [Consult. 13 Junho 2010]. Disponível em http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=386&Itemid=2. ISBN: 989-20-0088-9.

BARRETO, António, coord-; Fundação Francisco Manuel dos Santos, real. [et al.] – *PORDATA: base de dados Portugal Contemporâneo* [Em linha]. Epopeia, 2009. [Consult. 26 Abril 2010]. Disponível em http://www.pordata.pt/azap_runtime/?n=1.

Imprensa Nacional Casa da Moeda, S.A.- *Diário da República electrónico* [Em linha]. I.N.C.M.S.A., 1997-2010 e Digesto – Sistema Integrado para o Tratamento da Informação Jurídica. [Consult. 2010]. Disponível em <http://www.dre.pt/>.

Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior – *Lista de Pessoal Docente ao abrigo do Decreto-Lei n.º 15/96 de 6 de Março* [Em linha]. M.C.T.E.S. 2000-(2009). [Consult. 12 Março 2010]. Disponível em <http://www.rebides.oces.mctes.pt/Rebides00/>.

Ó, Jorge Ramos do, resp. – *De aluno a artista: as dinâmicas da inventividade, do estatuto e da herança na história do ensino artístico em Portugal (1780-1983)* [Em linha]. [Consult. 6 Junho 2010]. Disponível em <http://projectoinvestiga.blogspot.com/>.

Priberam Informática S.A., resp. - *Dicionário Priberam de Língua Portuguesa* [Em linha]. Priberam Informática S.A., 2009. [Consult. 2010]. Disponível em <http://www.priberam.pt/dlpo/>.

Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Arquitectura – *Cursos de Licenciatura: Licenciatura em Cenografia* [Em linha]. F.A.U.T.L.. [Consult. 22 Outubro 2010]. Disponível em http://www.aefa-utl.pt/cursos/licenciatura_cenografia.pdf.

Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Arquitectura – *Regulamento do prémio José Ressano Garcia Lamas* [Em linha]. Lisboa: F.A.U.T.L., 2004. [Consult. 6 Outubro 2010]. Disponível em http://www.fa.utl.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=110&Itemid=76.

ARTIGOS

AFONSO, João – Levitar sobre a Realidade. *Habitar Portugal 2000-2002: exposição itinerante* [Em linha]. 2003. [Consult. 12 Fevereiro 2010]. Disponível em http://www.oasrn.org/pdf_upload/FOLHETO.pdf.

AMARAL, Cláudio – Descartes e a caixa preta no ensino-aprendizagem da arquitectura. *Arquitextos* [Em linha]. n.º 090.07, ano 08. Novembro 2007. [Consult. 18 Fevereiro 2010]. Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.090/194>.

[Anon.] – Correios homenageiam arquitectura contemporânea portuguesa. *Imprensa* [Em linha]. 1 Junho 2007. [Consult. 5 Julho 2010]. Disponível em <https://www.ctt.pt/fectt/wcmservlet/ctt/institucional/imprensa/imprensa/noticia7.html>.

[Anon.] – Numerus clausus: retorno ao condicionamento industrial? *Ensino Superior - Revista do SENESup* [Em linha]. Sindicato Nacional do Ensino Superior. Abril 2003. [Consult. 31 Maio 2010]. Disponível em <http://www.snesup.pt/htmls/EEZVuyyAZEEXuFOXeT.shtml>.

AROSO, Pedro – *Pedro Aroso disse...* [Em linha]. Na Ordem, 2007. 11 Outubro 2007. [Consult. 24 Setembro 2010]. Disponível em <http://na-ordem.blogspot.com/2007/10/manuel-vicente-1.html>.

CARUSO, Adam [et al.] – Ten on twenty: Adam Caruso, Peter Eisenman, Will Alsop, Amanda Levet, Kenneth Frampton, Alejandro Zaera Polo, Richard Rogers, Valerio Olgiati, David Chipperfield, Kjetil Thorsen. *Architecture Today* [Em linha]. n.º 200, p.28. 2 Julho 2009. [Consult. 12 Fevereiro 2010]. Disponível em <http://www.architecturetoday.co.uk/?p=731>. ISSN 0958-6407.

CARVALHO, Ricardo – Sete trabalhos para a região centro. *Habitar Portugal 2000-2002: exposição itinerante* [Em linha]. 2003. [Consult. 12 Fevereiro 2010]. Disponível em http://www.oasrn.org/pdf_upload/FOLHETO.pdf.

CARVALHO, Teresa Rio de; LOJA, Amélia - Faculdade de Arquitectura /Universidade Técnica de Lisboa: sindicatos exigem restabelecimento da normalidade estatutária. *Ensino Superior* - Revista do SENESup [Em linha]. Sindicato Nacional do Ensino Superior. Novembro 2002. [Consult. 30 Janeiro 2010]. Disponível em <http://www.snesup.pt/htmls/EEZuyylZyVhsUlwSiy.shtml>.

Cine-Teatro São Pedro, Alcanena – Cine-Teatro S. Pedro: história do edifício. *História* [Em linha]. [Consult. 9 Outubro 2010]. Disponível em <http://ctsp.wordpress.com/o-cine-teatro-sao-pedro/historia/>.

DIAS, Manuel Graça – Manuel Graça Dias: o homem que gosta de cidades / Entrevista por Maria João Freitas. *Alice* [Em linha]. n.º 4, 2010, p1-50, Dezembro 2010. [Consult. 9 Setembro 2010]. Disponível em <http://www.clubalice.com/index.php?file=1&id=2393&page=0>.

FERNANDES, José Manuel – Arquitectura – Portugal: breve síntese. *Boletim interactivo da APHA* [Em linha]. n.º 4, 2004. 18 Novembro 2004. [Consult. 12 Fevereiro 2010]. Disponível em <http://www.apha.pt/boletim/boletim4/artigos/>. ISSN 1646-4680.

FIGUEIRA, Jorge – *Ílhavo Maritime Museum – an intact architecture* [Em linha]. ARX Portugal. [Consult. 27 Setembro 2010]. Disponível em http://www.arx.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=183&Itemid=53&lang=en.

FIGUEIRA, Jorge – Os próximos 20 anos. Notas sobre os “Discursos (Re)visitados”. *Artecapital* [Em linha]. 3 Junho 2010. [Consult. 19 Julho 2010]. Disponível em http://www.artecapital.net/arq_des.php?ref=60.

FURTADO, Gonçalo; CASTELO, Pedro – Notas sobre a produção arquitectónica portuguesa e sua cartografia na architectural association. *Artecapital* [Em linha]. 2 Fevereiro 2008. [Consult. 12 Fevereiro 2010]. Disponível em http://www.artecapital.net/arq_des.php?ref=26.

GADANHO, pedro; PEREIRA, Luís Tavares – Metaflux: duas gerações na arquitectura portuguesa recente. *Arquitextos* [Em linha]. n.º 062.05, ano 06. Julho 2005. [Consult. 18 Fevereiro 2010]. Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.081/267>. ISSN 1809-6298.

GLANCEY, Jonathan – Hail Siza. *The Guardian* [Em linha]. 26 January 2009. [Consult. 17 Fevereiro 2010]. Disponível em <http://www.guardian.co.uk/artanddesign/2009/jan/26/architecture-alvaro-siza>.

GRANDE, Nuno – *Bloco Carnide: Engenho e cidade* [Em linha]. Promontório Architecture. [Consult. 16 Setembro 2010]. Disponível em <http://www.promontorio.net/download.html>.

GONÇALVES, Graça – Sinopse de “Moderno e pós-moderno na arquitectura portuguesa: da breve perspectiva histórica à questão” [artigo de Michel

Toussaint Alves Pereira] *Recenso: Revista de Comunicação e Linguagens*. [Em linha]. n.º 06/07, 1988, 1 Janeiro 2000. [Consult. 12 Março 2010]. Disponível em <http://www.recensio.ubi.pt/modelos/sinopses/sinopse.php3?codsinopse=456>.

GONÇALVES, José Fernando – Carta de Liepzig e cultura arquitectónica. *Boletim da Ordem dos Arquitectos* [Em linha]. n.º 174. Julho 2005, p.3. [Consult. 18 Junho 2010]. Disponível em <http://arquitectos.pt/documentos/119305491808iXT4kl8Zr94KL0.pdf>.

GONÇALVES, José Fernando – Área metropolitana de Lisboa. *Habitar Portugal 2000-2002: exposição itinerante* [Em linha]. 2003. [Consult. 12 Fevereiro 2010]. Disponível em http://www.oasrn.org/pdf_upload/FOLHETO.pdf.

GORDON, Ricardo Bak – Entrevista. *Arquitectura 21* [Em linha]. n.º 1. Fevereiro 2009. [Consult. 9 Março 2010]. Disponível em http://www.bakgordon.com/Images/pdf/ARQ21_2008pt.pdf.

GRAÇA, João Luís Carrilho – Entrevista / Entrevista por Anabela Mota Ribeiro. *Público* [Em linha]. 27 Junho 2009. [Consult. 12 Outubro 2010]. Disponível em <http://arquitectos.pt/index.htm?no=2020491704,153>.

LIMA, Adson Ramatis – Architecture d’hier: o sequestro da arquitetura brasileira dos anos 1980 pela revista AA. *Arquitextos* [Em linha]. n.º 104.04, ano 09. Janeiro 2009. [Consult. 19 Fevereiro 2010]. Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/09.104/83>.

LOURENÇO – *A Escola* [Em linha]. Complexidade e Contradição, 2004. 4 Dezembro 2004. [Consult. 6 Junho 2010]. Disponível em <http://complexidadeecontradicao.blogspot.com/2004/12/escola.html>.

MARTINS, João Paulo do Rosário [et al.] – Experimentar o moderno em Lisboa. *Artitextos* [Em linha]. n.º 8, 2009, pp.225-231. [Consult. 16 Junho 2010]. Disponível em <http://www.repository.utl.pt/handle/10400.5/1495>. ISBN 978-972-9346-12-5.

MATEUS, Nuno – *Aprendizagem do arquitecto: fragmentos de uma expedição* [Em linha]. Junho 1997. [Consult. 29 Abril 2010]. Disponível em http://www.arx.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=189&Itemid=50&lang=en. <http://www.snesup.pt/cgi-bin/getinfos.pl?EEZFklueZpSUAFwtlx>.

MILHEIRO, Ana Vaz – A morte de um arquitecto hiper-realista. *P2* [do jornal Público] [Em linha]. 7 Novembro 2009. [Consult. 23 Março 2010]. Disponível em <http://arquitectos.pt/index.htm?no=2020491851,156>.

NETO, Maria João – O ensino da Arquitectura e a formação do arquitecto. *Repositório Científico Lusófona* [Em linha]. [Consult. 19 Abril 2010]. Disponível em <http://recil.grupolusofona.pt/dspace/browse-title?bottom=10437/95>.

Ordem dos arquitectos. Secção Regional Sul – Exposições de arquitectura nos últimos 15 anos em debate na Cordoaria: um fenómeno cultural sem precedentes. *Notícias* [Em linha]. Disponível em <http://www.oasrs.org/conteudo/agenda/noticia0242005.asp>.

Ordem dos Arquitectos. Secção Regional Sul – Resenha Histórica. *História* [Em linha]. 31 Janeiro 2006. [Consult. 23 Março 2010]. Disponível em <http://www.oasrs.org/conteudo/oasrs/historia.asp>.

Ordem dos Arquitectos. Secção Regional Sul – Terceira visita do ciclo de passeios em Lisboa. *Notícias* [Em linha]. 3 Julho 2006. [Consult. 9 Outubro

2010]. Disponível em <http://www.oasrs.org/conteudo/agenda/noticias-detalle.asp?noticia=154>.

REZENDE, Carol – *Arquitectura Portuguesa: uma Escola* [Em linha]. Ignez Ferraz, Projectos & Execução. [Consult. 1 Março 2010]. Disponível em http://www.ignezferraz.com.br/mainportfolio4.asp?pagina=Artigos&cod_item=981.

RODEIA, João Belo – Ritos antigos e caminhos novos: obras recentes de uma Arquitectura portuguesa contemporânea. *Arquitextos* [Em linha]. n.º 081.00, ano 07. Fevereiro 2007. [Consult. 2 Março 2010]. Disponível em <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/07.081/267>. ISSN 1809-6298.

ROSENDO, Catarina – Rogério Ribeiro (1930-2008): o pintor que abriu ao texto. *Artecapital* [Em linha]. 31 Março 2008. [Consult. 9 Outubro 2010]. Disponível em <http://www.artecapital.net/opinioes.php?ref=62>.

SALVATORI, Elena – Arquitectura no Brasil: ensino e profissão. *Arquiteturarevista* [Em linha]. Vol.4, n.º 2:52-77, 2008, pp.52-77. [Consult. 23 Abril 2010]. Disponível em <http://www.arquiteturarevista.unisinos.br/pdf/52.pdf>. ISSN 1808-5741.

SERPA, Luís – Luís Serpa / Entrevista por Sandra Jürgens. *Artecapital* [Em linha]. 22 Dezembro 2006. [Consult. 12 Março 2010]. Disponível em <http://www.artecapital.net/entrevistas.php?entrevista=15>.

SILVA, Aníbal Cavaco - Discurso do Presidente da República na 36ª Sessão Comemorativa do 25 de Abril. *Intervenções* [Em linha]. 25 Abril 2010. [Consult. 16 Julho 2010]. Disponível em <http://www.presidencia.pt/?idc=22&idi=39445>.

SOVERAL, Eduardo Abranches de – Reflexões sobre a cultura. *Revista da Faculdade de Letras: Filosofia* [Em linha]. Série II, Vol. 09, 2009, pp.5-32. 27 Junho 1992. [Consult. 18 Junho 2010]. Disponível em <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1780.pdf>. ISSN 0871-1658.

Universidade do Porto. Faculdade de Arquitectura – Contemporary architectural challenges: conception; production and performance. *Notícias* [Em linha]. F.A.U.P., 2008. [Consult. 11 Fevereiro 2010]. Disponível em http://sigarra.up.pt/faup/noticias_geral.ver_noticia?P_NR=577.

Universidade do Porto. Reitoria – Faculdades de Arquitectura e de Belas Artes da Universidade do Porto e respectivos antecedentes. *Arquivo Central* [Em linha]. U.P., 2005. [Consult. 19 Abril 2010]. Disponível em http://sigarra.up.pt/reitoria/conteudos_geral.conteudos_ver?pct_pag_id=1190&pct_parametros=p_unidade=182&pct_disciplina=&pct_grupo=753.

Universidade do Porto. Reitoria – Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. *Arquivo Central* [Em linha]. U.P., 2005. [Consult. 21 Abril 2010]. Disponível em http://sigarra.up.pt/reitoria/conteudos_geral.conteudos_ver?pct_pag_id=1190&pct_parametros=p_unidade=182&pct_disciplina=&pct_grupo=753.

Universidade do Porto. Faculdade de Arquitectura – *Historial* [Em linha]. F.A.U.P.. [Consult. 9 Março 2010]. Disponível em http://sigarra.up.pt/faup/web_base.gera_pagina?p_pagina=1183.

Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Arquitectura – Breve nota histórica e apresentação da Universidade Técnica de Lisboa [Em linha]. F.A.U.T.L., 2004. 14 Outubro 2004. [Consult. 3 Março 2010]. Disponível em http://www.fa.utl.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=72&Itemid=60.

Universidade Técnica de Lisboa. – *Faculdade de Arquitectura: Na procura de um futuro de excelência* [Em linha]. U.T.L. [Consult. 6 Setembro 2010]. Disponível em <http://www.utl.pt/pagina.php?area=218>.

VENÂNCIO, Giselle Martins – Pós-modernismo e a arte de definir a contemporaneidade. *ArtCultura* [Em linha]. Vol. 10, n.º 16, 2008, pp.215-225. Janeiro a Junho 2008. [Consult. 8 Setembro 2010]. Disponível em http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF16/G_Venancio.pdf. ISSN 2178-3845.

OUTRAS CONTRIBUIÇÕES

ARX Portugal – *CRS Porto* [Em linha]. ARX Portugal, 2004?. [Consult. 27 Setembro 2010]. Disponível em http://www.arx.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=103&Itemid=73.

ARX Portugal – *Realidade-Real* [Em linha]. ARX Portugal, 1993?. [Consult. 27 Setembro 2010]. Disponível em http://www.arx.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=88&Itemid=73.

CVDB Arquitectos – *Cartaxo Cultural Centre* [Em linha]. CVDB arquitectos, 2005?. [Consult. 18 Outubro 2010]. Disponível em <http://www.cvdbarquitectos.com/preview/preview.htm>.

Exploration Films – *What is PostModernism?* [Vídeo em linha]. 21 Junho 2008. [Consult. 9 Setembro 2010] Disponível em http://www.dailymotion.com/video/x5wh9c_what-is-postmodernismy_school.

FONTES, Carlos – *Cronologia do Ensino Secundário: datas marcantes*. [Em linha]. [Consult. 18 Julho 2010]. Disponível em <http://educar.no.sapo.pt/CRONOLS.htm>.

Fundação Mário Soares – 1961: *Remodelação da “Loja das Meias” por Carlos Roxo, Carlos Tojal e Manuel Moreira*. [Em linha]. [Consult. 9 Outubro 2010]. Disponível em <http://www.fmssoares.pt/aeb/crono/id?id=036441>.

Fundação P.L.M.J. org. [et al.] – Ponto de Vista / Point of view. *Obras da colecção da Fundação P.L.M.J.* [Em linha]. 14 Dezembro 2007. [Consult. 12 Março 2010]. Disponível em <http://fundacao-plmj.com/xms/files/prefacio.pdf>.

JENCKS, Charles [et. al] – Revisiting Postmodernism. *The architectural league NY* [Registo sonoro em linha]. 22 Outubro 1985. [Consult. 9 Setembro 2010]. Disponível em <http://archleague.org/tag/revisiting-postmodernism/>.

La Biennale di Venezia – The first exhibitions curated by Vittorio Gregotti. *Architecture* [Em linha]. [Consult. 12 Fevereiro 2010]. Disponível em <http://www.labiennale.org/en/architecture/history/intro.html?back=true>.

LEFÉVRE, José [et. al.] – *Relatório de viagem: 17 de Julho a 01 de Agosto 2007* [Em linha]. F.A.U.U.S.P., 2007. [Consult. 3 Março 2010]. Disponível em <http://www.usp.br/fau/fau/administracao/congregacao/relato/index.html>.

MONIZ, Gonçalo Canto – *Re: LEMBRETE: dissertação ensino Arq em Lisboa – ajuda* [Mensagem electrónica]. 2010. Acessível em arquivo pessoal de Leonor Matos Silva. Lisboa, Portugal.

NUNES, Pedro Noronha – *Depoimento do Arquitecto Celestino de Castro* [Em linha]. 28 Março 2007. [Consult. 7 Outubro 2010]. Disponível em <https://bdigital.ufp.pt/dspace/bitstream/10284/771/1/9-20Pages%20from%20aObraNasce05.pdf>.

Ó, Jorge Ramos do, resp. – De aluno a artista: as dinâmicas da inventividade, do estatuto e da herança na história do ensino artístico em Portugal (1780-1983) - Resumo. *Projectos de Investigação em Curso; Universidade de Lisboa* [Em linha]. [Consult. 6 Junho 2010]. Disponível em http://www.ie.ul.pt/portal/page?_pageid=406,1085656&_dad=portal&_schema=PORTAL.

Promontório Arquitectos – *Xerox Office building* [Em linha]. Promontório Architecture. [Consult. 16 Setembro 2010]. Disponível em http://www.promontorio.net/ofc_03.html.

Universidade do Porto. Portal TVU – Nós somos da Póvoa do Varzim. *Última aula de Alexandre Alves Costa* [Vídeo em linha]. 2010. [Consult. 21 Fevereiro 2010]. Disponível em <http://tv.up.pt/videos/zbaCD64E>.

Universidade do Porto. Portal TVU – Nuno Portas apresenta Bernarndo Secchi. *Discursos (Re)visitados* [Vídeo em linha]. 2010. [Consult. 23 Março 2010]. Disponível em <http://tv.up.pt/videos/HE9yeqL0>.

Universidade do Porto. Portal TVU – Paulo Martins Barata apresenta Kenneth Frampton. *Discursos (Re)visitados* [Vídeo em linha]. 2010. [Consult. 2 Março 2010]. Disponível em <http://tv.up.pt/videos/97aHcG86>.

Universidade do Porto. Portal TVU – Paulo Providência apresenta Peter Zumthor. *Discursos (Re)visitados* [Vídeo em linha]. 2010. [Consult. 16 Março 2010]. Disponível em <http://tv.up.pt/videos/zbDz4FMj>.

Universidade do Porto. Portal TVU – Sérgio Fernandez apresenta James Stirling. *Discursos (Re)visitados* [Vídeo em linha]. 2010. [Consult. 23 Março 2010]. Disponível em <http://tv.up.pt/videos/zFKliwG7>.

Universidade Técnica de Lisboa. Faculdade de Arquitectura – *Boas vindas* [Em linha]. F.A.U.T.L., 2007. 14 Outubro 2004. [Consult. 3 Março 2010]. Disponível em <http://www.fa.utl.pt/index.php?option=content&task=view&id=71&Itemid=59>.

Universidade de Lisboa. Faculdade de Belas-Artes – *O ensino artístico e as origens da FBAUL* [Em linha]. F.B.A.U.L.. [Consult. 6 Abril 2010]. Disponível em http://www.fba.ul.pt/portal/page?_pageid=401,821647&_dad=portal&_schema=PORTAL.

NÚMERO DE PALAVRAS

Texto, legendas de imagens e notas de rodapé
(incluindo citações; excluindo as referências bibliográficas):
52.122 palavras

Sabia que plágio é crime?*

Se lhe interessa, por favor
referencie.

* Lei n.º 16/2008, *in* DR, 1ª série, n.º64, 1 de Abril de 2008.